Bronislaw Malinowski

Um diário no sentido estrito do termo

Ao ser publicado pela primeira vez, em 1967, este diário pessoal do renomado antropólogo Bronislaw Malinowski, que relata duas etapas de seu trabalho de campo, na Nova Guiné (setembro de 1914 a agosto de 1915) e nas ilhas Trobriand (outubro de 1917 a julho de 1918), causou sensação no meio acadêmico. Publicado postumamente por iniciativa de sua mulher, o *Diário* foi muito mal recebido, pois se pensou que expunha facetas pouco ortodoxas da personalidade de seu autor e que, acima de tudo, um relato desse tipo não se destinava à publicação. O *Diário* nos mostra um Malinowski que não se preocupa em esconder sua antipatia pelos nativos, às vezes beirando a agressividade, nem tampouco suas angústias, egocentrismo ou hipocondria. Apenas isso já seria suficiente para abalar a reputação póstuma de um dos maiores nomes da antropologia social. Mas Malinowski, além disso, usa em seus escritos a palavra inglesa *nigger* (crioulo) para se referir aos nativos e, apesar da conotação negativa do termo ser

muito posterior à época em que o *Diário* foi escrito, sua utilização por um respeitado membro da classe acadêmica deixou muita gente de cabelo em pé.

Esta segunda edição do *Diário*, no entanto, é vista sob uma ótica diferente. A indignação suscitada por sua primeira publicação arrefeceu. E o *Diário* aparece como um documento precioso sobre o que significa ser um antropólogo, alguém que trabalha com material humano, que não simplesmente observa e anota o que vê mas passa a fazer parte do objeto de seu estudo, influenciando-o e sendo por ele influenciado. O *Diário* de Malinowski, além de apresentar-nos a personalidade controvertida e complexa de uma das maiores figuras da história da antropologia social, opôs-se pela primeira vez ao estereótipo segundo o qual o pesquisador é um personagem que paira acima dos acontecimentos que relata: Malinowski, sem saber que o fazia, deu uma dimensão humana ao pesquisador de campo em antropologia.

Um diário no sentido estrito do termo

"Durante todo aquele dia senti saudades da civilização. Pensei nos amigos de Melbourne. À noite, no bote, pensamento agradavelmente ambicioso: eu certamente serei 'um eminente estudioso polonês'. Essa será minha última aventura etnológica. Depois disso, dedicar-me-ei à sociologia construtiva: metodologia, economia política etc., e na Polônia posso concretizar minhas ambições melhor do que em qualquer outro lugar. Forte contraste entre meus sonhos com uma vida civilizada e minha vida com os selvagens."

21 de dezembro de 1917, Ilhas Trobriand

Bronislaw Malinowski

foi um dos mais célebres e influentes antropólogos do início do século XX. Nascido na Polônia em 1884, graduou-se na Universidade de Cracóvia, indo logo depois para Londres, onde realizou pesquisas no British Museum e, depois, na London School of Economics. Em 1910, passou a fazer parte do corpo docente da Universidad[e de] Londres. Seu trabalho marcou o avanço da antropolo[gia] cultural além do estágio simplesmente descritivo, e continua sendo uma das principais referências acadêm[icas] nesta área.

ISBN 85-01-04704-X

9 788501 047045

04704/3

Bronislaw Malinowski

Um diário no sentido estrito do termo

Tradução de
CELINA CAVALCANTE FALCK

Revisão Técnica de
LYGIA SIGAUD

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M217d Malinowski, Bronislaw, 1884-1942
Um diário no sentido estrito do termo / Bronislaw Malinowski; tradução de Celina Falck. – Rio de Janeiro: Record, 1997.
336p. :il.

Tradução de: A diary in the strict sense of the term
Inclui glossário
ISBN 85-01-04704-X

1. Malinowski, Bronislaw, 1884-1942. 2. Antropólogos – Polônia. 3. Trobriand, Ilhas – Pesquisa de campo. I. Título.

97-1021 CDD – 920.9306
CDU – 92(MALINOWSKI, B.)

Título original inglês
A DIARY IN THE STRICT SENSE OF THE TERM

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04704-X

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

SUMÁRIO

ILUSTRAÇÕES

Um diário no sentido estrito do termo

NOVA GUINÉ ORIENTAL
E ILHAS ADJACENTES
Escala em milhas
0
50
100
148°E
150°E
152°E
154°E
8°S
10°S
12°S
NOVA GUINÉ
Buna
MONTE VITÓRIA
13.363 pés (aprox. 4000m)
CORDILHEIRA DE OWEN STANLEY
P A P U A
Baía de Dyke Ackland
Cabo Nelson
Baía de Collingwood
Laloki
Port Moresby
Kila-Kila
Tapuseleia
Caile
Kapakapa
Rigo
Babau
Hulaa
Porto de Hood
Baía de Hood
Angra de MacFarlane
Barreira de Recifes
Passagem de Rodney
Domara
Abau
Baía Cloudy (Nebulosa)
Baía de Baxter
Baía Table (da Mesa)
Baía Amazon
Área detalhada na página 62 do original
ILHA DE MAILU
Angra de Millport
Porto Glasgow
Baía de Orangerie
ILHA DE BONA BONA
Baía de Kau Kau
ISUISU
Angra de Baxter
ILHA DE SUAU
Baía de Modewa
Estreitos da China
Samarai
ILHA DE SARIBA
Gadaisu
Dahuni
Nauabu
Gehua
Baía Milne
Cabo Leste
Banyara
Baía Goodenough
MAR DE CORAL
ILHAS E RECIFES LUCANSAY
ILHA TUMA
ILHA KAYLEULA
ILHA YAGA
Área detalhada na página 189
Kaduwaga
Losuya
ILHAS TROBRIAND OU KIRIWINA
ILHA KITAVA
ILHA IWA
ILHA MUWA
Vakuta
ILHA VAKUTA
ILHAS MARSHALL BENNETT
ILHAS D'ENTRECASTEAUX
ILHA GOODENOUGH
ILHA WAWIMA
ILHA DE FERGUSON
Cabo Dawson
ILHA DOBU
ILHA TEWARA
ILHA SANAROA
Estreito de Dawson
ILHA NORMANBY
Ilha Gawa
Baía Waspimat
ILHA WOODLARK (MURUA)
Kalumadau
Porto de Suloga
Angra de Suloga
Ilhas Laughlan
MAR DE SALOMÃO
Ilhas e atóis de Bonvouloir
GRUPO ENGINEER (DO ENGENHEIRO)
ARQUIPÉLAGO LOUISIADE
ILHA MISIMA
ILHA PANAYATI
Bwagaoia
ILHAS RENARD
Grupo Conflict (do Conflito)
ILHA WARI
CADEIA CALVADOS
ILHA ROSSEL
ILHA TAGULA
Área detalhada nas páginas 168-169 do original
Oceano Pacífico
EQUADOR
Área mostrada em detalhes
Oceano Índico

Fac-símile de uma página do diário das Trobriands, datada do dia 22 de abril de 1918

PREFÁCIO

Bronislaw Malinowski já estava nos Estados Unidos quando irrompeu a II Guerra Mundial, e aceitou o que a princípio foi uma cadeira temporária e, posteriormente, um cargo permanente, como professor de antropologia na Universidade de Yale. Naturalmente, precisou de uma quantidade considerável de obras originais manuscritas, anotações e livros que havia deixado na London School of Economics, ao partir para os Estados Unidos, a fim de gozar sua licença-sabática, no final de 1938; e, depois de aceitar o cargo em Yale, selecionou meticulosamente os documentos que deveriam ser enviados a ele em New Haven, enquanto a maior parte dos seus livros e trabalhos ficou guardada na London School of Economics durante toda a guerra. Em New Haven, parte desse material ficou na casa dele, e o restante foi para seu escritório na Escola de Pós-Graduação de Yale.

Em maio de 1942, Malinowski morreu subitamente de um infarto totalmente imprevisto. Uma das primeiras pessoas a acorrer a New Haven, ao receber essa triste notícia, foi o Dr. Feliks Gross, amigo e ex-aluno de Malinowski, que se ofereceu para ajudar na tarefa especial de selecionar e organizar os livros e documentos de Malinowski, principiando com o conteúdo do escritório da Escola de Pós-Gradua-

ção. Enquanto realizava esse trabalho, o Dr. Gross telefonou-me inesperadamente de lá, perguntando-me se eu sabia da existência de uma cadernetinha preta e grossa que havia acabado de encontrar, contendo um diário de Bronislaw Malinowski, quase que inteiramente escrito em polonês na sua caligrafia. O Dr. Gross trouxe o caderno direto a mim e traduziu algumas anotações selecionadas ao acaso, que se referiam ao seu trabalho de campo no Sul da Nova Guiné. Malinowski nunca havia mencionado para mim esse diário; eu o guardei com zelo e o levei para o México quando me mudei definitivamente para lá em 1946.

Algum tempo depois do fim da guerra, os livros e papéis de Malinowski foram retirados dos arquivos e estantes da London School of Economics e, por volta de 1949, esse considerável acervo de originais manuscritos, anotações e livros foi enviado a mim, no México; entre eles, encontrei dois envelopes contendo cadernos, um deles denominado "Primeiro diário polonês" e o outro, "Diários". Todas essas cadernetas estavam em polonês. Juntei-as ao primeiro caderno encontrado em Yale, com a idéia de mandar traduzi-los e possivelmente publicá-los no futuro.

Os diários, portanto, permaneceram guardados até o final de 1960, quando fui a Nova York. Ali falei deles a um dos editores das obras de Malinowski; e resolvemos publicá-los. O Sr. Norbert Guterman fez a gentileza de traduzi-los do polonês, de forma bastante literal. Ao corrigir as provas, procurei assegurar a maior adesão possível ao uso pessoal que Malinowski fazia do vocabulário e da sintaxe do inglês, língua na qual se exprimia com facilidade no final da sua vida. Alguns comentários extremamente íntimos foram omitidos, omissão essa indicada por um pontilhado. O primeiro diário polonês não foi incluído porque é anterior à carreira antropológica de Malinowski.

Sempre tive vontade — até mesmo necessidade — de conhecer algo mais acerca da vida e da personalidade de qualquer pintor, escritor, músico ou cientista cuja obra tenha me interessado ou comovido profundamente. Sinto que o esclarecimento do ponto de vista psicológico e emocional que os diários, cartas e autobiografias proporcionam não só oferecem uma visão nova da personalidade do

homem que escreveu certos livros, desenvolveu uma certa teoria ou compôs certas sinfonias; mas creio, além disso, que por meio do conhecimento da vida e dos sentimentos desse homem freqüentemente chegamos a um maior contato com ele e obtemos uma maior compreensão de sua obra. Quando existe, portanto, o diário ou a autobiografia de uma personalidade marcante, acredito que esses "dados" relativos à sua vida cotidiana e interior e seus pensamentos devem ser publicados, com o propósito deliberado de revelar essa personalidade e vincular esse conhecimento à obra por ele realizada.

Reconheço que, para alguns, um diário é algo de natureza basicamente privada, e não deveria ser publicado; e aqueles que defendem esse ponto de vista decerto vão criticar severamente minha decisão de publicar os diários do meu marido. Mas, depois de ponderar seriamente sobre o assunto, cheguei à conclusão de que é muito mais importante dar aos atuais e futuros estudiosos e leitores das obras antropológicas de Malinowski essa visão direta de sua personalidade íntima, e de sua forma de viver e pensar durante o período de seu mais importante trabalho de campo, do que trancafiar esses sucintos diários em um arquivo. Declaro-me, portanto, a única responsável pela decisão de publicar este livro.

VALETTA MALINOWSKA

México
maio de 1966

Introdução*

Esse diário de autoria de Bronislaw Malinowski abrange apenas um período muito breve de sua vida, do início de setembro de 1914 ao início de agosto de 1915, e do fim de outubro de 1917 a meados de julho de 1918, cerca de 19 meses ao todo. Foi escrito em polonês, como um documento privado, e nunca se pretendeu que fosse publicado. Qual é, portanto, a sua importância? Malinowski foi um grande cientista social, um dos fundadores da moderna antropologia social, e um pensador que tentou estabelecer uma relação entre suas generalizações sobre a natureza e a sociedade humanas e as questões do mundo que o cercava. O diário refere-se àquele período extremamente crítico de sua carreira no qual, depois de se municiar teoricamente para os estudos empíricos, ele começou a realizar pesquisas de campo na Nova Guiné. A primeira parte abrange o período de aprendizado entre os mailus; a segunda, depois de um inconveniente intervalo de dois anos, cobre a maior parte de seu último ano nas ilhas Trobriand. Atualmente, reconhece-se que, embora a personalidade

*Agradeço a Audrey Richards e Phyllis Kaberry, amigos de Malinowski, e a Józefa Stuart, sua filha mais velha, pela assistência nesta Introdução. Eles, naturalmente, não têm qualquer responsabilidade pelas opiniões aqui emitidas.

de um cientista talvez não exerça, necessariamente, uma influência direta sobre sua seleção e abordagem dos problemas, deve influenciar sua obra de outras formas mais sutis. Embora cronologicamente muito breve, sem dar muitos detalhes do ponto de vista profissional, o diário efetivamente mostra de forma vívida as opiniões de Malinowski sobre os assuntos e as pessoas — ou, pelo menos, como se expressava ao escrever quando tinha como público apenas ele mesmo.

Malinowski foi à Nova Guiné em razão de sua associação com a antropologia britânica. Ainda não se sabe bem o que o levou a viajar para um lugar tão distante da Polônia, sua terra natal. Mas, apesar de seus comentários freqüentemente negativos sobre a Inglaterra e os cavalheiros ingleses, ele sempre pareceu ter um respeito básico pela tradição intelectual inglesa e a maneira de viver dos ingleses, e parece provável que, mesmo no início da carreira, ele se sentisse atraído por ambas. (Observemos sua descrição reveladora de Maquiavel neste diário como "muito parecido comigo em muitos aspectos. Um inglês com uma mentalidade totalmente européia e problemas europeus".) Ele mesmo nos contou como, na (jageloniana) Universidade da Cracóvia, recebera ordem de abandonar durante certo tempo suas pesquisas de física e química em razão de problemas de saúde, mas recebeu permissão de dedicar-se a "uma disciplina de sua preferência", e, assim, começou a ler *O ramo de ouro* de Frazer, na versão original em inglês — então composta apenas de três volumes.* Malinowski obteve seu doutorado em 1908, em física e matemática, e depois de dois anos de estudos avançados em Leipzig veio para Londres e começou seus estudos sistemáticos de antropologia com C. G. Seligman e Edward

*Para obter mais informações sobre este e outros detalhes, ver B. Malinowski, *Myth in Primitive Psychology* (O mito na psicologia primitiva), Londres, 1926, pp. 5-6; e também Raymond Firth, em *Man and Culture* (Homem e cultura), Londres, 1957, pp. 2-7; Konstantin Symmons-Symonolewicz, "Bronislaw Malinowski: Formative Influences and Theoretical Evolution" ("Bronislaw Malinowski: Influências formativas e evolução teórica"), *The Polish Review*, vol. IV, 1959, pp. 1-28, Nova York. Mais alguns fatos aparecem em "A Brief History (1913-1963)" (Uma breve história [1913-1963]) do Departamento de Antropologia da London School of Economics publicada no programa departamental de cursos, sessão 1963-64 e anos subseqüentes.

Westermarck, na London School of Economics and Political Science. Ele também entrou em contato com A.C. Haddon e W. H. R. Rivers, de Cambridge — todos mencionados no diário. Sua primeira obra de importância, um estudo documental sobre *A família entre os aborígines australianos*, foi publicada em Londres, em 1913. Outro livro, em polonês, sobre *Religião primitiva e formas de estrutura social*, terminado no início de 1914, foi publicado na Polônia em 1915. Influenciado principalmente por Seligman e Haddon, Malinowski havia se preparado para as pesquisas de campo no Oeste do Pacífico, depois de uma tentativa frustrada de Seligman de obter fundos para ele trabalhar no Sudão. Era muito mais difícil obter dinheiro para pesquisas de campo naquele tempo do que é hoje. Malinowski foi auxiliado por meio de bolsa de estudos e de uma subvenção do industrial Robert Mond, obtida primordialmente pelos esforços de Seligman. Um cargo de secretário de R. R. Marett, escrivão da Seção H — Seção de Antropologia — da Associação Britânica, que estava promovendo uma conferência em Melbourne em 1914, lhe proporcionou uma passagem gratuita para a Austrália. A situação de Malinowski, com recursos exíguos para as pesquisas de campo, foi complicada pela deflagração da guerra, pois ele era tecnicamente cidadão austríaco. Mas, com a ajuda de seus amigos, as autoridades australianas se revelaram muito compreensivas, permitindo-lhe continuar realizando suas pesquisas de campo na Nova Guiné. Sua liberalidade também ficou patente na suplementação financeira por ele recebida sob forma de uma subvenção do Departamento Doméstico e de Territórios da Comunidade Britânica. Depois de viajar até Port Moresby, Malinowski passou a maior parte de seis meses na área mailu, no sul da Nova Guiné. Uma breve visita às ilhas Trobriand, na direção da costa nordeste, estimulou mais seu interesse, e ele voltou lá em duas expedições subseqüentes com duração de um ano cada, 1915-16 e 1917-18.

Uma das contribuições relevantes de Malinowski para o desenvolvimento da antropologia social foi a introdução de métodos mui-

to mais intensivos e muito mais sofisticados de pesquisa de campo do que os anteriormente vigentes neste campo de estudo.* As muitas referências a seu trabalho etnográfico no seu diário mostram sua diligência. No dia seguinte ao de sua chegada à Nova Guiné, ele já havia entrado em contato com um informante (Ahuia Ova), e, no outro dia, começou a coletar dados de campo sobre a estrutura social. Apenas uma quinzena depois percebeu dois defeitos básicos em sua abordagem — não observava as pessoas o suficiente e não falava a língua deles. Tentou corrigir ambos os erros arduamente e seu esforço constituiu a pista para todo o seu trabalho posterior. A etnografia do diário consiste em referências a temas de conversas ou observação — tabu, ritos fúnebres, machados de pedra, magia negra, dança, procissões com porcos — em vez do desenvolvimento de idéias sobre questões de campo ou problemas teóricos. Porém, uma anotação ocasional os revela nos bastidores. "Perguntei sobre a divisão da terra. Teria sido útil conhecer o velho sistema de divisão e estudar o atual como uma forma de adaptação." Este é um indício inicial de um interesse na mudança social que posteriormente se transformou em um tema fundamental em seu trabalho. O que o primeiro diário mostra efetivamente é o desejo intenso de Malinowski em ter, assim que possível, seu material redigido e pronto para publicação, e, com efeito, seu relatório sobre os *Nativos de Mailu* ficou pronto na primeira metade de 1915.** Somos levados a inferir que foi ao escrever este material ("na realidade, enquanto redigia minhas anotações") que Malinowski veio a perceber a importância de muitos pontos do método do trabalho de campo que ele posteriormente desenvolveu e incorporou no seu tratamento. O relato de Trobriand é mais vívido — a escolha do local da tenda, o encontro com velhos conhecidos, incluindo o chefe To'uluwa e o homem "que costumava me trazer ovos, vestido com uma camisola de mulher"; a elaboração do plano

*Ver Phyllis Kaberry, *in Man and Culture* (Homem e cultura), 1957, p. 71-91

**Ver referência bibliográfica em introdução ao Glossário de Termos Nativos *infra*. O prefácio de Malinowski foi datado de 9 de junho de 1915, em Samarai, onde ele já dera início à sua segunda expedição à Nova Guiné. (Ele recebeu o grau de doutor em ciências da Universidade de Londres em 1916 por essa publicação, juntamente com *A família entre os aborígines australianos*.)

e do censo das aldeias, o acúmulo de informações sobre *baloma* e *milamila*, sobre *gimwili* e *sagali*. As referências ao *kula* são fascinantes para qualquer pessoa que tenha acompanhado sua análise daquele complexo sistema de troca de conchas, símbolos de *status* social, com suas implicações econômicas, políticas e rituais.

O que um antropólogo pode sentir falta, especialmente no diário, é de uma narrativa detalhada da maneira como Malinowski chegou à escolha de seus problemas de campo, por que selecionou um tópico em vez de outro para investigação num dado momento, e se novas evidências o levaram a reformular uma hipótese. Existem alguns indícios — como quando ele observa que a leitura de Rivers chamou sua atenção para "os problemas do tipo Rivers", presumivelmente aqueles de parentesco. Mas, de modo geral, essas questões metodológicas não são abordadas neste registro diário de seus pensamentos. São de maior interesse suas observações teóricas ocasionais, como os comentários sobre a linguagem como um sistema de idéias sociais, tanto instrumento quanto criação objetiva, ou sobre a história como "a observação dos fatos relacionados a uma determinada teoria". Estas observações demonstram sua preocupação com questões então relativamente novas, que, posteriormente, porém, se tornaram parte do discurso no mercado acadêmico. Mas, se o diário não se prende à metodologia de campo nem aos problemas de teoria antropológica, transmite de maneira entusiástica as reações de um antropólogo de campo em uma sociedade estranha. Nela ele deve viver como aquele que registra e analisa, mas, nessa condição, não pode compartilhar por completo os costumes e valores do povo, por mais que os admire ou os desaprove. A sensação de confinamento, o desejo obsessivo de voltar mesmo que rapidamente a seu próprio meio cultural, o desânimo e as dúvidas sobre a validade do que se está fazendo, a vontade de fugir para o mundo fantasioso dos romances ou devaneios, a compulsão moral de se arrastar de volta para a tarefa da observação de campo — muitos pesquisadores sensíveis experimentaram estes sentimentos em algum momento, e raramente eles foram mais bem manifestados do que neste diário. Algumas emoções, sem dú-

vida, foram expressas por Malinowski de forma mais violenta do que teriam sido sentidas — ou, pelo menos, exprimidas — por outros antropólogos. A maioria dos pesquisadores, em algumas ocasiões, se sentiram entediados pelas suas próprias pesquisas, e experimentaram sentimentos de exasperação e frustração contra até mesmo seus melhores amigos no campo. Poucos podem ter estado dispostos a admitir isso, até para si mesmos. Poucos, a não ser talvez aqueles tão tensos quanto Malinowski, amaldiçoaram as pessoas que estavam estudando tanto quanto ele. Contudo, essa revelação do lado mais obscuro da relação de um antropólogo com seu material humano não deveria nos induzir a erro. Malinowski costumava usar uma linguagem igualmente violenta com relação a outros grupos e pessoas, européias e americanas. Ele tinha de explodir para se livrar de suas irritações e era quase um ponto de honra para ele não reprimir seus sentimentos nem moderar a língua. Isso também não deveria ofuscar para nós o prazer de Malinowski em desfrutar suas amizades trobriandesas, que o diário também menciona. Poucos antropólogos também estariam preparados para escrever com a liberdade de Malinowski, mesmo que apenas para si mesmos, sobre seus desejos e sentimentos sensuais ou entregar-se a, muito menos registrar, irreverências como cantar ao som de uma melodia de Wagner as palavras *"kiss my ass"* para afugentar as mariposas!

Como etnógrafo, Malinowski guardou uma certa distância dos funcionários do governo, missionários e comerciantes que constituíam a sociedade branca da Nova Guiné na época. Conseqüentemente, obtemos dele novas e às vezes inesperadas tiradas, mesmo que apenas de passagem, sobre personalidades que conhecemos em geral apenas a partir de uma literatura mais formal. Seu esboço conciso da agora quase legendária figura de *Sir* Hubert Murray, o vice-governador e ápice da pirâmide oficial, parece-me bastante perspicaz, embora seus comentários sobre alguns outros conhecidos, inclusive Saville, o missionário que o ajudou, possam ser menos justos. É importante observar que a capacidade de Malinowski para buscar experiências significativas o levava tanto a procurar a companhia de alguns dos compradores de pérolas nas Trobriand especialmente Raffael Brudo, que depois o hospedou em Paris, até os setores mais oficiais da sociedade branca. Embora insuficientes, seus comentários sobre as condições na Nova Guiné há meio século constituem evidências sociológicas muito úteis. Mas é como documento humano, e não como contribuição científica, que o diário de Malinowski deveria ser avaliado.

Um diário, no sentido comum, pode ser um simples registro cronológico de eventos cotidianos. É isso que fazem, ou tentam fazer, muitas pessoas, como uma espécie de *aide-mémoire* para suas recordações ou de justificativa para provar a si mesmas que os dias passados não foram completamente desperdiçados. Uma extensão desse tipo de diário, observada nas memórias dos generais, embaixadores e outras figuras públicas, pode se revelar um indício interessante, talvez crítico, sobre o funcionamento dos assuntos públicos. Ao revelar os feitos e ditos de pessoas proeminentes, o registro poderá ser muito mais atraente para o público em geral se as questões mencionadas forem controversas ou abordadas de maneira escandalosa. Mas outro tipo de diário, no qual é muito mais difícil escrever com sinceridade, é a expressão de uma personalidade através do comentário cotidiano dos acontecimentos, tanto — ou até mais — aqueles do mundo interior quanto os do exterior. Os grandes diários da história, se não se destacarem pelos esclarecimentos que proporcionam sobre os eventos públicos, esclarecem os aspectos privados de uma personalidade que podem ser interpretados como possuidores de um significado geral para o estudioso do caráter humano. Sua importância está na interação de temperamento e circunstância, nas batalhas intelectuais, emocionais e morais dos homens e mulheres que lutam para se expressar, para preservar sua individualidade, para avançar diante dos desafios, tentações e adulações da sociedade em que vivem. Para que um diário desses tenha significado e impacto, a habilidade literária pode ser menos importante do que a força de expressão, a modéstia é provavelmente menos eficaz do que a vaidade, a fraqueza deve ser exibida tanto quanto a força, e uma espécie de franqueza brutal é essencial. Se algum dia vier a ser publicado para o leitor comum, o escritor deverá expor-se tanto à crítica quanto

ao elogio; para se fazer justiça a ele também deverá ser concedida compreensão, e até mesmo piedade.

Por esses critérios, embora este diário de Malinowski, no seu sentido puramente etnográfico, não possa ser classificado como mais do que uma nota de rodapé da história da antropologia, é certamente uma revelação de uma personalidade fascinante e complexa, que exerceu uma influência formativa sobre a ciência social. Ao lê-lo, deve-se ter em mente sua finalidade. Creio que é óbvio que seu objetivo não foi tanto manter um registro do progresso científico e das intenções de Malinowski, nem registrar os acontecimentos diários de seus estudos no campo, mas mapear o transcurso de sua vida pessoal, emocional, bem como intelectual. Na primeira parte, aparentemente, ele considerava a crônica periódica de seus pensamentos e sentimentos como uma forma de ajudar a organizar sua vida, e a perceber seu significado mais profundo. Mas, na segunda parte, o diário deveria ser um instrumento, além de uma obra de referência; viu-o como um meio de orientar e até mesmo retificar sua personalidade. Parte do motivo dessa ênfase intensificada do diário como disciplina foi claramente o relacionamento que ele havia iniciado com a mulher que mais tarde veio a ser sua esposa. O que ele descreve como características da personalidade de E. R. M. neste diário seriam confirmadas por aqueles que a conheceram posteriormente, e o que se evidencia nestas páginas é a profundidade e a sinceridade do amor dele por ela e os esforços que continuamente fazia para evitar macular aquilo que ele tentava conservar como um vínculo puramente emocional. O significado desse vínculo para ele na época, e durante todos os anos que se seguiram, aos olhos de todos que o testemunharam, é magnificamente expresso na frase que diz que para ele ela tinha "tesouros para dar e o poder miraculoso de absolver os pecados". Parece ter havido poucas coisas que ele não tenha lhe confessado; no diário mais recente, na segunda parte do livro, o relacionamento entre ambos foi parcialmente responsável no mínimo por sua franqueza. Ser sincero com ela, bem como consigo mesmo, foi um dos objetivos primordiais de Malinowski. Mesmo assim, ele não o perseguiu de forma constante, e foi seu vínculo emocional com outra mulher, de quem ele não havia conseguido romper por com-

pleto, a causa de grande parte de seus autoquestionamentos e autoacusações.*

A expressividade de algumas descrições contidas no diário é bastante notável, revelando a habilidade que Malinowski tinha de captar o colorido da paisagem da Nova Guiné, e seu amor pelo mar e pela navegação. É muito interessante tomar conhecimento desses esclarecimentos sobre sua personalidade. Mas sempre haverá dúvida sobre até que ponto ele expunha seus sentimentos pessoais mais íntimos. Seja qual for a resposta, está absolutamente claro que este diário é um documento humano comovente, escrito por um homem que desejava não ter qualquer ilusão ou dúvida sobre seu próprio caráter. Alguns trechos dele mostram suas emoções, enquanto outros zombam delas. Alguns trechos mostram sua hipocondria, sua contínua luta pela saúde, por meio de uma combinação de exercícios e medicamentos. Outros trechos podem, até mesmo atualmente, ofender ou chocar o leitor, e alguns leitores podem ficar igualmente impressionados pela revelação de elementos de brutalidade, até degradação, ocasionalmente presentes no relato. Minha reflexão sobre isso é aconselhar aqueles que se sintam propensos a considerar com desprezo certos trechos deste diário a serem igualmente francos em seus próprios pensamentos e escritos, e em seguida julgar novamente. A personalidade de Malinowski era complexa, e algumas de suas características menos admiráveis talvez apareçam, de maneira mais clara neste diário do que suas virtudes. Se isso ocorre, é isso que ele pretendeu, porque eram seus defeitos, não suas virtudes, que ele desejava compreender e tornar nítidos para si mesmo. Quer a maioria de nós deseje ou não imitar tal franqueza, devemos admitir sua coragem.

RAYMOND FIRTH

Londres
março de 1966

*Pelo que ouvi dele próprio muito mais tarde, foi o conhecimento e o engano de Baldwin Spencer quanto à coincidência no tempo das duas relações e a sua tentativa desajeitada de intervir que causaram o rompimento entre ele e Malinowski. E. R. M., como esposa de Malinowski, aparentemente compartilhava as opiniões dele, embora se referisse a Spencer, que havia sido um velho amigo dela, de maneira mais magnânima.

Segunda Introdução — 1988

É intrigante, depois de vinte anos, lembrar da recepção dos profissionais de antropologia a uma obra controvertida como o *Diário* de Malinowski. Então, aceitei o convite do editor para escrever esta nova Introdução, em parte como uma reflexão sobre o que pareceu ser o efeito desta obra sobre outros antropólogos, e em parte para rever minhas impressões anteriores sobre ela.

Redigi a introdução original um tanto a contragosto, a pedido de Valetta Malinowska, a viúva de Malinowski, que estava decidida a publicar estes diários privados. Pensei na época que poderia ajudar a explicar a importância desse documento revelador, egocêntrico, obsessivo, com sua mistura de estímulo, monotonia, *pathos* e escândalo, para aqueles que nunca conheceram a personalidade multiforme de Malinowski. Eu também tinha esperanças, erroneamente, de atenuar um pouco as críticas que iriam se abater sobre certas partes da obra.

Malinowski escreveu suas anotações de campo sobre as ilhas Trobriand em inglês e na língua kiriwiniana;[1] seus diários foram redigidos em polonês. Eram claramente destinados a serem um regis-

[1]Língua falada nas ilhas Trobriand. (*N. da T.*)

tro particular, uma confissão para si mesmo, uma espécie de catarse e guia para correção pessoal, quase certamente reservados apenas à leitura dele. De certo modo, a publicação dos diários foi um ato de traição — não tanto por expor as fraquezas de Malinowski sem seu conhecimento, mas por pressupor que tais fraquezas pudessem fazer parte de uma propriedade comercial a ser explorada. Não modifiquei meu ponto de vista de que a publicação dos diários foi uma invasão da privacidade, mesmo que o autor já estivesse morto. Não creio que "o público tenha direito de conhecer" os detalhes mais íntimos da vida de quem quer que seja. Nem acredito, como parece ser o caso de alguns de meus colegas, que qualquer coisa escrita, por mais pessoal e particular que seja, é, em última instância, mesmo que subconscientemente, destinada à atenção pública. Mas, como a publicação era inevitável, pareceu-me que um prefácio que tentasse dar alguma perspectiva e interpretação aos diários era justificável.

Minha introdução original causou comentários adversos de amigos meus que também haviam conhecido e admirado Malinowski, e eram terminantemente contrários à publicação por julgá-la imprópria e possivelmente danosa à reputação de Malinowski. Hortense Powdermaker, por exemplo, me escreveu, entristecida: "Eu e muitos outros antropólogos não entendemos como você pode ter dado sua aprovação tácita à publicação do *Diário* escrevendo uma introdução" (3/11/67), e sentimentos equivalentes foram manifestados por outros, como Phyllis Kaberry e Lucy Mair.

A princípio, o livro foi recebido de maneira confusa. O suplemento literário do *Times*, num artigo anônimo (26 de outubro de 1967), reagiu de uma maneira bem depreciativa — "uma repetição muito enfadonha de banalidades". Aqueles que haviam trabalhado com Malinowski tenderam a fazer críticas ferinas. Ian Hogbin escreveu: "A meu ver, o volume não interessa a ninguém, seja antropólogo, psicólogo, estudioso de biografias ou simplesmente bisbilhoteiro" (*American Anthropologist* 70, 1968: 575). Edmund Leach foi mais reflexivo, porém ainda decididamente reprovador. Escreveu que a publicação dos diários desacreditava todos os envolvidos. Mas frisou que, uma vez publicados, tais documentos privados de pesquisadores de campo em antropologia deviam ser entendidos como artifícios para manter um pé na realidade em situações traumáticas, uma espécie de catarse, e nunca interpretados como um registro equilibrado da personalidade íntima do autor. Ele também sublinhou o absurdo que era a tradução de *nigrami* como "*niggers*"[2] em vez de "negros", o que coloca Malinowski em uma categoria racista (*Guardian*, 11/8/67).

Amiga íntima e conselheira da família Malinowski, Audrey Richards procedeu a uma avaliação ainda mais analítica. Ela havia sido terminantemente contrária à publicação do livro e o considerava decepcionante do ponto de vista etnográfico. Sob o título *In Darkest Malinowski* (O lado obscuro de Malinowski) (*The Cambridge Review*, 19 de janeiro de 1968), porém, ela se esforçou para elucidar o significado deste documento intensamente pessoal. Via Malinowski, com seus estados de espírito oscilantes entre a esperança e o desespero, como "o herói ou o anti-herói" do livro — "anti-herói porque ninguém jamais foi mais brutalmente franco acerca de seus próprios defeitos". Ela mostrou como o personagem espirituoso e aparentemente batalhador e angustiado do *Diário* era uma criatura muito diferente do renomado, espirituoso e aparentemente cínico professor de renome. Ela discutiu detalhadamente a atitude negativa de Malinowski com relação a seus informantes, estabelecendo um contraste com as reações muito mais positivas que ele demonstrou com respeito a eles em conversas posteriores com seus alunos. Caracteristicamente, também, Audrey Richards utilizou esta resenha dos diários de campo de Malinowski como um bom pretexto para algumas observações gerais interessantes de sua autoria sobre o papel do pesquisador em antropologia de campo. Mas Richards, como outros amigos de Malinowski, preocupou-se com a impressão desagradável que os diários poderiam causar a pessoas que já se opunham ao professor. Ela já havia me escrito anteriormente, no seu estilo vívido: "Deduzi do que Hortense disse que os americanos já estão uivando de contentamento — não por causa de quaisquer impropriedades sexuais, que não parecem importar muito, mas em razão do uso da palavra '*nigger*'

[2]Cf. Nota do tradutor, página 183.

e da referência constante à sua antipatia por seus informantes e à quantidade de tempo que ele passa com os europeus" (5/4/67).

Porém, as resenhas norte-americanas sérias foram, na realidade, muito diferentes. Adamson Hoebel, embora dúbio acerca da justificativa para publicação, e considerando o livro difícil de ser avaliado, estava consciente do seu caráter ímpar. Belamente descritivo em algumas partes, desinteressante, monótono, enigmático em outras, o *Diário* poderia ser mais bem avaliado, segundo escreveu Hoebel, como "um artifício ingênuo de autoterapia", uma repetição de lutas patéticas e imaturas. Contudo, ele percebeu que por mais crítico que fosse acerca das pessoas, Malinowski, nestes diários, nunca era mais duro com os outros quanto o era em relação a si mesmo. E frisou que nenhum dos defeitos pessoais que Malinowski ridicularizava nos diários apareceram em suas obras-primas antropológicas (*Minnesota Tribune*, aproximadamente maio de 1967). Numa extensa resenha escrita em estilo de ensaio, George Stocking ficou impressionado com as evidências de marginalidade cultural e relação ambígua com as coisas típicas da cultura inglesa que transpareciam ao longo de todo o livro. Estabelecendo uma analogia com *Coração das trevas*, de Joseph Conrad, Stocking via Malinowski "só com seus instintos" na situação de campo, embora eles tivessem mais a ver com sexo do que com a noção de poder, como no romance de Conrad. Seja como for, Stocking não considerou surpreendente, de modo algum, que a atitude de Malinowski para com os "nativos" fosse ambivalente e freqüentemente agressiva, e não interpretou nem mesmo seus acessos ocasionais de violência como prova clara de uma ausência de empatia com o povo com o qual vivia. Aliás, a função catártica de escrever o diário pode ter encorajado a empatia de Malinowski, argumentou Stocking. Ele tinha tendência a generalizar a reação de Malinowski à sua situação de campo, e se interessava muito pela "extensa crise psicológica pessoal de Malinowski, cuja aura permeia os diários". Stocking via nos diários um significado metodológico na história da antropologia, porém apenas se interpretados no contexto do corpo da etnografia de Malinowski. Em contraste com a maioria dos críticos, considerou o livro "uma leitura fascinante", e o recomendou

enfaticamente aos antropólogos (*Journal of the History of the Behavioral Sciences*, vol. IV, nº 2, 1968: 189-94).

Uma extensa resenha feita por Clifford Geertz (*New York Review of Books*, 14 de setembro de 1967) foi mais contida e desmerecedora de Malinowski de modo bastante claro. Geertz classificou o livro como "um documento deveras curioso" e viu nele uma crônica de um Malinowski trabalhando com afinco num mundo (Nova Guiné), e vivendo com intensa paixão em outro (um cenário imaginário australiano e europeu). O livro mostrava "uma espécie de quadro vivo mental cujos personagens estereotipados — sua mãe, o amigo de infância com o qual havia se desentendido, uma mulher que ele havia amado e desejava esquecer, outra pela qual agora estava apaixonado e com a qual pretendia se casar — encontravam-se todos a milhares de quilômetros de distância, com seus gestos eternamente congelados que, com angustiante autodesprezo, ele contempla obsessivamente". Nesse relato rebuscado, Geertz acentuava dois temas principais, cada qual marcado por contrastes. Um refere-se à contradição entre a empatia convencionalmente atribuída aos antropólogos com relação às pessoas que estudam, e a atitude aparentemente distanciada, freqüentemente brutal, de Malinowski ao escrever sobre os kiriwinianos. "O valor do exemplo constrangedor de Malinowski é que, se alguém levar isso a sério, fica difícil defender a visão sentimental da relação como dependente da evolução do antropólogo e do informante em um único universo moral e emocional." O segundo tema era que Malinowski se salvou de "um pântano emocional" de nostalgia e desespero por meio do trabalho árduo. "Não uma compaixão universal, mas uma crença quase calvinista no poder purificador do trabalho tirou Malinowski de seu próprio mundo obscuro de obsessões edípicas e autopiedade e o levou para a vida cotidiana de Trobriand." Embora a resenha expusesse pontos de vista astutos, era rebuscada, e deixou uma impressão de distorção naqueles que haviam conhecido Malinowski e trabalhado com ele. Retratar o pesquisador de campo arquetípico como "um narcisista hipocondríaco rabugento e autocentrado" parecia uma caricatura. Então Hortense Powdermaker e Ashley Montague, por exemplo, se sentiram compe-

lidos a protestar contra a visão inexata de Geertz de que Malinowski era aparentemente incapaz de se relacionar com as pessoas — uma visão, insistiram eles, desmentida pelas próprias evidências de Malinowski em *Argonautas* e outras obras e por suas relações com os estudantes (*New York Review of Books*, 9 de novembro de 1967). A crítica de Geertz ilustrava, ao que parecia, o perigo que Leach havia apontado, de tomar os desabafos intensamente pessoais e privados do *Diário* como pistas para a personalidade do autor como um todo.

Uma das resenhas mais perspicazes e favoráveis foi a de um antropólogo que nunca travara contato com Malinowski, mas que havia tido muitas experiências na Nova Guiné. Anthony Forge não encontrou dificuldade em interpretar o modo básico de expressão de Malinowski como uma resposta comparável à de um pesquisador de campo moderno na área da antropologia. Sob o título *The Lonely Anthropologist* (O antropólogo solitário) *(New Society*, 17 de agosto de 1967), ele observou que, embora se aprenda pouco sobre o método de pesquisa de campo no *Diário,* ele mostra muito bem o dilema de todo antropólogo no campo — reter sua própria identidade e ao mesmo tempo se envolver o máximo possível nos assuntos da sociedade local. A solidão do antropólogo é de um tipo especial — "cercado de pessoas das quais gosta e que gostam de você ou no mínimo o toleram de bom grado, mas que não fazem idéia de quem você é, que tipo de pessoa..." As saudades de uma civilização idealizada e distante são frustrantes, e as cartas, decepcionantes; "há apenas uma pessoa que pode começar a entender como você se sente, e é você mesmo". Portanto, para aqueles que têm facilidade para escrever, um diário é uma catarse valiosa. "Essa é a função de um diário sob tais condições, um lugar para desopilar o fígado de forma que no dia seguinte tudo possa começar do início." Mas como assinala Forge, de forma talvez radical demais, os diários dos pesquisadores de campo nada significam para ninguém, a não ser para eles mesmos, o produto de uma espécie de estado suspenso entre duas culturas.

Diante de toda essa diversidade inicial de opiniões, como fica o *Diário* agora? As opiniões expressas na minha primeira Introdução ainda são válidas?

Passados vinte anos, as ondas de choque geradas pela publicação deste documento se arrefeceram. Poucos antropólogos que conheceram Malinowski ainda vivem. Os diários passaram a ser encarados de uma perspectiva um tanto diferente. Podem ser aceitos como parte da literatura da história da antropologia. Fora de moda, excêntricos, freqüentemente irrelevantes porém permitindo um vislumbre, mesmo que parcial, da personalidade de um dos fundadores da moderna antropologia social, ajudaram a esclarecer a questão do que significa ser um trabalhador antropólogo engajado no estudo do material social humano. Quando Hortense Powdermaker me repreendeu por escrever a Introdução, parte da minha resposta foi: "Ao ler os *Diários,* considerei-os fascinantes porque conhecia bem Malinowski. Outras pessoas que não o conheciam tão bem os acham agora desconcertantes, tediosos ou uma boa munição contra o mito de Malinowski. O que me chama a atenção é que, quando toda a poeira se assentar e tivermos partido, os *Diários* podem, com o auxílio dos materiais contidos em resenhas e comentários, ajudar a elucidar um pouco mais para as futuras gerações de antropólogos alguns aspectos da personalidade complexa de Malinowski. Isso pode significar mais no futuro do que significa hoje, embora já haja uma tendência distinta no sentido de tentar compreender o que um antropólogo produz a partir de sua personalidade e de suas relações com as pessoas que estuda. O que ainda necessita ser elaborado é que um antropólogo não precisa — embora em geral o faça — *gostar* do 'seu' povo para realizar um bom trabalho" (7/11/67).

Ora, creio que tanto minha introdução original quanto as opiniões expressas naquela carta ainda são amplamente válidas. Mas o que tendi a omitir na introdução original foi o valor do *Diário* num sentido analógico. Eu o havia encarado a princípio como uma pista para a interpretação da personalidade de Malinowski, e, portanto, da sua obra. Mas não me dei conta de que, para antropólogos mais jovens, não familiarizados com Malinowski, o interesse do livro poderia estar naquilo que eles mesmos extraíssem dele como ajuda ou reafirmação para a compreensão de sua própria postura ao confrontar com os problemas de campo. Eis por onde a resenha de Anthony

Forge parece ter captado o significado dos *Diários*. A moda atual da "antropologia reflexiva" pode às vezes dar a impressão de transformar a etnografia em autobiografia. Mas há um reconhecimento muito mais nítido hoje em dia de que a posição do etnógrafo não é simplesmente a de alguém que registra a vida de uma sociedade, mas também de alguém que tanto afeta essa vida como é afetado por ela. Os primeiros etnógrafos não desconheciam isso. Mas, naquela fase do estudo, a grande tarefa de descrever e analisar as instituições estranhas parecia mais importante do que discorrer sobre nossa percepção a respeito de nossos próprios papéis na situação.

Talvez tenha havido ainda outro elemento na recepção do *Diário*. A relativa falta de informação sobre as reações pessoais dos primeiros antropólogos no campo tendeu a conferir um ar de distanciamento olímpico aos relatos publicados — o antropólogo vinha, via, registrava e se retirava para redigir o material, aparentemente incólume diante de suas experiências, com no máximo um capítulo introdutório contendo comentários sobre relações com as pessoas e seu efeito sobre o pesquisador. Com a publicação do *Diário* de Malinowski este estereótipo foi destruído. Os pesquisadores de campo revelaram-se também humanos — muito humanos. Até mesmo o decano da disciplina havia sido exposto à tentação, havia mostrado as fragilidades do enfado, da malícia, da frustração, do desejo de estar junto aos seus e demonstrado até mesmo suas menores angústias. Deve ter sido com algo semelhante ao alívio que alguns jovens antropólogos descobriram os "pés de barro" do mais eminente dos profissionais veteranos. A interpretação mais tolerante ao *Diário* pode perfeitamente ter sido reforçada pela percepção de que não só entre os antropólogos, mas também de forma mais abrangente, como, por exemplo, no campo literário, já se aceitava com mais naturalidade a publicação de detalhes íntimos da vida pessoal.

Diante disso, é interessante levar em consideração algumas avaliações recentes da obra de Malinowski, inclusive o *Diário*. Uma das características mais intrigantes de algumas análises modernas é o tom autoritário das declarações sobre Malinowski por parte de pessoas que nunca o conheceram. Fora isso, um aspecto ressaltado nas avaliações

modernas do *Diário* é o problema de sua validade como evidência do dilema de traduzir a experiência de campo através da redação de uma etnografia sistemática. A linguagem do debate foi recentemente enriquecida por focos de interesse no campo da literatura. Clifford Geertz dedicou uma parte de um livro sobre o antropólogo como autor (*Works and Lives. The Anthropologist as Author* [Obras e vidas, o antropólogo como autor], Stanford University Press, 1988) a Malinowski. Seu tratamento é mais brando e analítico do que na resenha sobre o Diário vinte anos antes, embora ainda com tendência a uma expressão exagerada. Ele se preocupa principalmente com os textos de Malinowski. O *Diário* "presumivelmente não escrito para ser publicado" suscita então um problema não mais psicológico, e sim literário. É "um gênero de produção literária endereçado a um público de um só indivíduo, uma mensagem do eu que escreve para o eu que lê". Nele e em seus outros escritos etnográficos, Malinowski — segundo Geertz — tentou projetar duas imagens antitéticas de si mesmo — por um lado o Cosmopolita Absoluto empático com um sentimento solidário em relação aos selvagens que estuda, e por outro o Investigador Completo (termos de Geertz), neutro, rigorosamente objetivo. "Alto Romance e Alta Ciência... que não se unem facilmente" (pp. 78-79), diz Geertz, em uma magnética simplificação.

James Clifford ("On Ethnographic Self-Fashioning: Conrad and Malinowski" [Sobre a auto-adaptação etnográfica: Conrad e Malinowski] em *Reconstructing Individualism: Autonomy, Individuality and the Self in Western Thought* [A reconstrução do individualismo: autonomia, individualidade e o *self* no pensamento ocidental, org. Thomas C. Heller, Morton Sosna & David E. Wellbery. Stanford Univ. Press 1986: 140-62) escolhe uma linha diferente porém ainda orientada para o literário. Como outros fizeram, Clifford comparou *O coração das trevas* ao *Diário* de Malinowski e *Argonauts of the Western Pacific* (Argonautas do Oeste do Pacífico). Na opinião de Clifford, que se justifica, Malinowski estava mais para Zola do que para Conrad — "um naturalista apresentando 'fatos' e uma atmosfera singular". Clifford vê o *Diário* como um texto polifônico inventivo e um documento crucial na história da antropologia porque revela a complexi-

dade dos encontros etnográficos. Porém, num lapso de habilidade crítica, ele trata o *Diário* e *Argonautas* como "um único texto expandido". Ele ignora não só o intervalo de tempo entre eles — quatro anos aproximadamente — como também o fato de que o *Diário* foi escrito, não para publicação, no dia a dia nas ilhas Trobriand, quando Malinowski era solteiro, numa época de grande tensão; ao passo que *Argonautas* foi escrito para publicação, como uma obra unificada, nas ilhas Canárias, quando Malinowski era um homem bem casado, numa época de relativa tranqüilidade. É claro que são pólos opostos. Mas vê-los efetivamente como dois lados de uma complexa personalidade *contemporânea* de Malinowski é um exagero. Além do mais, Clifford ficou fascinado pela idéia da *ficção* e tende a tratar como ficcional qualquer texto que contenha um elemento de subjetividade pessoal. Não está claro o que ele entende por "ficção". Mas, para ele, o *Diário* é uma ficção do ser para Malinowski, e *Argonautas* a ficção de uma cultura — embora "ficções culturais realistas", o que quer que isso queira dizer. (Em alguns contextos, Clifford parece equiparar "ficção" e "constructo".) No seu zelo pela interpretação literária, Clifford é tentado até mesmo a propor que uma compreensão etnográfica — empatia coerente e compromisso para com o povo estudado — deva ser vista mais como uma criação nascida da *escrita* etnográfica do que uma característica da *experiência* etnográfica (p.158 — palavras colocadas em itálico por Clifford). Mas, embora possamos não aceitar todas as interpretações de Geertz ou de Clifford, seu tratamento sério do *Diário* e seus comentários sugestivos mostram que o trabalho já ocupa um lugar estabelecido na antropologia.

Portanto, nesta segunda introdução ao *Diário*, eu modificaria uma opinião dada na primeira introdução. Embora o livro sem dúvida deixe a desejar "no seu sentido puramente etnográfico" eu não o classificaria mais como "nada mais do que uma nota de rodapé da história da antropologia". O conceito de etnografia se alterou e se ampliou, e o livro, conseqüentemente, passou a ocupar um lugar mais central numa literatura de reflexão a respeito da antropologia. Não se trata meramente de um registro do pensamento e do sentimento de uma personalidade brilhante e turbulenta que aju-

dou a constituir a antropologia social; também é uma contribuição altamente significativa para a compreensão da posição e do papel de um pesquisador de campo como participante consciente numa situação social dinâmica.

RAYMOND FIRTH

Observação

Os problemas envolvidos na produção de um texto fiel a partir dos originais manuscritos tornaram necessário o emprego de certos artifícios editoriais. Em alguns casos, a caligrafia estava ilegível, e isso foi indicado por reticências entre colchetes [...]; esses trechos raramente envolvem mais do que uma palavra ou frase curta. Em outros casos, onde não foi possível compreender bem algumas palavras ou grafias, foram empregados colchetes para indicar leituras possíveis. Também se utilizaram colchetes para acréscimos editoriais comuns visando prestar esclarecimentos, como na primeira página do texto: [Fritz] Gräbner [antropólogo alemão]; ou onde as abreviaturas talvez não fossem prontamente compreendidas — como em S[ua] E[xcelência]. Os parênteses são sempre do autor. As omissões editoriais são indicadas da forma costumeira, por reticências.

Conforme explica a introdução ao Glossário de Termos Nativos, os manuscritos originais contêm muitas palavras e frases das muitas línguas que Malinowski conhecia. Um toque pitoresco é que o emprego de palavras e expressões em línguas estrangeiras foi indicado destacando-se em itálico todas as palavras que não fossem em polo-

nês (inclusive trechos em inglês), com traduções entre colchetes onde pareceu necessário.

Os mapas detalhados (da área de Mailu, do distrito do *kula* e das Trobriand) baseiam-se em mapas publicados nas primeiras obras de Malinowski sob sua supervisão pessoal. Alguns dos topônimos não correspondem aos dos mapas atuais (particularmente na ortografia), mas pareceu preferível mostrar estas áreas como eram durante o período abrangido pelos diários.

PRIMEIRA PARTE

1914 – 1915

Port Moresby, 20 de setembro de 1914. No dia 1º de setembro uma nova fase teve início em minha vida: uma expedição* sozinho aos trópicos. Na terça-feira, 1.9.14, acompanhei a Associação Britânica até Toowoomba. Conheci *Sir* Oliver e *Lady* Lodge.** Conversei com eles e ele me ofereceu assistência. A falsidade de minha posição e a tentativa de Staś para "corrigir" isso, meu afastamento de Désiré Dickinson, minha raiva de Staś, *** que se transformou em um profundo ressentimento que persiste até hoje — tudo isso pertence à época anterior, a viagem à Austrália com a Associação Britânica. Voltei para Brisbane sozinho num vagão, lendo o guia turístico australiano. Em Brisbane me senti bastante abandonado, e jantei sozinho. Passei as noites com [Fritz] Gräbner [antropólogo alemão] e Pringsheim, que espera conseguir regressar à Alemanha; conversamos sobre a guerra. O saguão do Hotel Daniell, sua mobília barata, suas escadas aparentes, estão intimamente ligados a minhas recordações deste período. Lembro-me das visitas matinais ao museu com Pringsheim. Visita ao Burns Phelp; uma visita ao ourives; uma reunião com [A.R.

---

*O relatório de Malinowski sobre esta expedição intitula-se *The Natives of Mailu: Preliminary Results of the Robert Mond Research Work in British New Guinea* (Os nativos de Mailu: resultados preliminares do trabalho de pesquisa de Robert Mond na Nova Guiné britânica), *Transactions of the Royal Society of South Australia*, XXXIX, 1915.

***Sir* Oliver Lodge, eminente físico inglês, também se interessava pela pesquisa nos campos da religião e da psicologia, e já havia publicado diversas obras procurando aproximar os pontos de vista científico e religioso. Desde 1900 era reitor da Universidade de Birmingham.

***Stanislaw Ignacy Witkiewicz (1885-1939), filho do renomado poeta e pintor polonês e artista nato, amigo íntimo de Malinowski desde a infância.

Radcliffe-] Brown... Na noite de quinta-feira fui falar com o Dr. Douglas,* me despedir dos Golding e entregar à sra. Golding uma carta para Staś. Devolvi livros a ela.

Era uma fria noite enluarada. Enquanto o bonde subia, vi o subúrbio lá embaixo, no pé do morro. Tive medo de me resfriar. Saí para um passeio com a irmã do doutor, uma loura roliça. Então chegaram os Golding. Por sentir saudades da Assoc. Britânica, tratei-os com uma cordialidade que, no entanto, não foi retribuída... Tive uma noite muito mais acolhedora na residência dos Mayo. Noite; chuva; após o jantar, fui até a barca. Noite calma, tranqüila, a barca se iluminou subitamente quando a lua saiu de trás das nuvens. Caminhei até o pé do morro e me perdi; começou a chover, e Mayo veio ao meu encontro com um guarda-chuva. Falou sobre a possível demissão de Seymour, planos para o verão, possibilidade de passarmos as férias juntos etc. São pessoas encantadoras ao extremo. Voltei ao bonde. O condutor me lembrou Litwiniszyn. Muitos bêbados. No final das contas, não me senti bem em Brisbane. Um medo intenso dos trópicos; aversão ao calor e ao mormaço — uma espécie de pânico de enfrentar um calor tão terrível como o dos meses de junho e julho anteriores. Apliquei em mim mesmo uma injeção de arsênico, depois de esterilizar a seringa na cozinha.

Na manhã de sábado (dia da eleição), fui ao museu entregar um livro ao diretor; depois comprei medicamentos (cocaína, morfina e eméticos) e enviei uma carta registrada a Seligman** e várias para mamãe. Depois de pagar a exorbitante conta do hotel, embarquei no navio. Diversas pessoas vieram à minha despedida... Os Mayo ficaram na praia; observei-os durante muito tempo pelo binóculo e acenei para eles com o lenço — senti-me como se estivesse deixando a civilização. Estava um pouco deprimido, com medo de não me sentir à altura da tarefa que me aguardava. Depois do almoço, fui para o convés. Navegar rio abaixo me lembrou a excursão com Désiré e os

*Provavelmente o comendador John Douglas, que havia sido comissário especial do Protetorado Britânico da Nova Guiné, 1886-1888.

**G. C. Seligman, antropólogo britânico, mentor de Malinowski e autor da obra *The Melanesians of British New Guinea* (Os melanésios da Nova Guiné britânica) (1910).

outros "Associados". Eurypides fica abaixo do gigantesco matadouro. Conversei com *companheiros* de viagem. As margens baixas do rio se alargam subitamente. Havia morros em toda parte; terra a oeste e ao sul; ilhas a leste. A noroeste, as formas estranhas e pitorescas das montanhas Glasshouse se elevam de uma planície. Observei-as pelo binóculo; elas me lembraram a excursão de sábado à cordilheira Blackall... Antes, eu havia observado o navio se afastar da ilha; o mar ficou cada vez mais encapelado, o navio jogava cada vez mais... Fui para meu camarote depois do jantar e adormeci após uma injeção de Alkarsodyl. O dia seguinte passei no camarote, sonolento, com enxaqueca e entorpecimento generalizado. À noite, joguei cartas com Lamb, o capitão e a sra. McGrath. O dia seguinte foi melhor; li Rivers* e a gramática do Motu.** Fiquei amigo íntimo de Taplin e dancei com a sra. McGrath. Esse clima persistiu. O mar estava de um verde lindo, mas eu não conseguia ver toda a extensão dos recifes [da Grande Barreira]. Muitas ilhotas pelo caminho. Gostaria de ter aprendido os princípios da navegação, mas tinha medo do capitão. Maravilhosas noites enluaradas. Apreciei demais o mar; navegar tornou-se extremamente agradável. De modo geral, ao zarparmos de Brisbane, uma consciência de que sou alguém, um dos mais notáveis passageiros a bordo...

Saímos de Brisbane no sábado, 5 de setembro de 1914, chegamos a Cairns na quarta, 9 de setembro. A baía estava encantadora, vista à meia-luz da manhã — altas montanhas dos dois lados; a baía entre cortes profundos que desembocavam em um amplo vale. A terra era plana no sopé das montanhas; no fim da baía, cerrados manguezais verdes. Montanhas envoltas em bruma; lençóis de chuva desciam continuamente pelas encostas rumo ao vale e se encaminhavam para o mar.

*W. H. R. Rivers, antropólogo e fisiologista inglês, fundador da escola de psicologia experimental de Cambridge. Aplicou testes psicológicos entre os melanésios, e desenvolveu um método de registrar dados de parentesco que se tornou o método mais importante para coleta de dados no trabalho de campo. Sua obra influenciou todo o trabalho de campo, incluindo o de Malinowski. Sua *History of Melanesian Society* (História da sociedade melanésia) foi publicada em 1914.

**Motu, a língua dos motus (em torno de Port Moresby) e língua franca em Massim do Sul. Malinowski utilizou uma gramática e um vocabulário de autoria do reverendo W. G. Lawes (1888), a única obra publicada sobre a língua naquela época.

Em terra, estava úmido em razão do clima tropical quente e abafado, a cidade era pequena, desinteressante, o povo marcado pela presunção típica dos trópicos... Voltei a pé para o mar e percorri a pé uma praia de frente para o leste. Diversas casinholas bem bonitas com jardins tropicais; enormes hibiscos roxos e cascatas de buganvílias; diferentes matizes vibrantes de vermelho contra lustrosas folhas verdes. Tirei algumas fotografias. Caminhei devagar, sentindo-me muito lerdo. [Vi] um acampamento de aborígines, um manguezal; conversei com um chinês e um australiano dos quais não consegui obter informação alguma... Naquela tarde, li Rivers. À noite, um bando de bêbados. Visitei um russo e um polonês embriagados. Consulta médica com o russo. O russo contrabandeia aves-do-paraíso. Voltei para esperar o "Montoro". Lamb estava embriagado. Fui à praia com Ferguson e aguardei ali. O "Montoro" aproximou-se bem devagar. Vi os Haddons,* Balfour,** Mme. Boulanger, Alexander, a srta. Crossfield e Johnson. Mais uma vez, me irritei e me decepcionei do ponto de vista emocional. Conversamos durante quinze minutos, eles se despediram e se recolheram. Eu também. Ah, claro, foi daquela vez que eu cometi o erro de ler um romance de Rider Haggard. Dormi mal naquela noite, e me senti péssimo na quinta-feira. O mar estava muito agitado — vomitei o desjejum, fui para a cama e vomitei mais duas vezes. Passei a noite no convés com todos os outros passageiros, cantando canções inglesas no escuro. Na sexta, 11.9, a mesma coisa — não consegui digerir nada, nem a gramática Motu. Naquela noite arrumei parte da bagagem.

No sábado, 12.9, chegada à Nova Guiné. Pela manhã, viam-se as montanhas enevoadas a distância. Uma cordilheira muito alta atrás das nuvens, com várias outras cordilheiras abaixo dela. Penhascos rochosos chegando até o mar. O vento estava bastante frio. Ao largo, um recife de coral, *os destroços* do "Merry England"*** à minha direita. Um morro atrás do qual fica Port Moresby. Eu me

*Alfred Cort Haddon, antropólogo e etnólogo inglês, grande figura da antropologia da época.
**Henry Balfour, F. R. S., antropólogo inglês e curador do museu de Pitt-Rivers em Oxford.
***"Merrie England", um barco a vapor do governo, que, em 1904, havia sido usado em uma expedição de desagravo à ilha de Goaribari para vingar o assassinato canibalesco de dois missionários e dez ilhéus Kiwai, em 1901.

sentia muito cansado e vazio por dentro, de forma que minha impressão foi um tanto vaga. Entramos no porto e esperamos o médico, um homem de cabelos escuros, gordo e desagradável. Deixei minhas coisas no camarote e desembarquei com a sra. McGrath. Visitei a sra. Ashton, depois o sr. [H. W.] Champion [secretário do Governo da Papua] — telefonei para o governador [juiz J. H. P. Murray, vice-governador da Nova Guiné britânica]; depois Jewell; depois Stamford Smith,* das 12 às 4; fui buscar parte da bagagem no navio, e naquela noite me recolhi muito cedo e dormi durante muito tempo, porém mal.

Na manhã de domingo, fui ao Instituto Stamford Smith e li Relatórios lá, pondo-me a trabalhar de maneira positivamente entusiástica. À uma da tarde peguei um barco para o Palácio do Governo, onde a tripulação de selvagens de carapinha com uniformes do governo me deu a impressão de ser um *sahib*. Minha disposição geral nas primeiras horas: cansaço pelo longo enjôo marítimo e a leve onda de calor. Um tanto deprimido, mal sendo capaz de me arrastar morro acima até a casa da sra. Ashton. Port Moresby me deu a impressão de ser justamente o tipo de lugar sobre o qual se ouve falar muito e do qual muito se espera, mas que acaba se revelando inteiramente diferente. Da varanda da sra. Ashton via-se um declive acentuado, terminando na praia, coberta de seixos e capim falhado e seco, e poluída com dejetos. O mar havia recortado uma profunda baía circular com uma entrada estreita. Jazia ali calma e azul, refletindo um céu que ao menos era límpido. Do lado oposto viam-se cadeias de montes, não muito altos, de formas variadas, crestados pelo sol. Na praia próxima, um morro cônico se eleva na entrada de outra enseada que avança profundamente para o interior, em baías gêmeas. À direita, o morro próximo impede que se vejam as aldeias nativas e o Palácio do Governo, que para mim eram as

*Provavelmente Miles Staniforth Cater Smith, que em 1907 era diretor de agricultura e minas e comissário de terras e levantamentos em Port Moresby, em 1908 foi nomeado administrador da Papua, e depois se tornou diretor de agricultura e minas, comissário de terras e levantamentos e vice-administrador. Em 1910-1911, liderou uma expedição exploradora na área entre o rio Purari e a bacia dos rios Fly e Strickland, pela qual recebeu a medalha da Real Sociedade Geográfica.

características mais interessantes da paisagem, sua quintessência. Ao longo da praia corre uma trilha relativamente larga — passando pela estação de rádio, através de alamedas margeadas por palmeiras, atravessando a praia estreita na qual alguns tufos de mangue nascem aqui e ali — levando às aldeias nativas. Eu não fui até lá de jeito algum no meu primeiro dia...

No domingo, dia 13, subi *(ut supra)* ao Palácio do Governo. O sobrinho do governador veio me receber no meio do caminho. A alameda passa entre coqueiros, uma figueira gigantesca; depois dobra e contorna o palácio antigo, em direção ao novo. O governador Murray é um homem alto, um pouco curvado e espadaúdo; muito parecido com o tio Staszewski. É agradável, calmo e um pouco rígido, não sai da sua concha. Dois garotos seminus serviram o almoço. Em seguida, conversei com o governador e a sra. De Righi, uma australiana bondosa e vulgar que me tratou com a deferência de uma pessoa socialmente inferior. S[ua] E[xcelência] me entregou uma carta para O'Malley e eu o visitei em sua pequena casa cercada de palmeiras, abaixo do Palácio. Homem gordo, de baixa estatura, barba feita, lembrou-me um pouco Lebowski, só que mais *en beau*. Ele mandou chamar Ahuia.* O governador e a sra. De Righi se reuniram a nós, e os três rumamos para a aldeia. Foi minha primeira visão dela. Entramos todos na casinhola de Ahuia. Duas mulheres vestidas apenas com saias curtas de capim. A sra. Ahuia e a sra. Goaba usavam vestidos feitos de tecido de pêlo de cabra. Murray e eu conversamos com a sra. Ahuia, e a sra. De Righi com a sra. Goaba; examinamos cabaças contendo visco para mascar noz de areca.[1] A sra. Goaba deu uma à sra De Righi de presente. Nós quatro percorremos toda a aldeia; divisei o *dubu*** construído [...] em 1904 em Hododae e al-

[1]Nozes vermelhas enroladas em folhas de areca com efeito narcótico quando mascadas. Muito usadas na Índia e no Sudoeste da Ásia, inclusive, segundo a narração de Malinowski, na Papua-Nova Guiné. *(N. da T.)*

*Ahuia Ova, informante nativo treinado em etnologia por Seligman, que posteriormente desenvolveu seu próprio trabalho etnológico. Ver F. E. Williams, "The Reminiscences of Ahuia Ova" (Reminiscências de Ahuia Ova) in *Journal of the Royal Anthropological Institute*, LXIX, 1939, pp.11-44; e C. S. Belshaw, "The Last Years of Ahuia Ova" (Os últimos anos de Ahuia Ova), in *Man*, 1951, nº 230.

**O glossário de termos nativos se encontra na página 325.

guns casebres inteiramente novos de folha de flandres, amontoados entre as velhas cabanas... Separei-me do gov. e da sra. D. R. Os meninos do barco me alcançaram. Voltei no barco e lhes dei 2 /- de gorjeta. Já tinha escurecido quando cheguei à casa dos Pratt.* Ah! sim, no dia anterior, no hotel Ryan's,** eu havia encontrado Bell, que me convidara para jantar na segunda-feira. Noite com os Pratt; Bell,*** Stamford Smith, a sra. Pratt e as duas filhas. Falamos sobre as excursões das moças, sobre os *meninos* etc.

Na segunda-feira, dia 14, fui visitar o juiz Herbert**** e peguei Ahuia emprestado durante um dia inteiro. Saí com Ahuia e Lohia por volta das 11 horas e obtive algumas informações. Depois fui até o Palácio do Governo e aguardei o almoço durante um tempo enorme. Só retornei à aldeia às três. Ali, na casa de Ahuia, os anciãos haviam se reunido para me passar informações. Agacharam-se em fila ao longo da parede, carapinhas sobre torsos negros, vestidos com camisas velhas e rasgadas, roupas de caça remendadas e pedaços de uniforme cáqui, e sob essas vestimentas civilizadas se entreviam *sibis*, uma espécie de cinto que cobre as coxas e partes adjacentes do corpo. O cachimbo de bambu circulou rapidamente. Um pouco intimidado por esse conclave, sentei-me à mesa e abri um livro. Consegui informações sobre *idubu*, genealogia, perguntei sobre o chefe da aldeia etc. Ao crepúsculo, os anciãos partiram. Lohia e Ahuia ficaram. Andei até chegar a Elevala. Já estava escuro quando voltei. Um pôr-do-sol maravilhoso; estava frio, e eu me sentia descansado. De forma não nítida nem intensa, mas segura, sentia que um vínculo estava se fortalecendo entre mim e essa paisagem. A tranqüila baía estava emoldurada pelos galhos curvos de um mangue, que também se refletiam no espelho das águas e na praia úmida. O brilho púrpura no oeste penetrava pela alameda margeada por palmeiras e banhava o capim

*Sr. e sra. A. E. Pratt. Ele era um agrimensor que havia acompanhado a expedição de Smith.

**Henry Ryan, assistente do magistrado residente, que em 1913 explorou a área que Smith havia pretendido explorar.

***Leslie Bell, inspetor de assuntos nativos e um dos quatro membros europeus da expedição de Smith.

****Juiz C. E. Herbert, administrador interino do Território da Papua na época de expedição de Smith.

crestado com seu resplendor, resvalando sobre as águas de uma cor de safira profunda — tudo permeado com a promessa de trabalho frutífero e sucesso inesperado; parecia um paraíso em comparação com o inferno monstruoso que eu havia esperado. Na noite de segunda-feira, Chignell, um missionário de boa índole com absolutamente nenhum conhecimento sobre os nativos, mas, no todo, uma pessoa simpática e culta.

Na terça-feira trabalhei com Ahuia em Central Court pela manhã; à tarde, fomos para a aldeia. Serviram-me minha primeira bebida de coco...

[Na quarta-feira] de manhã rondei a *duana*. À noite, baile na casa dos McGrath. Quinta, em casa com Ahuia. Na sexta, fui à aldeia com Ahuia e planejamos uma excursão ao interior para sábado... A essa altura, eu já estava cansado. Voltamos para casa [nos lavamos] e passamos a noite com o governador. Entediante ao extremo. A velha sra. Lafirynd e a jovem srta. Herbert, que monopolizaram Murray.

Na manhã de sábado eu estava bastante cansado. Fui a cavalo para a aldeia. Decepcionado por esperar em vão um guia que Ahuia havia concordado em conseguir para mim. Fui visitar Murray, e ele mandou chamar Douna, o guia ausente. Passamos por *villas* em Kanadowa, depois por alguns jardins pertencentes aos habitantes de Hanuabada e entramos em um valezinho estreito coberto de capim queimado e pandanos esparsos e pequenas árvores da espécie *Cycas*. Aqui e ali árvores muito estranhas. Sentimento de puro encanto por estar em uma parte tão interessante dos trópicos. Subimos uma ladeira bastante íngreme. Às vezes a égua não conseguia avançar sequer um passo; acabei indo a pé até o topo, que me proporcionou uma linda vista do interior... Desci a cavalo, passando por jardins nativos cercados e ao longo de um pequeno vale, dobrando em um vale transversal, com capim mais alto do que eu montado no cavalo. Encontramos Ahuia, vimos mulheres com sacos semelhantes a redes; alguns selvagens nus com lanças. La Oala, chefe da *idubu* Wahanamona. Em alguns pontos haviam sido acesas fogueiras. Um espetáculo maravilhoso. Chamas vermelhas, por vezes cor de púrpura, lambiam as encostas do morro acima em faixas estreitas; através da

fumaça azul escura ou safira a encosta muda de cor como uma opala negra sob sua cintilante superfície polida. Da encosta diante de nós o fogo descia até o vale, devorando as altas gramíneas vicejantes. Rugindo como um furacão de luz e calor, avançou bem na nossa direção, o vento atrás dele açoitando pedaços meio queimados no ar. Passaram nuvens de pássaros e grilos voando. Penetrei no meio das chamas. Maravilhoso — uma catástrofe completamente descontrolada correndo direto para mim, numa velocidade furiosa.

A caçada não deu qualquer resultado. [No caminho para] o jardim de Ahuia, em Hohola, vi jardins nativos de perto pela primeira vez. Eram circundados por cercas de varas; bananas, cana-de-açúcar e folhas de taioba, e [...]. Havia algumas mulheres bonitas, particularmente uma de *caftan* violeta. Passeei pelo jardim de Ahuia com ele e visitei o interior das casas. Lamentei não ter trazido tabaco e doces, pois sem isso ficava mais difícil fazer contato com as pessoas. Na volta passei por nativos que esquartejavam um pequeno canguru. Cavalguei através de um bosque que me lembrou muito a vegetação australiana. Eucaliptos ocasionais e cicas entre o capim queimado. Depois de diversos quilômetros, fiquei muito cansado, e minha perna esquerda ficou dormente. Fui para a estrada, e fiquei aborrecido quando me disseram como estava longe da cidade. Não consegui mais apreciar a paisagem pelo resto do caminho, embora certamente fosse bela. A estrada serpeava ao longo da encosta entre arbustos e palmeiras, passando por algumas casas de nativos civilizados (malaios, polinésios?). Peguei o caminho mais fácil para a cidade (galopando pelas praias). No Palácio do Governo, assisti a uma partida de tênis e bebi cerveja. Voltei a pé para casa, exausto. Naquela noite, fiquei em casa e comecei este diário.

Domingo, 19.9 [*sic*; domingo foi dia 20], dormi até tarde e escrevi cartas. Depois do jantar, fatigado, dormi duas horas. Mais cartas, depois uma curta caminhada pela rua, descendo até a aldeia. À noite o demônio me persuadiu a visitar o Dr. Simpson. Fiquei de mau humor e completamente letárgico, e escalei vagarosamente a ladeira. A música me lembrou muitas coisas: alguns *Rosenkavalier*, alguns tangos, o "Danúbio Azul". Dancei tango (não muito bem) e

valsei com a sra. McGrath. Em alguns momentos fui assaltado pela mais negra depressão.

Hoje, segunda-feira, 20.9.14, tive um sonho estranho; homosex. com um sósia meu como parceiro. Estranhos sentimentos auto-eróticos; a impressão de que eu gostaria de ter uma boca exatamente como a minha para beijar, um pescoço que se curve como o meu, uma fronte exatamente igual à minha (vista de perfil). Levantei-me cansado e me recompus devagar. Fui visitar Bell, com quem conversei sobre o trabalho nativo. Depois Ahuia, em Central Court. Depois do almoço, outra vez Ahuia. Depois me apresentei ao O'Malley, e com ele fui ver McCrann. Em casa escrevi para mamãe e Halinka. Subi a ladeira...

Domingo, 27.9. Ontem fez duas semanas que estou aqui. Não posso dizer que venha me sentindo bem fisicamente. No sábado passado fiquei extenuado na excursão com Ahuia, e não consegui me recobrar ainda. Insônia (não muito acentuada), coração sobrecarregado e nervosismo (principalmente) parecem ser os sintomas, até agora. Tenho a impressão de que a falta de exercício, causada por um coração fraco, combinados com um trabalho intelectual positivamente intensivo são as bases desses sintomas. Preciso fazer mais exercício, principalmente de manhã, enquanto ainda está fresco, e à noite, depois que esfria de novo. O arsênico é indispensável, mas não devo exagerar no quinino. Quinze *grãos* a cada nove dias devem bastar. Quanto a minhas atividades, minhas explorações etnológicas absorvem grande parte do meu tempo. Mas têm dois defeitos básicos: (1) Tenho relativamente pouco a fazer com os selvagens no local, não os observo o suficiente; (2) Não falo a língua deles. Essa segunda deficiência será extremamente difícil de ser superada, embora eu esteja tentando aprender motu. A extrema beleza daqui não me afeta tão intensamente. Aliás, acho a região imediatamente adjacente a Port Moresby bem feia. Cerca de 4/5 da varanda de minha casa são fechados por uma cortina [de ratã], de forma que minha única vista da baía é das duas extremidades. O solo é pedregoso e esburacado, coberto de todos os tipos de lixo. Parece um depósito de lixo descendo

até o mar. As casas são cercadas por varandas de treliça com aberturas em vários pontos. Contudo, o mar e os morros em torno da baía são maravilhosos. O efeito é extraordinário, particularmente na estrada para a aldeia onde a vista é emoldurada por algumas palmeiras e mangues. De manhã tudo está envolto por uma leve bruma. Os morros mal podem ser vistos através dela; pálidas sombras rosadas projetadas sobre uma tela azul. O mar levemente encrespado cintila com mil tonalidades brevemente captadas em sua superfície continuamente em movimento; em partes rasas, entre a vegetação turquesa, vêem-se magníficas pedras roxas cobertas de algas. Nos pontos onde a água está calma, sem ondulações causadas pelo vento, o céu e a terra se refletem em cores que vão do safira às tonalidades róseas leitosas dos montes envoltos pela bruma. Onde o vento encrespa a superfície e empana os reflexos das profundezas, das montanhas e do céu, o mar cintila com seu próprio verde profundo, com pontos ocasionais de um intenso azul. Um pouco mais tarde o sol ou o vento dispersa as brumas, e os contornos das montanhas podem ser vistos de forma mais distinta; aí o mar se torna safira na baía funda, e turquesa ao longo da costa rasa. O céu espalha seu azul sobre tudo. Mas as formas fantásticas das montanhas continuam a resplandecer em cores puras e cheias, como se estivessem se banhando no azul anil do céu e do mar. Só à tarde a neblina desaparece inteiramente. As sombras sobre as montanhas se tornam de um safira profundo; as próprias montanhas assumem uma expressão estranha e fantasmagórica, como se alguma escuridão de breu as agrilhoasse. Contrastam vividamente com o mar e o céu perpetuamente serenos. Perto da noite, o céu está coberto com uma leve névoa de novo, diversificada pelos padrões de nuvens emplumadas acesas pelo resplendor purpúreo do sol poente e dispostas em maravilhosos motivos. Um dia, ao meio-dia, a fumaça de algum incêndio distante saturou o ar e tudo assumiu tons pastel extraordinários. Estava terrivelmente cansado e não pude me regalar tanto quanto gostaria com o espetáculo, mas foi extraordinário. Em geral, o caráter da paisagem é mais desértico do que qualquer outra coisa, e me recorda paisagens do istmo de Suez. É uma louca orgia das mais intensas cores, com um tipo estra-

nho de pureza e distinção festiva e refinada que não consigo precisar — as cores de pedras preciosas brilhando à luz do sol.

Minha vida durante estes últimos dias vem sendo muito monótona. Na terça-feira, 21 [*sic*] Ahuia esteve ocupado na Court o dia inteiro. Consegui ajuda de Igua* para desfazer as malas. Na noite de terça me senti fraco e não tive vontade alguma de ir consultar o Dr. Simpson. Na manhã de quarta-feira, A. esteve ocupado das 11 em diante. À tarde visitei O'Malley, que não tinha, na verdade, nada interessante para me contar. Conheci a bela Kori, cuja pele e tatuagens considerei encantadoras; um vislumbre *des ewig Weiblichen* [da mulher eterna], emoldurada em uma pele de bronze. Passei a manhã de quinta-feira com Ahuia; à tarde fui à aldeia; muito cansado. À noite, Bell veio e debatemos sobre os *nativos*. Na sexta-feira de manhã conheci o Sr. Hunter,** almocei com ele, e à tarde conversamos; eu estava espantosamente cansado, sem poder fazer absolutamente nada. Ah, sim, nas noites anteriores havia revelado algumas fotografias; hoje até isso me cansa. Na manhã de sábado, Hunter veio; tornou a ajudar-me muito; depois passei uma hora com Ahuia, e depois disso fui ver Bell, convidei-me para almoçar na casa do governador, e depois do almoço li Tunnell e estudei um pouco da gramática do Motu. À noite fui passear no Monte Pago — me senti um pouco mais forte; falei com Stamford Smith. Fui para a casa cedo... Os eventos políticos não me incomodam; tento não pensar neles. Tenho fortes esperanças de que a situação da Polônia melhore. Quanto às saudades da terra natal, sofro muito pouco delas, e de maneira muito egoísta. Ainda estou apaixonado por [...] — mas não conscientemente, explicitamente; eu a conheço muito pouco. Mas fisicamente — meu corpo anseia pelo dela. Penso na mamãe [...] às vezes [...]

Mailu, 21.10.14 [*sic*]. Plantação, às margens do rio; sábado [24.10].

Ontem, fez uma semana que cheguei a Mailu. Durante esse tempo fiquei desorganizado demais. Terminei de ler *Vanity Fair*, e li o *Romance* inteiro. Não consegui largar o livro; foi como se eu tivesse sido drogado. Contudo, trabalhei um pouco, e os resultados não são ruins para apenas uma semana, considerando-se as terríveis condições de trabalho. Não me importo de morar com o missionário, especialmente porque sei que vou ter de pagar por tudo. Esse homem me enoja com essa "superioridade" [branca] dele etc. Mas devo admitir que esse trabalho de missionário inglês tem lá seus aspectos favoráveis. Se esse homem fosse um alemão, sem dúvida seria absolutamente detestável. Aqui as pessoas são tratadas com uma decência e uma liberalidade razoáveis. Até o missionário joga críquete com elas, e não se nota que ele as trata muito mal. — Como a vida de um homem é diferente do que ele imagina! A ilha é vulcânica, cercada de recifes de coral, sob um céu eternamente azul, e em meio a um mar cor de safira. Há uma aldeia papua bem ao lado da praia, juncada de barcos. Para mim, a vida entre alamedas de palmeiras é um perpétuo feriado. Foi a impressão que tive ao olhar do navio. Tive uma sensação de alegria, liberdade, felicidade. Mas, depois de alguns dias dessa vida, eu já estava fugindo dela para a companhia dos esnobes londrinos de Thackeray, seguindo-os avidamente pelas ruas da cidade grande. Desejei estar no Hyde Park, em Bloomsbury — chego a gostar de ver os anúncios nos jornais de Londres. Sou incapaz de me deixar absorver pelo meu trabalho, de aceitar meu cativeiro voluntário e tirar dele o melhor proveito. Agora, vamos aos eventos destas duas últimas semanas.

Port Moresby. Minha última anotação foi de domingo, 27 de setembro. Eu estava sob o encantamento de Tunnell, que havia lido horas a fio. Prometi a mim mesmo que não leria romances. Durante alguns dias cumpri o juramento. Depois caí em tentação. A coisa mais importante naquela semana foi minha expedição para Laloki [uma aldeia próxima a Port Moresby]. Convidado pelo governador para jantar na terça-feira — a srta. Grimshaw e a sra. De Righi estavam lá. Planejamos partir na quinta, ou o mais tardar na sexta. Todo esse tempo eu tive pouca oportunidade de trabalhar com Ahuia, pois ele estava ocupado com o julgamento de Burnesconi, que havia enforcado um nativo durante cinco horas. Não guardo uma recordação cla-

*Um "cozinheiro" motuano de Elevala, que ia com Malinowski a Mailu e atuava como seu intérprete.

**Provavelmente Robert Hunter, que acompanhou a expedição de Armit-Denton, na década de 1880.

ra daqueles dias; só sei que não estava me concentrando muito bem. Ah! sim, eu me lembro: na quarta-feira, jantar na casa de Champion; antes disso, uma visita ao missionário. No domingo anterior, fui almoçar com o governador, o capitão Hunter estava lá e eu li Barbey d'Aurevilly. Ahuia não estava em casa. Fui ver O'Malley; depois fui ao missionário, que me levou para a cidade de barco. Lembro-me daquela tarde; a noite estava caindo na aldeia; o motor agitava-se e gemia de forma instável sob nós; estava frio, e o mar bastante pesado respingava a valer. Na quarta me senti muito mal; tomei uma injeção de arsênico e tentei descansar um pouco. Na manhã de quinta-feira Murray me mandou um cavalo com Igua e Douna, que nos encontraram na aldeia; saí cavalgando por trás da sede da missão por um vale coberto de pomares e hortas, passando por numerosos grupos de nativos a trabalhar nos campos ou voltando para a aldeia. Perto da fonte há um desfiladeiro do qual se descortina uma belíssima vista que se estende até o mar. Cavalguei pelo vale — no sopé do morro um pequeno *bosque* com uma sombra maravilhosa; senti desejo de ver vegetação tropical. Depois, mais adiante, desci o vale sob um calor escaldante. Os mesmos *arvoredos* secos; pequenas cicas e pandanos — as primeiras lembram fetos, os últimos têm fantásticas cabeças felpudas [...] — eles atenuam a monotonia longe de ser exótica dos eucaliptos ressecados. O capim está seco, cor de bronze. A luz forte penetra em toda a parte, dando à paisagem uma aridez e uma sobriedade estranhas, que, no final, se tornam muito cansativas. Aqui e ali pontos de um verde mais verde sempre que se aproxima uma zona de maior umidade — um regato seco — ou se encontra um solo melhor. O *riacho* Vaigana serpeia através da planície crestada como uma cobra verde, cortando um trecho de vegetação luxuriante. Hora do almoço; Ahuia me deu algumas informações sobre as fronteiras dos diversos territórios. Continuamos cavalgando (depois de tirar duas fotos) pela planície. Ahuia me mostrou a linha de demarcação, a fronteira entre dois territórios; é uma linha reta, sem nenhuma base natural. Subimos um morro. Fui até o topo com Ahuia e desenhei um mapa — ele fez um esboço. Diante de mim estava a planície atravessada pelo riacho Vaigana, em direção aos pântanos ressecados à direita, tendo atrás dela os Morros Baruni. Ao longe, uma cadeia de morros se estendendo direto até a baía de Port Moresby. Tive um enorme trabalho para fazer o mapa direito. Descemos cavalgando ao longo de um vale estreito. À esquerda estavam campos de capim alto cor de bronze que se tornava rubro e violeta, ondulando e tremeluzindo ao sol como veludo acariciado por mão invisível. Ahuia organizou uma pequena caçada. Entramos na mata de Agure Tabu — um regato escuro arrastando-se como uma lesma entre as árvores; vi um sagüeiro pela primeira vez. A. me contou que se diz uma oração nessas ocasiões, e que é perigoso beber dessa água ou comer do fruto do sagüeiro ou de outras plantas que crescem aqui. Chegamos a um bosque que se estende em uma faixa estreita por ambos os lados de Laloki. Havia monumentais árvores (*ilimo*) — sobre suas bases muito amplas elas se elevam a alturas prodigiosas — e magníficas trepadeiras... Atravessamos o vau com altos juncos. Depois, na margem oposta, cavalgamos por uma trilha margeada por árvores altas, trepadeiras e arbustos. À minha direita estava o rio; à minha esquerda, volta e meia, se viam jardins. Um pequeno povoado à margem do rio com quatro casinhas em torno de uma clareira de terra seca e lisa. No meio se encontrava uma pequena árvore com frutinhas roxas, tingindo-se de um maravilhoso escarlate. Alguns nativos; crianças vagando na praça entre porcos. Caminhamos por um jardim onde se cultivavam bananas, tomates e tabaco, e voltamos ao rio. Ali A. estava espreitando um crocodilo — em vão. Voltei caminhando ao longo da margem, as inflorescências afiadas dos ramos de cinchona a me rasgar os sapatos. Em casa, sentei-me e conversei com Goaba e Igua.

No dia seguinte (sexta-feira), levantei-me cedo, mas tarde demais para ouvir o discurso e o grito que marcavam o início da caçada. Fui com A. para o outro lado do rio, onde nativos de Vabukori estavam sentados. Ah! sim, eu havia estado lá na noite anterior. Em uma plataforma, cangurus pequenos estavam sendo defumados sobre uma fogueira. Cama de folhas secas de bananeira, gravetos sobre suportes para apoiar a cabeça. As mulheres cozinhavam em latas de óleo. As plataformas construídas às pressas que servem de copa e despensa são

interessantes. Tirei uma foto de algumas plataformas com cangurus. O governador chegou. Fotos de caçadores com redes, arcos e flechas. Caminhamos através de uma plantação, depois através do capim, em torno da aldeia, pela mata, passamos por um lago com lótus violeta. Paramos à beira dos bosques; fui direto até as redes e sentei-me com dois nativos. As chamas não eram tão belas quanto as da fogueira dos caçadores que eu havia visto antes; não restava muita coisa dela, na maior parte uma grande quantidade de fumaça. O vento soprou diante do fogo, e se ouviu uma forte crepitação. Um canguru pequeno caiu na rede, derrubou-a e fugiu para o bosque. Eu não consegui fotografá-lo. Um foi morto à nossa direita. A. matou um *boroma*. Voltamos passando pela área crestada. Um calor e uma fumaça inacreditáveis. Almoço com o governador e a sra. D. R.; conversa sobre esportes. Eles saíram cedo, às duas. Eu fiquei. Depois, para a cama...

Na manhã seguinte (sábado) levantei-me bastante tarde e fui com Goaba e Douna até os jardins. Observei a colheita e a embalagem das bananas, depois a perseguição de um [veado]. Sesta à sombra de uma mangueira; tirei fotos de algumas mulheres. Almocei (mamão); dormi. Depois me banhei no rio — muito gostoso — e a seguir caminhei pelo bosque. Maravilhosos recantos e retiros naturais. Um enorme tronco de árvore tinha suportes como esteios — um *ilimo*. Chegamos a uma clareira onde um grupo de nativos estava sentado cortando carne de canguru e assando-a. Primeiro eles abrem a barriga e retiram [as vísceras]; depois assam o animal com pele e tudo. Uma fumaça amarela se ergueu no ar e se dirigiu para a floresta. Voltamos, ouvimos cangurus fugindo. A. já de volta. Conversamos (no dia anterior havíamos falado sobre brincadeiras infantis, mas infelizmente não fiz anotações).

No domingo, começamos cedo a viagem de volta, seguimos pelo caminho pelo qual havíamos vindo, até o vau, depois pegamos um atalho por Agure Tabu e seguimos a pé um longo trecho de planície, até um outeiro coberto de cinzas, um pouco parecido com um [*muro*]. No sopé dele descrevemos outra volta onde pudemos ver plantações no local onde cultivam cânhamo mexicano (*sisal*). Fiz um novo esboço, do alto de uma pequena colina. Uma bela vista das montanhas, do penhasco de Hornbrow e do Monte Lawes. Subitamente me senti muito cansado. Continuei cavalgando, a cochilar tranqüilamente. A. atirou e matou um canguru. Quando chegamos a Hohola eu estava muito cansado. Horrivelmente aborrecido com o fato de que o aparelho N&G estava enguiçado. Pegamos declarações do intendente de Hohola (chefe da *iduhu* Uhadi) sobre as condições que antes prevaleciam entre os koitapuasans. Durante o restante do caminho para casa tudo decorreu como antes. Em Port. Moresby encontrei um convite para o chá enviado pela sra. Dubois, cujo marido (um francês) me parece inteligente e agradável; conversamos sobre a língua motu. Passei a noite em casa.

Segunda, 5 de outubro, trabalhei com A. e telefonei para o Murray. Não fui visitá-lo senão na quarta (?). Momentos de grave colapso moral. Tornei a entregar-me à leitura. Acessos de desânimo. Por exemplo, ao ler Candler sobre a Índia e sua volta a Londres, fui acometido por uma saudade de Londres, de *N.*, da minha vida lá no primeiro ano, em Saville St., e depois em Upper Marylebone St. Vejo-me a pensar em *T.** com freqüência, com muita freqüência. O rompimento ainda me parece extremamente doloroso, uma transição súbita da luz resplandecente para uma sombra profunda. Na imaginação, passo e repasso os momentos em Windsor e depois da minha volta, minha certeza completa e sentimento de segurança. Meus planos sérios, feitos diversas vezes, de viver para sempre com ela. O rompimento efetivo — a partir de sábado, dia 28.3, até quarta, 1.4, e depois minha hesitação — noite de quinta, sexta, sábado, andando em círculos — tudo volta, dolorosamente. Ainda estou apaixonado por ela. Também fico me lembrando das últimas vezes depois que voltei da Cracóvia.

Raramente penso na guerra; a falta de detalhes dos relatórios torna fácil encarar com leveza todas as coisas. De vez em quando me dedico à arte da dança, tentando instilar o tango na mente e no coração da srta. Ashton. Belas noites enluaradas na varanda da casa do sr. e

*Estas iniciais no original manuscrito são, na realidade, um *n* e um *t* dentro de um círculo. Iniciais itálicas são empregadas no livro inteiro para indicar esse símbolo.

sra. McGrath — sinto antipatia por essas pessoas medíocres que são incapazes de encontrar um lampejo de poesia em certas coisas que me enchem de exaltação. Minha reação ao calor é variada: às vezes sofro bastante — porém não tanto quando no "Orsova"* ou em Colombo e Kandy. Outras vezes suporto muito bem. Fisicamente não sou muito resistente, mas do ponto de vista intelectual não sou tão obtuso. Em geral durmo bem. Tenho bom apetite. Há momentos de exaustão, do mesmo modo que na Inglaterra; mesmo assim, sinto-me decididamente melhor do que naquele verão quente, na época da coroação.

Um dia típico; levanto-me tarde de manhã e me barbeio; vou tomar o desjejum com um livro na mão. Sento-me diante de Vroland e Jackson. Preparo-me e me dirijo a C[entral] Court; com Ahuia, ao qual dou cigarros. Depois almoço; faço uma sesta; a seguir, vou para a aldeia. À noite, fico em casa. Nunca estive em Hanuabada ao cair da noite. Lá atrás, acima dos morros, através das palmeiras, o mar e o céu resplandecem de reflexos vermelhos, em meio a sombras cor de safira — este é um dos momentos mais agradáveis. Sonho em me estabelecer definitivamente nos Mares do Sul; como vou reagir a tudo isso depois que tiver voltado para a Polônia? Penso no que está acontecendo aqui agora. Em mamãe. Autocensura. Ocasionalmente penso em Staś, com uma amargura cada vez maior, sentindo saudades dele. Mas estou feliz por ele não estar aqui.

Sexta, 9 de outubro, ao anoitecer saí para uma curta caminhada — queria visitar o Dr. Simpson, quando o "Wakefield" aportou. Tive de me recompor e me preparar para minha partida. (Ah! sim, também deixei de mencionar o tempo enorme por mim desperdiçado como fotógrafo amador.)

No sábado fui almoçar no Palácio do Governo, onde conversei sobre uma carta a ser escrita a Atlee Hunt.** Tarde na aldeia.

Domingo, 11. Já de malas prontas; cheguei tarde à casa de Ahuia e com ele fui procurar o missionário; voltei a pé. Na segunda passei

*Talvez uma referência a sua viagem à Austrália, por via de Suez e ao Mar Vermelho, no verão de 1914.

**Atlee Hunt, C.M.G, secretário do Departamento de Assuntos Domésticos e dos Territórios da República da Austrália, que colaborava na obtenção de fundos de seu departamento para ajudar Malinowski em seu trabalho de campo.

o dia inteiro fazendo as malas, enviando coisas para o "Wakefield", indo ao banco, escrevendo cartas etc. À tarde, fui ao Palácio do Governo, onde tornei a ver o governador Murray. Visitei o missionário. Depois voltei para casa com Igua. Terminei de embalar as coisas. Noite a bordo do "Wakefield".

Terça, 13 de outubro. Zarpamos pela manhã. O ar não estava muito límpido, e as montanhas distantes apareciam apenas como silhuetas. Ao nos aproximarmos, a paisagem ficou mais nítida. Aldeias: Tupuseleia etc. Em Kapakapa, desembarquei. Durante toda a viagem me senti um pouco indeciso, de nariz metido nos contos de Maupassant. As pequenas casas de Kapakapa ficam a distância no mar, sobre muitas pilastras resistentes. Os telhados formam uma linha contínua com as paredes, de maneira que a forma das casas é a mesma das aldeias como Mailu. Cada clã ocupa um grupo separado de casas. Na praia, apreciei a vista do mar aberto, além do recife, da qual sentia tanta falta em Pt. Moresby. Seguimos viagem — as planícies recobertas de pandanos e mato seco —, de longe vi coqueirais — Hulaa. Lançamos âncora; um maravilhoso pôr-do-sol, um sentimento de desamparo. Na segunda manhã só me levantei quando chegamos a Kerepunu. O estuário é lindo, com um vasto panorama de montanhas que adentram o interior. De ambos os lados, uma praia coberta de areia com belas palmeiras. Algumas pessoas subiram a bordo; um homem idoso e meio cego, comerciante local, insistiu que visitasse o lugar um dia. Navegamos para além do recife de coral. Mar revolto; me senti péssimo. Só comecei a melhorar quando chegamos a Aroma. Desembarquei ali e olhei a pequena aldeia. As casas eram incomparavelmente mais bem construídas que em Hanuabada; a plataforma é feita de fortes e largas tábuas. Entra-se na casa em si por um buraco no piso. A aldeia é circundada por uma cerca ou, melhor dizendo, uma paliçada. — Além de Aroma, entramos na zona de chuvas. Ao nos aproximarmos de Vilerupu (ou seria Belerupu) — uma região maravilhosa, com manguezais de um verde intenso, baías profundas com fiordes salientes, a aldeia muito bem situada sobre um morro, altas montanhas mais ao longe —, tudo isso forma um todo magnífico. Desembarquei com o comerciante, atravessei para o outro lado em um barco nativo. Ali conversei com um

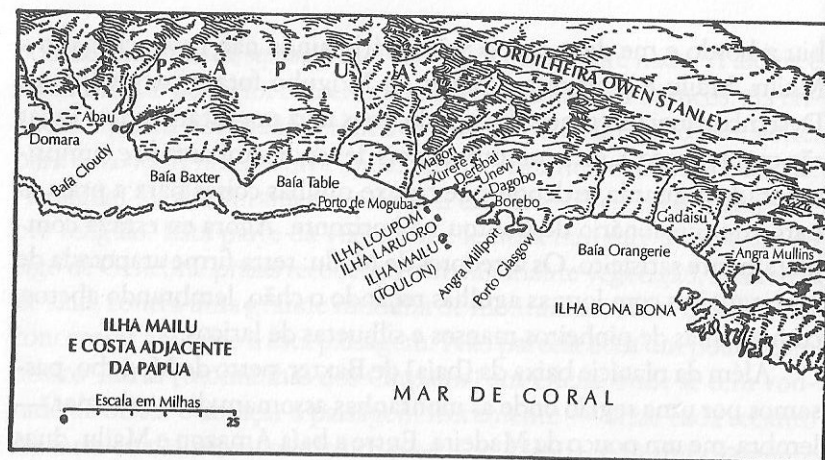
policial [atacado de *sepuma*] que não sabia nada sobre nada. A aldeia é inteiramente nova; foi construída sob a influência dos brancos. As crianças fugiram e se mantiveram a distância. Bebi água de coco e voltei para o navio. A noite estava linda. No dia seguinte, deixamos o fiorde. A viagem foi absolutamente calma; li um livro da srta. Harrison* sobre religião. Esta parte da viagem me lembra bastante a travessia do lago de Genebra: praias recobertas com luxuriante vegetação, saturadas de azul, contra uma grande muralha de montanhas. Não consegui me concentrar em meio a esta paisagem. Não parecia nem um pouco com nossos Tatras [montanhas dos Cárpatos] em Olcza, onde se tem vontade de deitar e abraçar a paisagem fisicamente — onde cada recanto sussurra com a promessa de um pouco de felicidade misteriosamente experimentada. Aqui os maravilhosos abismos de vegetação são inacessíveis, hostis, estranhos ao homem. O manguezal incomparavelmente belo é de perto um pântano infernal, fedorento e escorregadio, onde é impossível caminhar três passos através do espesso emaranhado de raízes e lama macia; onde não é possível tocar nada. A selva é quase inacessível, cheia de todos os tipos de sujeira e répteis; abafada, úmida, cansativa — com enxames de mosquitos e outros insetos abomináveis, sapos etc. *"La beauté est la promesse de bonneheur"*[*sic*].

Não me lembro do cenário entre Belerupu e Abau. Abau em si é maravilhosa — uma ilha bastante alta, pedregosa, com vista para uma baía larga, uma lagoa, cercada de todos os lados por manguezais. Mais adiante, muralhas de montanhas se erguem uma atrás da outra, cada vez mais alto, e a cordilheira principal domina todas as outras. Armit [juiz residente de Abau] é cordial, descontraído, não é refinado demais, um sertanejo brincalhão. Conversei com ele pela primeira vez em sua casa. Escalamos o morro e depois conversamos com prisioneiros... Dormi bem. De manhã subi a bordo do navio. O engenheiro me alertou para insistir em desembarcar em Mailu. Fiz isso; deixei meu posto na ponte de comando e — *que vergonha!* — estávamos exatamente entrando em Mogubo [Point] quando vomitei. O Comendador De Moleyns su-

*Jane Ellen Harrison, arqueóloga inglesa e estudiosa dos clássicos, autora de *Prolegomena to the Study of Greek Religion* (Introdução ao estudo da religião grega), *Ancient Art and Ritual* (Arte e ritual antigos) e outras obras de grande repercussão.

biu a bordo e me disse que o missionário ainda não havia chegado a Mailu. Mailu e a viagem a partir de Mogubo foram maravilhosas. Desembarquei um tanto aborrecido, mas feliz por estar em um lugar tão maravilhoso. Cinco minutos depois de ter desembarcado e cumprimentado o guarda, e depois que trouxe minhas coisas para a praia, o barco do missionário despontou no horizonte. Agora eu estava completamente satisfeito. Os arredores de Mailu: terra firme atapetada de tamargueiras com longas agulhas roçando o chão, lembrando abetos, com agulhas de pinheiros mansos e silhuetas de lariços.

Além da planície baixa da [baía] de Baxter, perto de Mogubo, passamos por uma região onde as montanhas assomam direto do mar — lembra-me um pouco da Madeira. Entre a baía Amazon e Mailu, duas ilhas de coral com praias arenosas, cobertas de palmeiras, brotam da água como uma miragem no deserto. Mailu em si é bastante alta (à primeira vista); os morros são cobertos de gramíneas, sem árvores, escarpados, com cerca de 150m de altura [500 pés]. No sopé deles encontram-se baixios cobertos de palmeiras e outras árvores. Há uma árvore estranha com folhas largas, cujo fruto tem o formato de uma lanterna chinesa. Meus companheiros de viagem do "Wakefield" foram o capitão, um alemão troncudo com uma grande pança, cruel, continuamente injuriando e maltratando os papuas; o engenheiro, um escocês vulgar, arrogante e rude; McDean, um inglês de olhos apertados, alto e belo, que amaldiçoa os australianos e adora os papuas, mas no todo aceitável e um tanto mais culto que a média; Alf[red] Greenaway, um quacre idoso e afável — agora realmente lamento não o ter conhecido melhor, ele me teria sido de muito maior valia do que esse estúpido Saville.* O capitão Small, o mais razoável de todos, com uma variedade de interesses artísticos, bem-educado — infelizmente parece ser um alcoólatra. Eu já estava farto de todos eles, principalmente do capitão e do engenheiro. De Moleyns, filho de um lorde, beberrão e canalha requintado, e certamente de sangue azul.

*W. J. V. Saville, missionário da Sociedade Missionária de Londres, então trabalhando em Mailu. Sua "Gramática da língua Mailu, de Papua" havia sido publicada no *Journal of the Royal Anthropological Institute* em 1912.

Diário das minhas experiências em Mailu: sexta, 16 de outubro. Depois de me encontrar com a sra. S[aville], que me recebeu de forma bastante vaga, cumprimentei S[aville], que vi através das lentes róseas de meus sentimentos apriorísticos. Ele generosamente me convidou para passar a noite e tomar minhas refeições em sua companhia, e isso o tornou mais atraente para mim. À tarde fui à aldeia e aos jardins com um guarda; assisti ao culto da noite e, apesar do efeito cômico dos salmos sendo recitados numa língua selvagem, consegui suportar de bom grado aquele ridículo embuste. Passei a noite na companhia deles.

Sábado, 17 de outubro. Pela manhã, S. me levou para percorrer a ilha — ao mastro da bandeira, até a aldeia, depois aos jardins, atravessando os morros até o outro lado, onde recebemos cocos, e eu observei a confecção de *toea* (braceletes). Depois contornamos o promontório e seguimos ao longo da praia da missão. Depois do jantar li um pouco — ainda não tinha trabalhado nada, esperando a ajuda que S. me havia prometido.

Desperdicei todo o dia de sábado, 17 e domingo, 18, esperando Saville e lendo *Vanity Fair*, e, no meu desespero — ofuscação completa, eu simplesmente me esqueci de onde estava. Havia começado a ler *V. F.* em Zakopane, tendo-o tomado emprestado a Dziewicki naquela primavera em que passei seis dias lá em maio; Staś estava na

Bretanha, eu estava passando uma temporada com os Taks. Porém, o destino de Becky Sharp e Amelia não despertou minhas lembranças dos velhos tempos. Aquele período ficou completamente nebuloso para mim. Na manhã de segunda-feira (dia 19) falei com S. sobre os termos de minha vida ali e fiquei extremamente aborrecido com a rudeza com que ele tratou do assunto. Muitíssimo decepcionado com a falta de amabilidade e de interesse dele, e, daquele momento em diante, *isso*, combinado com a atitude de indiferença de S. para com o meu trabalho, o tornou odioso para mim. — Ah! sim, na noite de domingo saí de barco para o pequeno vapor, manejei mal os remos e caí na água. Talvez tenha corrido um risco maior do que parece. Consegui subir no barco virado, e depois a lancha me salvou. Quando voltei, estando ainda (interiormente) com um bom relacionamento com os S's, troquei de roupa e tratei o acontecido como uma piada. Meu relógio de pulso e alguns objetos de couro que estavam no meu bolso foram irremediavelmente danificados.

Na segunda-feira, fui para a aldeia e tentei fazer algumas investigações, com grande dificuldade. Ressentimentos contra S. Na noite de segunda-feira, um conclave de anciãos na Casa da Missão. Na noite de terça observei as danças. Fiquei extremamente impressionado. Numa noite escura, sem luar, à luz das fogueiras, uma multidão de selvagens, alguns enfeitados com penas e braceletes brancos, todos se movimentando ritmicamente.

Na quarta de manhã coletei material sobre as danças. Foi mais ou menos nessa época que li *Romance*. O espírito sutil de Conrad transparece em algumas passagens; no frigir dos ovos, um romance "mais espasmódico do que interessante", no sentido mais amplo. — Ainda penso em *T*. e ainda estou apaixonado por ela. Não é um amor desesperado; o sentimento que eu tinha perdeu o valor criativo, o elemento básico do ser, como aconteceu com *Z*. É a magia do corpo dela que ainda me inunda, e a poesia de sua presença. As areias da praia de Folkestone e o frio e penetrante fulgor daquela noite. Lembranças de Londres e Windsor. Minhas recordações de momentos desperdiçados — quando estávamos chegando a Paddington ou quando perdi uma oportunidade de passar uma noite com ela, por ter ido à Escola

de Economia — constituem inúmeros golpes no meu coração. Todas as minhas associações levam a ela. Além disso, tenho momentos de melancolia generalizada. Temas de caminhadas com Kazia e Wandzia, lembranças de Paris e elementos da França, que adquiriram um encanto indescritível para mim em razão de alguma associação misteriosa com *T.*, talvez lembranças de *Z.*, da viagem diurna através da Normandia e daquela noite entre Paris e Fontainebleau — lembranças da última noite com August Z. em Varsóvia, a caminhada com a srta. Nussbaum. Afinal, começo a sentir um desejo profundo e forte por [mamãe] no íntimo do meu ser.

Decidi registrar diariamente minhas atividades.

29.10. Na manhã de ontem me levantei bastante tarde; eu havia contratado Omaga [informante mailu e delegado da aldeia], que me esperou sob a varanda. Depois do desjejum fui até a aldeia onde Omaga me encontrou perto de um grupo de mulheres que faziam utensílios de cerâmica. Minha conversa com ele foi um tanto insatisfatória... [no] meio da rua uma mulher estava desenhando. Papari* se reuniu a nós; conversamos outra vez sobre os nomes dos meses, que Papari não sabia. Fiquei desanimado. Depois do jantar li *The Golden Legend* (A lenda dourada), depois tirei um cochilo. Levantei-me às 4, dei um mergulho no mar (tentei nadar), tomei chá; por volta das cinco fui para a aldeia. Conversei com Kavaka sobre os ritos fúnebres; sentamo-nos sob palmeiras na extremidade da aldeia. No serão, falei com Saville sobre a costa meridional da Inglaterra de Ramsgate a Brighton. Isso me afetou. Cornuália. Devonshire. Digressão sobre as nacionalidades e caráter da população (nativos de Cornuália, Devonshire e os escoceses). Fiquei deprimido. Li algumas páginas do *Vlad Bolski* de Cherbuliez** — um esboço de uma mulher espiritualmente inusitada; ela me lembrou Zenia. Entusiasmado, cantarolando de boca fechada uma melodia, caminhei até a aldeia. Conversa relativamente frutífera com Kavaka. Assisti a danças encantadoramente poéticas e escutei música de Suau [uma ilha a leste]. Um pequeno círculo de dançarinos; dois dançarinos de frente um para o outro com tambores erguidos. A melodia me lembrou dos lamentos de Kubain. Voltei para casa, onde matei o tempo folheando a revista *Punch*. Visão de *T.* Ocasionalmente penso em Staś com um verdadeiro sentimento de amizade; principalmente a melodia que ele compôs no caminho para o Ceilão.

*Papari era chefe do subclã Banagadubu, homem capaz de prever o tempo; Malinowski o considerava um amigo e um cavalheiro.

**Victor Cherbuliez (1829-1899), *L'aventure de Ladislaus Bolski* (A aventura de Ladislaus Bolski).

29.10. (Escrito no dia 30 à tarde.) Levantei-me antes das 8 da manhã e escrevi no diário. Estava ocupado escrevendo quando S. me trouxe a correspondência. Cartas de *N.* (5) e várias da Austrália. Cartas encantadoras, carinhosas, dos Mayo e [Le Sones] me deixaram realmente feliz. Também uma carta extremamente agradável da sra. Golding. A carta de Staś me aborreceu profundamente. Ao mesmo tempo me censurei por não ter procedido de uma maneira absolutamente irrepreensível, e senti profundo ressentimento e ódio pelo comportamento dele em relação a mim. Meu sentimento por ele foi quase totalmente arruinado pela sua carta. Quase não vejo possibilidade de reconciliação. Também sei que, por mais faltas que eu tenha cometido, ele foi muito desumano para comigo; durante todo o tempo teve atitudes e ares de uma grandeza paranóica e moralizando em tons de sabedoria profunda, madura e objetiva. Não houve um só resquício de amizade na conduta dele para comigo. — Não, objetivamente, na balança do certo e do errado, o prato dele pesa mais... estou horrivelmente deprimido e desanimado pela derrocada de minha mais essencial amizade. A primeira reação de me considerar responsável por tudo predomina, e me sinto *capitis diminutio* — um homem inútil, de valor reduzido. Um amigo não é só uma quantidade adicionada, é um fator, multiplica nosso valor individual. Infelizmente, a responsabilidade do rompimento está antes de mais nada no orgulho inflexível dele, na sua falta de consideração, na sua incapacidade de perdoar os outros por qualquer coisa, embora ele consiga se perdoar um bocado. — Depois leio as cartas de *N.*, que são meu único vínculo com o passado, e o *Times*, que a sra. Mayo me enviou. Visitei a aldeia deprimido. Conferência com Kavaka na casa

dele, sobre os ritos fúnebres; análise da pá de sagu. À tarde comecei a ler *Bolski* e só larguei o livro às cinco. Fui à aldeia durante meia hora, me sentindo muito deprimido por causa do romance e da carta de Staś. À noite me senti muito perturbado; no entanto, fiz planos de acampar com S[aville] e fui à aldeia procurar Kavaka e Papari. Após longas conferências despedi-me deles e voltei para casa. Afinal, o mistério dos nomes dos meses está sendo esclarecido. Fui dormir sem leitura.

30:10. Levantei-me muito tarde, às 9, e fui direto tomar o café da manhã. Depois do desjejum li alguns números de *Punch*. A seguir, fui para a aldeia. Com Kavaka as coisas foram muito mal, por algum motivo ele estava fazendo corpo mole, de má vontade, e eu também não estava em boa forma. Durante o almoço conversei com S. sobre questões etnológicas. Depois dei uma rápida olhada nos jornais. Fiz uma caminhada. Conversei um pouco mais sobre etnologia e política com S. Ele é liberal — imediatamente descobri um lado dele que me agrada.

Derebai [uma aldeia em terra firme], 31.10. Depois escrevi meu diário e tentei sintetizar meus resultados, revisando *Notes and Queries*.* Preparativos para a excursão. Jantar, durante o qual tentei conduzir a conversa para assuntos etnológicos. Depois do jantar, uma conversa rápida com Velavi. Li mais um trecho de N&Q e carreguei a câmera. Depois segui para a aldeia; a noite enluarada estava clara. Não me sentia muito fatigado, e gostei da caminhada. Na aldeia dei a Kavaka um pouco de tabaco. Depois, como não havia dança nem assembléia, fui até Oroobo pela praia. Maravilhoso. Foi a primeira vez que eu vi essa vegetação ao luar. Estranha e exótica demais. O exotismo transparece ligeiramente através do véu das coisas familiares. Um clima tirado do cotidiano. Um exotismo forte o suficiente para estragar a percepção normal, mas fraco demais para criar uma nova categoria de clima. Entrei no arvoredo. Por um momento fiquei assustado. Tive de me recompor. Tentei examinar meu próprio coração. — Qual é minha vida

*_Notes and Queries on Anthropology_ (Anotações e dúvidas sobre antropologia), 4ª ed., Londres, 1912.

interior? — Não havia motivo para eu estar satisfeito comigo mesmo. O trabalho que estou fazendo é uma espécie de narcótico em vez de uma expressão criativa. Não estou tentando vinculá-lo a fontes mais profundas. Organizá-lo. Ler romances é simplesmente desastroso. Fui para a cama e pensei em outras coisas de modo impuro.

31.10. De manhã S. me acordou. Levantei-me e me vesti bem a tempo para o desjejum. Depois o desjejum, fazer as malas, e a partida. O mar estava coberto de bruma, a terra assomando por trás dela. A lancha jogava muito. Minha cabeça estava confusa. Aproximamo-nos de montanhas magníficas cobertas de um manto luxuriante de vegetação. Fiordes, vales, penhascos românticos erguendo-se acima do mar. Uma aldeia na extremidade de uma pequena baía. Acima dela, morros cobertos por uma mata. — Sentei-me numa varanda. As buganvílias resplandeciam contra um fundo verde, o mar verde emoldurado entre coqueiros.

(Estou terminando esta anotação em Mailu, no dia 2 de novembro.) Levei Igua e Velavi e entrei na aldeia. Antes disso ouvi S. conversando disfarçadamente com um professor nativo, e escutei seus vitupérios contra o guarda. Meu ódio pelos missionários aumentou. A aldeia é mal-construída. As casas estão em duas fileiras irregulares, formando uma rua nem tão bonita nem tão reta quanto em Mailu. No meio, um símbolo de tabu, um portão adornado com folhas secas e conchas brancas no alto. Tentei aprender algo, colher informações — nada deu certo. Pela primeira vez fui recebido com risos. Caminhei pela aldeia com um sujeito gozador chamado Bonio. Encontrei-me por acaso com Saville, que estava tirando fotos. A única casa decente, com crocodilos esculpidos no teto da varanda, pertence ao guarda. Voltei para o almoço. Depois tirei um cochilo na igreja — não foi lá uma soneca muito boa. Fui olhar o jardim com Igua, Velavi, Bonio e o sujeito com *sepuma*. Caminhamos pela selva: árvores gigantescas com "contrafortes", emaranhados de cipós. A floresta não é tão escura e úmida quanto a de Orauro (a lavoura da missão onde eu havia ido com S.). Perguntei os nomes das árvores e seus usos. Um pequeno bananal. Aqui e ali se podiam ver as encostas verdes dos morros circundantes, mas o resto estava inteiramente coberto pelo matagal. Atravessamos um riacho lamacento. Um jardim

em uma encosta. Parei para descansar quando chegamos a um pequeno trecho queimado. Estava quente e muito úmido, eu me sentia muito bem. Comecei a escalar através do jardim malcuidado e das veredas bloqueadas. Vagarosamente uma vista se descortinou: um dilúvio verde; uma ravina íngreme coberta de mato; uma vista bastante estreita para o mar. Perguntei sobre a divisão da terra. Teria sido útil descobrir qual era o velho sistema de divisão e estudar o atual como uma forma de adaptação. Eu estava muito cansado, mas meu coração estava bem, e eu não perdi o fôlego... O pequeno vale é coroado por um morro do qual eu já havia visto a aldeia — é mais ampla e desmazelada do que parecia. Subi e apreciei a vista de ambos os lados e do mar. Descemos para o outro lado; fragrância maravilhosa; bela vista do anfiteatro natural das montanhas — coroado pelo Derebaioro [Monte Derebai]. Meus pés ficaram dormentes, eu mal podia andar. Assim que descemos, atravessamos um bosque encantador. Atravessei o rio carregado. Na aldeia [...], sentei-me à beira-mar. Ceei; muito cansado; quadro bonito de crianças fazendo fogueiras ao luar. Dormi mal, pulgas.

1.11. Pela manhã fui à aldeia, onde encontrei porcos. Pensei sobre a irracionalidade de proibir os porcos e a injunção de concentrar as aldeias; sobre as sugestões que gostaria de fazer ao governador, sobre a excursão com Ahuia. Estava cansado, mas não muito. Fui de barco até Borebo [aldeia em uma baía rasa a oeste da angra Millport]. A bruma tornou impossível admirar a vista. Fui até a aldeia, até o *dubu*. Colhi informações que aqui surgiram tão rápido quanto eu podia obtê-las. Voltei para jantar. Depois não dormi. Tirei quatro fotos. Em seguida fui até a aldeia e colhi material. Nativos muito inteligentes. Não me ocultaram nada, não mentiram. Caminhei com prazer até (Dagobo) Unevi [ambas são aldeias vizinhas]. Ah! — maravilhosa paisagem que admirei: rochas de cores vivas sobressaindo da vegetação. Um vale profundo com torres fantásticas. A estrada para (Dagobo) Unevi era maravilhosa. Palmeiras, bosques cerrados, manguezais próximos ao mar; pequenos penhascos do outro lado. A aldeia é pequena e miserável; *não** construída em duas

*Grifado no original.

fileiras. (Ah! sim, Borebo é bastante castigada pela pobreza, mas tem cinco portões de *tabu*, *dubu* no meio da rua e cada *aura* tem seu próprio *dubu*.) O pequeno anfiteatro natural de Unevi é magnífico; cômoros terminando em forma de torres e cobertos de vegetação; entre eles um vale estreito, terminando em uma parede perpendicular, pela qual uma cascata despenca no verão. Voltei de canoa, bendizendo as maravilhas da natureza. Senti-me cansado à noite, não tive vontade de ir à aldeia. Cochilei durante as preces; fui dormir. O dia inteiro havia sido passado em harmonia com a realidade, ativamente, sem acessos de melancolia. A costa coberta de altas palmeiras, que se curvavam como girafas — forma uma linda moldura para a paisagem escarpada.

2.11. Levantei-me com enxaqueca. Caí numa concentração eutanásica no navio. Perda do subjetivismo e privação da vontade (sangue fugindo do cérebro?), viver apenas pelos cinco sentidos e o corpo (através das impressões) causa uma fusão direta com o ambiente. Tive a sensação de que o chocalhar do motor do navio era eu mesmo; sentia os movimentos do navio como se fossem meus — era *eu** que estava me chocando contra as ondas e as cortando. Não fiquei enjoado. Desembarquei alquebrado; não me deitei de imediato; tomei o café da manhã e dei uma olhada nos jornais com ilustrações sobre a guerra. Procurei alguma notícia da Polônia — nada. Muito cansado. Logo após o jantar, fui para a cama. Dormi das 2 às 5. Não me senti muito bem depois. Sentei-me à beira-mar — não tive acesso de melancolia. O problema de Staś me atormenta. Na verdade, a atitude dele para comigo foi inconcebível. Não houve nada de errado no que eu disse na presença de Lodge; ele estava errado em me corrigir. Suas queixas são injustificadas, e a forma pela qual ele se expressa impede qualquer possibilidade de reconciliação. *Finis amicitiae*. Zakopane sem Staś! Nietzsche rompendo com Wagner. Respeito a arte dele e admiro-lhe a inteligência, louvo-lhe a individualidade, mas não suporto o modo de ser dele.

*Grifado no original.

— Infelizmente, parei de manter o diário durante alguns dias. Voltei de uma excursão — na segunda — e tirei um dia inteiro de folga. Na terça, dia 3, não me senti muito bem, também. De manhã fui à aldeia e, não encontrando ninguém, voltei para casa furioso, com a intenção de rever minhas anotações, mas na realidade apenas li os jornais. No dia seguinte (dia 4) mandei Igua à aldeia para ver se havia algum informante. Outra vez ninguém estava lá. Fiquei em casa. *Não**, isso foi na quinta. Não me lembro da terça. De qualquer forma, na quinta eu soube que Greenaway havia chegado. Fui à aldeia e achei G. numa *oro'u* com um cortejo de nativos. Voltamos juntos para a missão. À tarde fomos para a aldeia, onde eu [me queixei] de *laura* e conversamos sobre roupas e outros detalhes. Na manhã seguinte (sexta, dia 6) fomos a Port Glasgow. Durante todo aquele tempo eu me senti meio mal. Li [*O conde de*] *Monte Cristo* sem parar. No caminho de Pt. Glasgow, não me senti muito bem — li o romance. Passamos por uma pequena ilha habitada, parecida com Mailu, depois por praias cobertas de vegetação. Eu estava indisposto demais para olhar, atolado com o tal romance ordinário. Nem mesmo no fiorde, onde o mar estava mais calmo, consegui voltar à realidade. Minha cabeça estava pesada — eu estava sonolento —, continuava lendo no barco, esperando o chá. Depois fui para a praia, desembarcando próximo ao paiol da lavoura. Algumas casas da aldeia tinham telhados côncavos, algumas tinham paredes sob o telhado, *não*** do tipo Mailu. Tentei reunir anciãos que falassem motu. Aproximou-se um senhor idoso com um expressão agradável e olhar límpido, repleto de tranqüilidade e sabedoria. De manhã, a coleta de informações se desenvolveu bem. Voltei, comi no navio e li. Por volta das 5, desembarquei e sentei-me à beira-mar, na sombra. A coleta de informações foi menos boa. O senhor começou a mentir sobre os enterros. Fiquei furioso, levantei-me e fui dar um passeio. Calor nebuloso e úmido; sagüeiros. Jardins; em toda a volta, acima das árvores, encostas e cimos de morros cobertos de bosques. Um

*Grifado no original.
**Grifado no original.

dilúvio de verdura. Uma encantadora caminhada que não fui capaz de apreciar. Comecei a subida — fascinante. Quente. Lindo *coup d'oeil* nas encostas. Fragrância ocasional maravilhosa; floração em alguma árvore. Profunda letargia intelectual; eu apreciava as coisas retrospectivamente, como experiências guardadas na memória, em vez de imediatamente, em razão de meu estado deplorável. Muito cansado na volta. Retornamos por um caminho ligeiramente diferente — senti-me nervoso; tive medo de ter perdido o caminho e isso me irritou. Noite sob palmeiras. Igua, Velavi; conversamos sobre os velhos costumes. Velavi abriu novos horizontes para mim: sobre *bobore*, sobre lutas etc. Dormi mal, um porco ficou me perturbando. Acordei sem ter restaurado as forças. Fui até a lancha e li *Monte Cristo*. Saville e Hunt apareceram. Continuei lendo. Fomos a Millport Harbor. Praias lindas com bosques, me lembraram Clovelly — mas que clima diferente! Não se podem experimentar aquelas coisas aqui. Entramos na maravilhosa [angra] Millport... Em seguida, contornamos até outra aldeia. Na volta, subimos até a casa antiga de Saville. Eu me senti horrível, e mal pude me arrastar. Vista esplêndida. A leste, praias cobertas por uma vegetação compacta cercam uma bacia um tanto encurvada; à direita, montanhas mais altas, debruçadas sobre a baía. Brisa intensa e fresca. No caminho de volta vomitei. Li no barco, depois, à noite, li e terminei o *Monte Cristo*, jurando que jamais voltaria a tocar num romance.

No domingo, dia 8, conversei com G[reenaway] pela manhã, depois fomos até a igreja, depois para a aldeia, onde estudamos a tatuagem das meninas. Depois voltamos. Haddon; encontro com toda a turma. Depois do jantar, fomos à aldeia juntos; antes disso, mostrei a Haddon minhas anotações. Na aldeia, Haddon e sua filha jogaram conversa fora; ele — [com] barcos, ela — cama de gato. Voltamos para casa — fonógrafo após o jantar. À noite, estrelas e órgão automático. — Na segunda, dia 9, Haddon e a família foram à plantação. Fui com G[reenaway] à aldeia. Cochilo à tarde — levantei-me tarde com G. em casa. À noite caminhei até a aldeia. Proibi o cântico de hinos, importunado por Haddon. Não houve danças. Voltamos. Eles jogaram bilhar. Contemplei as estrelas. — Na terça,

dia 10, com Haddon, fomos à aldeia. Falei com G., Puana e outros sobre ritos fúnebres e exorcismos. Voltamos para casa de barco. À tarde fui com G. até a aldeia, trabalhamos no barco. À noite conversei desnecessariamente com S. sobre os casamentos arranjados entre os papuas. Na quarta, dia 11, levantei-me tarde. Senti-me muito mal pela manhã. Tomei uma injeção de arsênico e ferro. Fiz as malas. À tarde fomos para a aldeia de bote. Partimos bem-humorados e fizemos uma linda viagem, com uma magnífica vela amarela. Laruoro [uma ilha próxima], fotos de Mogubo. D[ick] D[e Moleyns] — filho de um lorde — bêbado. Fiquei terrivelmente cansado, não consegui fazer nada.

Quinta, 12. De manhã falei com Greenaway sobre barcos, depois com Dimdim. À tarde, Dimdim outra vez, depois Greenaway; depois uma rápida caminhada, jantar e cama. — Paixões e mau humor: ódio por Haddon me importunar, por conspirar com o missionário. Inveja por causa dos espécimes que ele está obtendo. Em geral, um embotamento sobre-humano. Mas, após terminar o *Monte Cristo*, um trabalho bastante bom. — O dia 12.11 foi excepcionalmente ativo. De manhã tomei um banho. Depois realizei muitas tarefas, escrevi e colhi informações de forma eficiente. — 13.11. Depois de uma noite de sono razoavelmente boa, levantei-me um tanto cedo, escrevi meu diário e depois me encaminhei relativamente cedo em busca de informações, a uma pequena aldeia (Charlie e Maya). Foi um pouco difícil colher as informações, mas não infrutífero. Estava muito quente. Comecei a me sentir angustiado. Voltei a ponto de desmaiar. Tirei um cochilo sobre alguns sacos de algodão. Depois jantei — comi demais. Dormi até 4 e meia. Depois me preparei para ir a Kurere [aldeia mailu na baía Amazon, perto de Mogubo Point, uma colônia da aldeia de Mailu]. Antes de ir conversei com Dimdim e fiquei extremamente impaciente — fechei o caderno. O comendador D. D. estava numa ressaca terrível, pois no dia anterior tinha acabado com o *uísque*. Greenaway partiu pela manhã. — À noite fui a Kurere. Não muito cansado. Caminhar foi fácil. A luz da lanterna transformou a alameda margeada pelas palmeiras em um ambiente composto de recintos estranhos, fantásticos, abobadados. Na praia, tocos de mangues arrancados. Grandes casas escuras enfileiradas. Danças. *Tselo* — a mais bela melodia que já escutei aqui. Satisfiz tanto minha curiosidade científica quanto a artística. Apesar de tudo, há muito de homem primitivo nisso, remontando à idade da pedra polida. Também refleti sobre a extrema rigidez do hábito. Estas pessoas se apegam a formas específicas de dança e melodia — uma certa combinação rígida de bufonaria e poesia. Tenho a impressão de que mudanças só ocorrem de forma lenta e gradativa. Sem dúvida, o contato entre duas esferas culturais deve ter tido muito a ver com a mudança dos costumes.

14.11.14. Noite. Estou sentado em companhia de Dirty Dick, com quem acabei de falar. Agora ele está lendo algum artigo ou conto em uma revista; estou me entregando a uma melancolia momentânea. A neblina induzida por ela é como uma névoa sobre as montanhas, ao ser impelida pelo vento, e que ora desvenda um ora outro trecho do horizonte. Em certos pontos, através da escuridão que tudo envolve, emergem horizontes remotos, distantes, recordações; passam como imagens de mundos distantes, depositando-se ao pé da névoa da montanha. — Hoje me sinto muito melhor. Momentos de obscuridade, de insônia, como se eu estivesse na Sala de Leitura. Mas, afinal de contas, nenhum resquício da exaustão total que me paralisou ontem. — Hoje houve momentos em que inspirei livremente a beleza do cenário daqui. Hoje tanto Charlie quando Dimdim foram à ilha de Anioro. Eu resolvi ir. Sob uma vela amarela, abrindo suas asas, uma viagem magnífica. Senti que se é forte sobre as ondas — sobre uma jangada daquelas —, contato direto com o mar. Sobre a água verde — cor de turquesa, só que transparente —, as silhuetas violáceas das montanhas, como sombras projetadas sobre a tela da neblina. Atrás de mim, sobre as árvores da selva que recobre a praia, sobe uma pirâmide majestosa, coberta de bosques. Diante de mim, um cinturão faiscante de areia amarela, e acima dele as silhuetas das palmeiras parecem brotar do mar. Uma ilha de coral. A água bate entre as tábuas da jangada — o mar espia pelas frestas e os borrifos batem contra as bordas da embarcação. Um banco de areia, e os rapazes empur-

ram a balsa, desatracando-a. O fundo é visível — algas cor de púrpura no verde transparente. Mailu a distância — a silhueta coberta de bruma de uma rocha vulcânica com um nobre perfil. Uma aldeia pequena — com algumas casas bem construídas no estilo mailu e várias choupanas desmanteladas sem estilo nenhum. Algumas árvores na areia nua — quanto ao resto, casebres cinzentos; colunas escuras brotando das ondas de areia amarela. Rodeada por uma cerca — apesar disso, com porcos andando à vontade entre as casas. Charlie e alguns anciãos fabricavam ferramentas de pedra. Em minha presença trabalhavam a obsidiana — eu mesmo esculpi um lado. Eles rasparam a cabeça de um garoto. Comi um coco e fui dormir... Fadiga. Depois falei livremente sobre *maduna*, sobre danças, sobre a casa. Grande comoção — apareceram duas pirogas no mar. Os rapazes correram para a balsa e remaram com toda a força. Soaram gritos em toda a volta — advertência. As pirogas são equipadas com suportes externos para os remos — como se arrastassem uma sombra estranha atrás de si enquanto fendem o mar. A distância, as ondas quebravam contra o recife. A oeste, manchas escarlate no céu nublado e escuro — estranhamente sombrio — como rubor em um rosto macilento, marcado pela morte (como o rubor antes da morte em um rosto doentio e agonizante). Sentei-me — numa posição de equilíbrio instável — na piroga e fui para o *lugumi*. A vela estava enfunada. Flutuamos para a terra. Nuvens escuras de chuva. Tivemos de ir para o noroeste uma vez que Igua avisou que isso era sinal de uma violenta *laurabada* (suestada). Noite com D. D.

Esboços: (a) Brancos. 1. Com. R. De Moleyns, apelidado de Dirty Dick — filho de um lorde irlandês protestante. Personagem nobre, de sangue azul. Bêbado como uma esponja, enquanto houver uísque para se consumir. Depois de ficar sóbrio (eu estava presente quando ele bebeu sua última garrafa de uísque), um tanto reservado e culto, muito boas maneiras e bastante honesto. Mal-educado, pouca cultura intelectual. 2. Alf[red] Greenaway "Arupe" — de Ramsgate ou Margate — origem operária — homem humilde, extremamente decente e simpático; pragueja o tempo todo e pronuncia mal as palavras, é casado com uma nativa e fica aflito na presença de pessoas respeitáveis, especialmente mulheres. Não tem o menor desejo de sair da Nova Guiné. (b) De cor. Dimdim (Owani), um Orestes moderno — era capaz de matar a própria mãe ao se enfurecer. Nervoso, impaciente — bastante inteligente. — Vida com De Moleyns inteiramente não-civilizada — não se barbeava, sempre de pijamas, uma imundície impressionante — numa casa sem paredes — três varandas separadas por telas — e gosta disso. Muito melhor do que a vida na Casa da Missão. Lubrificação melhor. Ter um bando de meninos para servi-lo é muito agradável.

Kwatou, 29.11.14. Segue-se um período relativamente longo de embotamento mental. No domingo, 15.11, levantei-me relativamente cedo e tratei de me ocupar. Queria burilar um pouco minhas anotações. Tentei, mas simplesmente não consegui. Minha cabeça não correspondia. Por volta das 11, Saville (impressão desagradável). Sentia-me angustiado, e não consegui trabalhar. Conversei com D. D. Depois do jantar me senti muito mal: fui para a cama. Às 5 não quis ir à residência dos Saville: deitei-me na tarimba ao lado dos sacos de algodão e da *bêche-de-mer*. Sentia-me solitário e desesperado ao extremo. Levantei-me e me cobri com um cobertor, sentando-me perto do mar, sobre um tronco. Céu leitoso, sombrio, como que repleto de algum fluido sujo — a faixa rósea do pôr-do-sol gradativamente se expandindo, cobrindo o mar com um cobertor móvel de metal rosado — envolvendo o mundo por um momento em algum feitiço estranho de uma beleza imaginária. As ondas batiam no cascalho a meus pés. Noite solitária. Mal toquei no lauto jantar.

Manhã de segunda: o mar ligeiramente agitado. Deitei-me e nada vi da bela paisagem entre Mogubo e Mailu. Em casa, sentei-me e li os jornais; cansado, deprimido, com medo de uma incapacidade duradoura: minha cabeça completamente fraca. D. D. partiu antes do almoço. — Terça, 17, S. saiu de manhã. Tentei — sem muito esforço — revisar algumas anotações. Li Kipling, contos. Fase de depressão, sem esperança de trabalhar, me lembra aquele verão na Inglaterra. Devo ter me sentido arrasado. Quase desisti de continuar meu trabalho. Tentei me livrar do desespero lendo contos.

Mais provavelmente, um enjôo marítimo associado a um resfriado em Mogubo está acabando com a minha saúde. — Na quarta, 17 [18], tentei ir à aldeia e trabalhar um pouco, mas tudo com muita cautela e sem confiar na minha força. À noite, li Kipling. Um bom autor (naturalmente não se comparado com Conrad) e um sujeito espetacular. Pelos seus romances, a Índia começa a me atrair. — Na quinta me senti melhor e comecei a fazer alguns exercícios de ginástica — naquelas noites sofri de insônia, e senti uma inquietação nervosa em todo o corpo. Comecei a me sentir incomparavelmente melhor, especialmente num dia em que tomei quinino (sexta?). Depois, outra vez, mais um dia de recaída. Principais interesses na vida: Kipling, ocasionalmente um desejo intenso de estar com mamãe — realmente, se pudesse me comunicar com mamãe não me importaria com nada e não haveria qualquer motivo profundo para me sentir desanimado. — No fim das contas, comecei a me sentir menos desesperançado, embora tudo menos bem. A última vez em que tomei uma injeção de arsênico foi no dia 18 — cerca de doze dias atrás. Intervalo muito longo! Durante todo aquele tempo estava sob o feitiço de *Kim* — romance muito interessante, fornecendo abundantes informações sobre a Índia. Durante a ausência de Saville, a vida com a sra. Saville foi longe de ser ruim. Ela está muito mais vivaz. Conversou algumas vezes comigo sobre questões etnológicas, e uma vez até interpretou [*Yenama*] para mim. — Saville chegou na segunda, 23 (?) — *sim*. Partida para Samarai adiada. Na manhã de segunda fui à aldeia e pesquisei sobre as brincadeiras infantis e educação das crianças, com Dagaea [chefe de um subclã]. À tarde fiz um censo genealógico da aldeia. As confidências entre Saville e Armit me perturbam, bem como a perseguição de pessoas que não vêem com bons olhos a missão. Mentalmente, reúno argumentos contra as missões e idealizo uma campanha antimissões realmente eficaz. Os argumentos: estas pessoas destroem a alegria de viver dos nativos; destroem sua *raison d'être* psicológica. E o que eles dão em troca está completamente fora do alcance dos selvagens. Lutam coerente e implacavelmente contra tudo que seja antigo e criam novas necessidades, tanto materiais

quanto morais. Simplesmente são prejudiciais. — Desejo debater o assunto com Armit e Murray. Se possível, também com a Royal Commission. — Armit prometeu que vai "me levar para conhecer" todo o distrito. Isso me tranqüilizou e me agradou muito: ele talvez pudesse ter feito o mesmo na vizinhança de Rigo. — Quarta, 25, dia de fazer as malas. Alguma espécie de desorganização nervosa, sentimentalismo, agitação. Arrependimentos com relação ao período que terminou, e medo quanto ao que acontecerá a seguir. Mentalmente vejo-me freqüentemente de volta à minha casa. Revelei e fixei fotos. Descobri que *T.* havia sido revelada em papel *autotonalizante*, e fiz uma cópia. A visão do rosto entristecido dela — talvez ainda apaixonado? — me deprimiu. Recordei a disposição de espírito na sala revestida de papel preto, naquela tarde escura, quando o marido nos descobriu enfim e ela não pôde sair comigo. — Um momento de forte e profundo amor — vejo no rosto dela a corporificação do ideal feminino. Uma vez mais ela está imensamente, indescritivelmente perto de mim. Será ela outra vez a *minha** *T.* — O que ela estará fazendo agora? A que distância estará de mim? Será que ainda se lembra de mim emocionalmente? — Na quarta não fui à aldeia, fui para a cama cedo, dormi mal.

Quinta, 26.11. [Levantei-me] às 5 da manhã — maravilhosa disposição matinal. Juro que sempre me levantarei cedo. — Partimos. Por um momento contemplei Mailu — magníficas cadeias curvilíneas de montanhas. Depois me deitei e assim fiquei durante 4 a 5 horas. De qualquer maneira, não perdi muita coisa, pois uma espessa neblina cobria tudo. Enjoado, porém sem vomitar; insuportável, mas sem desespero. Perto de Bona Bona [ilha na extremidade leste da baía de Orangerie] levantei-me e sentei-me no tombadilho, com enxaqueca. Morros cobertos de bruma, positivamente secos e longe de serem terrivelmente bonitos. A baía de Isulele muito bela, ao entrarmos nela. Traz-me à lembrança montanhas em torno do Lago di Garda — a ampla cordilheira coberta de vegetação verde. Rich é um sujeito amigável, franco e jovial — creio

*Grifado no original.

que vou me dar muito melhor com ele do que com Saville. Subi para o almoço. Rich me recebeu de forma muito afável. S. no geral, desagradável. Depois do almoço e de uma longa conversa sobre política etc., Rich me acompanhou até embaixo; li alguns números do *Times* — nada me impele a retomar os estudos etnográf. Por volta das 5 da tarde fui à aldeia e me rendi artisticamente à impressão do novo *Kulturkreis*. De modo geral, a aldeia me causou uma impressão bastante negativa. As cabanas — antigas, com telhados encurvados — são certamente mais interessantes e mais bonitas do que as casas de Mailu. Mas há uma certa desorganização, as aldeias são dispersas; a turbulência e persistência do povo que ri, olha com curiosidade e mente me desanimou bastante. Vi três tipos de casas — vou ter de descobrir o que significa tudo isso. — Noite com os Rich, jantar, desci e li; fui dormir tarde. De manhã me levantei, fui tomar café tarde, depois trabalhei um pouco com o filho de um samoano. Muito cansado e entorpecido. Isulele é muito quente. Depois do almoço fui para a cama e dormi até as 4, depois tornei a trabalhar um pouco. Noite — capitão Small, bilhar, um rápido conflito com Saville. No sábado, 28, às 4, partimos. Fiquei na cama até as 6, depois me levantei. Linda paisagem. As praias do lago Waldstadt com palmeiras frondosas até o fundo. Passamos pelo canal de Suau. Pensei como seria perfeito morar aqui para sempre. Rochas vulcânicas aparentemente de formação recente, com contornos acentuados — suas cristas e picos firmemente incrustados nas ravinas, e pináculos acima — desciam íngremes até o mar, rochas escuras continuando até as profundezas azuis. Fiquei sentado ali, observando e cantarolando uma melodia. Com a mente embotada pelo enjôo, não me sentia hedonista, mas meus olhos sorviam a beleza da paisagem. Além de Suau, as montanhas ficam mais baixas e se dirigem para a esquerda; a distância ergue-se uma cordilheira de altas montanhas do outro lado da baía Milne. Efeito encantador do recife de coral, a acenar das profundezas. A silhueta de Roge'a vagarosamente emergindo a distância — emocionante — uma nova fase do Pacífico. Durante todo esse tempo fiquei sentado no tombadilho.

Chegada a Kwatou. Abel* me recorda Don Pepe Duque. Horrivelmente cansado e sonolento. Sentei-me na varanda e folheei Chalmers.** Um grilo lá embaixo. Crianças lindas, muito meigas. A família inteira, aliás, à semelhança da família de Rich, me causa uma impressão bastante favorável. — Almoço, depois para Roge'a. Conversa com o Dr. Shaw, colecionador de baratas. Resolvi ficar em Kwatou. Fiz as pazes com Saville, que se ofereceu para revisar alguns originais. Jantar na casa dos Abel. Conversa com Abel sobre os selvagens e sobre Maori. Noite e manhã sobre a água. Diante de mim ondas azuis — ou mais precisamente água rasa e calma. Ao fundo, os montes cobertos de bosques do promontório. À esquerda, o próprio cume de Roge'a, pequenas casas entre palmeiras. Diante de mim o pequeno domo verde da ilha. Tudo muito bonito. Excelente disposição de espírito. — Esta manhã perdi um alfinete que tinha deixado T. usar em Sandgate. Uma vez mais depressão, um sentimento de que ainda estou apaixonado por ela.

No domingo, dia 29, estou em casa, escrevendo as palavras acima. Sinto um início de estafa. Por volta das 11, Saville e Ellis desceram e conversaram um momento. Depois, por volta das 11:30, subi vagarosamente com um sentimento nítido de fraqueza. Culto religioso com Abel. Sentamo-nos na capela retangular ou pavilhão parecido com uma rotunda. Uma catinga bastante acentuada. O culto foi longo, com hinos repetidos diversas vezes. Senti-me cansado e distintamente desmoralizado. Depois do culto, Abel me apresentou a Johnnie, seu melhor informante. — A seguir, fui almoçar. Depois do almoço, fui a Samarai num bote com Igua, Utata e Sanyawana. Passamos bem perto de Roge'a. Através da água impecavelmente transparente vi pedras violeta e [...] pedras num brilho verde. As palmeiras encurvadas por sobre o mar se projetam das cercas-vivas verdes. Acima delas encostas íngremes de

*O reverendo C. W. Abel, da Sociedade Missionária Londrina, autor de um livreto denominado *Savage Life in New Guinea* (Vida selvagem na Nova Guiné) (sem data de publicação) que Malinowski descreveu como "escrito de forma divertida, embora superficial e freqüentemente indigno de confiança".

**Rev. J. Chalmers, missionário na costa do golfo da Papua, autor de *Pioneer Life and Work in New Guinea* (Vida e trabalho pioneiros na Nova Guiné) (1895).

morros não muito altos cobertos de árvores altas e uma vegetação rasteira espessa. Os montes e a selva imponente e bela, de um verde escuro, a água transparente de um verde vivo, o céu congelado num tempo perpetuamente bom, o mar de um profundo azul anil. Sobre ele os contornos de incontáveis ilhas distantes; mais perto de mim, eu distinguia baías, vales, picos. As montanhas da terra firme — tudo imenso, complicado e mesmo assim harmonioso e belo. — À minha frente, Samarai no langor tranqüilo de uma linda tarde de domingo. Esperando. Fui ver [C. B.] Higginson [magistrado residente de Samarai], que muito educadamente me ofereceu ajuda, mas me recebeu de um jeito bastante lacônico. Depois desci e não encontrei o Dr. Shaw em casa; antes ele sempre era muito gentil, me convidava para ir visitá-lo. No caminho encontrei Solomon, com quem falei sobre plantas etnológicas [*sic*], incentivei-o e lhe prometi minha colaboração. Com ele fui visitar Ramsay; impressão muito favorável e recepção amigável. — A seguir, vi o Dr. Shaw, que me pediu para ficar para o jantar; fui absolutamente brilhante e me senti em excelente forma. Voltei bem tarde; os meninos estavam famintos. A chuva havia começado a despencar mais cedo (por isso eu não tinha ido jantar em casa). Naquela noite, surgiram goteiras no telhado, que me despertaram; cortei o dedão do pé esquerdo. Pela manhã trabalhei com Saville; depois ele foi comigo a Samarai. Disse-me que aguardasse até as 12, o que me aborreceu, pois o doutor havia me convidado para o almoço. Cheguei a Samarai alguns minutos depois das 12. Higginson me deu [uma introdução] ao *presídio*; Nikoll, um homem idoso de nariz arroxeado, me acompanhou; os prisioneiros se enfileiraram; escolhi alguns para a tarde. O almoço na casa do doutor foi positivamente maçante: um enorme abacaxi bastante suculento, muito ácido. Com Shaw fomos ao hospital; depois à prisão. A princípio eu estava um tanto indolente; depois me senti melhor. Charlie é um sujeito muito agradável, não tão inteligente quanto Ahuia. Voltei em torno das 6; Saville veio às 7.

Terça, 1º de dezembro. De manhã, Saville, como sempre; tentei ser educado e evitar atritos, o que nem sempre é fácil. Por exemplo, um dia — naquela mesma terça-feira, tive de ir à cidade de bote. S. me ofereceu a lancha, mas me disse para esperar um tempo indefinido. Eu lhe disse que, nesse caso, eu iria de bote mesmo; ele replicou que não podia me ceder o bote. Durante toda essa negociação eu consegui me controlar. — Na terça de manhã trabalhei uma hora, aproximadamente, no presídio. Shaw tornou a me convidar para o almoço; combinamos um encontro na quinta para dar uma caminhada até Ebuma. Depois desci para o *presídio*. Dois meninos da ilha de Rossel — medíocre. Às quatro, fui visitar Ramsay e até as 6 revisamos os utensílios de pedra. Um sujeito (Hyland), que prometeu posteriormente me dar algumas *curios*,* acabou se mostrando inconveniente, e sua oferta não deu em nada. — Na noite de terça, creio, Saville veio também, ou talvez eu tenha subido, e conversamos sobre Conrad; levei *Youth* (Juventude). — Na quarta, uma *baleeira oficial* veio me pegar. Pela primeira vez naveguei num veleiro. Fiquei extremamente encantado com a força impessoal, calma, misteriosa do vento. A tripulação era composta de dez homens — eu me senti um *sahib*... Final da manhã no *presídio* — me preparei meio tarde. Almoço, consistindo de três barras de chocolate, comi enquanto percorria a ilha. Linda vista a sudeste, sobre o Pacífico aberto, de uma trilha muito bem traçada. Havia momentos em que eu tinha a impressão de que o mar é mais bonito quando o vemos de um ambiente civilizado. — Tarde no *presídio*. Grande agitação. Dois *destróieres* entraram na baía em alta velocidade. Consegui divisar a *bandeira inglesa*. Fui à casa de Ramsay — estava ausente. Fui até a praia. Falei com um marujo. Depois jantar, muito saboroso e agradável. Bebi cerveja e ataquei os missionários. Hig[ginson] concordou comigo, ao passo que Naylor, um sujeito simpático, com cara de fuinha, os defendeu. — Ele me levou até a *baleeira*. Fui para Kwatou ao luar.

Na quinta, 3.12.14, eu estava trabalhando com Saville quando a chegada do "Morinder" foi anunciada. Fui de *baleeira*. Descobri o dia da partida do "Morinder". No *presídio* conheci um guarda que havia acabado de chegar da N[ova] G[uiné] *alemã*, e seis prisioneiros que

*Forma abreviada de *curiosities*, termo que designava objetos nativos que os colonizadores consideravam exóticos.

haviam linchado um missionário. Visita ao navio. Rostos alemães abrutalhados... Minha despedida dos Saville [foi] fria. (Pela manhã eu havia tido uma conversa muito desagradável com Saville sobre o uso e o pagamento da lancha.) Conversa com os guardas. Nativos da N. G. alemã fortes e vigorosos. Cheguei muito tarde para almoçar na casa dos Shaw. Ali conheci Stanley, geólogo do governo. Muito agradável e amistoso, um pouco *rude*. Concordamos que no dia seguinte iríamos trabalhar com pedras. Depois fui até Ebuma com o Dr. Não consegui trabalhar (uma mulher magnífica; a guarda principal de Kiwai). Propus um *cruzeiro de iate*. Fomos a Roge'a, depois a Sariba [uma ilha vizinha]. Em alguns momentos, desanimei por causa dos mares revoltos. Retornamos. A noite foi maravilhosa. Regressei na minha grande *baleeira*. Depois fui falar com Ellis e ambos nos queixamos de Saville. Arrependi-me de haver tratado Saville com tanta consideração. Ellis desceu e conversou comigo sobre diversos assuntos.

Na manhã de sexta fui a Samarai no bote [uma vez que tinha] negócios com Aumüller, que me levou para almoçar. Depois trabalho com Stanley na casa de Ramsay; Charlie não veio. Aprendi muito e gostei de Stanley. Almoço com Aumüller. Maravilhosa vista panorâmica da varanda. Falamos sobre a Alemanha, a guerra — do que mais? Depois fomos outra vez para a casa de Ramsay. A seguir encontrei-me com Hyland, que deu instruções. À noite conversei com Leslie* sobre o *pescador de baleias* acusado de ter contraído doença venérea. Em Samarai me senti *em casa*, *en pays de connaissance*. Voltamos para Kwatou — eu não me senti muito forte e fui para a cama imediatamente sem esperar Ellis descer. De quando em quando ficava furioso com Saville, e fiquei zangado porque não me contaram que Ruby estava indo para Mailu.

No sábado fui a Samarai no bote, bem cedo. Ao longo de uma rua curta, assando sob o sol escaldante, coberta de areia branca e fina, caminhei à sombra de uma figueira gigantesca, da igreja e da *Reitoria* até a casa de Stanley. Ele me viu de longe e veio ao meu encontro. Ao mesmo tempo contratei Charlie e dois prisioneiros. Fizemos

*Dono de um hotel em Samarai.

uma descoberta com relação ao machado de obsidiana e a classificação dos machados em utilitários e cerimoniais. Realmente interessado no que estava fazendo. Ao meio-dia quis almoçar no Hotel de Leslie, mas um bêbado quis almoçar comigo e tive de pensar numa desculpa. Sentei-me num banco à beira-mar e mastiguei chocolate e biscoitos. À tarde voltei para a casa de Stanley; Hyland trabalhou conosco — depois os orakaivanos vieram e identificaram o machado de obsidiana. À noite passei na casa do doutor rapidamente; depois, com Igua, remei até Kwatou.

Domingo. Mal tive tempo de aprontar a bagagem, peguei o barco do doutor, pela primeira vez pilotei. Foi devagar porque não enfunei as velas. O doutor me encontrou no *cais*. Fomos por intermédio de Roge'a, depois passando por Sariba, depois outra *amura* à direita e entramos na pequena baía. Desta vez o mar conseguiu me desanimar — um ligeiro acesso de enjôo. Os rapazes de Dobu* são muito bonitos e agradáveis — cantaram, e Igua estava bem disposto. Inspecionamos a casa, saqueei um túmulo, perdi e encontrei minha *caneta-tinteiro*. A viagem de volta foi mais rápida. Jantar na casa do Dr. Perturbado e furioso por não dispor de bote. Suspeitei que os *meninos* estavam conspirando contra mim, incentivados por Saville. Passei um sermão em Arysa, que pareceu submisso e obediente. Isso me tranqüilizou. Igua fez as malas e eu li.

Na segunda, 7.12, me despedi dos Ellise e da velha solteirona, chamada sra. Darby, da qual não gosto porque a associo a Saville. Tempo bom — o mar saturado de luz solar. Despedimo-nos da região de Samarai. Voltamos a Kwatou (aquele patife do Hyland mentiu para mim, não deixou pacote algum no B. P.) De modo geral, detestei a viagem inteira e os meninos. Tiabubu recusou-se a discutir astrologia comigo, o que me deixou mesmo de mau humor. Sentei-me no tombadilho e apreciei a paisagem — eu já a havia quase esquecido naquela altura. Não olhei o trecho bonito que lembra Castel dell'Uovo [Nápoles]. Paisagem maravilhosa [...] em Suau; à direita, uma cordilheira alta e escarpada ao fundo. À esquerda, diversas ilhas.

*Nativos de Dobu, ilha do grupo D'Entrecasteaux.

Suau parece muito bonita. Em terra conheci um grupo de pessoas que falavam inglês: Biga e Banarina [um ex-guarda]. Depois fui até a lagoa. Vista bonita e entrada muito estreita, quase um lago circular; praia plana coberta de árvores altas, ao fundo altas montanhas, de bela silhueta. Na praia sentei-me num *gabana* canibalesco e conversei com Imtuaga, mestre escultor; excelente humor. Voltamos sob uma noite cravejada de estrelas cintilantes; conversei com os meninos sobre as estrelas; eles remavam. — A seguir, Biga e Banarina se aproximaram e falaram; eu estava muito sonolento.

No dia seguinte, viagem até Nauabu. Atrás de mim, os planos e, deste lado, desinteressantes, estreitos de Suau. Por um momento, uma vista dá para a lagoa; depois baías largas e rasas com picos vulcânicos e escarpados e cristas pontiagudas. A baía de Farm parece rasa e desinteressante. À medida que entrávamos nela, se tornava gradativamente mais bela. Ao fundo, uma montanha com alguns picos. Palmeiras revestiam a praia.

Mailu, 19.12.14. Sinto-me muito melhor — por quê? Será que aquele arsênico e o ferro levam tanto tempo para fazer efeito? Finalmente cheguei a Mailu, e realmente não sei, ou melhor, não vejo claramente, o que devo fazer. Período de suspense. Cheguei a um lugar abandonado com a sensação de que logo terei de terminar, mas nesse meio tempo preciso dar início a uma nova existência.

Devo completar o relato sistemático dos eventos, na ordem em que aconteceram. Ao chegar a Nauabu, eu estava um pouco cansado dos mares revoltos, embora não estivesse enjoado para valer. Quando desembarco sempre me sinto um pouco aliviado. Em Nauabu fui rodeado, envolvido pelo esplendor da vegetação subequatorial, espalhada com uma simplicidade majestosa numa ordem quase geométrica: o semicírculo da baía entre duas pirâmides de montanhas, a linha da praia ocidental correndo direto para o mar. Aqui e ali casinhas entre as palmeiras. Boo quebrou um remo ao largo. — Entre coqueiros baixos a intervalos regulares estava a casa do *professor nativo*. Uma mulher samoana, magricela e macilenta, ofereceu-me um coco: a mesa estava coberta com um pano, havia flores sobre ela, e guirlandas de flores ao redor da sala. — Saí, uma multidão, alguns *meninos* falavam o dialeto inglês. Fui até [*Rialu*], Samudu saiu para me encontrar. Nem um simples *gabana* sobrou (todos destruídos pelos missionários!); nem uma única lápide. [Encontrei uma] casa construída no estilo *"casca de tartaruga"* no Misima. Engatinhei para entrar nela. Parecia simplesmente um lugar para armazenar coisas — *"casa de inhame"*. Adquiri uma *"proa"* entalhada de uma embarcação de guerra. Samudu, um rapaz alto, bonachão, obsequioso, falava inglês e motu muito bem. Aproximamo-nos do barco de Dagoisia (Charlie) de Loupom [uma ilha perto de Mailu]. A seguir, inspeção das casas [que os nativos estavam] preparando para uma festividade. Casas magníficas, lindamente decoradas, tendo à frente efígies de animais totêmicos. — Num canto de uma das cabanas vi *bagi* etc. — *Sobo*, que é tabu — a princípio achei que isso estava relacionado com a necessidade de tornar os *"porcos abundantes"*, uma espécie de *Intichiuma*.* Mas acabei descobrindo que seu único objetivo é atrair os porcos para o *so'i*. — Pelo menos uma descoberta importante — a única forma de cerimonial religioso. — Eu não estava com a câmara, adiei as fotografias. Depois do almoço fui dormir — levantei-me cansado. Samudu não veio; saí no barco e tomei banho. — Saí à noite, mas não houve danças. Eu estava muito cansado. Pela primeira vez escutei o som prolongado e estridente de uma concha marinha sendo soprada — *kibi* — e com ela um monstruoso som de porcos guinchando e homens vociferando. No silêncio da noite, dava a impressão de que alguma atrocidade misteriosa estava sendo perpetrada, e esclarecia subitamente — um esclarecimento lúgubre — as esquecidas cerimônias canibalescas. — Voltei muito cansado.

9.12. Depois do desjejum comprei um tapete para Igua, dei uma gorjeta à samoana e nos separamos amigavelmente. Estávamos ao largo — não me lembro da paisagem —, alta montanha acima da baía de Farm mudou de posição, cobrindo Suau. Isudau [Isuisu?] não parecia festiva. Uma estreita faixa de areia com manguezais de ambos os lados, e uma forte fedentina de algas apodrecendo. Diante da

*Cerimônia mágica australiana destinada a aumentar a espécie totêmica do clã.

aldeia, a casa do *professor*, onde "paro" com todo o *"kit"*. Fomos à aldeia. Muitas pessoas estavam sentadas sob as árvores, perto do barco, nas varandas. Muitos porcos. As pessoas estavam com trajes de domingo; algumas tinham ossos no nariz — só as mulheres. Algumas pessoas com *bagi* e *samarupa* nos pescoços, segurando varas de ébano. Os de luto recentemente pintados — brilham como limpadores de chaminés. Troquei cumprimentos com o *"patrão"* — o *tanawagana*. Voltei e circulei por ali algumas vezes para ver como eles estavam transportando os porcos. À tarde fui lá novamente e falei com Tom e Banari, dois ex-guardas. Tirei um *instantâneo* de um *porco* sendo trazido, passeei pelo local e comprei algumas *curios*. Na manhã de quinta-feira dei uma caminhada de pijamas, inspecionei o barco. Uma *amuiuwa* de Amona, magnificamente entalhada. Ao andar entre as pessoas, quase não me notavam. — Discussão sobre porcos com o sargento — creio que foi o primeiro dia à tarde ou à noitinha que entrei em contato com Sixpence e Janus, que depois se tornaram meus amigos. Na tarde de quinta-feira tornei a perambular pela aldeia e observar as coisas. Na sexta, 11.12, de manhã, observei a interessante cerimônia do pagamento, com *Sinesaramonamona*; depois fui me sentar com os porcos na casa do *tanawagana*; muito entediado com o que estava acontecendo. À tarde, tornei a voltar, na esperança de testemunhar alguma matança ritual de porcos. Na verdade, parece que isso não acontece. — Por volta das 4 da tarde fui para Isulele num bote. Tarde maravilhosa, cheia de todos os tipos de luz. Diante de mim, uma gigantesca muralha verde saturada do ouro do sol, acompanhando-nos a deslizar e se espremendo por entre a vegetação, faiscando intensamente sobre os penhascos calcários. O mar era de almirante; aberto em todas as direções, de um azul profundo. A calma de uma linda tarde; disposição festiva. Senti-me como se estivesse de férias, livre como o ar. Rich me recebeu gentilmente, de forma hospitaleira — sem formalidades. Saí para dar uma caminhada ao longo do sopé do morro. Havia uma vista encantadora da encosta da montanha, agora banhada pela luz rósea do poente, e da baía. Acabrunhado pela tristeza, eu berrava temas da ópera *Tristão e Isolda*. "Nostalgia". Evoquei diversas figuras do passado, T. S., Zenia.

Pensei em mamãe — mamãe é a única pessoa com a qual realmente me importo e verdadeiramente me preocupo. Bem, também com a vida, o futuro. — Voltei para a casa dos Rich. Jantar. Viagem de volta. Utata e Velavi; eles me carregaram por sobre um pântano coberto por um manguezal.

No sábado, 12.12, me aprontei de manhã (acordei muito tarde) e fui para a aldeia. Estava relativamente vazia. Rich veio. Entregou tabaco e recebeu porcos. Nós dois examinamos a *armadilha para peixes*. A sra. Rich tirou fotos. — Voltei com eles no bote... Depois, à tarde, conversei sobre *so'i*, tendo Laure como intérprete. Com Velavi circundei a ilha de barco. Estava extremamente bem-humorado quando desci à noite por entre as moitas de mangues luxuriantes — sendas imersas na água, entre as trepadeiras, na ilhota rochosa. Depois, o jantar; Bastard se atrasou. Eles jogaram bilhar. Fiquei escutando um fonógrafo horrível que me monopolizou. (*"Unter dem Doppeladler"* [Sob a dupla águia] e valsas ordinárias). Dormi. No dia seguinte, café da manhã na casa dos Rich, que muito hospitaleiramente me convidaram para ficar mais um pouco. Despedi-me de cada uma das crianças. Dei 1/- ao samoano, que, em troca, me deu um leque.

O mar diante da baía de Fife (observei ilhotas com cemitérios) estava menos calmo do que na segunda e na quarta. Passamos por uma baía de águas profundas. Os rapazes não sabiam para onde ir. Pedimos informações a um homem que passou num barquinho. Silosilo à direita. Uma baía circular sem reentrâncias, com uma entrada estreita. Tive a impressão de um lago de montanha. [...] Viramos à esquerda, descobrimos onde era Silosilo: no fundo da única cavidade, sob uma alta pirâmide que dominava exclusivamente toda a paisagem. Guirlandas de folhas secas atiradas ao mar de dois altos mangues, como em Nauabu, como braços estendidos para dar as boas-vindas aos turistas que para lá iam aos feriados. — Uma casa nova, ou melhor, um *dubu*, e figuras sujas e macilentas. O *tanawagana*. À esquerda um segundo *dubu*, onde uma verdadeira múmia, *Kanikania* reinava. Encontrei Sixpence, que persuadi a organizar uma *damorea*. Algumas mulheres traziam enfeites de penas na cabeça. Aí o primeiro porco chegou, e as mulheres foram recebê-lo, e dança-

ram. Apreciei o espetáculo, o rufar dos tambores e as decorações. — Depois do almoço e de uma soneca (no *dubu?*) fui até a praia. *Damorea*. Anotei a canção e descrevi os passos. As moças não estavam pintadas. Sixpence também cantou, acompanhado pelos outros meninos — o que não é *en règle*. Quando começou a escurecer, fui para o *dubu*, onde resolvi passar a noite. Noite péssima.

Domingo, 13.12, acordei me sentindo como se tivesse acabado de ter descido de uma cruz — simplesmente não conseguia me mover. Chuva, tempo enfarruscado — um banho romano *à la lettre*. [Remei até a terra firme]; dei uma caminhada entre os sagüeiros; floresta antediluvianas: [como] as ruínas de um templo egípcio: troncos gigantescos, ou melhor, colossais, cobertos por vagens geométricas, musgo, presos em um emaranhado de diversos tipos de convolvuláceas e trepadeiras, com pequenos tocos de folhas — força, insensibilidade, monstruosidade geométrica. Um *brejo* de sagüeiros dá a impressão de que não pode ser comparado a mais nada no mundo. E um calor terrível e sufocante sempre acompanha tudo. Visitei algumas cabanas na selva, e entrei numa casa abandonada. Voltei; comecei a ler Conrad. Conversei com Tiabubu e Sixpence — empolgação momentânea. Depois tornei a ser vencido pela apatia — mal tive força de vontade para terminar os contos de Conrad. Desnecessário dizer que uma terrível melancolia, cinzenta como o céu ao redor, rodopiava em torno dos limites do meu horizonte interior. Esforcei-me por afastar os olhos do livro e mal pude acreditar que estava entre selvagens neolíticos, e sentado aqui pacificamente enquanto coisas terríveis ocorriam *lá* [na Europa]. Em certos momentos, senti um impulso de rezar por mamãe. Passividade e sensação de que, em algum lugar, bem longe do alcance de qualquer possibilidade de fazer algo, coisas horríveis e insuportáveis estão acontecendo. Uma necessidade monstruosa, terrível, inexorável assume a forma de algo pessoal. O incurável otimismo humano apresenta seus aspectos suaves e gentis. Flutuações subjetivas — com o motivo principal da esperança eternamente vitoriosa — são objetivadas como uma divindade boa e pura excepcionalmente sensível ao aspecto moral do comportamento do sujeito. A consciência — a função específica que

nos atribui todo o mal que ocorreu — se torna a voz de Deus. Em verdade, minha teoria da fé tem muito sentido. Os apologistas ignoraram esse aspecto, dedicando todas as suas energias a combater o mais perigoso inimigo da religião — o racionalismo puro. Os inimigos da religião recorreram a táticas puramente intelectuais, tentaram demonstrar como era absurda a fé, porque é a única forma de solapá-la. A consideração da base emocional da fé não destrói a religião nem lhe acrescenta qualquer valor. Deriva única e exclusivamente da tentativa de compreender a essência da psicologia da fé.

Na tarde de domingo, não fui capaz de fazer nada. Voltei com James (Tetete), muito cedo — ele me ajudou a encontrar um casarão em Kalokalo. Não posso dizer que os momentos passados naquela casa foram agradáveis. A fedentina, a fumaça, o barulho das pessoas, os cães e os porcos — a febre que devo ter tido durante aqueles dias, tudo isso me irritou profundamente. As três noites que dormi lá não foram boas; durante todo aquele tempo me senti exausto. Na segunda-feira de manhã, depois de beber chocolate na praia, saí com Velavi no barco. Não me lembro muito bem do que fiz. Em geral há menos animação pela manhã. A folia começa à tarde. Há sempre algumas procissões com porcos. — Na segunda à tarde — *damorea*? Na terça? — Na quarta os porcos foram finalmente levados ao *tanawagana*. Disputa — quase uma briga — para decidir sobre a derrubada de um coqueiro. Dançaram a *raua*. Bastante impressionante, quando um grupo de sujeitos que pareciam realmente selvagens surgiu no meio da multidão obviamente assustada e nervosa. Não surpreende que tais coisas causassem brigas antigamente. Antes disso tive uma conversa útil com Carpenter, que me deu diversas explicações valiosas. — De modo geral, estes dias que poderiam ter sido extremamente frutíferos — eu realmente poderia ter obtido uma quantidade enorme de coisas importantes — foram consideravelmente estragados pela minha falta de forças. Durante o dia o calor era tal que eu me senti sufocado na plataforma onde me deitava. A maior parte da segunda-feira fiquei sentado sobre a plataforma sem fazer quase nada. Na tarde de terça, fui com Sixpence para sua minúscula aldeia, onde tirei as últimas três fotos do dia, depois voltei para a praia, onde dei

com uma procissão que marchava direto para mim, com o *tanawagana* à frente; eles me ofereceram um porco. Tentei devolvê-lo, mas foi impossível. Naquele dia (terça) eles começaram a dançar a *damorea*, mas eu estava tão farto do porco e tão monstruosamente exausto que voltei para o *dubu* e fui para a cama. Escutei rugidos furiosos. Tiabubu disse que talvez os *bosquímanos* tivessem vindo e estivessem derrubando as cabanas e destruindo as palmeiras. Diversos gritos que soaram como *"Hurra!"* e as respostas a eles, *"Wipp"*. No dia seguinte, observei a mesma coisa e averigüei que a gritaria ocorreu quando um dos troncos de mangue dos baixios foi derrubado com o auxílio de uma longa vara, a partir da plataforma, a qual um porco foi atrelado.

Na manhã de terça eu fui para a esquerda, atrás do *riacho*, e vi que cozinhavam sagu, mexendo-o com uma espécie de remo. Na manhã de quarta, trouxe *kuku* para o *tanawagana,* que depois me convenceu a dar-lhe mais, levando-me a Kanikani. A tarde de quarta foi o dia mais intenso: o ponto culminante da *raua*. Durante todo aquele tempo, infelizmente, me senti bem angustiado. A febre ou o calor medonho estavam me destruindo. Na manhã de quinta fomos a Dahuni. Além de Silosilo, uma baía aberta; à esquerda (oeste) um enorme penhasco projetava-se sobre a extremidade de uma faixa estreita: sobre ele, Gadogadoa. Alguns navios de Mailu — quanto mais para oeste nós íamos, mais velas *em forma de pata de caranguejo* apareciam. Velejamos contornando outra baía rasa, passamos bem perto do penhasco, e entramos na baía de Bona Bona. A ilha de Bona Bona Rua me lembra o sopé dos Cárpatos com seus muitos braços — Obidowa além de Nowy Targ. Aqui e ali clareiras — terrenos mal irrigados, cobertos de capim — mas eles estranhamente me lembram as ravinas situadas em algum ponto das encostas de Kopinica, perto da estrada velha para Morskie Oko. — À direita, a entrada de Mullins Harbor, Gubanoga. Ao norte, praias planas e um luxuriante cinturão de vegetação espessa e impenetrável, correndo bem ao longo do leitoso mar azul; aqui e ali palmeiras, qual brilhantes linhas geometricamente paralelas, talhadas com alguma ferramenta afiada no cinturão verde. À direita, amplas baías e montanhas cobertas de uma abundante vegetação. Entramos da baía de Dahuni. Muito cansado.

Olhei com prazer as gravuras em um exemplar de três anos do *Graphic*. Fui dormir. À tarde, caminhei. No segundo *dubu*, visitantes aguardavam sentados — 2 mailu e 2 borowa'i [tribo do interior da área de Mullins Harbor] — comendo taioba em grandes travessas de madeira. Os tipos borowa'i eram extraordinários; rostos completamente australianos, cabelo liso, narizes de macaco, expressão selvagemente assustada. — Ainda incapaz de trabalhar, voltei e saí de barco com Igua, Boo e Utata. Encontramos o *lugumi* Mailu, ao qual lancei amarras por um momento. Vista maravilhosa da vela amarela num fundo de um azul cada vez mais escuro; as praias baixas de Mullins Harbor assomavam a distância. Na volta tivemos muito trabalho com os remos. À noitinha comprei alguns objetos — o início de "um novo tipo de museu": objetos domésticos.

A manhã seguinte (sexta, 18.12) foi brilhante e clara — Mullins Harbor não estava clara a distância, pois havia uma tempestade por lá. Podia-se ver perfeitamente a baía de Orangerie. Dificuldades com os *meninos*, que estavam se rebelando. Progredimos ao longo da praia verde e plana — diversos morros atrás da planície — em meio à neblina e às nuvens. Gadaisiu; a plantação aparentemente morta, sombria. Almoço com Meredith. Conversa sobre os Graham; sobre as estações nesta região da Nova Guiné. — No bote para a aldeia; a aldeia miserável, quase deserta; as casas altas construídas à Suau, embora algumas particularmente pobres. Continuamos a viagem; de trás das montanhas uma neblina branca avançava firmemente na nossa direção, como que impelida por algum vento violento vindo do outro lado. Aparentemente, a forte monção vinda do outro lado vem para cá no vento sul que a atravessa. Vista encantadora de diversos montes com auras de neblina branca, evolando-se misteriosamente dos vales profundos. Baibara. Conflito com Arysa; fúria. Andei ao longo de um caminho coleante entre grossas trepadeiras enroscadas num jovem palmeiral; sra. Catt e Catt; prolixos; passei os olhos pelos jornais ilustrados; senti que não conseguiria apurar muita coisa sobre agricultura nativa por intermédio dele. Fomos dar um passeio na praia; ele foi efusivo a respeito da plantação, eu me enchi de admiração. Ele me mostrou sua casa antiga e me contou

uma história sobre uma cobra — quantas vezes ele havia acompanhado alguém até ali e lhe contado a mesma história? Na praia, discussão sobre missionários — ligeiro atrito; perdi qualquer afeição por ele. Voltamos; jantar; conversa com a sra. Catt, que é muito agradável. Fui para a cama muito tarde. Dormi mal.

Não me sentia muito bem de manhã... Daba entrou e fomos de bote para o cemitério. Plataforma, trouxas com ossos, crânios esbranquiçados sobre as rochas. Um dos crânios trazia encaixado em si um nariz — deveras impressionante. Perguntei sobre os ritos fúnebres. Enquanto isso, os meninos berravam e sopravam a corneta. Fiquei furioso com eles. Despedimo-nos de Catt. — A costa é pedregosa, coberta de vegetação atarracada. A entrada para a lagoa onde fica o cemitério fica entre duas rochas... Mais adiante os morros são mais altos e de um verde extremamente intenso. Infelizmente o dia estava muito nebuloso; não se podia enxergar a uma distância muito grande para trás. Atingimos Port Glasgow, que parece encantador — um fiorde flanqueado por dois pilones semelhantes a esfinges, cercados de morros altos, com as sombras das gigantescas montanhas da cordilheira Principal [cordilheira Owen Stanley] ao fundo. Desembarquei — imediatamente me senti debilitado — e voltei ao barco. *Parada* perto de Euraoro. Uma ilhota arenosa e rochosa com uma dúzia de casebres. — Atingimos Mailu. Subitamente me senti vazio: o futuro era um ponto-de-interrogação. Há apenas um instante eu estava planejando minhas atividades em Mailu — descrição e fotos de atividades econômicas, no jardim e na casa, uma tentativa de colher exemplos de todos os objetos técnicos etc. — Em Mailu aguardei a *lancha* e *vadiei*. Não me sentia muito mal; aparentemente tinha jeito para a coisa. Escrevi no meu diário. Por volta das 6 fui para a aldeia, distribuí tabaco e encomendei uma réplica de *oro'u*.

Ah! claro: a pequena casa da missão arrumada para me receber causou-me uma impressão agradável e mitigou minha raiva pelos Saville. Por volta das 7 horas voltei para casa e soube que o "Elevala" tinha chegado. Peguei o bote. Conversei com Murray e Grimshaw. Jantar com S[ua] E[xcelência] e conversa. Eu estava nos mesmos termos que antes com eles; conversa livre e amigável, e fui eu que a tornei pitoresca, sem me sentir importuno. — Li 4 cartas — uma da sra. Mayo (gentil e amistosa); uma de A. G. [Alfred Greenaway], bem-sucedido quanto às 200 libras, um pouco curta, mas aparentemente bem-humorada; e duas cartas de N., a primeira bastante seca e curta, manifestando irritação com o meu silêncio. A segunda, cordial, em resposta a minhas cartas de Cairns e Pt. [Moresby], e as fotos — meu único contato com um mundo que me é amistoso. Contudo, devo admitir que as pessoas que conheço aqui estão, de modo geral, muito bem-dispostas e parecem hospitaleiras, de forma que tenho a sensação de estar entre amigos. Não me sinto muito rejeitado. Até pessoas conhecidas "no caminho" — os Rich, Catt, Meredith — são humanas, são "conhecidas". Em Samarai, os Shaw, os Higginson, os Ramsay, Stanley me trataram com grande cortesia... Igua foi ao navio. Esta manhã, com a voz embargada, contou-me que seu "tio" Tanmaku havia acabado de falecer — desfez-se em lágrimas.

Hoje fiquei sentado dentro de casa o dia inteiro, colocando meu diário em dia, fazendo um curativo no meu dedo, preparando-me para tirar fotos — foi domingo, dia 20. À tarde, tomei um banho bastante revigorante no mar, nadei e me deitei sob o sol. Senti-me forte, saudável e livre. O bom tempo e a frescura comparativa de Mailu também ajudaram a me animar. Por volta das 5, caminhei até a aldeia e encontrei Velavi. Encomendei uma pedra de moer sagu e uma réplica de barco, por 10 bastões de tabaco. — Voltei para casa — meu dedo doía muito. Sentei-me para ler Gautier; Velavi, Boo e Utata se comportaram como minha "corte". A noite foi muito ruim; despertei com dor de cabeça... meu dedo doeu muito a noite inteira; aparentemente eu tornei a infectá-lo no banho.

Ontem, segunda, dia 21, o dia inteiro em casa. Manhã e tarde, Puana; conversamos sobre pesca. — Ocasionalmente, à tarde — acesso violento de melancolia; minha solidão me acabrunha. Diverti-me com os contos de Gautier, mas senti como eram vazios. Como um pesadelo invisível, mamãe, a guerra na Europa, pesam sobre mim. Penso em mamãe. Ocasionalmente desejo estar com Toska, costumo con-

templar sua *foto*. Às vezes não consigo acreditar que aquela mulher maravilhosa... o trabalho vai muito mal.

22.12. Terça. Puana veio de manhã e se ofereceu para me levar a Kurere.* Tornei a me sentar na jangada e deslizei pelo espaço, em meio ao maravilhoso cenário das ilhas e montanhas circundantes. Chegamos por volta das 4 e nos instalaram na casa do missionário. Meu pé está doendo, nem consigo ficar de sapatos. Volta e meia, encontrava na aldeia alguém que já conhecia, e conversávamos. Saímos da aldeia — a uma certa distância para a esquerda, uma procissão dançante estava se deslocando pela praia. Só se podiam escutar a batida altamente elaborada dos tambores e a canção. Vi a procissão mais de perto. Na frente iam dois homens com pequenas mangueiras; delas pendiam guirlandas de uma espécie de folha, com as outras extremidades seguras por dois homens que vinham atrás. Eles eram seguidos por dois "chefes" besuntados de fuligem e pintados. A seguir vinha uma multidão de pessoas cantando e dançando, algumas com tambores, outras não. A canção era bastante melodiosa. A dança consistia em pular num pé só, depois no outro, elevando bem os joelhos. Em certos momentos eles dançavam curvados, de costas para as mangueiras, cercando-as como se as venerassem. — Próximo à entrada da aldeia vieram ao encontro deles mulheres usando ornamentos, com diademas de penas brancas de cacatua nas cabeças; dançaram da mesma forma que quando trazem os porcos, ou seja, pulavam de um pé para o outro, embora não pareçam erguer os joelhos tão alto quanto os homens. Todos agiam com grande seriedade; obviamente, tratava-se de uma cerimônia, mas nada havia de esotérico nela. Além do mais, a maior parte da "companhia" era composta de atores. Depois da "entrada" das mulheres, abriram-se grandes *ebas*; todos se sentaram — os protagonistas na primeira fila — e continuaram cantando enquanto comiam nozes de areca. A canção era outra vez melodiosa; tenho a impressão de que se usa a mesma

*Local onde iria acontecer uma festividade *oilobo*. Esta festa era sempre celebrada por volta do fim do ano e inaugurava um período de jejum em preparação para a festa principal do ano nativo, aproximadamente dois meses depois.

melodia para todos os encantamentos. Depois de se comerem as nozes de areca, as mangueiras foram cortadas; depois, envolvidas em *eba*, servem como *talismã* para os porcos. A seguir, voltei para a casa da missão e tive algumas reuniões com os selvagens. À noite, exausto — dormi mal —, dor de dente. Houve dança na aldeia...

Na manhã de quinta fomos a Mogubo Point. Como não havia quase vento, decidimos ficar ali. Camp[b]ell Cowley, muito bem-vestido, bastante vigoroso. Causou-me uma boa impressão. Almoço. A seguir, conversamos. Li Dumas [...] Fiquei sentado sozinho na praia e pensei na minha pátria, na minha mãe, minha última véspera de Natal. Naquela noite tivemos uma conversa descontraída sobre assuntos gerais. C. C. contou histórias sobre a África; sobre caçadas de elefantes — ele é filho de *Sir* Alfred C., do qual eu me lembro bem de Brisbane. Gosto bastante dele; um típico australiano: aberto, franco, expansivo (ele me contou sobre suas intenções de contrair matrimônio), rústico. Nenhum de nós encontrou nada de bom para dizer sobre Saville. Sexta-feira (dia de Natal) e sábado passei lendo Dumas sem parar. Na tarde de sábado Puana chegou, e fui me encontrar com Dimdim. Depois, ao luar, voltamos para Mailu. No domingo, 27, e segunda, 28, continuei lendo Dumas. Terça, 29, quarta, 30, quinta, 31. Fiquei doente. Febre. E uma violenta dor de dentes.

Sexta-feira, 16.1.14 [*sic* — a data real era 15.1.15]. Do dia primeiro (sexta) até o dia 7 (quinta) até que não trabalhei mal. Pikana,* Puana e Dagaea vieram procurar-me e conversei com eles. Puana se revelou bastante inteligente e mais aberto. Com Papari eles me forneceram alguns dados interessantes, e senti que aprofundei meu conhecimento sobre *gora* (ou seja, tabu) e problemas de parentesco etc. Um dia ou outro fazia uma excursão com Puana, Boo e alguns outros homens até o alto do morro — tive de ser literalmente içado. Ao acordar, pela manhã (acordei bastante tarde, por volta das 9),

*Pikana, informante mailu de meia-idade, dividia uma casa com Omaga e sua família; Malinowski o considerava ganancioso e sofisticado.

pedi cacau, aos berros. Como sempre, Puana já estava sentado perto da casa, depois se levantava e vinha conversar comigo. Pikana vinha uma ou duas vezes à tarde. A aldeia estava cheia, quase todos estavam em casa. Danças todas as noites — agora com trajes completos, plumas, pintura no corpo etc. Um calor medonho — às vezes eu me sentia péssimo. Por volta de terça-feira, dia 5, o vento mudou para noroeste — mais uma vez os ventos alísios — consideravelmente mais frescos, tempo e céu bonitos, mar azul, ligeira bruma no horizonte. Imediatamente a gente se sente mais esperto... Depois de o vento mudar para noroeste eu mudei a cama... de modo a receber o ar. Sentei-me à janela e olhei as palmeiras e as agaves (duas em flor bem debaixo da janela), os mamões e uma estranha arvorezinha com flores cor de violeta, com aroma semelhante a benzoína refinada, e parecendo ter sido modeladas em cera. Através das árvores vejo um pedaço do mar. — Depois do almoço e à noite li *Pathfinder* (O desbravador), de Cooper, que considerei agradável, mas que não pareceu imbuído da poesia frenética que eu havia lido na minha juventude, em polonês. Infelizmente, com o vento leste, absolutamente todos deixaram Mailu. Quis partir com eles, mas barganhei, e eles não quiseram aceitar o que ofereci pagar, coisa que me enfureceu — fiquei furibundo com os dois guardas e a maioria dos habitantes — e me desmotivou completamente, também. Além disso, não havia *absolutamente* ninguém. Na quinta-feira comecei a ler *Bragelonne* [*O visconde de Bragelonne*, de Alexandre Dumas (pai)], e li-o literalmente sem interrupção, até a noite de quarta ou terça. Dumas, digam o que disserem, exerce um certo fascínio. No final, ele me manteve preso ao enredo, embora sem dúvida tenha deficiências enormes... E a reconstrução do passado é desastrosa. Aramis se mostra um perfeito paspalho, não faz o menor sentido. Eu começava a ler no momento em que me levantava, não parava nem na hora de comer, e continuava até meia-noite. Só ao ocaso me arrastava para fora da cama, saía para dar uma breve caminhada pelo litoral. Minha cabeça estava zunindo, meus olhos e cérebro estavam [...] — e eu mesmo assim continuava lendo, lendo e insistia em ler sem descanso como se estivesse lendo a mim mesmo até a morte. Resolvi que depois de terminar de ler aquela porcaria eu não tocaria mais em nenhum livro enquanto estivesse na N[ova] G[uiné].

Terça-feira, 13, parei — ou melhor, terminei. Na quarta, dormi até tarde. Depois, pela manhã, fui para a aldeia e tirei algumas fotos. Não encontrei ninguém com quem trabalhar por lá, de forma que voltei e comecei a ler as cartas de *M*. Mesmo antes do meu período de intoxicação com Dumas, eu já havia começado a ler e organizar as cartas de *N*. Agora continuo lendo-as. Às vezes sinto vontade de escrever a história da minha vida. Períodos inteiros já parecem tão remotos, estranhos. O colégio interno; Slebodzinski — Glowczynski e Gorski, Bukovina com Wasserberg = Chwastek e os preparativos para o doutorado — estas coisas parecem quase não ter nada a ver comigo. — Na quarta-feira fiquei febril, na quinta, também — muito fraco, 36,9[°C] mas ainda estava exausto. Na noite de terça ou quarta tomei quinino, na manhã de quarta arsênico, também. Noites positivamente desagradáveis — insones, com aquela dor de cabeça típica depois de se ingerir quinino. Ontem (quinta) recomecei a fazer anotações. Por enquanto me restringi a trabalhar com Igua. À tarde folheei Shakespeare e tive dor de cabeça. De manhã estudei Norman Angell e Renan. À tarde tirei uma soneca, e às 5, sentindo-me a ponto de morrer, me arrastei para a aldeia. Estavam enfeitando uma casa para a *maduna*, pendurando bananas em toda a volta. Voltei no escuro e mais uma vez assustei um garotinho que chamo de Macaco; ele emite sons estranhos quando assustado; convencia-o a me acompanhar durante um trecho do caminho, dando-lhe tabaco, depois desaparecia de repente entre os arbustos, e ele recomeçava a guinchar. À noitinha eu estava bastante *kaput*; não li nada. Passei por momentos de desejos desenfreados de escutar música e às vezes parecia que estava realmente escutando-a. Ontem, por exemplo, a Nona Sinfonia. — Ainda estou apaixonado por *T*., e sinto saudades dela. Considero seu corpo de uma beleza ideal e sagrada, mas percebo que psiquicamente não temos nada em comum, não como com *Z*., por exemplo. Só que não estou mais envolvido eroticamente com *Z*. Se pudesse escolher uma delas como companheira neste momento, de forma puramente impulsiva, sem hesitação escolheria *T*. As maiores

responsáveis por isso são as maravilhosas fotos que tenho em meu poder.

Sábado, 17.1.14 [*sic*]. Depois de uma noite insone, apesar do brometo, e depois de beber muito chá, não estou me sentindo mal, de jeito nenhum; mas o coração não está muito forte. Veremos o que virá a seguir! Ontem de manhã trabalhei com Igua e Velavi sobre iguarias nativas. Velavi é muito desorganizado. A seguir, luta atlética com Velavi. Depois, almoço (mamão); depois li Rivers e estudei de relance Hill Vachell. O céu ficou nublado; de manhã os rapazes gritam: *"Navio à vista!"* Chegam o "Wakefield" e uma frota inteira de *oro'us*. À tarde, por volta das três, minha temperatura subiu para 36,9, quase 37. Isso já vem acontecendo há vários dias — acompanhado de dor de cabeça e confusão mental. A leitura de Rivers, e a teoria etnológica em geral, é inestimável, me oferece uma motivação totalmente diferente para trabalhar e me permite aproveitar minhas observações de uma forma totalmente diferente. — Ainda estou obcecado pela idéia de conseguir um cargo oficial qualquer em etnologia no governo da Nova Guiné. Suspeito que Haddon esteja favorecendo Layard* para obter esse emprego. — Por volta das 4, descoroçoado pela febre, dor de cabeça e pela chuva, *sin embargo*, contudo, fui até a aldeia. As montanhas estavam de uma cor de safira escura; cúmulos de um branco azulado entre sombras escuras cor de chumbo; o mar bruxuleia esmeralda contra essas cores melancólicas. O tempo estava abafado e opressivo. *Lugumis,* cobertos por pequenas cabanas [ou seja, transformados em casas flutuantes], estava perto da *ogobada* [*ogobada'amua?*]. Maré excepcionalmente baixa. Um grande número de pessoas estavam colhendo *frutti di mare* [pequenos mariscos]. Sentei-me e fiquei observando as mulheres fazerem *ramis* e tecerem cestas. A chuva se intensificou. Sentei-me numa varanda; a princípio, na de Vavine, depois inspecionei uma varanda repleta de garotinhas pequenas; "acenderam o fogão" e estão cozinhando algum alimento. Caminhei pela rua, e ao retornar sentei-me na varanda. Cansado.

*J. Layard, antropólogo, autor de *Stone Men of Malekula* (Homens de pedra de Malekula) (1942).

A noite caiu. As casas em sombras melancólicas e transparentes; pequenos riachos de água escorriam pelo meio da rua. Ansiei por música, pelo *Tristão e Isolda.* Voltei para casa e li Rivers, depois Hill. Durante muito tempo não consegui conciliar o sono. Fantasias eróticas... Mas creio que meus instintos monogâmicos estão se fortalecendo cada vez mais. Penso apenas em *uma* mulher. Só sinto saudades de *T.* — de ninguém mais. Racionalmente me sinto intimado a esquecer *T.* — ela não passa de uma substituta temporária do *amor da minha vida*. A luxúria está começando a se tornar algo estranho para mim. Só me recordo com um estremecimento da noite de 10.9 em Olcza; lembranças de Windsor, de Meck[lenburgh] St. — penso no quartinho de porta trancada em [Chilt] Farm. Sem dúvida, ainda estou apaixonado por ela...

Domingo, 18.1.14 [*sic*]. Depois de fazer meus exercícios me recobrei (bastante devagar) e fui até a aldeia contrariado, porque eles estavam cobrando uma exorbitância pelo aluguel de um *oro'u* — 20 bastões de tabaco. Maré cheia, muito alta — *lua nova*. Fui com a intenção de fotografar os tipos. Na aldeia, atividades de preparação para o feriado: cozimento do sagu, descascamento de cocos. Fotografei tudo isso — me descontrolando com freqüência, dizendo imprecações e tendo acessos de raiva. A seguir, fotos com teleobjetiva. Por volta de 12:30 fui para casa. Li Rivers durante algum tempo, almocei, fiz cópias das fotos. Mais ou menos às 4, levei a câmara até a aldeia. Tirei duas fotos da vista geral — duas de um *oro'u* e 5 de dançarinos. Mais tarde, observei uma *bara*. Podia jurar que estava febril de novo; começou a chover. Em casa, li Hill — com medo de cansar a vista, e às 9:30 fui dormir. Dormi bem — não tomei chá, e foi bom. — Ocorrem-me problemas como os de Rivers. Até agora não prestei atenção suficiente a eles. Ontem foi um dia claro e transparente, podia-se ver a paisagem até Bona Bona e Gadogadoa. Cordilheira Principal nebulosa. Mar semelhante a uma placa de metal esverdeado. Agora que o povo de Mailu voltou, estou menos impaciente com o governador. Por outro lado, esta chuva bastante deprimente. Esta manhã, quando me levantei e vi o aguaceiro que caía,

senti um desejo incontrolável de simplesmente pegar um barco e cair fora daqui! Fiz alguns exercícios de ginástica leves. Mais uma vez estou continuamente pensando em poesia, e gostaria de escrever alguns poemas, mas não sei sobre o quê!

Segunda, 19.1.15 [*sic*]. Ontem, antes do meio-dia, Pikana apareceu. Com grande esforço — porque estava sonolento, bocejava o tempo todo, estava com dor de cabeça e me sentia mal — extraí dele material referente a parentesco. Depois, às 12:30, me senti tão exausto que fui para a cama. Depois do almoço (não tinha apetite), dor de cabeça. Tomei injeções de arsênico e ferro. Comecei a ler Rivers, mas tive de parar. Recomecei a ler poemas de L. Hope [Laurence Hope, pseudônimo de Adela F. C. Nicolson]. Por volta das 4 saí da cama com grande esforço — dor de cabeça e uma moleza horrível no corpo — e fui para a aldeia com Igua. Chamei Omaga e Koupa, e sentados no *Urumodu* debatemos relações jurídicas. Por volta das 6:30, me senti outra vez exausto. Em casa bebi *conhaque & soda;* dor de cabeça; brometo, massagem e cama. Caí no sono [...] À noite uma forte lufada de vento me despertou. Já de madrugada sonhei com meus ideais — com Zenia, *T., N.,* todas num quarto, dormindo separadas por tabiques de *ferro corrugado*. Isso é em algum lugar entre Zakopane* e Nova Guiné. Sensação de felicidade desperdiçada, tesouros perdidos. Levantei-me com um pedaço de papelão na mão para cobrir a última janela! — O tempo mudou. O céu ficou nublado desde a manhã, mas não choveu à tarde. Aguaceiros até o amanhecer. Por estes dias não fui tomado pelas saudades, mas os poemas me comoveram até as lágrimas ontem. Decididamente, são verdadeiras obras-primas.

Terça, 20.1.15 [*sic*]. Ontem dormi até muito tarde. Levantei-me às 10. No dia anterior havia contratado Omaga, Koupa e alguns outros. Eles não vieram. Mandei Igua à aldeia — ele voltou de mãos vazias. Tornei a me enfurecer. Estudei minhas anotações e as reorganizei. Descobri que um pequeno mapa que fiz do alto do morro está faltando. Senti-me decididamente melhor (arsênico no domingo), embora estivesse agitado e *irritadiço*. À tarde dei uma olhada no CGS [Seligman] e Rivers, e fiz preparativos para ir à aldeia; Pikana apareceu. Quis trabalhar com ele, falando sobre *bara*; usei peças de jogo (padrões) para esse fim. Mas ele não conseguiu me acompanhar e fez a maior confusão; eu me zanguei e gritei com ele — a situação ficou tensa. Ambos fomos para a aldeia às 5. Eles apresentaram algumas danças. — A chuva começou a cair. Eu me abriguei sob o telhado da casa de Omaga. Um pôr-de-sol maravilhoso. O mundo inteiro impregnou-se de cor de tijolo — era possível *ouvir* e *sentir* essa cor no ar. Em alguns pontos o céu aparecia entre as nuvens, de um azul estranho. Sobre as montanhas, pequenas nuvens brancas — do tipo que vemos na Polônia durante uma tempestade — em pontos dispersos, como se os bosques estivessem em chamas nas encostas. Fiquei de pé, sozinho, na praia, perto do *lugumi*; próximo a uma das cabanas uma menininha me olhava fixamente. A luz se afastou devagar... no que eu estava pensando? Sobre o que estava causando as nuvenzinhas brancas; sobre as oportunidades pictóricas para Staś; não era nostalgia, não pensava na Polônia. Quando me sinto muito bem fisicamente, quando tenho algo para me ocupar, quando não estou desanimado, não entro num estado *constante* de nostalgia. — Depois do jantar li *Conquest of Mexico* (A conquista do México) [de Prescott]. Fui para a cama por volta das 11 e durante muito tempo não consegui conciliar o sono. Pensava em "mulher", como sempre, sob tais circunstâncias. Em *T.* Lembrei-me de encontros do inverno passado. Terça, data da última conferência, 17.3, e a viagem a Windsor, 18.3 — a Windsor e a volta. À noite, *"jantar parlamentar"*. Quinta, comemoração do dia da santa que deu nome a minha mãe, K. e Kasia vieram nos visitar. Sábado: concerto no Palácio Alexandra. Bach(?) com K&K. — A seguir, domingo, 22, audiência de conciliação (?) Debr. x Prusz. Encontramo-nos no Primrose Hill; bem no final, no caminho paralelo à Adelaide Rd. Depois pegamos ônibus para casa (Gray's Inn Rd.) Recordo-me de quando chegamos a St. Pancras.

*Estância de veraneio nos Cárpatos, cerca de trinta quilômetros ao sul da Cracóvia.

Perguntei-lhe se ela gostava daquele lugar — "Não — [...] com visitas aos Gardiner* [?] quando eu estava com pressa de pegar o trem!" Essa foi a última vez. A seguir, na quarta-feira, deveríamos nos encontrar — um obstáculo físico! Depois, na sexta, expedição a Earls Court Skating. No sábado, 28.3, Nona Sinfonia — humor péssimo, resmunguento, desdenhoso. Ela se controlando, eu furioso. Depois o domingo; saudades, um remorso e uma raiva deprimentes. Na segunda-feira ela veio de vestido violeta com gola de peles, a frente de xadrez preto e branco. Sentei-me ao piano, cantando *"Uber Allen Gipfeln"*.** Conversa com mamãe *en trois;* fiz alusões estúpidas e maliciosas ao trabalho dela, ao auxílio que ela prestava ao marido. Acompanhei-a até a porta — discutimos; lembrei a ela a promessa de quarta-feira. Na manhã de quarta, um forte acesso de sentimento amoroso; telefonei — resposta negativa. Implorei a ela; um encontro no jardinzinho; negativa; nenhuma acusação. Vendo a frieza dela também me recolhi à indiferença. Na noite de ontem ocorreu-me que, se eu a tivesse arrastado até minha casa, seduzido, convencido, implorado — e a *violentado*, tudo teria ficado bem. E, portanto, aquele 1º de abril foi um dia de amarga decepção. Na noite passada tornei a ter um forte ataque de monogamia, com aversão a pensamentos impuros e desejos sensuais. Será por causa da solidão e uma verdadeira purificação da alma ou apenas loucura tropical?

Quarta-feira, 21.1.15 [*sic*]. Ontem me levantei cedo, às 6. (Durante todo o período da minha fraqueza e posteriormente, me levantei entre 9 a 10 horas!) Lavei-me para despertar (é raro eu me lavar de manhã, ao todo me banhei apenas duas ou três vezes). O puro e fresco ar matinal exerceu um efeito tonificante em mim; como sempre, arrependi-me de não acordar sempre ao raiar da aurora. Fui à aldeia na esperança de fotografar alguns estágios do *bara*. Distribuí *meios*

*Provavelmente uma referência ao Dr. Alan Henderson Gardiner, famoso arqueólogo e egiptólogo, amigo de Malinowski.

**"Wandrers Nachtlied", famoso poema de Goethe, musicado por diversos compositores, principalmente Schubert.

bastões de tabaco, depois assisti a algumas danças; em seguida tirei fotos — mas os resultados foram muito ruins. Não havia luz suficiente para os instantâneos; e eles não posavam durante tempo suficiente para fotos com exposição mais demorada. — Havia momentos em que eu me enfurecia com eles, especialmente porque depois de eu lhes dar suas porções de tabaco eles todos iam embora. De modo geral, meus sentimentos para com os nativos decididamente tendem para *"Exterminar os brutos"*. Em muitos casos agi de forma injusta e grosseira — por exemplo, no caso da viagem a Domara. Eu devia ter dado 2 libras e eles a fariam. Conseqüentemente, certamente perdi uma das minhas melhores oportunidades. — Depois de tirar as fotos [...] tomei o desjejum; em seguida, tornei a ir para a aldeia. Enquanto caminhava, já estava meio decidido a ir até Mogubo. Fiquei na casa de Koupa e mandei Igua fazer o reconhecimento. Ele relatou que Pikana iria também. Fui para casa, e partimos. Outra vez um maravilhoso sentimento de liberdade e felicidade sobre o mar aberto e translúcido. Conversei com Pikana sobre hereditariedade — mas não deu muito certo... No caminho de Laruoro para Mogubo, sentei-me na frente — diante de mim encostas arborizadas, estendendo-se bem para o interior da ilha, se abriam à esquerda, onde fica Magori, isolada acima da planície aveludada do rio Bairebo, por entre colinas. Eu era capaz de ver as altas montanhas da cordilheira Principal. — Hoje um dossel de cúmulos baixos sobre elas, de onde cai uma chuva forte. À direita, o mar e o céu claro — uma vista até Bona Bona. Vento muito fraco. Conversamos com Igua sobre jardins. Interessante, deve ser aprofundado! Só me senti cansado do balanço das ondas em Mogubo. Cowley não estava em casa. Dei uma olhada nas revistas que ele havia trazido. [Mais tarde] conversei com ele sobre a guerra, sobre os acontecimentos de Pt. Moresby (Fries matou um camarada com o revólver dele); sobre Armit e sua política favorável aos missionários. A seguir pedi-lhe que reservasse uma passagem no "Wakefield". No geral, minha conversa com ele não deixou uma impressão muito agradável. — Começamos a viagem de volta; vento e ondas fortes. Perto de Laruoro entramos no interior de um recife. Eles viraram a vela; fiquei apavorado; *ondas* bastan-

te grandes quebrando em torno, contra o recife inteiro; a vela estava cheia de buracos, e tivemos de atravessar *as ondas que quebravam*. Fora isso, o tempo ficou calmo e bom. Igua me tranqüilizou; da primeira vez não atravessamos da maneira adequada — tivemos de voltar. Na segunda vez tudo foi bem. No caminho para Mailu a água lavou bastante o convés — fiquei encharcado. Em Mailu, barganhando com Pikana — não lhe dei nada a mais, a não ser seis bastões de tabaco. Tornei a me zangar com os nativos. À noite li *A conquista do México*. Adormeci rapidamente. Sonhos estranhos. Em um deles eu tornei a experimentar as descobertas químicas feitas pelo [Dr. Felbaum] e Gumplowicz, e estava lendo suas obras, ou melhor, estudando suas teorias em um livro. Estava num canto de um laboratório. Uma mesa, instrumentos e [Dr. Felbaum] sentado ali. Apresentou seis invenções; estudou química. Vi um livro aberto diante de mim e li seus estudos. A seguir Gumplowicz; ele tinha alguns problemas próprios dele. — Em sonhos, a imensa rapidez das experiências consiste na apreensão sintética dos complexos. Caracteristicamente, temos a percepção de experiências sensoriais: enxergamos, escutamos (?), tocamos (?), cheiramos (?).

Quinta, 22.1.15 [*sic*]. Ontem levantei-me tarde, às 9. Depois de tomar o café da manhã e escrever meu diário, fui à aldeia às 10. Em primeiro lugar entrei em uma casa *Urumodu* e os observei comer, e comi também. Mas vi que o clima era desfavorável para debater questões teóricas. Mandei buscar Velavi e seu pai — eles não vieram. A seguir, Omaga. Passei-lhe um sermão, depois lhe dei meio bastão de tabaco, e fomos buscar "um ancião". Encontramos Keneni. Tudo correu muito bem. À 1 hora voltei para casa. Depois almocei — estava com uma leve dor de cabeça, me sentia sonolento. Li *México*, depois me deitei para descansar, cantarolando. Às 4, vieram Omaga e Keneni. Sentei-me com eles no chão, sobre um tapete, e debati os assuntos em pauta; tudo correu bastante bem. A seguir, fui à aldeia com Omaga. Vista maravilhosa do *continente*. Nossa costa estava imersa em sombras escuras, e o ar estava de alguma forma impregnado de sombra. Observei — a costa perto de Borebo estava de um verde vivo, da cor de uma folha que acaba de brotar na primavera. Acima dela, uma muralha de nuvens brancas, além dela o mar, um azul intenso, polido, tenso (algo que aguarda, onde se sente a vida, como nos olhos de uma pessoa viva — tal é o caráter da cor do mar aqui em algumas ocasiões) — o efeito é maravilhoso. Fico a imaginar de onde vem essa cor? E esse contraste entre luz e sombra, aquela ausência de escuridão, relacionada com a rapidez com a qual o sol se põe nos trópicos? Ou será a forte luz zodiacal, o brilho emitido pelo sol, que iluminava a outra costa com uma luz amarela?... Em casa, dor de cabeça; cantarolei canções de Zenia — melodias ciganas e ucranianas. Fui para a missão e distribuí presentes. Os meninos e meninas se comportaram de maneira tola ou talvez hostil. Voltei e contemplei as estrelas. Troquei as chapas [da minha câmara] e passeei ao longo da praia; em certos momentos senti um pânico nervoso. As estrelas cintilavam; a visão do céu não me encheu com uma sensação de ∞ [infinito], mas fez minha alma rejubilar-se como uma "ornamentação das noites tropicais". — Durante um longo tempo fiquei sem poder dormir. Sonhei com uma viagem — ia me casar com *T.* — mas não tive sonhos eróticos. Também pensei na possibilidade de ficar com E. E. em algum palácio cercado por um parque. — À noite me senti bastante debilitado, mas não fraco.

Sexta-feira, 23.1.15 [*sic*]. Estou *"cobrindo o chão"* do meu território de maneira cada vez mais concreta. Sem dúvida, se pudesse ficar aqui por vários meses — ou anos — mais, conheceria esta gente muito melhor. Mas para uma estada curta superficial já fiz tudo o que pode ser feito. Estou bastante satisfeito com o que já fiz sob as circunstâncias ruins. — O arsênico funciona perfeitamente. Esta noite fiz uma experiência. Tomei 10 *grãos* de quinino e de madrugada me senti péssimo. Aparentemente o quinino não faz bem, nem me ajuda — poderia ter algum efeito prejudicial nos corpúsculos vermelhos do sangue? Será que o arsênico é um específico contra a malária? Se esse é o caso, qual o seu valor nos países alpinos?

Ontem caminhei até a aldeia às 7. Fotografei o *lugumi* — de trás da *casa flutuante*. Descobri que esse era o lugar adequado para tirar

fotos de Mailu (da aldeia). Depois voltei, chamei Omaga e fui para a casa de Keneni — Pikana reuniu-se a nós. Eu o ignorei, voltei as costas para ele. Ele começou a falar por sua própria conta — e se saiu excepcionalmente bem. Conversamos sobre jardins, sobre *"Bittarbeit"* [troca voluntária de trabalho no jardim] etc.... Depois do desjejum peguei uma partida de tabaco e fui para a aldeia, fotografei o *lugumi*, e a seguir... fui comprar objetos. Em geral pago muito acima do preço justo, creio, mas barganho até estar pronto para ceder. Depois do almoço deitei-me e li *México*. Dois homens me trouxeram *oba'ua* — pequenos machados feitos de conchas. Fui para a aldeia por volta das 4, comprei duas varas de bambu com penas; depois me sentei à beira-mar com Keneni e sua família. Dini, o irmão de Kavaki, veio também. Keneni [tio deles] e Dini foram para casa comigo e me deram descrições dos espécimes. Depois do jantar, uma sede terrível — bebi um pouco de água de soda — e depois, muito cansado — troquei as chapas; caminhei à beira-mar; as estrelas cintilavam e havia uma lua crescente a oeste. Sentei-me retraído, sem pensar muito, mas sem nostalgia; senti um prazer melancólico em me deixar dissolver friamente na paisagem. Caí no sono com dificuldade, sonhando com as possibilidades de pesquisa na Nova Guiné.

Sábado, 24.1.15 [*sic*]. Ontem, sexta-feira, me senti extremamente extenuado. À tarde e à noitinha senti uma falta de energia característica, que faz até mesmo coisas triviais — como guardar chapas, arrumar as coisas etc. — parecerem uma cruz monstruosa no Gólgota da vida. Ontem ao meio-dia tomei arsênico + ferro, e hoje, desde o meio-dia, venho me sentindo melhor. Na manhã de ontem levantei como sempre. Fotos: construção de barcos; a rua; 4 mulheres. A maioria das fotos ficou ruim. Omaga [trouxe] carta de Cowley. Por volta das 10, Omaga e Keneni vieram. Falaram sobre tabu e sua conexão com práticas mágicas. Depois do almoço aguardei Pikana; fiquei feliz de ele não vir, e li *México*. Muito cansado. Com um esforço bastante grande (hoje, agora, à tarde, não me sinto nem um pouco sonolento, e estou impaciente para sair, me vestir etc. — seja qual for o preço, esse é o resultado do arsênico: vale uma ação de graças) saí depois de selecionar os remédios que queria dar ao filho de Keneni (ele está com um abcesso na perna) em troca de penas de aves-do-paraíso. Ele não saiu do seu refúgio. Fui à casa de Dini, onde conversei sobre cestas. Voltei bem cedo, sentindo um cansaço monstruoso; sentei-me atrás de uma pequena pedra na *ogobada* e contemplei o pôr-do-sol. Muito fraco. Comi demais no jantar. Depois tive uma inspiração — escrevi um poema [...] Igua me aplicou massagens e contou histórias num motu *delicioso*, sobre assassinatos de homens brancos, bem como falou de seus temores acerca do que faria se eu morresse assim! Adormeci me sentindo muito mal. Meu coração um pouco agitado. Esta manhã não me senti nem um pouco bem. Mal pude me arrastar para a aldeia — uma melancolia e sonolência características. Tentei obter certas pedras de Aba'u... Antes do meio-dia, Omaga veio e me revelou seus segredos de magia negra. Depois do almoço, li *México* — neste momento (4 da tarde) me sinto muito bem e estou prestes a sair para ir à aldeia. Hoje ao meio-dia lavei os cabelos, tomei banho e apliquei-me um clister — tudo isso me fez bem.

Quarta-feira, 3 de fevereiro. [A bordo do] "Puliuli" — Estou para chegar em Kapakapa. Continuação do meu diário interrompido. Fim de sábado, 23.1 (eu estava um dia adiante de mim mesmo): fui para a aldeia, danças cerimoniais em andamento — tirei uma série de instantâneos. A seguir, fui para a praia, onde mulheres realizavam algum ritual estranho numa mulher doente. — Voltei — à noitinha? — Durante alguns dias contemplei com freqüência as estrelas, durante um longo tempo. — No domingo, 24, levantei-me um pouco mais tarde, adiei a ida à aldeia. Por volta das 7, *"barco à vista"*, o do *Governador;* aprontei-me às pressas e fui numa piroga (com um medo horrível de chegar encharcado) para o "Elevala", onde fui recebido com uma reserva indiferente e fria. Gradativamente me convidei para vir a bordo do navio — peguei minhas coisas, me despedi de toda a multidão de selvagens e daqueles que se desfaziam em lágrimas, da missão. A princípio sentei-me com o Governador, depois fui para a popa — sentindo-me feliz de estar indo embora, uma sensação de liberdade — como se eu estivesse entrando de férias... À mesa do

almoço, pouquíssima conversa. Li os romances curtos de Jacobs. De manhã escalei o mastro um momento. Um maravilhoso sentimento de liberdade misturado com medo e depressão, pelo meu "atrevimento". À tarde, escalei uma segunda vez o mastro. Por volta das 4 ou 5, lá estava eu outra vez, estávamos próximos a um cinturão aluvial coberto de vegetação, além de Domara, quando batemos contra uma formação de coral; pude ver o fundo lá do mastro e senti que o navio raspava contra a rocha. Desci correndo; operação de salvamento. Desespero: pensei na possibilidade de perder minhas coisas, meus materiais. Senti comiseração pelo gov. e o jovem Murray*, e uma decepção terrível com o navio em si. Agora compreendo claramente o que isso devia significar para o capitão. O navio se retorcia e girava sobre uma posição no fundo, exatamente como alguém [com dor de barriga]. Em seguida — e agora, no "Puliuli" — sinto um medo histérico desse contato pavoroso com o fundo. Ajudei a puxar o cabo — euforia quando finalmente nos libertamos outra vez. Restante da noite: jantar, conversa com S[ua] E[xcelência] e Murray. Grimshaw ficou com febre. Sujeito bastante agradável. — Eu também li um romance idiota no qual encontrei uma ou duas frases excelentes.

Segunda-feira, dia 25, dormi mal. Levantei-me bem cedo. Subi no mastro. Aurora. Observei as nuvens fazendo cerco ao horizonte inteiro. À medida que o sol foi subindo, elas se dispersaram. Aparentemente são produzidas antes que os raios do sol se intensifiquem. São terrivelmente compactas, cúmulos baixos. Afinal, o sol penetrou através delas. Café da manhã; H. E. deu a impressão de estar de mau humor. De manhã li, conversei com Igua, tagarelei com Murray e desenvolvi teorias às quais ele não prestou atenção alguma, ao contrário, encarou de modo zombeteiro. Perto de Hulaa encontramos O'Malley; Grimshaw me deu uma lição de teoria da navegação. — Depois de Hulaa o tempo começou a ficar abafado. Nuvens pesadas pendiam sobre o litoral, negras ou de uma cor de safira escura, com brilho metálico. Tornei a subir no mastro. A distância vimos a fumaça de um vapor holandês; contornamos um recife. Entramos [na enseada de Port

*Leonard Murray, sobrinho e secretário particular do juiz J. H. P Murray.

Moresby] próximo aos *restos do naufrágio* do "Merry England". Uma chuvarada cobriu tudo. A seguir, aportamos; o sol brilhou através da chuva, tudo assumiu maravilhosos tons irisados. A noite caiu rapidamente. Fui ver a sra. Ashton, mas a casa estava vazia... Bebi uma cerveja e fui dormir. Rugidos monstruosos durante a noite. No dia seguinte, um bando inteiro de alcoolizados; um sujeito de óculos, lembrando o Prof. Los e Bernie Cybulski; um moreno alto que chegou tarde para um julgamento etc. — Dividi o quarto com um marinheiro agradável, de nome Finn. O capitão gorducho é muito simpático e não se embebeda; mostrou-me mapas da Nova Guiné Ocidental.

Terça, dia 26, de manhã, me levantei cansado e nervoso. Igua se atrasou, e tive o trabalho de tornar a fazer as malas. Fiquei profundamente emocionado com as cartas da Polônia. Halinka escreveu sobre mamãe, Staś sobre [Strzelec]. Ao meio-dia fui até a casa de Champion; falei durante muito tempo com Bell. Telefonei para o Dr. Strong* e marquei um encontro com ele à noitinha. (Estou terminando essa anotação no dia 4.2, em Rigo, sob um mosquiteiro, ao som da música de *pica-peixes australianos* e grilos.) À tarde, revolvi o depósito do B[urns] P[help], depois fui para a aldeia com Igua. Visitei as esposas de Ahuia. Fui (num estado mental acentuadamente confuso) para Elevala; sentei-me na aldeia e li a carta de Halinka — às vezes tudo ao meu redor desaparecia. Em um barco fomos para perto do *lakatois* de Hulaa — quadro estranho da vida doméstica sobre a água; eles me ofereceram um peixe. A. ainda não estava em casa. Voltei a pé; cheguei tarde na casa de Strong... Conversa sobre muitas coisas; S. me impressionou pouco com seu conhecimento. Por exemplo, não sabia que *merchi* não é uma palavra motu para designar "prato". A teoria dele sobre o verdadeiro espírito papua não me pareceu extraordinária. Suas opiniões sobre o *vada* são inadequadas; também sobre a natureza da magia. Bebi cerveja e debati acaloradamente a questão dos missionários.

Na quarta, dia 27, de manhã, tive uma ligeira dor de cabeça;

*Dr. W. Mersh Strong, freqüentemente citado por Seligman, cujo trabalho principal foi com as tribos de povos falantes do Roro, no interior da Nova Guiné.

ressaca depois de dois copos de cerveja. Embalei algumas coisas. Às 4 fomos para a aldeia com Igua e meus amigos na *baleeira do gov*.... À noitinha fui à residência do Dr. Simpson; ele não estava. A seguir fui à casa dos Dubois. Dubois muito simpático e inteligente...

Sexta, dia 29, manhã com Ahuia. Depois fui à casa de Herbert... Com a srta. Herbert e a enfermeira, que me lembra um pouco Hel. Czerw. Flertei com ela um pouquinho. Conversamos sobre a guerra. Tentei provar minha superioridade por meio do pessimismo barato. Noite na casa do Dr. Simpson. Copo de xerez; conversa sobre a guerra. Jantar; conversa sobre a Austrália. A seguir, música. Conversei um bocado e fiquei bastante excitado; empolguei-me com o *Rosenkavalier*, "Preislied" [Canção do prêmio] e "Marche Militaire". Bebi cerveja a rodo. Estava bêbado quando fui para casa.

Sábado, dia 30, manhã, Ahuia. Igua não vem mais. Despedi-me do Governador; um pouco decepcionado porque ele não me levou... À noite, fui ver Dirty Dick, depois fui ao hospital com algum amigo e sua esposa, depois à residência do Dr. Buchanan, onde [estavam no meio de um jogo de *bridge*]. Dois enormes copos de cerveja gelada — a maior felicidade! Estava bêbado outra vez quando fui para casa.

Domingo, dia 31, li N. Maquiavel, fui à aldeia. *Gurba, taubada*. Plano para excursão a Hanahati, caça. À tarde, li Maquiavel, escrevi cartas; sob a influência de certa elevação espiritual, dei um passeio; pensei em amor, em *T.* Quis visitar os Dubois e depois os Ashton; não estavam em casa. Retornei, conversei com McCrann e Greenaway.

Segunda-feira, 1.2. Manhã com Ahuia. Por volta das 12 ou 11 fui ver Stamford Smith — ou melhor, primeiro fui à casa de Kendrick, depois do S. S., que me prometeu um navio. A seguir, à tarde, fui ver Champion, com quem conversei sobre a promessa do governo australiano de me manter na N.G. — Percebo claramente que, seja o que for que eu aproveite disso mais tarde, serei subvencionado pelo governo. Fiquei muito feliz com isso, e por esse motivo vadiei a tarde inteira. *Não* fui à aldeia; escrevi algumas cartas, li Maquiavel. À noite, estava agitado e nervoso, dei um passeio à beira-mar; depois

passei na casa dos Ashton, onde escutamos gramofone. Em seguida, tornei a caminhar à beira-mar, e fui ver Dirty Dick. — Li Maquiavel durante todo aquele período. Muitas afirmativas me impressionaram extraordinariamente; além do mais, ele é muito parecido comigo em muitos aspectos. Um inglês com uma mentalidade inteiramente européia e problemas europeus. Descrição da atitude com relação a Isabel, amor permeado e entretecido com compreensão intelectual — lembrei-me com grande intensidade de *Z.* Margaret, com sua eterna passividade, toda afirmação, expectativa e "intuição", uma incapacidade absoluta de dizer não ou questionar qualquer coisa ou qualquer pessoa. Essa é uma imagem do vazio que eu sentia, a não ser com *T.* Ler esse livro me afasta de *T.*, me aproxima de lembranças de *Z.* Apesar disso, sinto *T.* com toda minha força, todo o meu corpo. Hoje (5.2) tornei a sonhar com ela.

Terça, 2.2. Manhã (e o dia anterior) não tive notícias do "Puliuli". Às 10, Ahuia, Koiari. A. pediu-me 15/-, que eu lhe prometi. Carta de S. S. dizendo que vamos. Telef. — fomos ao banco, à A[dministração] das M[issões], para fazer um relatório sobre minha demora; a seguir Champion, que me prometeu enviar um navio no caso de necessidade. De 1 hora (bebi dois copos de *shandy*[2], dor de cabeça) até as 3 me aprontei no hotel de McCrann, com esforço. Reuni minhas coisas do B[urns] P[help], de casa, e embarquei. Eles hastearam a bandeira azul, eu estava no "meu navio" — um forte sentimento de que o navio é para meu uso exclusivo, e os observei manobrando. A alegria de navegar a vela. Recuamos para pegar dois volumes para English.* Navegamos em direção a uma ilhota antes de recuarmos (*virarmos de bordo*). — Sentei-me e observei, feliz. Assim que desci para minha pequena cabina, minha cabeça começou a girar; lá em cima eu me sentia bem. As costas agora são inteiramente verdes, esplêndidas. A noite caiu perto de Taurama; depois disso, navegamos ao luar, o timoneiro tenso; devo confessar que estava um pouco atemorizado por causa dos recifes, uma

[2]Mistura de cerveja e gengibirra. (*N. da T.*)

*A. C. English, funcionário colonial do governo em Rigo, onde Malinowski planejava colher dados, com a ajuda de Ahuia, da tribo Sinaugholo, um povo que vivia em contato íntimo com os mailus.

sensação desagradável de que poderíamos raspar contra o fundo de novo. Naquela noite dormi mal. No meio da noite fui despertado pelo raspar do pau contra o mastro. Subimos ao tombadilho. A lua brilhava; o timoneiro estava de pé, imóvel, o rosto com uma expressão animalesca de Buda, olhando diretamente para a frente. Navegamos rente à terra, paralelamente a ela; o vento havia mudado para noroeste, mas era muito fraco. — De manhã (quarta, 3.2) singramos ao longo de costas baixas cor de esmeralda; atrás delas, erguia-se um *planalto*. O vento estava mais forte, nos aproximamos rapidamente, passando por Tavai. Escrevi meu diário e reuni minhas coisas. Um barco com um policial e um intérprete veio na nossa direção. Desembarcamos; inspecionamos os *dubus*, parcialmente em ruínas, com colunas dotadas de entalhes magníficos. English chegou de bicicleta. A conversa foi irritante — fiz propostas para organizar as coleções dele, mas ele as recebeu de modo bastante frio. Aguardei enquanto ele inspecionava seu depósito... Muito quente, o sol escaldante sobre nós. Feliz de estar caminhando, um bom *exercício*. À beira da estrada, coqueiros, jasmins-de-são-josé, mimosas, frias como gelo com flores cor de cinábrio, aromas deliciosos misturados com fedentinas horrendas. Aqui e ali se viam sebes e tuias, como nos parques ingleses; áreas cultivadas. Vimos a missão, depois a casa de English; o morro do escritório de representação do governo. Um senhor agradável, Stanley; almoço. Depois ele me levou morro acima, até a casa da missão. Estava muito cansado, fui dormir. Acerca de English: conversamos contra os missionários; ele fez uma série de comentários bastante razoáveis; de modo geral, ele me deixou uma impressão bastante favorável. Depois, jantar com Stanley, conversa sobre a guerra. Mosquitos agressivos. Fiquei fora de mim. As pulgas, também, repugnantes. Dormi bem o suficiente.

Quinta, 4. Eu me senti fraco. Durante toda a manhã cochilei e li histórias obscuras...

Sexta, 5. Pela manhã me senti bastante frágil; fraco, indolente e com tendência a dormir, *a doença do sono de Bob Hunter*. (Durante a noite, de madrugada, sonhei com mamãe. Um enorme quarto no número 153 da rua Marsz[alkowska], na casa dos Szpotanskis, mobiliado com camas amplas, guarda-louças etc. Mamãe era estranhamente dependente de Szpot. e Lach. *Ela marca pequenas vantagens*. Conversamos sobre alguma viagem à América do Norte.) Levantei-me e tentei desajeitadamente escrever no meu diário — através de uma abertura na varanda podia contemplar as pradarias e encostas verdejantes —, era como um vale primaveril na Europa Central. Por volta das 10 desci, depois de um banho, via Stanley; catamos cocos; seguimos um caminho bonito margeado por arbustos, flores brancas com uma fragrância parecida com o perfume de Z., grandes árvores copadas, para o *dubu* da aldeia Gomore. Lindos casarões com varandas duplas, de dois ou três "andares". Sentamo-nos na casa do guarda perto do *dubu*, e vieram homens de outra aldeia nos ver. Conversamos sobre a *festividade do tabu*... Com Diko perambulei pela aldeia, e depois fui procurar English... Suava horrivelmente e senti fadiga cardíaca. Mas não trabalhei mal, nem na aldeia nem na casa de English. Voltei sob um céu maravilhosamente multicolorido. Paz, me senti relativamente melhor — muito melhor do que antes, e senti *joie de vivre tropicale*, algo como estar embriagado por um vinho forte, ao mesmo tempo opressivo e estimulante — amplia os horizontes e paralisa a gente por completo. Encontrei Ahuia e Inara catando cocos no bosque diante do escritório de representação do governo. Caminhamos juntos, conversei com Inara, um louro de pele clara e modos extremamente arrogantes. Prognata, ele me lembra M.S. e M.O de Zwierzyniec [um bairro da Cracóvia]. Também senti simp. por ele... Fiquei sentado ali apesar do fedor horrível de cascas de cocos sendo defumadas — conversei com Ahuia. Fui para a cama por volta das 9. Não dormi mal.

Sábado, 6. Hoje creio que estou me sentindo um pouco melhor. Levantei-me tarde, às 7:30. Após o café da manhã, debate com homens de Kuarimodubu, que chegaram aqui com um guarda; um forte vento do noroeste nos levou da frente para a parte traseira da plataforma. Em certos momentos me sinto cansado, especialmente de-

pois do almoço, diretamente depois li um livreto sobre Java. Naquele momento me sentia altamente *irritadiço* e instável. De modo geral, estas pessoas [os sinaugholo] são muito simpáticas, incomparavelmente mais agradáveis do que o povo mailu e mais fáceis de se conviver. Contam tudo sem constrangimento e falam bem o motu. Não há dúvida de que — principalmente com o auxílio de Ahuia — fui capaz de colher mais material aqui em um mês do que em Mailu em seis meses. — Ontem trabalhei bem e arduamente durante cerca de 5 horas e com excelente aproveitamento. Por volta de 4:30 fui ter com English; encontrei-o descendo de um carro de aluguel. Aparentemente ele se ofendeu com meu atraso. Fiquei aborrecido, me zanguei, e tive vontade de ficar ofendido também e lhe "dar o desprezo". Lembrei-me de Strong ter dito *"você tem de adulá-lo"* e, com um certo desdém, disse a mim mesmo que não valia a pena. Apesar disso, enquanto dava uma caminhada, imaginei o que deveríamos dizer um ao outro etc., e, em alguns momentos, fiquei realmente furioso. Voltei para casa, depois tornei a sair, fui a Kuarimodubu, e a seguir fiquei sentado durante algum tempo em um lugar encantador — recordou-me o que havíamos visto perto de Brisbane; ouvimos o som de líquido fluindo de enormes decantadores (pica-peixes) mas os mosquitos insistiram em estragar o *Stimmung* {clima}. À noitinha sentei-me ao lado de Ahuia para conversar sobre os brancos, especialmente os funcionários do governo, e conversamos sobre questões sexuais entre os nativos. A. diz que Koiari cometeu incesto. À noite um furioso *guba* — fiquei imaginando, como íamos voltar para Port?

Domingo, 7. Manhã, como sempre. Levantei-me às 7. Desjejum, diário, trabalho com Ahuia e os outros. Soube que o "Puliuli" estava aqui. Por volta das 4 fui falar com English — mandei Ahuia para Gaba-Gaba. English me recebeu friamente; com a ajuda de sua esposa ele estava numerando *bastões* — me ofereci para lhe confeccionar um catálogo. Afinal, ele se tornou bastante amável, fazendo planos para o futuro, ajudando-me etc. Dono de uma personalidade peculiar (como eu) — não faz nada que não seja por conveniência, reconhece e aprecia as pessoas apenas na medida em que precisa delas num dado momento. Maravilhosas nuvenzinhas cor de violeta no pálido céu verde-mar; crepúsculo vermelho, sob ele cintila o estreito cinturão do mar. Um pequeno vale raso, coberto de vegetação; gosto da vista da varanda dele — típico ambiente rural. Voltamos para casa, por vezes medo de *gai-gai*. Paramos na casa de Stanley; ele falou, eu concordei fazendo gestos afirmativos com a cabeça enquanto folheava um artigo sobre a história da guerra. Começou a chover, Ahuia voltou. Li algum periódico boboca — o *Times da Papua*. À noite, sonhei com uma mulher de corpo branco. De modo geral, sinto-me bem aqui: à sombra da proteção governamental; com minhas relações com o amável povo de Rigo, com a bela paisagem; com minha boa saúde.

Segunda feira, 8.2. Levantei-me por volta das 7. De manhã, multidões de mulheres; as pessoas saindo para catar *cocos*. Meus informantes costumeiros vieram. Foram reunidos mais tarde por Maganimero,* com quem imediatamente antipatizei por mostrar certo desmazelo típico dos missionários. O debate foi animado. Maganimero era espontâneo, especialmente ao relatar velhas lendas. Após o almoço conversamos sobre magia. M. e os outros *meninos* pareceram atemorizados ou constrangidos. Ahuia é um ajudante inestimável. Por volta das 4, corri para a residência de English, onde de forma rápida e eficiente acabei de catalogar suas coleções. Jantar na casa de English. Antes do jantar, passei pela varanda e tive momentos de concentração e elevação espiritual, interrompidos por violentos acessos de desejo sexual por moças nativas, criadas de English. Distraí-me contemplando a paisagem. O pequeno vale é cercado por morros baixos, atrás dos quais assomam picos distantes até a cordilheira Principal. Em torno da casa, altas árvores com troncos brancos e folhas lustrosas. Através delas se podem ver a lavoura e os morros cobertos de florestas. Horizonte aberto a oeste. O céu arde acima da estreita faixa de mar — e silhuetas negras de morros baixos e redondos. Concepções literárias; na beleza da paisa-

*Maganimero, nativo do distrito de Rigo, o qual, segundo Malinowski, era um homem excepcionalmente sagaz.

gem redescubro a beleza feminina ou a busco. Uma mulher maravilhosa como símbolo da beleza da natureza. Sutis hesitações emocionais; a busca da verdade. Luta pela libertação dos grilhões do prazer por meio da percepção da beleza. — Voltei no escuro, com Diko. Profundo afeto por ele. Conversamos sobre *sibari*. *"Gagaia namo, usi ranu ia lao, namo herea"*. Ele me mostra que {gesto} eles fazem para uma *kekeni* quando desejam *gagai* — como o *sibari* se senta* em Motu e Rigo... Fui com ele até a cozinha... Indaguei se eles sabiam da existência de homossexuais aqui. Ele disse que não, *"kara dika"*. Por esse motivo, *"lau hereva henia lasi. Dohore ita lao mahuta"* {Não direi mais nada. Dali a pouco nos recolhemos].

Terça, 9.2.15. Levantei-me bem tarde — Ahuia foi a Gaba-Gaba. Maganimero e outros amigos vieram. Eu me sentia completamente [arrebentado]. Com Ahuia [procuramos] tabaco (após o desjejum); depois, inspeção de toda a multidão vinda de Ikoro, uma aldeia próxima, que fala um dialeto diferente de Sinaugholo. Os narizes deles são um pouco parecidos com os das figuras de bronze de Benin [cultura do Oeste da África], e o cabelo é encaracolado, porém não felpudo. A. diz que esse cabelo assim liso é típico de nativos desta região — em Hulaa, Kerepunu e no interior, mas não muito recôndito. Eles também trazem contas bonitas feitas de [fibra ou concha] branca trabalhada em círculos e usada na parte de trás das cabeças, de orelha a orelha. Conversei com Maganimero — bem devagar, em razão da fadiga e de interrupções contínuas. Almoço na casa dos Stanley. A seguir, arrumar a bagagem (A. trabalhou, eu cochilei ou li). Depois vieram as *kekenis* e as mandamos conseguir cestas. Encerramento das conversas; em certos momentos me enfureci em razão da mentalidade tacanha deles, ou melhor, porque não me entendiam. Despedi-me (mentalmente) da casa agradável e extremamente bela de Rigo. — O horizonte é feito de matagal cerrado. Lembra-me algumas vistas do Ceilão — embora

*No seu estudo sobre Mailu, Malinowski relatou: "Entre os Motu, a atitude convencional durante a corte amorosa é o rapaz sentar-se sobre os joelhos da parceira."

as outras sejam mais bonitas, mais modeladas. Contudo, com relação ao caráter geral da vegetação, a paisagem poderia pertencer a qualquer lugar (Inglaterra, e daí por diante): prados cor de esmeralda em meio a bosques cerrados, cercados de bosques cerrados... Empolgado, mas também forte e saudável, fui a pé até a aldeia. Não sei se é por causa do arsênico ou do clima agradável de Rigo, mas me sinto excepcionalmente bem. (A última vez que tomei uma injeção de arsênico foi no dia 1 ou 2. Eu deveria anotar as datas, para descobrir o melhor esquema de medição). Colhemos limões e as formigas me ferraram. (Os mosquitos foram monstruosos durante toda a estada em Rigo. Especialmente mais para a noitinha, ou quando apenas alguns conseguiam passar para dentro do mosquiteiro.) Enquanto eu caminhava rapidamente para a aldeia,... a distância reconheci as melodias do *bara* ou, mais precisamente, *koalu*. A dança foi muito feia; no solo inclinado e argiloso, com poças fundas deixadas pela chuva, eles não poderiam nem ter *Schwung* [balanço] nem amplitude. Chapinharam o tempo todo; o *loa* não teve nem a impetuosidade nem a flexibilidade do *loa* dos mailus. Três ou quatro *kekenis* formaram uma roda em torno dos rapazes. O efeito artístico durante o dia — *nil*. À noite, à luz ardente das tochas, o encanto é sempre o mesmo; aqui, realçado pela rua larga, na qual as árvores e colunas de *eva* produzem misteriosas sombras. Sentei-me na varanda elevada da casa do guarda enquanto Maganimero explicava as canções e E. o significado das danças. Toda dança, ao que parece, tem sua própria *badina*, só que os mailus não sabiam. A dança *koalu* é originária de Kerepunu, agora na moda em todo *o beau monde* da N.G. Uma prostituta ou divorciada do *gunika* (*gunika haine*) atraiu minha atenção — *gagaia ura*! Diko e eu fomos à aldeia de Gaba-Gaba. Tornei a me sentir forte e saudável; um pouco farto dos selvagens, ansioso por renovar o contato com a natureza. Estou começando a me concentrar *e* a relaxar! Planos para o futuro... Enquanto caminhava, projetava compridas sombras nas palmeiras e mimosas à beira da estrada; o aroma da mata gera uma disposição característica — fragrância sutil e delicada da flor verde de *keroro*, o inchaço lúbrico da vegetação a desabrochar,

fertilizada; jasmim-de-são-josé — cheiro pesado como o do incenso, com um perfil elegante, de traços nítidos — árvore de silhueta elegante, com buquê verde de flores esculpidas em alabastro, a sorrir repleta de pólen dourado. Árvores apodrecendo, ocasionalmente exalando um cheiro de meias sujas ou de menstruação, ocasionalmente embriagantes como um barril de vinho "em fermentação". Estou tentando esboçar uma síntese: o humor aberto, jubiloso e brilhante do mar — a água cor de esmeralda sobre o recife, o azul do céu com pequenas nuvens parecidas com flocos de neve. A atmosfera da selva é opressiva e saturada com um odor específico que penetra e encharca a gente como música. O contorno das montanhas, e o caráter geral da ilha é positivamente *banal*. Antes de chegarmos a Gaba-Gaba encontramos *kekeni* e as acompanhamos. Sentei-me à beira do mar escuro; mal se viam os contornos da aldeia, nivelados pela escuridão. Navegamos por entre grossas pilastras, uma espécie de paliçada que cerca a casa inteira, cheios de alegria do contato direto com a "cultura das *palafitas*". O caráter genuíno do sentimento — nesta Veneza do Pacífico —, o som da água batendo contra as pilastras... Conversei com o guarda sobre os costumes de Kapakapa. Os lombis lembram os sinaugholos. O comportamento amável deles com relação aos do continente pode ter sido precisamente o resultado de sua excelente defesa contra o ataque vindo daquela região.

Quarta, 10. Dormi bem — noite fria e enluarada. Levantei-me às 5. Ahuia fez as malas. Atravessei algumas plataformas. Pusemo-nos a caminho. O "Puliuli" aguardou até as velas se abrirem. Despedidas. Mirigini desaparece — roçagar de velas tremulantes (acabei de escrever nesta tarde de quinta-feira, na varanda de Tom McCrann). De manhã me sentia bem. Por volta das 11 veio um furioso *guba* — o sol batia impiedosamente, o vento soprava sem parar — e não tardei a ficar com uma fortíssima dor de cabeça, às vezes parecia que ia vomitar. Mas particularmente no início e durante um longo tempo durante o *guba* eu apreciei intensamente a viagem. Deitei-me sobre travesseiros sobre a cabina, movendo-me para o outro lado a cada

virada de bordo. Comi o desjejum. Vendaval, o convés alagado, borrifos no meu assento. Mudei-me para a ré, para o toalete elevado, no qual me sentei envolto na capa do timoneiro. Além de Kapakapa estende-se uma série de morros cobertos de uma espessa vegetação com os prados de *lalang (rei kurukuru)* — a região é semelhante àquela logo em torno da estação de Rigo, só que esta, vista a distância, sem contornos nítidos, é menos bonita. Oito quilômetros depois de Gaba, plantação [...]. Depois, estendem-se os mesmos morros culminando em um consideravelmente mais alto, coberto de capim, atrás do qual fica Gaile. Durante todo esse tempo podíamos ver até bem longe na direção do interior, um caos de cadeias montanhosas cada vez mais altas, misturando-se e desaparecendo na cordilheira Principal a distância. Vagarosamente fomos nos aproximando das encostas de um *chapadão* alto, cuja forma divisamos de uma grande distância. Uma muralha muito alta, de cerca de 1.500m {mais ou menos 5.000 pés}, coberta de vegetação, sulcada por canaletas rasas — fazendo lembrar as encostas verdes do vale de Drohawa. Essa muralha obviamente oculta tudo atrás de si e domina a paisagem. Abaixo dela, diversos morros baixos. Bordejávamos constantemente, pondo uma boa quantidade de água que se acumulava sobre o convés inteiro. Bordejando outra vez atingimos Gaile, depois prosseguimos. Comecei a me sentir adoentado e não me lembro de muita coisa, em todo caso tive, em certos momentos, o sentimento hedonista de que estava *"me divertindo como nunca"*. Chegamos a Tupuseleia — diretamente atrás de um pequeno morro redondo se esconde Barakau; bordejamos outra vez alguns quilômetros; às 3:30 ancoramos; eu estava sentado no convés, em depressão. Tupuseleia é construída, como Gaba-Gaba, sobre a água; casas cobertas de colmo, correndo numa superfície contínua do telhado até o chão. Parecem uma série de medas de feno empilhadas sobre a lagoa azul. Cobertas recentemente (com capim tipo *kurukuru*), são douradas como palha de trigo (centeio), outras, lavadas pela chuva, têm a cor cinzenta das medas velhas. Na maré baixa, as casas ficam empoleiradas no alto das pilastras. Aberturas pequenas, com calha alta, e algo como bicos estranhos saindo do revestimento felpudo; essa ausência total de um "interior"

aberto, dá uma estranha *stimmung* [impressão] de abandono, de ausência de vida — algo da melancolia da lagoa veneziana —, uma atmosfera de exílio ou prisão. Nas aberturas escuras surgem corpos cor de bronze, o branco dos olhos cintila na penumbra dos aposentos, de quando em quando surgem seios — *maire* (conchas peroladas em formato de meia-lua). Vistas de dentro da aldeia, da rua ou, melhor, do canal, há mais vida. As varandas estão repletas de pessoas; muitas gôndolas, crianças a gritar e cães... Resolvi passar a noite na aldeia. Extremamente exausto, fui dormir. Depois... saí navegando num barco grande ("*canoa dupla*") com o guarda e outro selvagem... Estava tremendamente cansado, e tive uma crise de "pontofobia" (aversão nervosa a objetos pontudos — "varofobia"?). Numa ceia tarde da noite, conversei com Ahuia sobre os *vadas*, sobre *belagas*, sobre o fato de que o *vada* era antigamente uma figura pública, que se vestia de maneira diferente, e daí por diante. Debatemos a iniciação do *vada*; também falamos do *babalan*, dos métodos de cura etc., sobre quando Ahuia ia ao *dogeta* e quando ia ao *babalan*. — Dormi bem à noite. Noite numa "*palafita*": crianças gritando, cães latindo, urinando de uma altura de 4m [13 pés]. Pela manhã, maré muito alta — as medas de feno não se apoiavam em pilastras altas, mas diretamente sobre o mar, imergindo na água as pontas das hastes de colmo. De manhã, Tupuseleia é encantadora. Acima da aldeia se vêem colinas, apresentando em vários pontos árvores de copas fantasticamente espraiadas; estas grandes árvores solitárias pareciam um tanto aranciformes. Para o oeste — que é agora diretamente iluminado pelo sol — ficam ilhotas e montes da baía que termina em Taurama. Acima da aldeia fica a muralha ligeiramente inclinada do planalto com os perfis nítidos das ravinas. Na noite anterior, um maravilhoso jogo de luzes; a saturação com um profundo tom de amarelo é característica desta estação.

Quinta, 11.2. No "Puliuli" almofadas confortavelmente dispostas. Deitei-me na popa, mudando com cada "*virada de bordo*", e conversei com Ahuia sobre a "ciência" papua: sobre os nomes dos recifes, nuvens, ventos. Conversamos sobre o sol e a lua, sobre as causas dos

fenômenos; e também sobre os *koiaras*. Passamos por Taurama; evacuei direto no mar num toalete acima da água. Além de Taurama, Puri; depois Vabukori e Kila-Kila, sobre um morro. Não me sinto tão fraco. Passamos por Manubada; depois velejamos direto para Ele[vala]. Fui na proa — o iatismo é um esporte maravilhoso! Tomei um almoço leve; os meninos me ajudaram a desembarcar [em Port Moresby]. — Hotel de McCrann; me vesti (estava um pouco cansado). Fui procurar Champion — O'Malley e Champion — ambos muito agradáveis. De volta ao hotel escrevi e jantei; a chuva começou a cair com força; fui falar com a sra.... — conversei sobre [Priddlam]; ela se comportou de maneira terrivelmente vulgar, *insuportável*. A seguir, fui à casa dos Dubois; diversas pessoas, falei francês com Dubois. De volta ao hotel, debate com McCrann. Sabendo da posição incômoda do "governo" em conseqüência do caso Oelrichs, fiquei bastante perturbado.

Dikoyas [aldeia no litoral norte da ilha de Woodlark (ou Murua)]; segunda, 22.2.15. Estou numa tenda de folhas de palmeira armada sobre um estrado instável feito de varas. A lateral aberta dá para a aldeia a cerca de 60m [mais ou menos 200 pés], abaixo de mim, como se coubesse na palma da minha mão. Cabanas baixas brotam direto do chão — parece que subitamente a terra se abriu em razão de alguma maré misteriosa e as engoliu pela metade. Depois de chegar a esta aldeia, dei um passeio maravilhoso através da selva alta [e luxuriante], à Kandy — me senti bem outra vez, no meu elemento... Minha saúde não andou muito bem nos últimos dias. Exaustão, falta de força e nervosismo característicos; acrofobia, aversão por objetos salientes. — Fiquei no porto de quinta até terça-feira. Quase não trabalhei com Ahuia. Planejei uma expedição com ele a Koiari, para sábado. Mas, depois de tomar conhecimento de que o "Monudu" (atrasado em razão do naufrágio do "Marsina") talvez chegue na segunda, não fui ver Ahuia. Na tarde de sábado falei com Stamford Smith, que é insuportável e fala incessantemente sobre política; usa constantemente o modo condicional (futuro) e sempre fala na primeira

pessoa, além de não ter um pingo de modéstia sequer. Na noite de sábado fiquei ouvindo gramofone na casa do Dr. Simpson, mas a fadiga e [efeitos da bebida] (na sexta fui jantar com os Dubois; xerez e 3 copos de cerveja gelada) me impediram de encontrar um prazer genuíno na música. No domingo inteiro me senti especialmente indisposto. Li contos de Kipling, muito piores do que os que havia lido em Mailu. Passei duas horas da noite de domingo com Strong, que me convidou para o jantar. — A seguir, Champion, com quem durante todo aquele tempo eu [me entendi bem]. Ah! claro, na manhã do sábado (ou teria sido sexta?) fui ao museu com Brammell* e fiz com ele uma "fofoca conspiratória" sobre o estado da colônia local. — Na manhã de segunda fiz as malas e as refiz no Burns Phelp; voltei apenas com um tremendo esforço e trabalho. À tarde quis escrever cartas, mas Champion me enviou cartas para traduzir dos parentes de Giulanetti. Depois fui com ele até o morro onde ele mora. [H. A.] Symons [magistrado residente da ilha de Woodlark] veio — apresentações. Noite com Strong; conversa sobre diversos outros assuntos que não etnologia. Na manhã de terça-feira me preparei às pressas; corri para a sra. Ashton, para o banco, para a casa dos Dubois; transportei a bagagem para o navio.

A viagem: 1º- dia (terça), trabalhei. Li Seligman; delineei um artigo sobre Motu e Sinaugholo. Almoço — furioso com Brammell. Conversa com Symons. À tarde tornei a trabalhar um pouco, porém sem entusiasmo excessivo. O litoral da N.G. envolto em bruma, na chuva. À tarde passamos por Hulaa, Kerepunu. De manhã (à noite e à tarde li um livro de Kipling emprestado), por volta das 7, montanhas da baía na chuva. Conjeturei que estávamos perto do ancoradouro de Millport. Voltei aos contos — aparentemente minha saúde não estava muito boa. Depois do desjejum (não, *antes*** do desjejum) avistamos Suau. Vi o monte piramidal na entrada da baía de Farm. Cortinas de chuva impediam a visão da montanha e depois

*B.W. Brammell, magistrado residente, Divisão Central.

**Grifado no original.

saíam da frente e a revelavam outra vez — o brilho úmido e aveludado da vegetação, as sombras maravilhosamente profundas, a frescura das rochas escurecidas pela chuva, o contorno das montanhas através das cortinas da precipitação, como sombras da realidade projetadas na tela das aparências. — A passagem por Suau foi estragada pela chuva; mas, mesmo assim, o lugar parece realmente maravilhoso. Não vi o interior da lagoa. — A chuva estiou. Suau à luz do sol. Sentado com um livro (Kipling), contemplei a baía de Modewa e o lindo promontório de Bucklin sobre o qual, creio eu, vi vacas pastando! Roge'a emergiu sob a forma de uma silhueta piramidal. Atingimos Samarai. Eu estava sob a forte influência de Netuno: dor de cabeça e fraqueza generalizada. Vento forte; o barco do médico não saiu de imediato para vir ao nosso encontro. Eu o cumprimentei. Depois, Newton,* com quem conversei por um bom tempo. Desembarcamos. Almoço com o doutor e sua esposa. A sra. Shaw, desta vez, me impressionou de maneira muito mais intensa — uma mulher maravilhosa, um fenômeno estético. À tarde, desci por intermédio do correio, Higginson, até a reitoria. Conversamos sobre assuntos gerais. Newton me deu um livro. Passeamos pela ilha. Fui ver o doutor e sua esposa. Voltamos ao navio em companhia deles. Jantar — um grande entusiasmo pela sra. Shaw —, quase me apaixonei por ela. A seguir, sentamo-nos e veio reunir-se a nós um infeliz *cockney*[3] que certa vez conseguiu enganar Shaw e arrancar-lhe algum dinheiro. Desembarquei cedo. Depois, por volta das 9, fui à reitoria; conversa com Newton sobre política; noite perfeita nos aposentos do bispo. Correspondência matinal, Higginson, li Kipling. Despedi-me de Shaw, Newton etc. A linda filha de Tooth (ah! claro, manhã no hospital).

Viagem a Murua [ilha Woodlark]: à 1 hora, almoço. Eu estava no convés quando passamos pelos estreitos da China. O demônio nada original da fuga à realidade me instigou a sentar-me no tombadilho com

*Rev. Henry Newton, auxiliar do Bispo da Nova Guiné, mencionado tanto por Seligman quanto por Malinowski.

[3] "Peão" londrino, pessoa originária da classe operária de Londres. (*N. da T.*)

um livro (Kipling, *Pain Tales* — Simples contos das colinas) na mão. O que ocorria em torno de nós era esplêndido! O mar perfeitamente manso, dois abismos azuis, um de cada lado. À direita as reentrâncias de Sariba, ilhas, ilhotas, cobertas de árvores altas. À esquerda, as sombras das montanhas distantes — costas da baía Milne. Mais além, o litoral se afastava de ambos os lados; à esquerda apenas a muralha alta do cabo Leste, coberta de nuvens, formando o ponto ameaçador do horizonte; à direita, formas pálidas assomam do eterno azul, vagarosamente se transformando em rochas vulcânicas, afiadas, em formato de pirâmide, ou então em ilhas planas de coral: florestas fantasmagóricas flutuando num espaço azul a se fundir com elas. Uma após a outra surge e a seguir desaparece. O espaço se escurece — manchas cor de tijolo nas nuvens — a leste, um lençol chato de coral coberto de árvores gigantescas acima de areia amarela no azul frio — me lembra estranhamente as ilhotas do Vístula. Jantar. Li um pouco, me recolhi cedo — céu maravilhoso. Dormi até tarde — Murua já ao alcance da vista —, paisagem não muito bela. Lagoa com manguezal — ao sul as montanhas de Suloga; diante de nós um monte baixo — Kulumadau. Longa espera antes de ir à praia. Viagem numa lancha motorizada; *riacho* com árvores altas em toda a volta; casa flutuante, com guardas no seu interior. Volta ao navio; fui com Symons na *baleeira*. Tive de marinhar sem ajuda. Estava horrivelmente cansado, um calor sufocante e medonho. Nunca antes na N.G. eu me senti tão mal... Estava completamente descoroçoado. Fui consultar o "Dr." Taaffe. Depois, ao *escritório* de M. G. Symons não foi muito amável. A seguir, Charpentier, que me recebeu como um Rev. Padre. Conversa sobre os nativos, mas principalmente sobre política. Por volta das 6 fui jantar, e encontrei McCliesh. Depois tornei a ir à residência de Charpentier; um inglês embriagado; dois pequenos judeus; bebi cerveja e fiquei bêbado; Charp. conversou sobre os nativos, mas esqueci absolutamente tudo. Depois fui para a cama. Dormi razoavelmente bem, mas me senti horrível — pegajoso de suor, insatisfeito com minha indolência. Fui falar com Charp., conversamos sobre tecnologia... Voltei para casa; estava absolutamente exausto. Li Kipling. De repente um guarda apareceu liderando um grupo de meninos. Eu estava tão cansado que mal pude dar alguns passos. Entretanto, me preparei; via Charp. — que

tentou me convencer de que a ajuda do governo é prejudicial — fui com os garotos. Ocasionalmente me apoiava em [Moreton] e outro *rapaz*. Depois, parada no bosque. Os *meninos* transportaram minhas coisas. Vastidão imensa e maravilhosa... Como a *estrada de Lady Horton*, em Kandy. O candelabro de samambaias nas árvores; os enormes troncos das gigantescas árvores; um *matagal* totalmente desenfreado. Escuro, melancólico, estranho. Calmamente me apoiei em dois rapazes e prossegui, observando tudo. Depois de algum tempo, entramos em uma selva seca. Senti uma louca felicidade por estar sozinho de novo com meninos da N.G. Especialmente quando me sentei sozinho numa cabana, contemplando a aldeia através das arecas. Novamente as silhuetas desgrenhadas dos meninos, mais uma vez sentados a alguns passos de distância de mim. Naquela noite, apesar do cansaço, conversei com Aus sobre [...] Fui até a aldeia e visitei um ancião.

Na manhã de domingo, encontro científico. Depois, jantar; em seguida li Shaw na cama, dor de cabeça... Na segunda-feira (temporal a noite inteira, goteiras sobre a cama), chuva torrencial; sentei-me no *kaba* e tornei a conferenciar com [Moreton] e o ancião. A seguir, depois do almoço, li outra vez e tive dor de cabeça. Caminhada maravilhosa até Spimat ao longo do litoral. Arsênico e cafeína [me despertaram]. Em companhia de Ameneu fui de [...] para W... Aí a vasta selva contra os fragmentos de coral. O caminho, coberto pelas raízes emaranhadas das árvores gigantescas, descia — um parque inconcebivelmente belo. Mais adiante deslizamos sobre [enormes] raízes, rochas úmidas e árvores meio apodrecidas — até que, por entre os ramos, vimos o brilho azul do mar e o ruído surdo e monótono das ondas quebrando — reduzido a um barulho indistinto pelos ecos das árvores e da encosta. Lembrei-me de Ventnor. Enormes árvores cobertas de convolvuláceas, hera, *trepadeiras*; desci para o mar através de um vale circular. O mar e o céu estavam escuros. Praia de areia branca compacta. A baía é pequena, rasa, encerrada entre dois braços curtos e baixos de terra — duas muralhas de vegetação cerrada. A praia coberta de bosques e palmeiras. Moitas de folhas de coqueiro e outras árvores pendem sobre a areia como refugos abandonados da espessa massa verde ao fundo. Humor maravilhoso. Ameneu ficou quase rouco de alegria; eu tam-

bém. Inspecionamos o *waga* de Aus. Depois a volta. Ocasionalmente cansado, mas não muito. À noite comi salsichas fritas e uma abóbora, e conversei com Aus sobre espíritos e *rabu*. — Hoje (terça, 23.2.15), Mewad' me despertou muito cedo.

Primeiro de março. A bordo do "Marsina", enquanto nos aproximamos de Cairns. Minha cabeça está um pouco congestionada, contudo me sinto relativamente bem e cheio de energia. O mais importante agora é não desperdiçar minha estada na Austrália, mas utilizá-la cuidadosamente da forma mais produtiva possível. Preciso escrever um artigo sobre Mailu — talvez alguns outros, em acréscimo, mas, antes de mais nada, sobre Mailu. Preciso verificar os museus tão logo seja possível. Portanto, não haverá tempo a perder com besteiras! Preciso fornecer um relatório detalhado ao sr. Atlee Hunt e tentar impressioná-lo. Durante os últimos dias não me senti muito mal, mas não tenho estado forte o suficiente para me enfronhar no trabalho. Li Newton um pouco — falei com Lyons. O fato de não estar flertando com a srta. Craig e a sra. Nevitt não fala a meu favor. Eu pretendia insistir especialmente com esta última, mas me perturbei com o fato (1) de que ela não ia além de Cairns e (2) de que ela é ilimitadamente estúpida e, na verdade, não me atrai. Mas preciso apresentar os acontecimentos na ordem exata. Na terça, 23, trabalhei em casa de manhã, e não foi muito produtivo. Waus [aparentemente grafia alternativa de Aus] tinha um amigo a quem dava *bagi* e com quem conversava.* De manhã conversei sobre espíritos temidos e ritos fúnebres. Subitamente decidi ficar mais um dia. À tarde fui até o *riacho* de onde eles tiram água. Caminhei entre as samambaias — sombrinhas rendadas. Um rio flui através de um túnel de vegetação densa. Desci em meio às folhas em formato de samambaia. O *regato*, coberto de troncos de árvores apodrecidos, a água escura e esverdeada salta

*Esse foi, evidentemente, o primeiro indício que Malinowski teve do *kula*, a troca complexa de presentes em toda a região, que se tornou o assunto de *Argonautas do Oeste do Pacífico*. Neste livro ele escreve (p. 477): "No início de 1915, na aldeia de Dikoyas, ouvi soarem os búzios, houve uma comoção geral na aldeia, e vi a apresentação de um grande *bagido'u*. Eu, naturalmente, quis saber o significado daquele costume, e me disseram que se trata de uma das trocas de presentes feita quando se visitam os amigos. Na época, não suspeitava que testemunharia uma manifestação pormenorizada daquilo que posteriormente descobri ser o *kula*."

sobre as pedras; as margens suavemente [inclinadas] são cobertas de vegetação — em alguns pontos o *riacho* se espreme através de uma ravina profunda [da qual] vi apenas pequenos trechos. Escalei — algum tipo de resina fedendo a iodo e nitrato grudou no meu pescoço e me causou uma horrenda queimadura. Prossegui até um jardim abandonado — outro trecho do regato —, curva, dois braços, entrei por túneis fundos e escuros. Um pouco cansado quando voltei (visitei Ameneu, que estava acamado). No segundo dia (quarta, 24) levantei-me cedo, me preparei e fui até a aldeia [...] a Kulumadau. Mewad e outro menino me transportaram enquanto um grupo de outros levava a bagagem. Cheguei ao porto bem a tempo. Chuva. Desci. Embarquei num bote — alegria acanhada por estar a caminho. Navio — almoço — afinal, içaram as âncoras. Sentei-me a ré e contemplei a baía Suloga — uma vista adorável. Montanhas cobertas por vegetação espessa, mar azul com fitas verdes em diversos pontos de água mais rasa sobre o coral. A princípio fomos para oeste. Ao norte, uma lagoa baixa com manguezal, ao sul as montanhas de Suloga — este é o único lugar onde objetos de pedra foram produzidos antigamente. — Particularmente os bancos de coral em ambos os lados do manso canal que seguíamos, verdes, cercados por uma faixa de ondas de rebentação. Senti-me bem. Aí o mar se encapelou. Engendrei um plano com Brammell para contribuir para as coleções destinadas ao museu. Brammell e eu conversamos descontraidamente sobre diversas coisas — bastante interessante; de modo geral, me relaciono bem com ele.

À noite fui tomado de um desejo amoroso pela sra. *N.* Desci e procurei-a — encontrei-a com os Ball na cabine deles. No dia seguinte (quinta, 25) despertei às 6, depois de uma noite ruim — estávamos velejando através dos estreitos da China —, o corpo róseo da terra nua impregnada da luz do alvorecer surgia através da floresta tropical; o mar era de um azul de porcelana. Vista magnífica da [bacia] de Samarai. Roge'a, no formato de um chapéu tibetano; cinturão magnífico de morros no *continente*. Desembarquei com Shaw, tomei o desjejum, peguei um pacote para Biddy e uma carta para Anderson. Passeei pela ilha com Ball. Vista encantadora. Mar

engalanado como que para um domingo, o litoral de uma elegância impecável, o quebrar das ondas, depositando uma espuma prateada aos pés das palmeiras suavemente inclinadas. Desejava escrever uma carta para *N.*, e compus uma, mentalmente — (3.3.15) para lhe contar sobre a quintessência de minhas experiências aqui. Em certos momentos, senti uma forte simpatia e amizade por ela. Mas meus sentimentos eróticos estão reservados exclusivamente para *T.* — Encontrei-me com Newton e fui com ele até a *Reitoria* — tive uma conversa muito agradável com ele e a sra. Newton. Fui visitar Higginson. H. teve malária. Depois de uma conversa com ele, voltei e lhe contei sobre o sargento e que eu tomei a liberdade de pedir cocos. Convidei o Dr. Shaw para almoçar e fui buscar os Newton, que educadamente aceitaram meu convite. — O almoço não foi muito divertido; sentamo-nos à mesa, comemos e conversamos depois. Voltei com eles à *Reitoria*, e ganhei um presente: a proa entalhada de uma *canoa*. Partida do navio — companhia feminina — srta. Craig. Sentei-me na popa — a bacia de Samarai passa por nós em plena luz solar; muito bonita — bosque de um verde dourado, o mar de uma cor de safira escura. Atrás de Roge'a, diversos penhascos debruçados direto sobre o mar aberto. A noite caiu antes de Suau. Passamos singrando pelo lado do mar alto. Conversa descontraída com Brammell, depois com Burrows, um homem de Samarai, muito agradável e divertido. Debati com ele possíveis expedições e uma eventual colaboração, planos para colher dados etnológicos.

Sexta, 26. Velejamos ao longo da costa da N.G.: Manhã nebulosa. Table Point. Terminei de redigir as instruções e as entreguei a Brammell e Burrows. Contemplei Hulaa. Algumas *tentativas* frustradas para cortejar a srta. Craig. Tornei-me um amigo bastante afável da sra. Nevitt. Conversa um bocado comprida com Burrows. Noite, chegada a P[ort] M[oresby]. De pé, da ponte de comando, vi nosso navio atravessar a *entrada* do recife. A seguir, ancoramos; água tranqüila e mansa do porto. Os Dubois. Fui dormir tarde, depois de beber cerveja.

Sábado, 27. Dormi mal por causa dos mosquitos e da tela. Problemas com a papelada em Port. Tirei minha bagagem do *porão* e

levei-a para a praia. McCrann, sra. Ashton, Champion, Ahuia, H. E. [Murray] — uma vez mais estava muito cansado e não me sentia em forma. Partida. Sentei-me a ré e contemplei o porto, a muralha de montanhas acima de Tupuseleia — uma vista magnífica, *afinal de contas*. Um pouco de enjôo de mar. Recolhi-me. Noite...

Domingo, 28. Manhã — ? Li um pouco de [Newton]. À noite, pensei em Staś e comecei uma carta para ele. Em certos momentos me exaltei; estive na N.G., realizei muitas coisas. Tenho perspectivas de fazer trabalho muito melhor — planos praticamente certos. E, *portanto** — as coisas não estão tão perdidas quanto pensei ao chegar aqui. Além do mais, não me sinto nem um pouco pior do que quando cheguei. Sou melhor marinheiro e já ando muito melhor — as distâncias não mais me assustam. — Contemplando o mar sinto-me intensamente feliz. É verdade, ainda não terminei; mas, diante dos velhos medos e incertezas, decididamente sou um vitorioso.

Segunda, 1.3. Aproximação magnífica de Cairns. Da manhã em diante, vista do litoral encoberto pela neblina. Passamos bem perto do recife contra o qual as ondas estão quebrando. Montanhas cada vez mais nítidas — róseas acima do mar verde. Algumas mostram cicatrizes de deslizamentos recentes. À esquerda, altas montanhas com picos magnificamente abobadados, como agulhas de torres de catedrais. À direita, uma longa cordilheira de lindas montanhas. A cidade em um vale entre montanhas, um restinga ou língua de terra plana. Simplesmente embriagado pela vista. Lembra-me um pouco Palermo. As montanhas cobertas com vegetação luxuriante. Desta vez ignoro os manguezais que tanto me encantavam no começo. O doutor muito cortês. Controle militar. Caminhada pela praia. Sinto-me incomparavelmente mais forte do que em setembro, quando caminhei por aqui. De volta ao navio — se não tivesse demorado a levantar âncoras, talvez o tivesse perdido. Partida; em vez de ficar olhando a paisagem, bebi licor com os Ball. Depois li Newton (estou mantendo minha promessa quanto aos romances). A seguir, à tarde, trabalhei com Lyons, mas na verdade passei a maior parte do tempo

* Grifado no original.

fazendo campanha contra Haddon e L. M. S. À noite, bebi cerveja (3 copos). Em conseqüência disso, na terça (2.3) tive uma ressaca ou febre — indolência, anemia cerebral, esgotamento. De manhã trabalhei no meu original. — Mas no fim me senti indisposto. À tarde li um romance (de Jacobs) e no tombadilho apreciei a maravilhosa *passagem de Whitsunday*. À noitinha, li o romance (nada mau, aliás), até [que ele produziu o efeito desejado] e fui dormir às 10, depois de tomar 10 *grãos* de quinino.

Quarta (3.3) não muito melhor. Ainda tenho anemia cerebral associada a uma congestão característica entre o cérebro e o nervo óptico. De manhã trabalhei com Lyons. À tarde,... li um pouco mais de N[ewton], e em momentos esparsos planejei minha estada na Austrália; em outros momentos pensei acerca de meu artigo sobre Mailu. À noite, conversei com os homens, fui para a cama antes das 10. Noite ruim, as pulgas me atacaram; o navio jogando e balançando.

Quinta, 4.3. Hoje estou me sentindo muito fraco. Ligeiramente enjoado. Gostaria de fazer uma síntese desta viagem. Na realidade, as vistas maravilhosas me encheram de um encanto estéril. Enquanto eu as apreciava, tudo ecoava dentro de mim, como quando escuto música. Além disso, estava cheio de planos para o futuro. Em certos momentos, as silhuetas róseas das montanhas aparecem através da bruma, como fantasmas da realidade no dilúvio de azul, como as idéias inacabadas de alguma força criativa juvenil. Só se consegue perceber as formas das ilhas espalhadas por ali — como que rumando para algum destino incerto, misteriosas em seu isolamento, belas com a beleza da perfeição — auto-suficientes.

Em pontos esparsos, ilhas chatas de coral, como enormes jangadas deslizando sobre a água mansa. Ocasionalmente essas formas assumem vida, passando por um momento para o reino da [dura] realidade. Uma silhueta pálida subitamente se transforma em uma ilha rochosa. Árvores gigantescas elevam-se diretamente do mar, plantadas sobre uma plataforma aluvial. Encostas cobertas de matagal verdejante, ocasionalmente uma árvore alta sobranceira sobre elas. Em certos pontos porções de rocha branca ou rosa afloram da vegetação.

Primeiro de agosto de 1915 — depois de uma interrupção de cinco meses. Omarakana.* Que pena eu ter parado de manter meu diário durante tanto tempo! — Hoje é um dia importante. Ontem e hoje me apercebi claramente de uma idéia que há muito estava debilmente presente, errando através do tumulto dos desejos, sonhos e incertezas — agora emergiu claramente —, estou pensando seriamente em me casar com *N.* Apesar disso, estou muito incerto. Mas quero vê-la e tentar. A começar por amanhã — não, hoje —, vou iniciar outro diário, e devo preencher as páginas em branco destes últimos cinco meses. Se, ao final, me casar com *N.*, março e abril de 1915 serão os meses mais importantes da minha vida emocional. Evelyn Innes me deixou uma forte impressão — o romance de Conrad, uma incomparavelmente mais forte.

*Esta é a única referência à segunda expedição de campo de Malinowski às ilhas Trobriand, de maio de 1915 a maio de 1916.

Segunda Parte

1917 – 1918

UM DIÁRIO NO SENTIDO ESTRITO DO TERMO

Dia após dia, sem exceção, registrarei os eventos de minha vida em ordem cronológica. — A cada dia um relato do dia anterior: um espelho dos acontecimentos, uma avaliação moral, a localização das molas propulsoras da minha vida, um plano para o dia seguinte.

O plano geral depende, acima de tudo, do meu estado de saúde. Atualmente, se estiver forte o suficiente, devo dedicar-me a meu trabalho, a ser fiel à minha noiva e ao objetivo de acrescentar profundidade à minha vida, bem como ao meu trabalho.

Domingo, 28 out. 1917, Trópico de Capricórnio
Revisão das últimas semanas:*

Em setembro, fui para Sydney, embarcar no "Marsina" [rumo a Port Moresby]. A última noite passei com Elsie** no meu quarto. Na quinta, fizemos as malas; Paul, Hedy*** e Lila.**** Almoçamos juntos; Elsie estava lá. Voltamos. Lila foi para casa. Fui com Elsie. Na estação tomamos chá e conversamos sobre a separação de Teppern e Ann Delprat. Mim, despedidas.

Viagem [a Sydney]. Contei aos companheiros para onde ia. Senti-me perfeitamente bem e ficava contente ao pensar que em breve estaria em amplos espaços abertos outra vez... Sydney; me aborreci ao saber que o navio estava lotado. B[urns] P[help]; Charlie Hedley. *Militar*. Aversão pela cidade de Sydney.

Volta (aborígines, mestiços & cia.). Paul na estação. Almoço no

*O segundo diário inclui uma parte no final do livro à qual Malinowski se refere como "diário retrospectivo". O primeiro registro, escrito após a chegada à Nova Guiné para sua terceira expedição, e que abrange o período imediatamente anterior a sua partida, é, na realidade, o único que trata de eventos passados. Como fornece algumas descrições do círculo de Malinowski em Melbourne, incluindo nomes e ocasiões freqüentemente mencionadas no segundo diário, este registro foi inserido antes do início do diário propriamente dito.
O restante do "diário retrospectivo" consiste principalmente de anotações sobre teoria sociológica e esboços de possíveis artigos. A maior parte desse material foi omitida.

**Elsie R. Masson, filha de *Sir* David Orme Masson, professor de química na Universidade de Melbourne. Na época ela era enfermeira do Hospital de Melbourne. Ela e Malinowski se casaram em 1919; ela morreu em 1935.

***Paul e Hedy eram o Sr. e a Srª. Paul Khuner de Viena, amigos antigos de Malinowski, que estavam em Melbourne nessa época.

****Lila ou Leila Peck (Malinowski usa as duas formas). Há também referências a Mimi Peck, aparentemente uma irmã.

Café Français; Elsie: *"muitos regressos felizes"*, *concerto*, as duas senhoritas. Peck; Brahms; noite na casa dos Peck. Domingo com os Khuner (juiz Higgins); noite com Mim & Elsie, que acompanhei de volta à cidade.

Estabeleço-me em Melb. como se tivesse de morar lá a vida inteira. Fiquei dentro de casa, e na primeira quinta-feira "Zlotko" [literalmente, "ouro", um apelido carinhoso que ele dava a Elsie] veio me ver à noite. Em geral eu passava a tarde e o início da noite com ela, das 4 às 8. Muito apegado a ela, gosto muito da sua companhia. Nem consigo manter as reações à Dostoievski que costumava ter — uma espécie de aversão ou hostilidade ocultas, mesclada com uma forte ligação e interesse. Na época (antes de ir para Adelaide) estava muito infeliz, e algumas vezes tive de "fugir de mim mesmo". Minha hipótese é que meus sentimentos por ela se baseiam em atração intelectual e pessoal, sem muita sensualidade.

Durante este período entre minha volta e nova partida, trabalhei perfeitamente bem, principalmente com questões socioeconômicas. *Li Shares & Stocks* (Ações e títulos) e o livro de economia de Ely. — Fiquei muito perturbado com um encontro que tive com Spencer,* e por uma visita a Atlee Hunt. Encontrei Sp. na quarta, fui vê-lo na quinta e escrevi uma carta para Hunt na quinta-feira. Elsie viu esta carta no domingo (passei a noite com os Khuner); depois, na terça, Hunt outra vez. Na próxima quinta feira, E. & M. nos Khuner. Na terceira semana, na manhã de sábado, eu soube que ia partir no dia 19. Senti-me abatido. Passeio com Mim e Bron. [Broniowski]. Noite nos Khuner.

Na segunda, E. veio aos Kh.; eu me sentia simplesmente adoentado; dormi, depois ela e Paul vieram visitar-me; conversamos; li O. Henry; Paul leu trechos de Walter Pater. Elsie acordou, levantou-se. Conversa sobre a grama. Acompanhei-a ao hospital. Na manhã seguinte, "Zlotko" veio me ver, *por iniciativa própria*. Quarta...? Na quinta, encontramo-nos à tarde. Zlotko veio à minha casa naquela

**Sir* Walter Baldwin Spencer, famoso etnólogo britânico que com F. J. Gillen publicou diversas monografias importantes sobre os aborígines da Austrália. Incentivou Malinowski no início da carreira deste.

manhã, e em seguida fui almoçar com Mim (passando pelo hospital, M. disse que devíamos fazer silêncio para não acordar E.!)

À tarde, por volta das 4, resolvemos ir a Port Melbourne. Sentei-me na frente. Um novo ambiente nos deu a sensação de uma nova existência. [Elsie] ficou com fome; bebemos chá em companhia de alguns jovens *fuzileiros*. Fomos até a praia; um maravilhoso crepúsculo; fizemos planos para viajar juntos em *clíperes-paquetes* para a América do Sul (uma das raras ocasiões em que admitimos que há um compromisso entre nós). Tons dourados sobre a superfície do mar, nuvens de formatos complicados, silhuetas de navios na bruma a distância. Percorremos a praia até St. Kilda. A noite caiu. Trem de volta à cidade. Último jantar no café de Paris. Voltamos a Pt. Melbourne para comprar uma sombrinha. Passamos rapidamente pelo 128. — Ela foi para Chanonry, eu para os Khuner.

No dia seguinte, Hedy e eu fomos ao 128 e fizemos as malas; Paul fez várias compras. (Fiz as malas às pressas, para chegar na hora de me encontrar com Elsie)... À tarde... com Elsie ao Militar, onde esperei durante muito tempo que uma garota ruiva confeccionasse meu *salvo-conduto*.* A seguir, fui procurar Atlee Hunt, que, aparentemente, estava bem-humorado (um aumento de salário?). Encontrei-me com Elsie no parque, fomos juntos ao Jardim Botânico (no dia anterior eu havia lhe comprado uma sombrinha); naquele dia compramos artigos de renda na Casa da Missão. No parque, chá e passeio ao redor do lago, glicínias ao longo do rio; peguei o trem vespertino, ela comprou um quimono para Marian. Na casa dos Khuner tomei diversas doses de bebida e ofendi Mim com meu ceticismo. Broniowski na última hora; voltamos para casa, acompanhamo[-la] até Chanonry, conversando.

Sábado. E. R. M. veio; ficamos juntos pela última vez. Fizemos as malas (ela de quimono vermelho). Fui à farmácia, Buckhurst, almoço (más notícias pelo telefone); fui ao 128, E. R. M. de camisola, vestiu-se depressa; telefonei para Molly; saímos; tranqüilizamo-nos; retornamos; minha amada bastante deprimida, eu também me perturbei. — P[aul] & H[edy]; despedidas da família; ida de carro *à quatre* ao Melb. Hosp. Eu estava calmo, concentrado em concluir tudo. Problemas com o envio dos pacotes...

*Como cidadão austríaco durante a I Guerra Mundial, Malinowski era tecnicamente um estrangeiro inimigo em territórios britânicos.

Sydney deserta e triste. Vitória. O Coffee Palace quente e sujo. Sentei-me e escrevi; acabrunhado pela depressão. Fui até o porto, escrevi para Elsie e Kh. Ainda não estava muito sentimental. À noite voltei e fui dormir por volta das 10. Segunda: B. P., banco, estação; Milit.; B. P. outra vez. Hedley no almoço... À noitinha passei na Biblioteca Mitchell. Escrevi para E. R. M. pela segunda vez. Fui para a cama. Na manhã de terça embarquei no navio; compras; almoço com Broniowski *frère*.

Partida: fundos das casas comerciais — último vislumbre da civilização. Mulheres na ponte. Preocupado com a atual falta de segurança das viagens marítimas. No meio da enseada de Sydney senti-me subitamente sozinho e ansiei pela companhia de E. R. M. À noite fiz amizade com o segundo imediato, conversamos sobre a N.G. ... e sobre a última viagem. N.G. me atraía outra vez; fiquei satisfeito com a idéia de ir até lá.

Quarta-feira sem novidades — fiz amizade com um oficial de marinha, li, escrevi um pouco. Estava ligeiramente enjoado. Quinta: por volta das 4 da tarde entramos na baía de Moreton. Viagem tranqüila. Não olhei em volta o suficiente, falei demais. Fitei o rio sob o luar e me lembrei da Assoc. Britânica, de Staś, de Mackaren, e da srta. Dickinson. Melancolia de cais abandonado; enormes navios cinzentos de transporte. Recado dos Mayo; transporte de carro; telegrama para E. R. M.

Na residência dos Mayo, intervenção heróica em debate sobre religião. A seguir conversamos sobre política e sobre a atividade dele entre os operários. Dormi pouco e mal. De manhã, uma conversa breve; escrevi para E. R. M. Partimos, eles desceram perto de Queens Bridge. Peguei um bonde e comprei suco de framboesa; o navio; levantamos âncora mais ou menos à 1 da tarde; grande número de sibas no rio...[1]

[1]Espécie de molusco cefalópode. (*N. da T.*)

Viagem até Cairns (sexta a terça-feira): cartas para Frazer, para Gardiner; joguei *bridge* com alguns companheiros de viagem; senti-me bem, mas não criativo. Cairns: apresentei-me a dois homens; primeira tragada de ar dos trópicos. Terça a quinta, viagem para Port Moresby: enjôo, não comi nada e vomitei de vez em quando; dor de cabeça mas sem muita aflição; senti-me debilitado, mas "não além de minha capacidade de suportar".

Em Port Moresby fui falar com Strong; o safado não me convidou para me hospedar em sua casa. Eu me convidei para me instalar em sua varanda, onde armei minha própria "tenda". Calor terrível; manhãs e noites na varanda e na casa dele. Escrevi cartas; ansiei por um copo de conhaque à noite. Strong não escondia sua irritação com o fato de eu estar hospedado na casa dele. De modo geral, desagradável e tapado. [Boag] muito mais amável, mas também pervertido. Reflexões sobre a vida vazia daqueles dois homens, sua atitude com relação à guerra, às mulheres, seu objetivo na vida. Têm uma tremenda quantidade de material disponível, e nada fazem com ele; complicam a vida normal e não tiram vantagem das oportunidades extraordinárias.

Samarai. 10.11.17. Ontem levantei-me por volta das 6:30 (na noite anterior eu tinha ido cedo para a cama). Li meu diário (um trecho que havia escrito previamente) e um conto de O. Henry. Momentos de desejo violento por E. R. M. Recordei-me de sua presença física — seu impacto emocional direto: os encontros com ela na escadaria da Biblioteca, suas visitas de manhã cedo, para me acordar etc. — Por volta das 12, saí, perambulei pela ilha. O chão estava lamacento — dia chuvoso, frio, o vento soprando das montanhas (estarão cobertas de neve?). Almocei, conversei com Solomon; soneca vespertina, despertado por um grito, "Kayona" [nome de um navio] — confundi-o com "Itaka". Foi ao banco, B[urns] P[help], & B.N.G. (sr. Wilkes, que conversou comigo sobre Thomas e me deu umas fotos, pedindo-me para ir visitá-lo qualquer noite). A seguir, o hospital. Mentalmente, acariciei a "supervisora", que parece apetitosa. Teddy [Auerbach] falou sobre as minas de ouro, ações e reivindicações no seu jargão engraçado. Tornei a dar um passeio em torno da ilha (encontrei dois sujeitos de Mailu); jantar, conversa com Solomon e o Capitão Hope, que apresentou o paradoxo de *que todo negócio é um jogo de azar*, baseado no qual defini o socialismo como a eliminação do *jogo de azar* do *negócio*. Sujeitos repulsivos com indolência e [insolência] tropical. À noite fui ao hospital. Teddy [Auerbach] contou histórias sobre *"recepção de grupos de admiradores"*... Esse tempo todo eu subconscientemente estava esperando ser apresentado à enfermeira. Às 9, saí com alguém. Fiquei sentado até as 10:30 cortejando a sra..., que não é burra, embora não tenha boa cultura. Eu a acariciei e despi na imaginação, e calculei quanto tempo levaria para conseguir levá-la para a cama. Antes disso, tive pensamentos lascivos sobre... Em suma, traí [Elsie] em pensamento. O aspecto moral: me dou um ponto positivo por não ler romances e por me concentrar melhor; um negativo por alimentar fantasias de relações sexuais com a supervisora e pela volta dos pensamentos lascivos sobre... Além disso, uma tendência desastrosa para "passar sermão" e para imaginar uma discussão com todos os patifes que insistem em me atormentar aqui, principalmente o Murray. Essa pregação assume a forma de comentários irônicos no prefácio ao Magnum Opus, no meu discurso na Royal Society depois da conferência de Murray, em comentários endereçados ao irmão dele. Também discuto com Strong, B. P., Campbell etc. e os irrito. — Por outro lado, sei como isso é ridículo, e resolvo parar de fazê-lo.

Esta manhã estou esperando em vão o "Itaka". Percebo que, se conseguir controlar minha desordem moral momentânea, realmente me isolar, começar a escrever o diário com uma determinação autêntica, minha permanência aqui não será uma perda de tempo. — E assim, para o futuro: E. R. M. é minha noiva, e, além do mais, apenas ela, ninguém mais, existe para mim; não devo ler romances, a menos que adoeça ou entre num estado de depressão profunda; preciso prever e impedir cada uma dessas circunstâncias. O objetivo de minha estada aqui é realizar pesquisa etnológica, que deve absorver minha atenção, a ponto de excluir tudo o mais. Não devo pensar em "vingança" nem em "punições", não devo levar a sério o Spencer, nem o Murray nem quaisquer outros patifes.

Domingo, 11.11.17. Ontem: de manhã escrevi um pouco, "pensei" um pouco e desperdicei o tempo. Por volta das 11 fui ao B. P. — uma caixa faltando. Depois ao B.N.G., comprei sapatos, suco. Ted A. me "tratou mal", o que me aborreceu. Consegui me controlar; voltei para casa, escrevi para Brammell. Almoço; mostrei meus panfletos ao Ted e ao Capitão; tirei um cochilo; escrevi cartas para Leila e para a [Secretaria da Fazenda]; fui ao Spiller; o Capitão estava lá, vituperando contra os habitantes de Samarai. Depois dei uma caminhada solitária em volta da ilha; ligeiramente cansado; melancólico. Corri de vez em quando; à noite comi pouco, me senti bem. Fui procurar Hinton; um jovem humilde, bonito, de feições francas, conta piadas sujas com graça e "se interessa por música" — canta e compõe paródias de músicas românticas!

Caminhei em torno da ilha pela segunda vez. Vênus estava brilhando sobre Roge'a. Tentei concentrar-me no passado e resumir o ano anterior. Formulei meu sentimento primordial por E. R. M., minha profunda confiança nela, minha crença de que ela tem tesouros a dar e o poder miraculoso de absolver pecados. Daí minhas confissões, é por isso que eu lhe conto minhas experiências "mais profundas". Desejo de experiências heróicas e dramáticas, para poder contá-las a ela. Depois pensei nela de uma forma intensa e ardi de paixão por ela. *Meeresleuchten* [fosforescência]: misteriosamente, preguiçosamente, um frio clarão verde aparece sobre as ondas e torna a desaparecer. Ao voltar para casa, escrevi para Elsie. — Moralmente estou indo bem. Reprimo pensamentos lascivos sobre L. recordando-me da diferença fundamental entre minha atitude para com L. e para com E. R. M. — Onda de forte afeição por Paul e Jadwiga [versão polonesa do nome Hedy]. — Quase parei de pensar na "perseguição", posso enfrentar tudo que vier de forma bastante tranqüila e pronta. Resolução: hoje, escrevo para mim mesmo minhas recordações de Melbourne.

Segunda, 12.11.17. Ontem, depois de escrever o diário, dei um passeio curto. O dia estava claro, havia uma brisa fresca, mas o sol estava muito quente. Eu me senti muito bem, precisava de exercício, corri durante uma parte do caminho. Depois do desjejum quis começar o diário retrospectivo. Vadiei um pouco, dei uma espiada no

Correio de Sydney, nas ilustrações. Peguei de volta meus escritos do "Capitão" e passei-os adiante, para Hinton. O capitão disse que os nativos daqui não eram interessantes, um pessoal ingrato. — A seguir, com interrupções e digressões, compus as linhas gerais da retrospectiva. Mais ou menos 12:30, ginástica: senti vontade de me exercitar. Um calor terrível. Depois do almoço li Swinobury [trocadilho em polonês com Swinburne — "porco cinzento"]. Deitei-me, mas não dormi, estava afastando os pensamentos lascivos. Levantei-me às 3. Com Ted, aguardei o "Itaka", estava quente demais, até mesmo para o Ted. Eu estava tão exausto que não era capaz de fazer nada. Escrevi cartas: para os Mayo, para Bor [...] e para Elsie. Fui tomar banho; fui à casa de Spiller, onde conversamos sobre naufrágios e sobre febre negra. A seguir caminhamos pela ilha; muitas pessoas; garotos comendo *cocos* e tocando flauta. O nativo meio civilizado encontrado em Samarai é para mim algo *a priori* repulsivo e desinteressante; não sinto a menor propensão a trabalhar com eles. Pensei em Elsie e recordei as fases de nossos últimos encontros, associadas aos socialistas. Jantar e conversa com o capitão na varanda sobre política inglesa. Sua invectiva empolgada e apaixonada contra Asquith e seu conhecimento pessoal de Smuts, Botha etc. etc. Sua defesa do conservadorismo. Fiz um gesto de cabeça concordando, depois encetei uma arenga antigermânica (aliás, foi estupidez minha). Conversa com as três filhas do hoteleiro. Sua excursão ao *continente*, suas orquídeas, suas idéias: a moça que pinta todas as flores etc. e tal. À notinha afaguei o fígado da garçonete [*sic*]... em vez de escrever algumas linhas para a Elsie. Adormeci fácil e rapidamente.

Moral: o mais importante é eliminar os estados de negligência ou vazio interior, quando os recursos interiores são insuficientes. Como na tarde de ontem, quando eu não sabia o que fazer de mim mesmo, ou na noite em que desperdicei tempo seguindo a lei do menor esforço, uma lascívia subconsciente (conversas informais com mulheres). Eu devia clara e distintamente me sentir *eu mesmo*, à parte as condições atuais da minha vida, que, em si mesmas, nada significam para mim. Metafisicamente falando, a tendência de se dispersar, de tagarelar, de fazer conquistas, marca a degeneração da tendência

criativa de refletir a realidade na nossa própria alma. Não devemos permitir uma degeneração dessas. Como eu definiria Samarai para Elsie e o livro dela? A contradição entre a paisagem pitoresca, a característica poética da ilha situada no oceano e a péssima vida que se leva aqui.

Terça-feira, 13.11. Ontem: caminhei ao redor da ilha e escrevi meu diário sentado num banco. Ligeiramente cansado; pressão nos olhos e na cabeça (quinino?). Em casa, escrevi a Retrospectiva de Melbourne. Às 10:30 fui para o B. P. e pedi a Burton para procurar a caixa perdida de Staś. Chá (*"chá matinal"*) no Henderson, orquídeas e samambaias. Sra. Smith — coitadinha — falou comigo sobre Pt. Darwin e sobre Elsie — eu havia mencionado o nome dela. Depois, de volta a casa, li *contos folclóricos* no livro de Seligman, cochilei antes do almoço; às 3:30 tomei uma ducha e retomei a leitura. Não tive forças para terminar o diário. Às 4:30 ou 5 me levantei e passeei ao redor da ilha. Depois do almoço, um desejo apaixonado por E. "Se eu pudesse me levantar e ir a pé até onde ela está, começaria agora." Mesma saudade à tarde. Por volta das 4:30, quando terminei de ler Seligs, uma saudade metafísica, aprisionamento na existência simbolizado pela ilha. Levantar-se, perambular, procurar o que está oculto ao se dobrar a esquina — tudo isso não passa de uma fuga de si mesmo, é trocar uma prisão pela outra.

À noite, conversei com Ted, resolvi aguardar o "Itaka" para ir pegar meninos em Dobu. Fui ao hospital com ele. Hartley, um sujeito agradável, nos contou sobre Nelson, que se esforçou por sair da pobreza e aguarda em vão a esposa, procurando-a em todo navio que chega. Perambulei pela ilha; as estrelas, o mar estava fosforescente. Voltei para casa — durante todo aquele tempo, eu tinha pensado em Elsie; escrevi para ela. — Emocionalmente, meu amor por ela — forte, profundo, penetrante — é o principal elemento da minha vida. Penso nela como minha futura esposa. Sinto uma paixão profunda — baseada numa ligação espiritual. Seu corpo é como um sacramento de amor. Eu gostaria de dizer a ela que estamos comprometidos, que quero que tudo se torne público. Mas minha experiência com N. S., a quem fiz um pedido de casamento impulsivo e prematuro, me faz tender a ir

com calma. — Ainda estou calmo e tranqüilo. Encaro meu aprisionamento temporário em Samarai como inevitável e desejável, contanto que eu use esta oportunidade para me recompor e me preparar para o trabalho etnológico. Livrei-me da minha lascívia mental perturbadora e dos meus impulsos a flertes superficiais, por exemplo, meu desejo de conhecer as mulheres atraentes daqui (especialmente as supervisoras); em suma, estou tentando superar meu remorso metafísico quanto a *"Vsiekh nye pereyebiosh!"* [Russo, literalmente: "não poder jamais trepar com todas elas".] Pensamentos: Escrever o diário retrospectivo sugere muitas reflexões: um diário é uma "história" de eventos inteiramente acessíveis ao observador, e, mesmo assim, escrever um diário exige um conhecimento profundo e um treinamento meticuloso; mudança do ponto de vista teórico; a experiência em escrever leva a resultados inteiramente diferentes mesmo que o observador permaneça o mesmo — quanto mais se houver observadores diferentes! Conseqüentemente não podemos falar dos fatos objetivamente existentes: a teoria cria os fatos. Conseqüentemente, a "história" não existe como ciência independente. A história é a observação dos fatos à medida que o tempo dá origem a eles. — A vida que deixei para trás é opalescente, um brilho de muitas cores. Algumas coisas me surpreendem e me atraem. Outras já morreram. Meu amor por E., que, durante algum tempo, foi um elemento completamente inerte, agora adquiriu uma vida multicolorida. Meus interesses intelectuais (trabalho científico; projetos sociológicos; debates com Paul) perderam um pouco da sua intensidade. Ambições, a necessidade de estar em atividade e de dar uma expressão mais precisa às minhas idéias, estão ainda mais cinzentas, em retrospectiva.

Quarta, 14.11. Na manhã de ontem trabalhei absolutamente bem no meu diário, escrevi com afinco e constância. E. R. M. ainda permanece comigo. Não leio romances, estou lendo Swinburne. Guardo as cartas e telegramas dela quase de cor, e fico apreciando suas fotos. Tirei um cochilo à tarde, li Seligman; ducha; saí para dar uma caminhada. Senti-me forte o suficiente para escalar um morro pensando o tempo todo em Elsie. Após o jantar, sentei-me e conversei com Truthful James e a sra. Young

sobre coqueirais e sobre borracha. A seguir fui para o Hotel de Leslie, onde conheci um jovem com quem passeei pela ilha. Bebemos *ginger ale*; depois fui à casa de Hinton e apreciei suas cascas de tartaruga. Em seguida voltei para casa; escrevi uma carta para E. R. M.

Hoje: Levantei-me às 6:30 e "*navio à vista!*" Às 7:30 o "Makumbo" estava no cais. Dei uma volta a pé no lado sombreado da ilha. Escrevi uma carta para E. R. M. e N. S., examinei as outras cartas, acrescentei coisas, selei-as. Enviei carta registrada a E. R. M. Embarquei no navio. O capitão Hillman me tratou a clarete e soda. Debate com o comandante Burrows sobre "administração" alemã. Ele elogiou seus hospitais sistemáticos e *eficientes* e sua preocupação com o bem-estar dos nativos. Eu os denunciei e elogiei o *laissez-faire*. Ele malhou o Sacré Coeur na Nova Guiné alemã e elogiou a Missão Marista. — Depois voltamos para a cidade; *ginger ale* com Ted e o capitão Hillman. Mais tarde retornamos ao navio, entregamos um pacote a McCrann e escrevi uma carta para os Khuner. Conversa com Higginson e o comandante sobre fenômenos naturais etc. A seguir o almoço; conversamos sobre etnografia. Examinamos um mapa alemão da Guiné alemã. Ele me relatou suas experiências, falou sobre a diversidade de nativos nas diversas ilhas, sobre os colonizadores alemães e, acima de tudo, sobre Dolly Parkinson, a mãe e tias dela. Às 3:30 regressei a casa, palestrei com Ramsay. Depois voltei novamente ao navio; conversa com o Dr. Harse e o comandante acerca da administração alemã, da Rússia e da guerra.

Quinta, 15.11. Ontem: às 5 dei um passeio em torno da ilha, senti necessidade de fazer *exercícios*; escrevi meu diário num banco. Fiquei um pouco agitado e incapaz de me concentrar depois da visita ao navio. Fui ao promontório e contemplei o mar. E. R. M. ainda comigo. (Mas já me esqueci completamente do que pensei durante aquela caminhada!) Ah! claro — entre outras coisas, estou interessado na natureza. Na noite anterior: o verdete venenoso de Sariba está no mar, a cor de magenta resplandecente ou fosforescente, tendo aqui e ali pontos de um azul frio refletindo nuvens rosadas e o verde elétrico do céu azul-saxônico. — Ontem à noite: mar e céu de um azul

calmo e intenso, os morros cintilando com profundos púrpura e um cobalto intenso de minério de cobre, e acima deles duas ou três camadas de nuvens resplandecendo com intensos laranja, ocre e rosa. — Gostaria que ela estivesse aqui. Ao voltar para casa escutei: *My boy, fulfill my dreams* (Meu rapaz, realize meus sonhos) no fonógrafo, e me senti transbordante de desejo por mergulhar no turbilhão da vida. Uma pena que E. R. M. não dance no meu estilo. *Adágio*: "Aqueles que dançam bem juntos, não viverão em harmonia." Encontrei a sra. Henderson, Baldie e Annie. Conversa — tentei ser interessante. Mulheres outra vez! — Depois da ceia, conversa com o capitão Hope, que sai do seu caminho para me cumprimentar *com amabilidade*. A seguir, desenhei esboços de pentes. Mania de casco de tartaruga. Dei uma caminhada em torno da ilha com um rapaz que chegou aqui comigo e fica hospedado no B. P. Reclamamos da falta de hospitalidade de Samarai, e ele me contou sua história. — Conversa com as mulheres do hotel. Fui para a cama, pensando em Elsie. Sonho: na esquina de M.H., estou esperando o bonde para Brighton [um subúrbio de Melbourne]. Olho e escuto — será que já vem? Pego-o na esquina. Entristeço-me por estar só e por E. R. M. não estar lá. Penso no dia em que voltarei a Melb. e ela vai me encontrar na estação, e ambos passearemos de bonde outra vez, sentados no primeiro banco.

Pensamentos: esta manhã: teoria da ação nacional consciente. *Uma ação coletiva responsável de um Estado*. Teoria sobre aquilo que disse a Elsie durante nossa primeira conversa, de que *não tem sentido** falar em "Inglaterra" e "Alemanha" como países que "queriam" alguma coisa, "cometeram um erro de cálculo" etc. Colocar essa teoria no papel para E. R. M.!

Plano para organizar debates estritamente científicos no Royal Anthropological Institute. *Eliminação das reuniões híbridas, semipopulares sem nenhum debate, que nem popularizam a ciência nem produzem qualquer resultado definido*. Necessário: formulação definitiva dos problemas básicos e trabalho em conjunto, todos, ou, pelo menos os homens representativos, tomando parte no debate.

*Grifo no original.

Sexta-feira, 16.11. Ontem: pela manhã trabalhei no diário retrosp[ectivo]. A srta. H. U., no chá das 11; conversamos sobre um missionário na ilha de Tule que tem filhos; foi expulso e excomungado; casou-se; os nativos fizeram plantações para ele; ele enriqueceu para valer; foi readmitido na Igreja. (Padre [...]) A sra. Gofton me contou sobre um agricultor que se embebedou e raptou uma menina nativa de 14 anos, mantendo-a consigo dois anos, contra a sua vontade; ele lhe comprou montes de coisas, um gramofone, um carro etc. Então ela se apegou a ele. Ele foi para o Sul, casou-se com uma mulher branca; a negra ficou furiosa, foi à casa dele, levou o carro etc. A branca soube disso, abandonou-o e voltou ao Sul. — Depois fui ver Higginson, dei-lhe minhas reimpressões, conversamos durante algum tempo; ele pegou objetos com Custom [no paiol]. Conversa com Burton sobre a terrível onda de calor na Austrália Ocidental e sobre seu *estilo de vida recluso* em Samarai. Um indivíduo alto e espadaúdo com rosto marcante e boas maneiras. Depois do almoço, revisei meu talão de cheques e as cartas de Elsie, e tracei uma cronologia de nossos encontros. — Por volta das 4 carreguei a câmara, preparei-me para tirar fotos de Eli e dos Smith... À noite fui ver Hinton; casca de tartaruga; depois telefonei para Wilkes, que me mostrou incontáveis fotos e não me deu nada para beber!... Acesso de sensualidade indiferenciada que resolvo superar. Pensei em E. R. M., mas a violência do desejo foi atenuada. Quase me conformei por estar em Samarai. Afinal de contas, não estou exatamente desperdiçando meu tempo aqui!

Sábado, 17.11. Nunca me permito pensar em minha viagem para as [ilhas] Trobr[iand], finjo que essa possibilidade está fora de cogitação. Ontem, Diário Retrosp. sobre E. R. M. de manhã. Intensa rememoração daquele outono em que a conheci. Às 11 fui ver fotos que havia colocado para secar, e bebi chá matinal com as mulheres. Antes disso eu havia procurado Everett e reservado a lancha para a tarde. Conversei com a sra. Mahoney e um certo Osborne, da ilha Rossel. A relutância deles em dar qualquer in-

formação foi engraçada. Suponho que seja apenas preguiça e uma espécie de vácuo? — Tomei um drinque com Everett, ele falou do *kula** e confirmou que Misima não participava do *kula*, apenas Panayati e Panapompom; Tubetube e Wari; Roge'a também [...]. Depois do almoço, parti; sentimento de "domínio" e de "andar ao léu" em barcos a motor. Vista maravilhosa. Mata tropical, sombras profundas, flores flamejantes de hibisco. Sentei-me diante de uma *casa nativa*, onde um *so'i* estava sendo preparado. Sensação de desorientação, que sempre tenho em um local novo, não familiar, entre nativos. Coisas externas (jardins, estrutura da casa, preparativos para o *so'i;* trechos invadidos pelo mato na aldeia, disposição dos elementos das aldeias) — tudo isso me estimula, mas me sinto impotente — a falta de sentido da visita, a menos que eu possa ficar algum tempo. A paisagem, as condições de minha vida aqui — não incentivam a pesquisa. Em Samarai eu simplesmente não consigo fazer nada. Qual é a essência mais profunda de minhas investigações? Descobrir quais são as principais

* O *kula*, elaborado sistema de trocas entre membros de tribos do leste da Nova Guiné e arquipélagos vizinhos, se tornou o tema da obra *Argonautas do Oeste do Pacífico*, também de autoria de Malinowski (1922). O *kula* em si era uma troca complexa e altamente regulada de presentes entre parceiros reconhecidos em aldeias diferentes. Os presentes principais eram de duas espécies: braceletes (*mwali*) feitos de conchas de moluscos e usados pelos homens na parte superior do braço, e os colares (*soulava*) para mulheres, feitos de conchas espondilosas. Em geral esses artigos não tinham valor para além de seu significado no *kula*, mas possuir um bonito *mwali* ou *soulava*, cada um com um nome e história próprios, além de associações tradicionais, realçava o prestígio do proprietário e de sua aldeia. Os objetos não eram guardados permanentemente, porém, mais cedo ou mais tarde, eram trocados por objetos de importância comparável.

As expedições do *kula* eram feitas de maneira mais ou menos regular entre comunidades específicas (Sinaketa e Dobu, por exemplo) por frotas de canoas (*waga*s) que freqüentemente cobriam grandes distâncias. Havia também alguns *kula*s no interior das ilhas. Membros de uma expedição visitante faziam trocas apenas com seus próprios parceiros reconhecidos na aldeia hospedeira, e seguiam-se "rotas comerciais" reconhecidas. Por exemplo, um homem de Omarakana talvez obtivesse um par de braceletes em uma expedição à ilha de Kitava (a leste de Kiriwina) e aí, quando um *kula* interno vinha de Sinaketa para Omarakana, ele os dava para seu parceiro de Sinaketa em troca de um colar. Este, por sua vez, trocava os braceletes quando o *kula* de Dobu chegava a Sinaketa. Contudo, não havia troca direta entre os homens de Omarakana e os dobuanos.

A vida das tribos dessa área era estreitamente ligada à instituição do *kula*, o qual influenciava, até certo ponto, quase todas as atividades das comunidades participantes. A descrição que Malinowski faz do *kula* e suas ramificações se tornou um dos marcos importantes da etnografia.

Aparentemente, ele não estava ciente de sua importância no início da expedição, embora tivesse passado a se interessar por esse fenômeno durante sua permanência de 1915-16 nas Trobriand.

paixões dele [o nativo], os motivos de sua conduta, seus objetivos. (Por que um *menino "é contratado"*? Estará todo *menino*, após algum tempo, pronto a *"se demitir"?)* Sua forma de pensar essencial, mais profunda. Neste ponto, voltamos a nossos velhos problemas: O que é essencial em nós mesmos? Voltamos a Adolf Bastian:* *Universalgedanke, Volksgedanke* [idéias universais, idéias folclóricas] etc. ...

À noite, na cama,... Pensei no fato de E. R. M. ser a única pessoa que realmente amo fisicamente. Moral: estou começando a "me estabelecer" em Samarai: casca de tartaruga; as mulheres; a caminhada; a vista da minha janela — tudo isso embebido em reflexões sobre E. R. M. normalmente me basta. Mas de vez em quando sinto falta dela, gostaria de vê-la, de lhe dizer o quanto a amo; quanto tempo desperdicei amando-a pela metade. — Alguns dias atrás me desesperei ao pensar que talvez nunca mais a visse. Ontem, por outro lado, tentei recordar minha apatia e até antipatia algumas semanas antes de partir para Adelaide. — Não consigo me concentrar. Escrevo pouco demais no meu diário, falo demais, e não sou eu mesmo. Ontem, após retornar de Sariba, quis ler um romance. Nesses momentos sinto um desejo agudo e ardente, porém superficial, por E. R. M. Se ela estivesse aqui, seria eu feliz?

Preciso me recobrar, voltar a escrever o diário, preciso me aprofundar. Minha saúde está boa. Tempo para reunir minhas forças e ser eu mesmo. Supere os defeitos insignificantes e perdas materiais de somenos importância etc. e *seja*** você mesmo!

Domingo, 18.11. Ontem: de manhã Ginger veio, conversei com ele, barganhei com ele; *contratei-o*. Consegui papel fotográfico; voltei, escrevi o diário; no B.N.G. comprei cigarros e *geléia*. A seguir escrevi o diário retrospectivo. E. R. M. Depois do almoço cortei o cabelo; li uma revista estúpida (que a cada passo me fazia pensar em E. R. M.). Depois tornei a escrever; aviso de chegada do "Itaka"; subi o morro com Ted, trabalhei no pente; jantar; conversa com a sra. Gofton; sentei-me e pensei em E. R. M. Caminhada pela ilha; em certos momentos me senti calmo e feliz; em outros, um louco desejo por E. R. M. e pela "vida". Meditei sobre o meu destino; se eu não tivesse voltado, ela certamente teria encontrado outra pessoa; pensei em Charles e no fato de que meu *comportamento* com relação a ele e o passado dela é realmente decente. Sentei-me num banco durante algum tempo; estrelas; refleti sobre a realidade objetiva: as estrelas, o mar, o enorme vazio do universo no qual o homem está perdido; os momentos em que você se funde com a realidade objetiva, quando o drama do universo deixa de ser um *palco* e se torna um *desempenho* — estes são os momentos de genuíno nirvana. A seguir pensei de novo que talvez nunca mais a veja, e sou tomado pelo desespero. Murmurei o nome dela na escuridão; gostaria de poder dizer-lhe que desejava que ela fosse minha esposa; pensei em como anunciaríamos isso aos pais dela, se eles gostariam de me ter nessa condição, eu não podia ter ressentimentos contra eles. Escrevi uma carta muito apaixonada para ela.

Resolução: calmamente, sem trincar os dentes, escreva o diário retr., como trabalho preliminar. A essência dele é rever o passado, uma concepção mais profunda da vida (durante a minha caminhada na noite passada tentei desenvolver esta idéia). Mas, para isso, você deve escrever o diário e recordar os fatos de uma maneira um tanto formal.

Deve eliminar totalmente os pensamentos sensuais; só existe meu amor por E. R. M. (Na noite passada pensei em L. P. etc., e percebi claramente que, por um lado, escrevo cartas sinceras e apaixonadas para Rose, e, ao mesmo tempo, fico pensando coisas sujas à Casanova. Lendo minha carta para E. R. M., ela jamais suspeitaria de mim. — Ao perceber isso, minha volúpia desaparece por si só.)

Segunda, 19.11. Ontem: Chuva de manhã, o resto do dia nublado; até agora não senti o calor. Em certos momentos esqueço que estou nos trópicos, de tão bem que me sinto subjetivamente. Apesar disso tudo estou consideravelmente menos vigoroso. Depois do desjejum (tive uma leve dor de cabeça, com uma pressão atrás dos globos ocu-

*Adolf Bastian (1826-1905), etnólogo alemão, interessado em psicologia nativa, que desenvolveu o conceito de "idéias folclóricas", as quais acreditava serem a base das semelhanças de costumes que havia observado em suas extensas viagens.

**Grifado no original.

lares), deitei-me durante algum tempo. A seguir, retrosp. E. R. M. Às 10:20, num momento de relaxamento, peguei uma revista e, contra meus melhores instintos, li-a com repugnância até as 11:20. Havendo perdido o rumo, fui dar uma volta a pé para me controlar. Resolvi que devia escrever para E. R. M. cartas mais objetivas, contando a ela sobre minhas dúvidas (quando tento lembrar os defeitos físicos dela e quando lembro e analiso minha antipatia momentânea por ela), também devia descrever minhas marés baixas emocionais, quando estou relativamente indiferente, e meus lapsos morais, quando me relaciono com outras mulheres ou tenho pensamentos lascivos. — Durante a caminhada sinto-me perfeitamente bem do ponto de vista físico; preciso me movimentar (de manhã fiz muitos exercícios). Subi o morro, depois desci. Sentei-me num banco. Osborne apareceu. Conversamos sobre a ilha Rossel. Gostei mais dele do que da primeira vez, ele me atraiu. Detalhes que me parecem muito interessantes. "*Gabei-me*" de meus talentos lingüísticos etc. Andamos até Yela Gili. Depois do almoço dormi até as 3. *Banho de chuveiro* (um pouco indolente; a dor de cabeça piorou). Depois conversei com os meninos e Osborne sobre Yela Gili. Fui para casa, contornando a ilha; pôr-do-sol; escrevi algumas linhas para E. R. M. À tardinha, carteado; conversa sobre política. Acho engraçada a violência com que esses homens falam contra Bruce* e Murray; também gosto da *linguagem obscena* usada por Ted quando Annie está deitada do outro lado da divisória (conversamos sobre *varas*).

Moral: A leitura da revista foi um lapso desastroso. Estou forte fisicamente o suficiente para superar minha falta de concentração e controlar estados mentais que não aprovo. Além disso, já é tempo de eu me livrar da minha inércia, dessa mania de seguir a lei do menor esforço. Ontem fiz três coisas de uma total infelicidade: li coisas de má qualidade; me deixei ficar apaticamente na companhia dos meus colegas; e bebi com eles. Também tive um comportamento excessivamente sensual para com a sra. Gofton e Baldie. Sou pródigo em cumprimentos e me comporto de uma forma que revela o mais grosseiro desejo de minha parte.

*W. C. Bruce, comandante da patrulha nativa armada.

Resolução: Você não deve se deixar afundar, escolhendo o caminho mais fácil. Já estragou bastante o mais belo amor de sua vida. Agora precisa se concentrar nele. Eliminar a lascívia em potencial do relacionamento com as mulheres, parar de tratá-las como *amigas especiais*. De qualquer maneira, isso não vai dar em nada — na realidade seria desastroso para você se desse. Pare de andar atrás de rabos-de-saias. Se ela se comportasse dessa maneira, eu ficaria arrasado.

Adendos: Ontem, durante minha caminhada vespertina, analisei as causas do meu estado dostoievskiano. A principal foi provavelmente esta, de que, entregando-se a mim, contraindo uma relação pessoal comigo, ela perdeu o encanto da lealdade absoluta, bem como o encanto de algo inacessível e objetivo... Também pensei em N. S. e senti remorsos. Além disso, para mim é nítido que minhas relações com ela teriam sido impossíveis. Eu não teria trocado E. R. M. por nada, nem por ninguém.

Terça 20.11.17. Desde ontem ao cair da noite, e hoje, estou entusiasmado em razão de meu êxito na confecção de pentes. Estou inebriado pela arte, parece um pouco com fazer poesia. — Também estou tentando impressionar Smith e todos que vejo aqui. Além do mais, estou *sociável* com as mulheres, joguei cartas pela segunda vez e estou decididamente sob o subfeitiço da sra. Gofton, que indubitavelmente faz o tipo Marnie Masson. Penso na "alma" dela. Decididamente ela foi "uma mulher" comigo durante cerca de duas horas. Aparentemente será um processo longo e trabalhoso me curar dessa fraqueza!

Ontem: manhã límpida porém fria; exercícios; me barbeei. A seguir visitei Higgins[on];* ele está pronto para uma excursão a [Sariba]. Adiou-a até terça-feira. Voltei para casa com a intenção de escrever o diário retrosp., e trabalhar só um pouquinho com casca de tartaruga. Comecei às 9 e continuei até a 1, quando fui visitar Smith, que me deu alguns excelentes conselhos. À tarde trabalhei outra vez e escrevi uma carta para E. R. M. no térreo, enquanto Ginger fazia a faxina. Às 5 fui ver Smith, e planejamos lançar um novo estilo papua. — À tardinha projetei novos modelos; depois

*Magistrado residente de Samarai.

Smith; depois, carteado com as mulheres. Dirigi alguns galanteios à sra. Gofton, sucumbindo ao inegável encanto dela. A seguir conversamos, saboreando caranguejos (ela ignorou a alusão quando Ted disse *estilo de garçonete profissional*); fui para a cama depois de conversar com Ted. Sob o mosquiteiro projetei novos modelos.

Quarta 21. De modo geral, me sinto bem *à vontade* em Samarai. Não sinto a menor vontade de partir, muito embora vá ficar feliz da vida quando o fizer. Quando vou sozinho até o *ancoradouro* numa noite enluarada, aprecio o clima tropical, os navios que passam no mar, saboreio os planos para trabalhar com casca de tartaruga, minha idéia com relação ao diário retrosp. — Ultimamente quase nunca tenho ansiado por E. R. M. Sinto-me bem e forte, colegas como Ted, o capitão etc. me divertem, e gosto deles. Gosto da família da sra. Young, e me sinto bem no hotel daqui. Eles me servem chá de manhã e à tarde. A sra. G. conta-me histórias sobre seu hotel etc. Jogo cartas com eles. No entanto, sei que E. R. M. é o único ser humano que realmente me compreende e que ao mesmo tempo me ama desinteressadamente. Quando examino o aspecto cômico da situação ou quando formulo pensamentos mais profundos sobre meu diário, ela está praticamente comigo, no meu subconsciente.

Ontem: Levantei-me bastante tarde; escrevi o diário sem me concentrar. Após o desjejum, não tive vontade de ir a Sariba (inércia!). Encontrei-me por acaso com Harrison* e teci planos de ir a Dobu em companhia dele. A seguir fui visitar Higginson e tratei de me preparar para poder ir embora, deixando Ted à frente de tudo. George Harris[on] disse que eles podem me levar. *Au fond*[2] fiquei satisfeito. Depois do almoço deitei-me e passei quase a tarde inteira criando um novo modelo de pente para Elsie. Chá vespertino. Sr. Osborne. Às 5, caminhada pela ilha. Tentei me recompor, afastar a embriaguez diante do meu sucesso artístico. Pensei em (?). Percebi que E. R. M. é minha melhor amiga. Na hora da ceia comi mamões e *abacaxi*, e Ted falou sobre o *kula*, dizendo que Penayati e Panapompom não haviam participado do *kula*. Após a ceia terminei e copiei meu desenho. Fui falar com Smith. Osborne leu em voz alta um capítulo do *Zanoni* de [Bulwer-] Lytton. (Osborne: primeira impressão: de pequena estatura, rijo, olha para a gente desconfiado, olhos injetados, a gente fica convencido de que ele bebeu na noite anterior. *De facto*, um teósofo; todos os dias fica apreciando o crepúsculo, numa imobilidade total, vegetariano; acredita que os nativos possuam conhecimento místico.) Em seguida, Smith cortou um pente para mim. Fiquei orgulhoso da minha obra-prima. Às 10, voltei, sentei-me ao lado da sra. Baldie, e assisti ao jogo de bilhar. Capitão Storch. Desci até o *cais*. No meu quarto Ted e o capitão H. debateram a ingratidão dos nativos.

*Comerciante da região.

[2] No fundo. Em francês no original. (*N. da T.*)

Moral: Estou num período de boa saúde e incapacidade de me concentrar. O calor não me incomoda em nada.

Quinta, 22. Ontem: levantei-me bem tarde. De manhã perdi algum tempo com casca de tartaruga; escrevi o diário com desatenção. Às 10 procurei casca de tartaruga e ferramentas. Chá matinal com as mulheres, às 11 comprei casca de tartaruga de Bunting por uma pechincha. Ele me falou do *kula*. Depois escrevi meu diário retrosp. À tarde cochilei no *bar do salão*. Estava quente, o bar estava vazio; *cadeiras de bambu*. Uma *joie de vivre* indiferenciada: realidade purificada, possibilidade de respirar livremente o ar bom da vida. Já pela manhã uma tendência a resistir a lidar a esmo com casca de tartaruga. À tarde escrevi o retrosp., mas o interrompi às 4 para [olhar] pentes. Enquanto escrevi, senti saudades de E. Às 5, caminhei pela ilha. O governador chegou e Len Murray jogou tênis. Fiquei irritado um momento, depois me contive e dei um passeio para me tranqüilizar. Dei outra volta pela ilha; um pôr-do-sol maravilhosamente colorido. Roge'a: verdes e azuis-escuros emoldurados em ouro. A seguir muitos rosa e roxos. Sariba de um magenta flamejante; *orla* de palmeiras com troncos rosados elevando-se do mar azul. — Durante aquela caminhada descansei intelectualmente, percebendo as cores e formas como música, sem formulá-las nem transformá-las. E. R. M. o tempo todo presente

como co-espectadora. Em alguns trechos eu corri, me sentindo atlético. Depois do jantar, atraído pela música, entrei e dancei. Cansado e de estômago cheio. Outra vez dei uma caminhada ao redor da ilha. Os problemas básicos da arte de viver. A lua e Vênus acima de Roge'a. "A presença de certas pessoas nos revela a essência do universo; a presença de outras a oculta." Pessoas como Elsie, cuja presença enche uma paisagem de profundo silêncio; outras a enchem de barulhos sem sentido ou, no máximo, de uma melosa [pretensão] sentimental. (Aumüller — entendo por que amava Samarai.) Aí tentei ficar a sós com a natureza, apagar os pensamentos pegajosos e sem sentido... Sentei-me num banco perto do *paiol de pólvora* e tentei atingir "o silêncio da alma". Fui impedido por um debate mental com Higginson: o que eu diria se ele insistisse para eu ir a Makambo (Verrebely [...] três meses). Debates políticos associados a isso. Contornei a ilha duas vezes. Pensei em E. R. M., dor e remorsos violentos quanto a N. S. Refleti que agora eu também possuo aquela *alegria das pequenas coisas*, justamente como ela costumava ter, a coitadinha. Lamento horrivelmente tê-la perdido, mas sei que não podia ter sido de outra maneira. Formulei este problema para Elsie. N. S. = C. E. M. ou Ernest P. K. Como ela se sentiria? E será que desejaria estar aqui comigo, um *humilde observador*? Eu anteriormente havia sentido vontade de escrever para ela sobre meus lapsos, dizer-lhe que ainda estava mantendo um diário. Que gostaria que ela me escrevesse, e percebesse os problemas da importância da vida, da autocrítica. Esta manhã, no banho, me peguei pensando esporadicamente (nova legislação sobre preservativos na Austrália) e disse a mim mesmo que o principal defeito do inglês era a falta de "estratificação" em suas vidas — *a vida deles flui numa única corrente. Uma coisa vem, vai e é substituída por outra, e pronto!* Falta-lhes reflexão, sistematização contínua. Devo abrir os olhos de E. R. M. para esses problemas.

Sexta, 23. Há um mês embarquei em Sydney. Por volta de segunda/terça estava super-energético e parei de tomar quinino. Ontem à noite uma certa indolência, sonolência, e hoje também; além disso, estou

com a garganta ligeiramente dolorida. Hoje sinto aquele peso na cabeça e no corpo — *o aumento tropical da gravidade específica* tão característico do meu estado anterior nos trópicos. De qualquer forma, tomei arsênico outra vez esta manhã, calomelano à tardinha, e fiz inalações para a garganta. Na noite passada provavelmente peguei um resfriado, porque senti a brisa até mesmo sob meu mosquiteiro e dormi nu.

Ontem: levantei-me às 6. O sr. Bernier chegou; mudei-me para um pequeno quarto ao lado do do capitão Hope. Ginástica intensiva. Desjejum, diário. Às 9, falei com Bunting. Comecei a explicar a ele o que eu queria; sensação desagradável de que estava banalizando e profanando meu trabalho. Em seguida, encetei uma conversa sobre *kula* com o *menino* dele. *Kula*, em Dobu, Tubetube, Panaete. Informações caracteristicamente divergentes; contudo, à luz do meu conhecimento anterior, são perfeitamente úteis. Às 11 fui tomar chá; verifiquei [o trabalho] do pente. Mais tarde, trabalhei no pente eu mesmo, naquele calor monstruoso. Às 12:45 tirei uma pestana antes do almoço. Depois do almoço, canoa procedente de Nua'ata; dois nativos a arrastaram até a praia; mediram-na com Ginger; examinei o interior; uma mulher com seios carunculados e elefantíase. Fui dominado pela apatia no meio do trabalho. Fazia as coisas superficialmente, não de forma intensiva. Voltei em torno das 4 horas. (Pela manhã havia recebido selos de Port Moresby e cuidei dos pentes de Ted.) Ocasionalmente pensava em escrever para E. R. M. Mas os pentes e a conversa mole ocuparam meu tempo. Caminhada. S[ua] E[x]celência, o Murray, me cumprimentou amigavelmente. Contei-lhe a história da minha enfermidade. Falei um pouco rápido demais, e de um jeito arrogante. Não fui eu mesmo. Não tive *dignidade*. Mostrei-me comunicativo demais. Ele não mencionou meu trabalho nem nada sério, a não ser a minha saúde. Leonard havia lido meu trabalho e o elogiou educadamente. O tom dele foi muito gentil, quase adulador, ao falar do meu trabalho. Comentei sobre minha saúde, sobre os amigos de Melbourne, e parabenizei-o pelos australianos. Depois voltamos juntos, eu lhe falei sobre o *kula*, ele mencionou exemplos de

*biri** e outras formas de comércio. Falei da importância das funções econômicas. — Antes disso, ele havia mencionado o artigo do capitão Barton.** Também disse que, se eu fosse até as Trobriand, eles talvez fossem me visitar lá. A todas essas tentativas de aproximação eu respondia, educadamente, cordialmente, como se "nada houvesse acontecido". Fiquei *exultante;* afinal de contas, isso elimina uma desagradável tensão pessoal e me dá alguma certeza de que, se solicitar uma prorrogação da permissão, ela me será concedida. Fiquei [superestimulado] e criei diálogos imaginários com Leon[ard] M[urray] sobre a importância do meu trabalho. Mas imediatamente tratei de controlar essa euforia e me obriguei a lembrar que o M. mais velho sorri para todo mundo, mesmo para aqueles em quem passa rasteira. Leon M. provavelmente é menos hipócrita, mas não vale a pena cultivar a amizade dele. Procurei me controlar e me lembrar de que trabalhava com vistas à imortalidade e que dar atenção a essa corja simplesmente banaliza meu trabalho. À tardinha dei uma caminhada e conversei com Ted. Não dormi mal, mas provavelmente peguei outro resfriado — *ut supra*.

Hoje: levantei-me às 6:30; me senti muito mal. Não me apliquei muito nos exercícios porque me sentia indolente. Dei uma caminhada curta e escrevi meu diário sentado num banco. Depois do desjejum conversei com M. Bernier, um francês, sobre formação acadêmica em matemática, e sobre seu amigo Malinowski em Paris. Ele é da Nova Caledônia, muito viajado, zombeteiro, simpático e civilizado. Cobrou-me 15/- por um saco de nozes de areca. Às 9 fui ver Higginson; preparativos para a viagem. Às 10:30 parti num barquinho pequeno rumo a Bow. Mar de almirante, encrespado, bem no nível do barco; em toda a volta, uma coroa de morros. A corrente e o vento eram favoráveis. Senti um pânico nervoso que procurei controlar. Mentalmente me preparei para trabalhar em Roge'a. Um grupo de nativos estava aguardando

**Hiri* eram expedicões comerciais entre os motus residentes nos arredores de Port Moresby e tribos do golfo da Papua. Os motus partiam em suas canoas (*lakatoi*) com carregamentos de cerâmica e ornatos de conchas, que comercializavam com os papuas em troca de sagu e dos pesados troncos escavados que utilizavam na construção de suas canoas.

**F. R. Barton, C.M.G., que contribuiu na obra *The Melanesians of British New Guinea* (Os melanésios da Nova Guiné britânica), de C. G. Seligman; sua descrição do *hiri* é mencionada em *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

[Toreha]. Navegamos na direção de Kwatou. Vimos alguns barcos. Fiz desenhos dos ornamentos. Os interesses científicos e artísticos (mania de casca de tartaruga) se combinaram. As dimensões do barco grande. Chuva. Sentei-me e conversei. Uma leve fadiga, apatia com relação ao meu trabalho. A ingratidão desse trabalho esporádico. A falta de peculiaridades dessas aldeias. Devia tirar umas fotos dessas aldeias ordinárias, para meu trabalho descritivo sobre a Nova Guiné. — Sentei-me numa casa "missionarizada" e conversei com um grupo de indivíduos nativos. Regresso. Senti-me bem; dia frio e úmido; céu e mar cinzentos; montanhas azuis, cobertas de névoa. Elewara voltou da casa da srta. Grimshaw (?). Conversa no pátio do *presídio* com o sr. Headon. Ele me prometeu um barco melhor no dia seguinte e uma permissão para falar com os prisioneiros. Peguei os pentes para o Ted (15/-!) e recebi recomendações sobre o meu pente. Depois da ceia, conversa com Aumüller sobre Verrebely. Manifestei meus sentimentos e justifiquei a conduta das autoridades. A seguir conversei durante algum tempo com Hinton, Davis e Annie; tomei providências com Ted a respeito das nozes de areca e me sentei para escrever uma carta para E. R. M., mas estava cansado demais, e *em vez* da carta escrevi o diário. Agora vou para a cama.

Domingo, 25. Ontem não escrevi o registro do dia (*muito ruim!*). Mas isso pode se justificar pelo fato de que na sexta-feira registrei os eventos de sexta. Agora devo relatar os acontecimentos de ontem.

Ontem: sábado, 24, eu me senti bem ao me levantar, mas logo depois fiquei muito abatido. Não fiz meus exercícios, fui dar uma caminhada, e escrevi uma carta para E. R. M., sentado num banco com vista para Roge'a. Higginson passou por ali. Os mosquitos teimavam em me atormentar. Eu não estava muito bem emocionalmente. Pensei nos meus planos para o dia — terminar os *wagas* em Roge'a; estudos comparativos das canoas; mas senti que minhas idéias estavam se embaralhando. Também achei que devia encarar as coisas de um ponto de vista mais profundo ao escrever o diário... Princípio: juntamente com os eventos externos, registrar os sentimentos e manifestações instintivas; além disso, ter uma idéia clara da natureza metafísica da existência. Naturalmente, treinar-me para manter um diário influencia meu estilo de vida.

— Depois do desjejum me aprontei. Fui com Charlie, seu filhinho, dois prisioneiros, [Davis], e Ginger. Havia vento, navegamos depressa; tentei conversar um pouco com Charlie, ao mesmo tempo apreciando a experiência de velejar. Mar inquieto, cinzento e azul — *há um quê de exuberante indiferença nos azuis escuros e cinza de um mar bravio.* Morros verdes. Roge'a envolta em vegetação macia, de um verde-escuro que sobe, íngreme, na direção da planície coberta de sagüeiros, coqueiros e arecas, entre os quais se encontram casinhas cinzentas. Navegamos *à contre* vindos de Kwantou; fotografei um pequeno barco e depois o *waga*; em seguida fui até a casa onde havia estado no dia anterior. Conversei com Charlie sobre o *kula* e sobre o comércio entre as ilhas. Depois almocei, tirei medidas do *waga*, fotografei-o; a chuva estava se aproximando e amaldiçoei Ginger, que havia saído sem permissão. Desloquei-me para o lado leste; inspecionei a *waga.* Panayati e seu caráter artístico. Regresso; os *meninos* remaram; Ginger causou uma impressão de simpatia. — Voltei muito cansado; escrevi uma carta para E. R. M.; jantar. — Senti-me *nitidamente febril.* Conversei com a sra. Gofton. Mostrei-lhe os pentes. O sr. e a sra. Catt. Saville. Fui falar com Smith, que me deu lições sobre como curvar os pentes, depois debati os modelos com ele. A seguir voltei e me preparei para me recolher, indiferente, cansado, *febricitante*, quase sem tônus emocional. (Mas o pensamento de que chegariam cartas do sul me alegrou.) — Ted veio e me convenceu a descer; bebemos *ginger ale* e demos uma volta no *cais*. Planejamos uma viagem para Simsim etc. Também a Iwa, Gawa etc. Fomos para a cama tarde; em certos momentos, ataques de volúpia, mas eu os repeli. Pensei nos meus modelos, mas pensei pouco em E. R. M.

Segunda, 26. Ontem tive o que costumo chamar de *um ataque febril, uma ponta de febre.* Indolência física e mental. Ontem, por exemplo, não senti desejo de dar caminhadas, nem tinha forças para isso, nem mesmo em torno da ilha. Nem tenho energia para pegar no trabalho, nem mesmo de escrever cartas para E. R. M., ou revisar minhas anotações etnográficas. Além do mais, estou extremamente *irritável,* e os berros dos meninos e outros ruídos me atacam horrivelmente os nervos. O tônus moral também está consideravelmente mais baixo. Um embotamento emocional — penso em E. R. M. de maneira menos intensa que de costume. Menor resistência a pensamentos lascivos. Nitidez da concepção metafísica do mundo completamente empanada: não consigo suportar estar comigo mesmo, meus pensamentos me puxam de encontro à superfície do mundo. Sou incapaz de controlar as coisas ou de ser criativo com relação ao mundo. Tendência a ler coisas *de má qualidade*; folheio uma revista. Busco a companhia de diversas pessoas.

Eventos de ontem. Levantei-me às 6:30, sem ter dormido muito, *obviamente*. Barbeei-me, planejando trabalhar com meu material, escrever para E. R. M, diário. Antes e depois do desjejum, diário. De maneira não muito intensa. O capitão Hope interrompeu essa atividade. (Conversa sobre a proibição de enviar dinheiro da Inglaterra, suas invectivas antiinglesas e antiaustralianas.) Depois resolvi dar uma caminhada ao redor da ilha e escrever para E. R. M., mas me senti *febril* e fui procurar Smith. Ele falou em enviar meus modelos de pentes para seu irmão; fui colhido de surpresa pela idéia de que idealizei os modelos, dei a ele a idéia e ele a iria explorar comercialmente. Mas a coloquei de lado. Voltei para casa; depois do almoço me sentei e fiz alguns desenhos. A *lancha* partiu sem mim. Deixei claro que estava irritado, embora comigo mesmo tenha decidido que preferia ficar, fazer meus desenhos e escrever. Um dia ensolarado a oeste. Nuvens azul-escuras. Annie e a sra. W. ficaram em casa. Embora apenas alguns minutos antes eu tivesse sentimentos "genuínos" e "profundos" por E. R. M., não consegui manter minhas mãos afastadas dos corpos das meninas. Depois, ressaca moral. Não consegui escrever para E. R. M. nesse estado. Li a revista. Saville apareceu em companhia de Ramsay. Depois do jantar (conversamos de um jeito um tanto acídulo sobre a *lancha* de Ted). Depois me sentei na varanda, fui até o *ancoradouro*, mandei Ginger a Sariba, apreciei o maravilhoso mar azul-negro, cintilando de um lado com um fogo cor de bronze. Conversei com os homens; um deles, McCrow, com uma voz bem cultivada, fala com um jeito de *clérigo,* porém pragueja como um soldado da polícia montada. Relatou uma briga horrível entre dois sujeitos no "Southern Cross"*; em seguida,

*Havia um navio missionário católico com esse nome.

falou sobre Werner e como ele foi assassinado; sobre *restabelecer viagem* entre Cabo Nelson e Banyara. Conversamos sobre religião; todos esses sujeitos são ateus, não crêem em Deus, criticam a Bíblia de um ponto de vista racionalista e, de modo geral, têm uma *perspectiva* saudável. No dia anterior havíamos debatido religião com Ted Auerbach, que citou [Joseph] McCabe [famoso racionalista britânico] e [Robert G.] Ingersoll [conferencista e escritor americano agnóstico]. Por que alguns divulgadores têm êxito e outros não? — Depois, conversa em grupo... Subi, sentei-me na varanda. Pensamentos lascivos. Tentei afastá-los: "Submerja na corrente metafísica, mais profunda da vida, onde você não é varrido pelas correntes submarinas nem jogado pelas ondas. Ali essas coisas não existem. Ali sou eu mesmo, domino a mim mesmo e sou livre." Infelizmente, esse lema — poderoso em si mesmo — não é suficiente. Tenho pensamentos lascivos... Penso na técnica de defloramento gradativo... não precisa ser um ato brutal tal qual Maupassant o concebe. — Penso em E. R. M. quando me deixo levar pelos excessos lascivos da imaginação e desejos adúlteros — quais seriam meus sentimentos se ela...?... Cansado; *febril*, vou para a cama, durmo um sono leve e ruim. Acordo com freqüência. Esta manhã levantei com a cabeça confusa, sintoma característico do uso de quinino; dia úmido, pegajoso, cinzento. Camadas de nuvens horizontais e achatadas sobre o promontório. Esta manhã resolvi aplicar toda a minha força na superação do estado febril. Não ler romances, não ficar à toa. Perceber o que tenho a fazer e fazê-lo; preparar as coisas e terminá-las; escrever as cartas *indispensáveis*, cortar um ou dois pentes além dos já prontos.

Terça, 27. Hoje é o último dia do meu cativeiro em Samarai. Preciso estar muito ativo, recolher minhas coisas, elaborar uma lista de bagagens, terminar algumas cartas etc. Não estou muito indolente, mas não me importaria em me deixar derrubar e ficar lendo romances. Penso com freqüência em E. R. M., porém sem uma devoção absoluta. Ainda a vejo como minha futura esposa, porém estou tentando me persuadir de que ela é realmente a pessoa mais adequada. Em pensamento, volto a Tóska, e me lembro de cenas da rua Fitzroy, nº 16 e da Mecklenburgh, 6, dizendo a mim mesmo que ela era uma amante incomparável... Hoje, ao romper da aurora, sonhei com T. R. Grande hotel, automóveis, procurei-a em diversos quartos; ela estava encantadora, de blusa preta com estampa florida, muito atraente. Repeliu-me, e fugiu à minha tentativa de seduzi-la. Eu estava muito apaixonado por ela no sonho. Isso ainda *persiste*.

Acontecimentos de ontem: de manhã escrevi meu diário. Depois do desjejum tentei me organizar; fiz uma lista de coisas a fazer; resolvi revisar minhas anotações etnológicas esporádicas e escrevi uma carta para E. R. M. Mas não estava muito bem de saúde; terminei alguns desenhos; às 11:30, quando estava tentando escrever, [interrompido] pelo *chá matinal*, e encontrei Saville. Havia planejado escrever para ele, mas subitamente reconheci-o pelas costas. Cumprimentei-o; constrangimento evidente e educação excessiva de ambas as partes. Fomos para a casa deles ([...] sra. Mahoney). Ali conversamos sobre meu livreto sobre Mailu; eu o depreciei, ele o elogiou, não muito sinceramente. Depois, explicações: falei sobre minha saúde, sobre minha mania de perseguição etc., e lhe contei que talvez tivesse sido menos gentil do que poderia ter sido. Eles tentaram encobrir minha falta, mas creio que nos separamos de pazes feitas. Prometi dar-lhe um exemplar do meu livreto. Depois do almoço, cansado; li romances durante algum tempo, cochilei. Levantei-me às 3, fui ver Higginson, Smith; embrulhei os pentes para E. R. M. Voltei cansado. Dei uma caminhada em torno da ilha; pensei em...? Depois do chá fui visitar Saville, Smith — eles haviam saído. Escrevi uma carta para P. & H. [Paul e Hedy]. Muito cansado, minha cabeça simplesmente não queria funcionar. — Minha característica com os Saville era minha *générosité* em depreciar meu trabalho e criticar meu próprio comportamento. Ele era menos tolerante, mas assegurou-me que não poderia ter me ajudado mais do que havia ajudado. — Em suma, o dia inteiro bastante vazio, do ponto de vista intelectual. Brinquei com o pacote para E. R. M. Pensei em Saville, quero lhe mostrar a carta de Frazer.*

*Sir James Frazer, autor de *O ramo de ouro*, estudo clássico sobre magia e religião. Escreveu o prefácio do livro *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

Quarta, 28. Ontem minha saúde melhorou. Senti-me melhor, especialmente à tarde. Leve dor de cabeça — livrei-me dela fazendo alguns exercícios. Depois, à noitinha, me senti consideravelmente melhor. À noite, um violendo suadouro (?). Não vou beber muito hoje, e continuarei fazendo dieta.

Eventos de ontem: de manhã, cuidei dos assuntos atuais (Higginson, Aumüller); depois, sra. Mahoney e Saville. Mostrei fotos à sra. M., que se interessou e prometeu me ajudar tanto quanto possa. Saville elogiou minhas fotos, eu elogiei as dele, um pouco despudoradamente. Mas ele decerto tem boas *canoas*. Depois do almoço, uma curta soneca. Ted me contou sobre fretes. Retirei minhas coisas da alfândega. Com Ginger, Bonegai. Ted distribuiu *morim* a bordo do navio. Depois retirei as coisas do B. P. Burton e *nota de embarque*. Desmontei meu (?) *fogareiro*. Encontrei a roupa de cama que pensei ter perdido e, provavelmente, as pernas da mesa. Ubi'ubi [cozinheiro nativo que ele havia levado em sua primeira viagem às Trobriand]. Visita a Kwatou com os Saville e planos com Saville para desenvolver trabalhos em Mailu. Tornei a me encantar por velejar até Dobu; além disso, *o absurdo de tudo*. Antes do almoço li Pemberton e fiz ginástica. Depois do jantar (Solomon apareceu) fui visitar Smith; *alarme falso de "Navio à vista!"* Desenhamos; ele certamente está progredindo, e foi tomado por um acesso de criatividade. Voltei sonolento e cansado. Pensamentos lasc. a respeito de L... Adormeci apesar dos gritos dos embriagados. Ted e Hope debateram a existência de Deus e *"adorar o crocodilo"*.

Esta manhã me senti decididamente melhor, o coração um pouco cansado. Manhã bonita e fria, vento noroeste. Ontem, durante a tarde, tentei entender meu *Stimmung* e analisar *in flagrante* meu estado psicológico durante meu *estado febril*; naturalmente, vazio e indolência, percepção ruim da realidade; associações fracas ou ausência de pensamentos; ausência total de estados metafísicos.

Quinta, 29.11. Hoje, creio eu, vou me sentir muito bem, no que tange à saúde; aparentemente, meu corpo precisa de um suprimento constante de arsênico! Manhã fresca, vento de oeste, tempo bom.

O navio está aguardando, eu o escutei soltar vapor esta manhã. Não podemos vê-lo da nossa varanda por causa de uma árvore que o esconde. Fui até o *ancoradouro chinês* e vi o "Marsina", cinzento, enorme; minha cabina de 30 meses atrás, associações com N. S. Ted mudou a hora de nossa partida para hoje à meia-noite.

Eventos de ontem. Copiei minhas anotações sobre o *gabana*. Às 10, Smith. Depois conversei com a sra. Gofton, que convenci a tomar um drinque. Às 11, Saville; revisamos o trecho sobre *bara'u*. Ele se comportou muito bem dessa vez, me contou alguns detalhes muito interessantes. À 1, almoço. Depois, calor, indolência; deitei-me durante algum tempo para descansar. Às 3, levei um *utensílio de vidro graduado* para Graham. Assisti ao banho de uma *mestiça* de nome Mary. Conversei sobre Campbell com Billy Priest. Fui até a varanda de baixo, fiz alguns desenhos. Fui falar com Smith: irritado pelo fracasso, reclamações sobre "a estupidez dos ingleses", que não têm ferramentas adequadas nem serras tico-tico. Depois do jantar conversei com a sra. Gofton, que fala sobre qualquer coisa acaloradamente, mas de quem gosto como uma "Marnie Masson embelezada". Às 7:30 fui ver Saville. *Importuna-me reclamando de "jornais imundos"*. Mostrou-me suas anotações. Toma isso como uma ofensa pessoal. Conversamos sobre a guerra; ele disse sem nenhum tato: *"Bem se vê que você não foi para nenhum campo de concentração."* Repliquei de uma forma bastante incisiva. Ela, como sempre, mais bem comportada, menos indiscreta. — Voltei num estado de ligeira irritação. Dei-me conta de que S. é um grosseirão que me dá nos nervos no momento em que põe as manguinhas de fora, e que sou incapaz de tratá-lo como intermediário *puro e simples*. Na sua qualidade de acessório, ele está associado a minhas impressões e ilusões tropicais, inspira em mim certa afabilidade. Como personalidade ele é repulsivo e desprezível: *um mísero quitandeiro inflado pela sua empáfia a uma caricatura de um mísero soberano*. Pensei em E. R. M. e no gênio dela que se harmoniza tão naturalmente com o meu, como a Terra Prometida para mim. Chuva torrencial, vento frio de noroeste varre a varanda. Dormi bem.

Segunda, 3.12. Sinaketa [aldeia na ilha de Boyowa, nas Trobriand]. Varanda de George.* À esquerda, algumas palmeiras, bananeiras e mamoeiros. Casa nativa, com teto de folhagens de sagüeiro, paredes de varas de mangue. Algumas peças de mobília dilapidadas, *montes de sapi-sapi*. No mínimo 200 cães e gatos. Esta manhã fui despertado pelo barulho de um cão asmático e por nativos que tagarelavam.

Eventos dos últimos dias:

Quinta, 29.11. Chegada do navio. Depois do desjejum escrevi para E. R. M., com alguma dificuldade; tentando transcrever o diário para ela. Dificuldade em descrever meus lapsos eróticos. Fui algumas vezes ver se havia chegado alguma correspondência. Por volta das 11 recebi cartas: Paul; o telefone me irritou; aflito porque E. R. M. havia adoecido; (carta de Mim W. um tanto descuidada). E. R. M. — li rapidamente, sem concentração. N. S. — problema difícil quanto ao que escrever. Não fiquei ofendido com a "*insinuação*" na carta vinda de Sydney. — Depois do almoço, escrevi para N. S., para Paul (brevemente), e palestrei com diversas pessoas. Mais para a tardinha, reuni minhas coisas e as enviei para o "Itaka". Às 9 Ted disse que estava pronto. Terminei a carta para E. R. M., depois peguei Ted de barca a vapor. O porto estava banhado pelo luar. O "Marsina", imenso e cinzento. Fui para a parte da frente [do navio] e me deitei sobre uma vela; estreitos da China. Dormi.

Sexta, 30.11. Despertei ao raiar do dia perto do Cabo Leste.** Acima da água, palmeiras e rochas que os reflexos aquáticos pintam de vários tons. [...] Maravilhosa impressão da natureza e ambiente genuíno. Vista [da ilha] de Normanby arrematada pelo monte Bwebweso. Impressão de uma sujeira indescritível neste navio. Dormi. Despertei refeito perto de [Ubui]. Li a última carta de E. R. M. Comecei a escrever. Esbocei silhuetas de montanhas e ilhas. Conversei com os meninos sobre etnografia de Normanby e Dobu. Estreitos de Dawson. Corrigi minha impressão original. Ao chegar lá, diante

*George Auerbach, comerciante das Trobriand, amigo que ajudou Malinowski de diversas formas. Ted Auerbach era, evidentemente, um parente dele.

**Malinowski descreveu esta viagem no seu levantamento geral do distrito do *kula*, no livro *Argonautas do Oeste do Pacífico*, pp. 38-51.

de nós, as costas íngremes da [ilha de] Fergusson; deste lado, uma ilhota e um *outeiro* coberto de árvores. Velejamos entre a ilha e o *outeiro*. Um platô baixo, coberto de jardins e selvas; entrada estreita, como uma lagoa. A seguir uma vista mais ampla: do outro lado, primeiro um litoral escarpado, as montanhas recuam, um planalto baixo, longo e amplo; à direita um paredão [alto] com muitos desfiladeiros e picos. Depois, uma nova curva; Dobu, vulcão extinto; Bwayo'u à esquerda e cadeias distantes em Normanby, além de Dobu. Subi a escada e apreciei a maravilhosa paisagem. Crepúsculo; desci, me lavei, me vesti. Fui procurar Scriven. — Aparência de ouro se derretendo em uma vasilha de calcedônia. Conversamos sobre a beleza de Dobu, e etnologia. Ele mencionou 2 pedras [nas quais] eles oferecem sacrifícios durante o *kula*.* Comprei uma gramática. Voltei ao navio. Rapto de Ogisa.** Viagem até Bwayo'u. Tornei a subir a escada. Tornei a desembarcar, Ginger com a lanterna e outros *meninos* — fomos até o local da dança. Lua entre palmeiras, limoeiros e pés de fruta-pão. As aldeias são irregulares, casas sobre pilastras, malconstruídas. Examinei algumas casas — soube que há uma comemoração cada vez que se termina uma nova casa. *Canoas* do tipo Boyowa; mas nenhum *kalipoulo*. Voltei e me recolhi.

*Segundo a tradição, as duas pedras, Atu'a'ine e Aturamo'o, eram homens que haviam sido transformados em pedra.

**Nativo que permaneceu com ele durante toda essa expedição.

MASSIM SETENTRIONAL
ILHA TUMA
Kiriwina
ILHA KAYLEULA
ILHAS TROBRIAND OU
I RAMO OCIDENTAL DO MASSIM SETENTRIONAL
(NATIVOS DE TROBIAND)
ILHA KITAWA
ILHA BOYOWA
ILHA VAKUTA
III NATIVOS DE AMPHLETT
ILHAS AMPHLETT
ILHA NABWAGETA
ILHA GUMASILA
ILHA DOMDOM
MONTE KOYATABU
Baía de Collingwood
ILHAS D'ENTRECASTEAUX
ILHA FERGUSON
ILHA SANAROA
Estreito de Dawson
ILHA DOBU
IV NATIVOS DE DOBU
Baía de Goodenough
NOVA GUINÉ
ILHA NORMANBY
MONTE BWEBWESO
ILHA DE MAILU
Baía de Orangerie
ILHA BONA BONA
Gadogadoa
Silosilo
Baía de Fife
Baía da Fazenda
ILHA SUAU
ILHA ROGE'A
ILHA SAMARAI
ILHA SARIBA
ILHA BASILAKI
V RAMO OCIDENTAL DO MASSIM
ILHA SIDEA
GRUPO TUBETUBE
ILHA WARI
MASSIM
MIONAL
MAR DE CORAL
O DISTRITO DO KULA
Escala em Milhas
25
50
II RAMO ORIENTAL DO MASSIM SETENTRIONAL
ILHA KIWAYAWATA
ILHA GAWA
Dikoyas
ILHA WOODLARK (MURUA)
Suloga
MAR DE SALOMÃO
ILHA PANAYATI
ILHA MISIMA
ARQUIPÉLAGO LOUISIADE
ILHA PANA TINANI
ILHA ROSSEL
ILHA YEYNA
ILHA TAGULA

Sábado, dia 1.12. De manhã cedo, passamos por Dobu. A extremidade mais distante dos estreitos, onde existem altas montanhas de ambos os lados, parece belíssima. O sol ergueu-se vagarosamente. Conversei com os *meninos*, colhendo dados geográficos sobre as ilhas Goodenough & Fergusson. Aproximamo-nos de Koyatabu,* coberta de nuvens. As Amphlett, diante de nós, brotaram do mar. Volta e meia eu assumia o leme. Escrevi e li as cartas de E. R. M. Almoçamos. Às 4, Gumasila. Êxtase diante das belas formas. Maravilhosas montanhas escarpadas cobertas de vegetação frondosa, pontilhada a espaços por cabanas. Abaixo, altas palmeiras curvando-se sobre a água sombreada. Júbilo: escuto a palavra "Kiriwina" [outro nome para as Trobriand; de forma mais estrita, a província setentrional de Boyowa]. Preparo-me; cabanas pequenas, acinzentadas e róseas. Fotos. Sensação de domínio: eu é que vou descrevê-las ou criá-las. Desembarquei; cercas estrambóticas; casas miseráveis sobre pilastras; [...] As mulheres fugiram. Sob cada casa implementos para fabricar cerâmica. Vêem-se utensílios amarelo ocre sob cada casa. — Tento conversar com eles; fogem, ou mentem. *Canoas*: quatro ou seis *masawas*, construídas como *kalipoulo*, mas se chamam *kewo'u*. — Vamos para Watobo'u. Koyatabu claramente visível, formas maravilhosas. Wawima e Watobo'u se afastam vagarosamente, desaparecendo por trás do Koyatabu. Nuvens escuras. Somente sobre o Koyatabu um anel de fantásticos cúmulos, iluminados de dentro como que por um fogo ardente, *como bruxas em torno de um caldeirão no qual brilha um fogo demoníaco*. Impressão deslumbrante de algo real. Este grupo é como a parte mais bela da *costa* de Queensland, mas não tenho a sensação de estar num lugar selvagem — atraente, porém amorfo. Aqui tenho uma nítida sensação de estar empanturrado de vida. Aqui poderia me estabelecer *de armas e bagagens*. — Olho a vista maravilhosa para sudoeste. As rochas íngremes de Gumasila. Depois contemplo Nabwageta e Bilibaloa e tento decidir em que direção a vista é mais

*Grande montanha na parte norte da ilha Fergusson, visível até as Trobriand. Era considerada uma montanha sagrada.

bela. — Chegada a Bilibaloa — uma paredão, contra o qual as ondas arrebentam; entramos devagar, as formas se tornam cada vez mais distintas, as ondas mais altas; lançamos âncora. Comemos. Fui à terra numa *canoa*; cansado. Passamos por uma aldeia; brincamos sobre [...]. A lua nasce. Voltamos: rochas, as formas escuras das árvores. A aldeia está deserta. Uma *masawa*. Casas miseráveis; os troncos das árvores parecem escadas. Examino o interior de uma casa: duas *lagims*. Atravessamos a água até Watobo'u. Ali eu aguardo; uma casa vazia em meio ao manguezal. Um grande tambor. Eu o toco. Regresso.

Domingo, 2. Levanto-me sentindo mal. Dia cinzento. *Formas esparramadas* de Watobo'u & Wawima. Esboço um contorno das diversas vistas. Nabwageta. Colina baixa e suave, e uma aldeia bem grande sobre a areia da praia. Paredões de pedra também. Casinhas espalhadas entre as árvores. As mulheres não fogem. Compro três objetos valiosos. Uma velha sob uma casa confecciona um pequeno objeto artesanal. Vento e chuva. Partimos. Dou uma olhada — acima do morro baixo a oeste se pode ver o mar cinzento. Nuvens passam depressa lá no alto... Uma nuvem escura na direção de Boyowa. Maravilhado — meus planos estão tomando forma. Depois deito-me e cochilo; chuva (após se largar todo o pano e se ferrar *o toldo*). Ginger faz minha cama. Sento-me numa vela, que foi ferrada e amarrada. Um pouco cansado, mas não perco a coragem — estou resistindo à tentação de ler romances. As Amphlett se afastam. Meus ossos doem horrivelmente. — Comemos um jantar frugal. Ted trabalha no motor e não está disposto a conversar. Pescamos alguns peixes. — Aparecem umas ilhotas. Quero chegar ao meu destino, mas me sinto bem. O mar fica verde escuro. A sutil e fina linha do horizonte se rompe, fica mais grossa, como que desenhada com um lápis rombudo. Depois ganha dimensões e cor — um verde acinzentado vivo. Os *meninos* desfiam nomes: Nanoula, Yabuanu (?), [Muwa]. Palmeiras e outras árvores parecem estar brotando diretamente da água. Vakuta, Giribwa; estamos em uma lagoa. As [linhas] amplas de Kayleula; a ilha inteira diante de mim. Converso com Ted sobre

diversas coisas, sobre Waite,* sobre os antialemães, Osborne, a *Review* de Stead.** Lavo-me, visto-me, preparando-me para me encontrar com George. A *baleeira* de Campbell. Admiramos as plantações de Muwa. — Três casas na praia. Embarcamos no bote. George de camisa amarela e calças *cáqui*. A casa é uma palafita. Nativos e mulheres vestidos de morim na varanda da frente. A varanda dos fundos (sem vista para o mar!) é reservada a George. George, muito gentil para comigo, repreende Ted impiedosamente na minha presença: por perder navios, por não comprar coisas em Samarai etc. Contou-me histórias sobre Brudo,*** que *subestima* seus prejuízos. Li Boletins. Muito sonolento.

Segunda, 3. Gomaya;**** eu lhe dou um pouco de tabaco; ele *mendiga* mais. Notícias: Gilayviyaka***** e M'tabalu****** morreram; To'uluwa******* e Bagido'u******** estão vivos. Nada sabe a respeito de Vakuta. Com seu rosto semelhante ao de um cão, Gomaya me diverte e me atrai. Os sentimentos dele por mim são utilitários, em vez de sentimentais. Depois do almoço partimos no "Itaka". Conversei com George. Uma vez mais estava na lagoa verde com as vistas familiares — Kayleula, a lagoa com o canal ao longo dela; Kavataria; Losuya. Desembarcamos; vimos o molhe onde eu havia caminhado e me sentido tão vazio, tão infeliz, olhando para o sul, navios nos quais os *prisioneiros* trabalham, arecas, a "plantação" de árvores frutíferas; [...] Campbell pareceu menos odioso agora do que antes (do que eu esperava). [Atuou como juiz] no julgamento de William; aguardei, nervoso e impaciente. — Comportou-se bem, embora faça objeções sem importância; porém, renovou o contrato *do meu menino* sem fiadores. — Navegamos até Gusaweta; ficamos encalhados na lama. *Canoas* de Teyava trouxeram minhas coisas. À noite, navegamos contornando a curva conhecida. Billy* havia ido para Kiribi [entreposto próximo de Hancock]. Verifiquei meus pertences, voltei ao navio e tornei a desembarcar.

*Theodor Waite, antropólogo alemão, estudioso pioneiro (1821-1864) do pensamento primitivo, que acreditava na igualdade das raças e nos efeitos prejudiciais do ambiente. Sua obra mais importante foi *Anthropologie der Naturvölker* (Antropologia dos povos naturais).

***Review of Reviews*, de William Thomas Stead (fundada em 1890).

***Sr. e sra. Raffael Brudo, comerciantes franceses de pérolas na área das Trobriand, se tornaram grandes amigos de Malinowski.

****Gomaya, nativo de Sinaketa que foi um dos primeiros informantes de Malinowski em Kiriwina; é descrito como um canalha notório em *A vida sexual dos selvagens*.

*****Gilayviyaka, filho do chefe, cujo caso com uma das viúvas de seu pai havia causado um grande escândalo.

******M'tabalu, chefe idoso de Kasana'i.

*******To'uluwa, chefe da província Kiriwina, e, portanto, o mais alto chefe das Trobriand, morava em Omarakana e era um grande amigo e informante de Malinowski.

********Bagido'u era o filho mais velho da irmã de To'uluwa, e, portanto, aparente herdeiro da chefia. Sua expulsão dramática do filho favorito do chefe, dois anos antes, é descrita no livro *A vida sexual dos selvagens*.

Terça, 4. Pela manhã, desjejum aqui em Gusaweta. Fui tirar o resto das minhas coisas do navio; planejava encontrar-me com Ted em Lobu'a; desembarquei. Fui por Teyava. Durante todo esse tempo (desde minha chegada até hoje, sexta-feira) não tenho estado muito alerta, e minhas primeiras impressões dos nativos são muito vagas. Uma espécie de letargia emocional; na primeira noite ouvi o ruído distante de um *walam* na aldeia. A seguir os avistei na varanda de Billy; conhecidos destas aldeias e do interior. Mas não reagi de maneira muito intensa. — Em Gusaweta comecei a organizar minhas coisas. Por volta das 4:30 Billy chegou. O que George me havia dito sobre ele — embora seja obviamente uma calúnia — estragou o prazer da primeira impressão. Ele tem uma voz anasalada — parece muito jovem e saudável. Conversamos sobre fotografia, pérolas, Verrebely, a guerra. Sentamo-nos juntos à tardinha, para jogar conversa fora.

Quarta-feira, 5. Senti-me debilitado o dia inteiro, li romances de má qualidade. Eles não prenderam minha atenção, e eu também não me interessei pelos nativos. Não tinha vontade nem de falar com Bill...

*Billy Hancock, comerciante da área das Trobriand, era amigo íntimo de Malinowski, o qual freqüentemente se hospedava em sua casa, em Gusaweta. Desapareceu sob circunstâncias misteriosas em Samarai, no final da década de 1920. A esposa dele ainda estava morando em Sinaketa em 1951.

Quinta, 6. De manhã, conversei com Cameron. Examinei a câmara dele. Depois (definitivamente de ressaca) terminei de ler *Brewster's Millions* [romance de George Barr McCutcheon]. Depois preparei a bagagem. Billy foi até a casa de Norman Campbell. À tardinha conversei com Bill. Com alguma relutância fui até a aldeia de Tukwa'ukwa. Não tinha a menor idéia do que ia fazer por lá. Entabulei uma conversa com um dos nativos, depois me sentei, e um grupo se formou ao meu redor. Conversamos, e eu tentei compreender a língua deles. A seguir, sugeri que me contassem *kukwanebu*. Uma senhora começou a falar. Depois de uma pausa, eles começaram a papaguear — uma balbúrdia horrorosa. A seguir, um homem começou a falar alto — quase gritando, a dizer indecências, e a aldeia inteira caiu na risada. Repetiram piadas continuamente, todos gargalhavam. Eu me senti um pouco vulgar. Voltei para casa. Conversei com Bill. Tomei mais quinino e calomelano.

Sexta-feira, 7. Pela manhã (aguaceiro monstruoso à noite), barcos pescando perto de Boymapo'u. Vi as redes triangulares. Depois escutei soar uma *ta'uya*. Três barcos voltaram de Vakuta. Fui até a aldeia, examinei *soulavas*. Especulei se eu sou eu mesmo ou meu irmão caçula. Conversa sobre *kula*. Desjejum. Cera para aprontar a bagagem. À noitinha fui até Tukwa'ukwa através de Olivilevi. Ginástica; [Ogisa] segurou a lanterna; estava apavorado. Regresso. Na aldeia de cima, os nativos me mostraram redes e conversaram sobre pesca. *Kukwanebu*. Sensação de absurdo menos intensa. Forte impressão de que minhas informações sobre pesca são muito inadequadas. Depois de voltar para casa, conversei com Bill, que apontou erros no meu artigo.

Sábado, 8. Levantei-me tarde, me sentindo fraco, apliquei-me um enema. Por volta das 11, saí; escutei gritos; [gente de] Kapwapu estava trazendo *uri* para Teyava. Sentei-me com os nativos, conversei, tirei fotos. Voltei. Billy corrigiu e suplementou minhas anotações sobre *wasi*. Em Teyava, um senhor de idade conversou um bocado de tempo sobre peixes, mas eu não o entendi muito bem. Depois fomos para o *bwayma* dele. Conversamos sobre *lili'u*. Eles ficaram o tempo todo me fazendo perguntas sobre a guerra. — Ao cair da noite conversei com o guarda sobre *bwaga'u*, *lili'u* e *yoyova*. Irritei-me com as risadas deles. Billy tornou a me contar diversas coisas interessantes. Tomei quinino e calomelano.

Domingo, 9. Dormi bem... Senti-me bem. Billy afirmou que seria melhor partirmos para Kiribi imediatamente, naquela mesma tarde. Fiz rapidamente as malas (estou mais interessado em desenhar [*kens*] do que em etnografia, que dirá nas bagagens). Fiz listas das roupas de cama de que irei precisar e das coisas indispensáveis à minha vida [nômade]. Depois do almoço, terminei de arrumar a bagagem, às pressas, e partimos às 3:20. Eu estava cansado, mas ainda me restava uma certa *joie de vivre*. Fitei as águas verdes como capim, os manguezais com suas sombras suaves e verdes intensos, os peixes-voadores, as plantas subaquáticas. Chegada; casa cercada de palmeiras; as profundas e cavernosas sombras entre os troncos delineiam clareiras no manguezal. Perto da casa, um *bwayma*; depois uma *casinha* de folhas de flandres. Uma verdadeira mixórdia; quis tirar fotografias dela. Ilumedoi me ignorou. Desembarquei na praia arenosa e escrevi uma carta para E. R. M., porém sem grande entusiasmo. Voltei para almoçar. A seguir conversei com Billy. À noite sentei-me com Ilumedoi e Moliasi;* este último me mostrou um abscesso horrível na perna. Conversamos sobre *bwaga'u* e *yoyova*, sobre as mulheres de M'tabalu, que fugiram, e sobre o fato de que em Kasana'i não havia governante; sobre a colheita de cogumelos, sobre [...] *odila*. Gostaria de compreender ao menos metade do que Moliasi dizia. Não consegui dormir por causa da tagarelice interminável.

*Moliasi era um chefe de segundo escalão, governante da província de Tilataula, e, por tradição, inimigo e principal rival de To'uluwa, o mais alto chefe da província de Kiriwina. Malinowski descreveu-o no livro *Argonautas do Oeste do Pacífico* como um "velho patife".

Segunda, 10. De manhã terminei a carta para E. R. M. Revisei meus papéis e anotações sobre *kayasa*, e elaborei uma lista de problemas. Sentei-me com alguns nativos, incluindo alguns de Louya e Bwadela, e conversei com eles acerca de *kayasa*, sobre a ida para Okayaulo.* Mas as informações deles foram vagas, e eles não falavam com concentração, só para "me despistarem". À tarde conversamos outra vez (não me lembro sobre o quê). Li vorazmente *Wheels of Anarchy* (As rodas da anarquia) [romance de Max Pemberton], e senti uma aversão crescente a estes nativos. Conversa com Mick;** afinidade. "Mediterrâneo" quando se senta agachado como Aquiles num desenho de Wyspianski. Cozinha greco-turca. [Pode-se] *"farejar o desgraçado do hotel a três quilômetros de distância"*. As idéias cosmopolitas de Mick. *"Os miseráveis dos alemães não terminam essa guerra."* Mick me ajuda nos meus estudos etnográficos. *"Kayasa todos são a mesma droga de mercado."* Quando mencionei Ilumedoi e *mulukwausi*: *"eles não comem as entranhas, só as cheiram"*. Afinal, gostamos de Mick. — mar azul-acinzentado; *scirocco*[1], maresia morna; cabanas amarelas e simples; casas em tom rosa pastel sobre os rochedos com telhados desbotados. Na noite de segunda-feira terminei o romance; conversei com Billy; sentei-me um momento com Ilumedoi e uma mulher tagarela, e conversei sobre...? Escutei a conversa deles mas não consegui entender-lhes muito bem a linguagem. (Tomei três doses de calomelano e *sais de Epsom*.)

Terça-feira, 11. O [*giyopeulo*] chegou. Examinei e fiz desenhos de *pwata'i*. Conversei com [nativos de] Tubowada. Homens maravilhosos — senti imediatamente a diferença na qualidade das informações deles. Depois do desjejum conversei com um grupo de nativos de Vakuta sobre *milamala* — antes do [*giyopeulo*] narrar seu *lili'u* sobre Tudava.* Mas a coleta de informações não correu bem [...]. À tarde escrevi a história de Marianna na varanda. Às 5, saí de barco para remar. Depois do jantar conversei com os filhos do [*giyopeulo*] e fiquei impressionado pela alta qualidade das informações deles. De maneira séria, escrupulosa e lógica eles explicaram a natureza do *kayasa*, do trabalho comunal, e corrigiram minha gramática. Depois, um deles recitou o *Lili'u Dokonikan* melhor do que qualquer um já havia feito antes. Resolvi ir a Tubowada imediatamente, assim que voltasse das Amphlett. Tagarelei um pouco com Billy e fui para a cama. — Coisas que Billy me contou: Brudo não tem *kaloma*; ele foi para Samarai, comprou uma pérola barata, pagou um preço exorbitante. Norman Campbell está completamente "falido", até o navio dele foi confiscado por Quinn, que havia se tornado seu sócio. *Bill está agindo como intermediário: Brudo está com medo de sair de Kavataria & não pode ficar esperando em Boymap'ou*. Camp. nem sabe como comprar tabaco direito. Billy lhe enviou diversos [*vidu*]; em vez de costurá-los num cinto, deu-os a ele diretamente. N. C. está de bom humor, sem rancor, satisfeito, contanto que tenha nozes de areca. Ele se arrasta [...] de um extremo da varanda para o outro. A mulher dele rouba tanto quanto pode. Os amigos se lembravam dele como um jovem robusto, forte e vigoroso, embora terno. Estou definitivamente comovido. Lembro-me do que E. R. M. disse sobre [...]: *como um grande terrier escocês*. Refleti sobre as possibilidades dele. Sempre tenho em mente o problema básico de Bill: seu casamento com Marianna; o amor dele pelos filhos. Ele trata Marianna como uma nativa, destacando a pele bronzeada dela. Hoje penso que isso talvez tenha sido inteligente da parte dele, esperar o pior. Às vezes tento — ou melhor, tenho [uma tendência] a sentir nele um eco de meu próprio anseio pela civilização, por uma mulher branca. Andei tentando descobrir o que o trouxe para cá. Ele trabalhou *na ferrovia; corte de despesas; trabalhou em minas com 2 vitorianos; situação precária; Broken Hill* [no sudoeste da Austrália] *ou Charles and Towers; de C.T. vem para*

*Estas eram três das aldeias na parte meridional de Boyowa onde as mulheres, segundo se dizia, praticavam uma forma orgiástica de *kayasa* durante a estação de extração da capina. Em razão dos boatos, os homens de outras aldeias não se arriscavam a ir até lá nessa época.

**Mick George, comerciante grego que já morava nas Trobriand havia muito tempo. Malinowski freqüentemente se hospedava na casa dele.

[1] *Siroco*, vento quente e opressivo. Em italiano no original. (*N. da T.*)

*Tudava é o herói de um ciclo de histórias recontadas e analisadas em *Coral Gardens and Their Magic* (Os jardins de coral e sua magia), vol. II.

a N.G. para os campos de mineração de ouro, perde 1.600 libras acumuladas em Yodda Cross South, gasta 460. Volta com 140. Edifica este lugar. B. H. fala mal de George Auerbach. Fala das 60 libras de tabaco que G. A. se recusou a lhe devolver, presumindo que W. H. esteja em dificuldades financeiras. Além disso, G. A. supostamente declarou que abriria um entreposto de *bêche-de-mer*[4] em Teyava e Tukwa'ukwa em retaliação por Mick ter comprado copra[5] em Sinaketa. Billy ameaça-o de se instalar em Kanubumekwa.

Quarta-feira, 12. Levantei-me um bocado tarde e comecei a escrever meu diário quando Billy me chamou. Partimos. Senti-me cansado o tempo todo. A câmara me pareceu muito pesada. Repreendi-me por não ter dominado a situação etnográfica e a presença de Bill me cerceou um pouco. *Afinal de contas*, ele não está tão interessado quanto eu, na realidade acha tudo isso uma grande bobagem. Uma vez mais minha propensão a admirar paisagens maravilhosas (às vezes imaginárias) me pregou uma peça. — A colaboração de E. R. M. na minha investigação não é eficaz a distância. Muito pelo contrário, sinto que estou desempenhando um papel falso e que preciso escrever-lhe dizendo que estou decepcionado comigo mesmo. Formulei uma carta para ela à tarde, enquanto descansava, após ter saído de canoa sozinho. Em Oburaku: fomos à casa [do chefe] (Towakayse). Lá nos sentamos no *bwayma*. A seguir, assaram-se porcos vivos. Sentimentos confusos — crueldade e indignação. Trincharam-se os porcos, termos anatômicos. A seguir fotografamos um grupo de homens com enfeites no nariz, e o *baku* com porcos. Em seguida nos sentamos e saboreamos a refeição. Caminhei pela aldeia em busca de um lugar para erigir uma tenda. Comemos bananas e bebemos água de coco. Depois *sagali obukubaku*. Vanoikiriwina. Encontrei conhecidos: um homem de

[4] *Bêche-de-mer*, tripangos ou holotúrias, os também chamados pepinos-do-mar, animais considerados de grande importância comercial nesta região, pois servem para preparar o *trepang*, prato chinês feito com a parede do corpo dissecada desses bichos, e é usado também no preparo de sopas muito nutritivas, juntamente com outros animais marinhos. Os maiores animais dessa espécie podem alcançar 90cm de comprimento e 20cm de diâmetro. (*N. da T.*)

[5] Amêndoa de coco, seca e preparada, para dela se extrair o copraol, uma substância gordurosa própria para a preparação de supositórios, velas etc. (*N. da T.*)

Kudokabilia que costumava me trazer ovos, vestido com uma camisola de mulher. Não havia ninguém de Omarakana nem de Kasana'i. *Sagali*, e todas as aldeias foram mencionadas. Sensação de ligação social neste ato: a ilha inteira como uma unidade: Kayleula e as outras ilhas não foram mencionadas, mas Kitava e Vakuta foram. — Depois começou a chover. Sentamo-nos no *bwayma* [do chefe]. Tirei fotografias da aldeia como um todo. Duas canoas. Billy foi embora. Eu permaneci sentado, desenhando [...]. Regressei com Togugua no barco dele. Sentado na canoa, apreciei estar só. A seguir, um sentimento dominante de decepção etnográfica voltou. Enquanto remava, pensei em E. R. M., no entusiasmo dela com os barcos no Yarra [rio de Melbourne]. — Em casa, jantar com Mick, que repetia que Kiriwina nunca havia testemunhado um *sagali*, e depois se desculpa por não ter me dado tabaco. Cochilei na poltrona da varanda. Recolhi-me às 8. — Dormi muito bem; meus sonhos me levaram para bem longe das Trobriand e da etnografia — mas para onde? — Ah! claro. Há dois dias comecei a ler *Tess*. Isso me aproxima de E. R. M. *"Não mais donzela."* Reflexões acerca da dimensão do meu compromisso com ela. Vejo-a como minha futura esposa, com um sentimento de certeza, confiança, mas sem empolgação. Penso freqüentemente em N. S. Mostrei fotos dela a Bill. Triste. Eu a amo como uma criança, mas não tenho ilusões, e estou certo de que ela não teria sido feliz comigo; e vice-versa. Uma melodia de *Sansão e Dalila* a traz de volta à minha lembrança. O verso "Não se vá" me vem à mente, e entro num transe amoroso. Costumo ansiar por cultura — Paul e Hedy [Khuner] e a casa deles (quase me faz brotar lágrimas dos olhos); E. R. M. e M. H. W. e todo aquele ambiente. Será que aqueles dias felizes em E. Malvern voltarão um dia? — Melodias de Beethoven. Sou imensamente apegado a P. e H.

Quinta, 13. Levantei-me por volta das 7, tomei o chá matinal; conversei com Mick e lhe contei que partiríamos às 11; escrevi o diário sobre os últimos dias sob o coqueiro, depois retornei. Brudo está de volta, não conseguiu *vaygu'a*. Br. é um porco. Antigamente, havia muitos *comerciantes* aqui, reuniam-se à noite, *"para tocar e farrear"*. Ele me contou como estava exausto; mostrou-me como seu corpo está

magro e flácido. Ele não pode nem ir à *casinha*. Discussão sobre a necessidade de *casinhas* espaçosas. Ele me ofereceu um bote. Reuni minhas coisas, acertei tudo com Marianna. Sentia-me maravilhoso fisicamente. *Canoa nativa*, inunda-se de água. Mudamos para o bote. Chegada. Escolhi um local para a *tenda*. Boreman, um guarda, e uma dupla de meninos me ajudaram. Observei a *tenda* durante algum tempo e apreciei um pouco a aldeia. Tive a satisfação de ver uma *tenda* armada. O prazer de fazer um piquenique. Ilumedoi estava ali com seus irmãos e me apresentou a eles. Dei-lhes três bastões de tabaco. Comi bananas. Depois tracei um plano da aldeia, recebendo muita ajuda de um dos irmãos de Ilumedoi. Voltei, inspecionei a tenda e supervisionei a abertura da bagagem. Depois dei uma volta; pensei em E. R. M.; alcancei a água e fiz ginástica sueca. Sentia-me bem; embora a atmosfera seja como um banho turco, não me senti oprimido nem deprimido. Primeira caminhada em Kiriwina [...]. Presença espiritual de E. R. M. Pensei em escrever uma carta para N. S. para romper tudo. Voltei — me arrastando. Jantei. Depois saí para fazer uma incursão noturna. Logo próximo de mim — a cerca de 6 metros — *iwalamsi*. O que escutei foi principalmente "*Latuyo, gedugedo bigadaigu*" — um cântico melodioso e monótono —, deve exercer um efeito narcótico sobre eles. A seguir fui a Towakayse. Lá, tive de insistir bastante para que eles se dispusessem a falar. Falei sobre *poulo*; depois dos *kukwanebu* de dois indivíduos. Estava horrivelmente sonolento. Voltei, tomei café. Recolhi-me, mas visões de pentes feitos de casca de tartaruga me mantiveram acordado. Naquela noite, chuva. *Bulukwas* rondando minha tenda.

Sexta, 14. Chuva. Levantei-me às 6:30. Dei uma volta em torno da aldeia, observei grupos de nativos. Voltei; tomei o desjejum; conversei fiado na varanda com os policiais e alguns nativos. Depois fui para minha tenda; algumas tarefas específicas: corrigir o plano da aldeia, copiar o diário etnográfico; fiz algumas dessas coisas, mas, embora me sentisse bem fisicamente, resistência: o trabalho não me interessou. Além do mais, a chuva caía torrencialmente; a água escorria em rios pela tenda, vinda das goteiras. Além disso, Pilapa estava dando

chiliques, e isso me irritou. Às 12, chegaram nativos de Vilaylima e Osapola. Conversamos sobre caranguejos etc. Esta entrevista me entediou, e não rendeu muito. Às 2 pedi o almoço — ovos e cacau. Pensei em Paul e E. R. M. Pensei na civilização, angustiado; remei no Yarra enquanto lia os jornais, detalhes sobre Melbourne. A casa de Malvern agora parece o paraíso sobre a terra. Durante todo o tempo em que estive com eles, sem dúvida me senti feliz (a não ser por momentos de melancolia à Dostoievski e enfermidade), especialmente no final, quando queria muito ficar em Melbourne até abril. A guerra certamente acabará, e o idílio em Melbourne se romperá; arrependimento e remorso. — À tarde descansei; caminhei em torno da aldeia — preparativos para *mona*. Às 4:30 assisti ao cozimento da taioba. Ajudei a colocar os grãozinhos semelhantes a bolinhas; empolgação; *buoysila urgowa*. Fui de [panela] em [panela]. A animação e o *buoysila urgowa* me fascinaram. Caminhar e ficar parado me cansaram, "já estava caindo de exaustão". *Sagali* em [Kaytabu]. Sentei-me no *bwayma* de uma jovem de Sinaketa. — Voltei para [Yasitine]. Anoitecer. Cor cinza. Fumaça úmida e azul-escura subindo entre as palmeiras, as casas cinzentas, marrons ou ocre assumindo tons tépidos. Envolta em escuridão a aldeia parece menor, mais amontoada, assoma do vácuo circundante. Deito-me durante algum tempo na minha tenda. Remando no bote, não deixava de sentir temores: de não encontrar a aldeia, de encalhar, de que algo "rastejava" do meio da escuridão. E. R. M. gostaria de me ver agora. Quando olho para as mulheres penso em seus seios e formas em função de E. R. M. Voltei, ingeri uma ceia muito frugal e, deitado na cama, conversei com um guarda de Vakuta e um nativo de *lava lava* amarelo sobre diversos assuntos (*poulo, tova'u*), e também sobre Doketa e Gabena. Ele conhecia [Giblen], Subeta e [Arse]. Dormi bem, embora com medo de me sentir debilitado (reação cét. vespertina?). Tomei um purgante.

Sábado, 15. Aproximadamente às 6 da manhã um *walamsi* ensurdecedor a duas vozes (Ginger diz que eles não uivam tão continuamente em Sariba). Levantei-me. Às 6:30 os barcos partiram. Fui defecar nos manguezais; a única ocasião em que entro em contato com a nature-

za!... Grandes árvores, folhas duras e lustrosas, sombras profundas no chão coberto de folhas em decomposição. Senti-me bem fisicamente e isso se manteve durante todo o dia. Depois do desjejum (chá com biscoitos), censo da a[ldeia] das 9 às 11, depois voltei e fiz um novo desenho da aldeia. Censo: sento-me numa cadeira que as *gwadi* carregam em torno da aldeia. As *gwadi* também dão os nomes dos habitantes. Alguns eles nomeiam apesar do luto, mas se for *kala koulo kwaiwa'u*, elas não dizem os nomes. Às 12, saí de bote; minha tenda estava fria, ficou quente no sol. Remei por perto dos manguezais. Sentindo-me forte e saudável. Às 12:45, [Galuva] e pão de Mick. Ensinei Ginger (aos berros e vitupérios) a frigir. Comi uma omelete feito com banha de porco. Deitei-me (não estou lendo romances). Às 3:30 comecei a trabalhar com genealogias [com base nos dados do censo]. To'uluwa veio, precedido por N. G.* Dei-lhe tabaco. Perguntei-lhe sobre seus amigos. Gilayviyaka morreu. Vieram outros — Kalumwaywo,** [Micaidaili, Oricapa]. Este último parece ter os modos mais "humanos" dentre eles. Pelo menos, é extremamente agradável, tem uma boca bonita e belos olhos, uma expressão muito modesta. É *o primeiro cavalheiro de Kiriwina*. To'uluwa veio. Cumprimentamo-nos um ao outro como amigos. Ele falou sobre mim e me elogiou. Apesar de tudo, há um certo resquício de simpatia. Ele me observou atentamente, com um sorriso meio irônico, meio indulgente, falando de minhas explorações. Piada sobre nosso *kula*.*** Em seguida, na tenda, Dipapa, Kenoria.**** Fui sozinho para Wawela. Estava abafado, mas eu me sentia cheio de energia. A vastidão daquelas paragens me fascinou. [...]; *giyovila*; Kenoria é linda, tem um corpo maravilhoso. Impulso de "lhe acariciar o ventre". Controlei-me. À noite, remei outra vez, fui cedo para a cama.

*Namwana Guya'u, o filho mais velho de To'uluwa e seu predileto, uma das figuras principais de Omarakana. Embora tivesse sido banido para outra aldeia, freqüentemente visitava sua aldeia de origem para cuidar do pai.
**Kalumwaywo, mencionado em *Coral Gardens* como um jardineiro vigoroso e eficiente.
***Durante sua visita anterior às Trobriand, Malinowski havia persuadido To'uluwa a levá-lo numa expedição de *kula* até a ilha de Kitava. O vento mudou no meio da viagem e as canoas tiveram de regressar. Malinowski sentiu que To'uluwa achava que sua presença havia trazido azar.
****Filho e filha de To'uluwa.

Domingo, 16. Dormi até tarde. *Taparoro* [*tapwaropo*?] (muito curto) perto da minha tenda, Tomwaya Lakwabulo* e alguns outros nativos. Excelentes informações sobre *poulo*. Antes do almoço remei um pouco. Depois do almoço, às 2, censo da aldeia. Por volta das 5, exaustão (nervosa) — mal podia me mover. Fui para Kiribwa (*tomakava* e *yamataulobwala*). Mick reclamou, muito pessimista. Uma casa desolada, um naviozinho solitário — muito triste. Livros enviados por E. R. M. Li alguns contos de Stevenson. Voltei remando todo o tempo. Conversei com um sujeito sobre *poulo*, o plano para *mona* aqui em volta. Remei com energia, e me senti bem (havia comido um maravilhoso lombo de porco em Kiribwa). Por volta das 8 bebi limonada e fui para *Kway* [*utili*]. *Bwaga'u row*. Sentei-me; os homens me contaram sobre *katoulo, silami* etc. O guarda da aldeia é muito bom informante. Voltei à minha tenda às 10, lavei o cabelo. Dormi bem.

17.12.17. Levantei-me às 6:30. Caminhei em torno da aldeia. Sentei-me para escutar um *walam* e conversei com um senhor em [Wakayse]. Depois voltei para a tenda via Okinai, Oloolam (tentei comprar dois *lagim*). Trouxeram *Vayoulo*. Trouxeram Tomwaya Lakwabulo de carroça. T. L. me deu um *vocabulário* da língua Tuma.** Muito gutural. Depois, *baloma*. A seguir, Namwana Guya'u voltou. Saí de barco como sempre. Depois do almoço [levei] morim amarelo e falei sobre o *baloma*. Fiz um pequeno *sagali*, Navavile.*** Já estava farto de todos aqueles *niggers***** e do meu trabalho. Atravessei o *raybwag* a pé, sozinho. Água. Senti-me forte e cheio de energia. Vadeei, mas a lama me deteve. Durante a caminhada o esforço físico me absor-

*Tomwaya Lakwabulo, "O Visionário", era um dos principais informantes de Malinowski (ver *A vida sexual dos selvagens*).
**Tuma, uma ilha a noroeste de Boyowa, também era a terra dos espíritos, onde residiam os espíritos dos mortos.
***Navavile, um importante informante de Oburaku.
****O *Webster's New International Dictionary*, segunda edição, tem como uma segunda acepção do termo: "Usado de modo impróprio ou informal, pessoa de qualquer raça de pele escura, como um nativo das Índias Orientais, das Filipinas, do Egito." Era o termo coloquial comumente empregado pelos europeus, na época em que Malinowski estava escrevendo, para designar os povos nativos, muitos dos quais, como os melanésios, naturalmente não eram negros.

veu, e eu não me importei. Os trópicos tinham perdido inteiramente seu caráter extraordinário para mim; não posso crer que pudesse me sentir melhor em qualquer outro lugar. Canoa; senti-me tão vigoroso que depois de voltar tornei a sair com ela. Depois cozinhei bananas (maravilhosa invenção). Fui visitar Navavile. A essa altura, já estava cansado. À noite, tempestade, mas tornei a adormecer rapidamente. — Já quase não sinto mais as dores reumáticas no joelho — às vezes sinto que tenho uma perna direita.

18.12.18. [sic]. Levantei-me às 7. Vento frio — vesti mais uma camisa e ceroulas (t = 24,5°C [cerca de 76° F]). Céu cor de calcedônia com partes rosa-chá; mar da mesma cor, com reflexos verdes. — De manhã reli algumas páginas deste diário e pensei em E. R. M., P. & H., e Mim. Decidi: organizarei minhas anotações e aperfeiçoarei meus métodos. Ontem, enquanto caminhava, pensei no "prefácio" ao meu livro: Jan Kubary* como um metodólogo concreto. Mikluho-Maclay** como um novo tipo. A comparação de Marett:*** *os primeiros etnógrafos exploradores*. Pensei na minha posição atual com relação ao trabalho etnogr. e aos nativos. Meu desapreço por eles, minha saudade da civilização. — Depois do desjejum, revisei minhas notas, fiz anotações e organizei-as. O trabalho não fluiu bem, eu estava entrevado e ligeiramente confuso. Ocasionalmente diminuía o ritmo. Um P. J. Black ideal (arremedado por Greenwood?) com uma lerdeza paralisante e maneiras fleumáticas. Às 12 horas, quando o sol surgiu, saí no barco. Minha dor de cabeça e indolência foram dispersadas pelo exercício. Tive algumas idéias gerais (rabisquei-as atrás do livro) sobre sociologia, Rivers etc. Depois do almoço (peixe frito — minha invenção culinária) garatujei minhas idéias, por volta das 3 fui para [Tubwaba] e fiz um censo genealógico (nada engraçado!), a seguir fui com o guarda até Lubwoila (*sapi*) — fiquei cansado, mas caminhei animadamente e me senti melhor. Depois entrei no barco. No meio do caminho, parei, agucei os ouvidos, ouvi algo farfalhando no fundo do

*J. S. Kubary, autor do livro *Ethnographische Beiträge zur Kenntnis des Karolinen Archipels*.
**Barão Nicolai Mikluho-Maclay, explorador russo e etnólogo que fez diversas expedições à Nova Guiné, à península da Malásia e às Filipinas durante as décadas de 1870 e 1880.
***R.R. Marett, antropólogo inglês (1866-1943).

barco — *pânico*. Escureceu; pensei em N. S. e na carta que *preciso** escrever-lhe. Estava escuro — nuvens com reflexos de um bronze sujo, cortinas de chuva sobre o mar. A oeste, *pilapala* ribombando e *kavikavila* tremeluzindo. Tristeza. Pensei em E. R. M. — se ela estivesse aqui, seria eu libertado de meus desejos e de minha melancolia? Exaustão. Deitei-me. Vieram nativos, Kadilakula e Nayowa e outros. Conversei sobre *poulo, wasi, gimwali* etc. Fui dormir muito tarde; li as cartas de Stevenson.

19.12.17. Levantei-me às 7. Ontem, sob o mosquiteiro, pensamentos obscenos: sra. [H. P.]; sra. C. e até a sra. W... Pensei que mesmo que E. R. M. tivesse estado aqui isso não me teria satisfeito. Pensamentos obscenos sobre C. R. A doutrina deste homem [Ceran] de que fazemos um favor a uma mulher ao deflorá-la. (Solomon Hirschband). Pensei até em seduzir a srta. Sacode a poeira... Hoje me levantei às 7 — indolência; fiquei deitado sob o mosquiteiro e tive vontade de ler um livro em vez de trabalhar. Levantei-me e fiz rondas na aldeia. Desjejum. *Gimwali*. Decidi evitar todo e qualquer pensamento lascivo, e, no meu trabalho, terminar o censo, se possível hoje. Por volta das 9 fui a Kaytabu, onde realizei o censo com um senhor barbado. Trabalho monótono e estúpido, mas indispensável. Quase no final eu já estava exausto, ofegante. Depois fui me exercitar na canoa. No almoço — caranguejo com pepinos. Meu cardápio atual: de manhã, cacau; almoço relativamente variado, e quase sempre alimentos frescos; ceia muito leve, compota de bananas, *momyapu*; certa vez, comi um monte de peixe e não me senti indisposto. Tendência à prisão de ventre (iodo ou arsênico?). À tarde (levei 2 horas para comer o *caranguejo*!), às 3, censo no *obukubaku*. Às cinco fui para Wawela com um jovem de Kaytabu (Mwanusa) e Morovato.** Eu não me sentia muito animado e temia que a caminhada me cansasse. Mas que nada; quando vi o mar gritei de alegria: água transparente com um brilho escuro semelhante ao aço a distância e uma linha de ondas pretas e brancas na rebentação — *escancarando-se pretas ao formarem-se e depois ficando*

*Grifado no original.
**Morovato, um informante de confiança citado em *A vida sexual dos selvagens*.

brancas de espuma — isso criou uma espécie de segundo plano de espíritos festivos, dos quais sinto falta aqui na lagoa. Uma moita de coqueiros, a baía a curvar-se suavemente com sua vegetação verde, que se ergue como um anfiteatro acima da praia de areia. A costa se estende até longe na direção de Vakuta, pandanos com folhas largas ao longo da praia. Fomos de barco. Pensei em E. R. M. Sinto uma ligação mística entre ela e esta paisagem, particularmente por causa da linha da rebentação. Fico feliz ao pensar que vou morar aqui.

Rua larga em Wawela. Kovala Koya bem na minha frente. Atravessei, escolhi um local para minha tenda — logo além da aldeia, à sombra de algumas palmeiras. Vou precisar para *babayva* um bocado de *odila*. Dois ou três *obukubaki* abandonados. Esta aldeia decadente é uma triste visão. Uma cabana Kitavan. Naguayluva, morando em uma cabana isolada. À noite, um pouco cansado, mas não exausto, cantei, com uma melodia de Wagner, as palavras "Que merda" para afastar *mulukwausi*. Tentei separar-me dos meus companheiros, mas eles aparentemente estavam nervosos, e a estrada também estava ruim. Tomakapu não esperou, mas foi direto para a aldeia. Truque para afastar *pirilampos* (os *pirilampos* do *raybwag* são magníficos). Quase caí na água, mas um homem escuro me ajudou a atravessar. Estava ameaçando tempestade. Barulho de chuva e vento. Uma maravilhosa precipitação pendendo sobre o mar como se fosse uma cortina, aproximando-se. (Ontem, enquanto remava, pensei em E. R. M. e em nossos planos sociológicos; pensei que não teria o direito de obrigá-la a ficar comigo, uma vez que nossos papéis estão invertidos; meu sacrifício é aquele normalmente feito pela mulher, e o dela, pelo homem, pois é ela que está se expondo ao perigo.) Ontem, voltando de Wawela, tive algumas idéias etnológicas, mas não consigo lembrar quais foram.* Elas tinham uma relação com o "molho" teórico geral que deve adornar minhas observações concretas. Por volta das 9 me recolhi para debaixo do mosquiteiro e conversei um pouquinho com Niyova.** Adormeci com certa dificuldade.

Naturmythus, Naturkontakt, Naturvölker [religião da natureza, contato com a natureza, povos primitivos]. [Nota de rodapé de Malinowski].

**Niyova, nativo de Oburaku que Malinowski considerava um informante sólido.

Quinta, 20.12. Levantei-me às 6 (despertei às 5:30). Não me sentia muito animado. Fiz as rondas na aldeia. Tomakapu me deu explicações quanto ao bosque sagrado próximo da sua casa. Havia chovido a noite inteira; lama. Todos estavam na aldeia. O *guarda* veio ao meu encontro às 9, eu me pus a trabalhar com ele. *Megwa* na casa de Yosala Gawa. Senti outra vez a felicidade de estar com genuínos *Naturmenschen*. Andei de barco. Muitas observações. Aprendi um bocado. O *Stimmung* [atmosfera, ambiente] geral, estilo, no qual observo o tabu. Tecnologia da caçada que teria exigido semanas de pesquisa. Horizontes abertos me encheram de alegria. Fizemos um *cruzeiro por esta parte da lagoa* — até Kiribi, e depois a Boymapo'u. Visão extraordinária de peixes lançando-se ao ar, pulando para dentro de redes. Remei com eles. Tirei a camisa e tomei uma espécie de banho de sol. A água me atraía, quis tomar um banho, mas de alguma forma não pude — por quê? Em razão da minha falta de energia e iniciativa, que já me havia feito tão mal. Então isso começou a me desgastar; fome. O encantamento exercido pelas vastidões abertas deu lugar a um sentimento de vazio absoluto. Voltamos [via] Kaytuvi e Kwabulo; [Towoma Katabayluve] na boca do *waya*. — Um barco vindo de Billy com [meus sapatos e chaleira de campanha]. Voltei, almocei (às 3 ou 4 da tarde!). A seguir, por volta das 5, fui para Tudaga, onde realizei um censo. Alguns *nativos* observaram um peixe *Tumadawa*, e 12 ou 13 barcos saíram em perseguição a ele. Tentei alcançá-los, mas me senti um pouco cansado. Larguei os remos e pensei em N. S., e no sul da Austrália. O s. da A. é para mim uma das partes mais encantadoras do mundo. Os intensos sentimentos que tive voltando lá da última vez. N. S. e meu romance com ela é a alma desse paraíso. Agora que perdi N. S. também o paraíso está perdido. Não quero voltar lá nunca mais. Pensei em tudo isso e compus uma carta para ela em pensamento. Não quero perder a amizade dela. — Sem dúvida, meu amor por ela foi um dos sentimentos mais puros, mais românticos, de toda a minha vida. Amizade por ela? Se ela estivesse saudável, forte? *Não** — seria impossível para mim aceitar a forma

*Grifado no original.

dela de levar a vida. Inteiramente impossível. Teríamos conversado um com o outro como que berrando de quartos diferentes. E mesmo assim me arrependo. Se pudesse apagar tudo e nunca possuir a alma dela? Essa necessidade fatal de ir até o fundo, de atingir um domínio espiritual absoluto. Eu certamente pequei contra ela, sacrifiquei-a impiedosamente em favor de uma relação mais segura. — Senti-me mal ao retornar. Só bebi chá. Conversei um pouco, mas sem propósito específico. Clister... Dormi bem.

Sexta, 21.12. Acordei tarde, às 7. Sonhos nos quais S. I. W. (Stanislaw Ignacy ("Staś) Witkiewicz] e o velho W. [pai de Staś] aparecem confundindo-se um com o outro. Além disso, juiz Herbert e outros. — Chuva; uma caganeira violenta perto do matagal. Resolvi nunca mais tomar purgante! — Preguiça: gostaria de quebrar a monotonia, de "*tirar uma folga*". Esta é uma das minhas piores tendências! Mas farei o contrário: terminarei umas tarefas de rotina, "o diário etnográfico", reescreverei minhas anotações do censo e as impressões de ontem. Esta manhã me senti mal: minhas mãos estavam dormentes (=coração cansado); confusão mental; fraqueza generalizada, "atingindo o fundo na correnteza da vitalidade". — Pensei em E. R. M., em escrever uma carta para ela. — Após o desjejum, Tomwaya Lakwabulo, suas historietas sobre o outro mundo. A língua *baloma*. Quando lhe faço uma pergunta, há uma pausa curta antes de ele responder, e um lampejo de incerteza em seu olhar. Ele me lembra um pouco *Sir* Oliver Lodge. — A seguir anotei minhas impressões sobre a expedição de ontem. Em seguida fui a Walasi, onde realizei um recenseamento... Estava muito cansado; depois do almoço (peixe com taioba) fui para a cama. Acordei por volta das 4, muito cansado. Pensei em um trecho das cartas de [R. L.] Stevenson, no qual ele fala de uma heróica batalha contra a doença e a exaustão. — A seguir, embarquei num bote para Kwabulo. Fiz perguntas sobre os nomes das árvores e da lagoa e resolvi estudar a língua de modo sistemático, compilando um *vocabulário*. *Waya* Kwabulo — um córrego estreito e sombreado entre manguezais. Em Kwabulo — clima vespertino — o fresco crepúsculo sobre a terra preta e lampejos dourado-

esverdeados [...]. Inspecionei o *kwila* de Inuvayla'u's.* Comprei bananas, *momyapus,* uma pedra. Regresso. Brilho intenso no oeste — dourado avermelhado, cercado pelo monótono azul líquido do céu e do mar. Planejei fazer um desenho das nuvens para E. R. M., e outros desenhos para ela — além da silhueta das montanhas que esbocei a bordo do "Itaka". Estava outra vez sozinho — vazio de uma noite enluarada sobre a lagoa. Remava vigorosamente e pensava sobre...? Voltei muito cansado. Bebi chá e fui dormir, sem comer nada, depois de uma conversa com Morovato Kariwabu, sobre pesca, nomes de árvores etc. — Durante todo aquele dia senti saudades da civilização. Pensei nos amigos de Melbourne. À noite, no bote, pensamento agradavelmente ambicioso: eu certamente serei "um eminente estudioso polonês". Essa será minha última aventura etnológica. Depois disso, dedicar-me-ei à sociologia construtiva: metodologia, economia política etc., e na Polônia posso concretizar minhas ambições melhor do que em qualquer outro lugar. — Forte contraste entre meus sonhos com uma vida civilizada e minha vida com os selvagens. Resolvo eliminar os elementos (componentes) de preguiça e indolência da minha vida atual. Não ler romances a menos que seja necessário. Tentar *não*** me esquecer de idéias criativas.

Sábado, 22.12. Acordei muito tarde (dormi mal, 3g de calomelano na noite anterior). Sob o mosquiteiro pensei na relação entre o *ponto de vista* histórico ([...] causalidade, como com respeito a coisas *extraordinárias*, singulares) e o ponto de vista sociológico (com respeito ao curso normal das coisas, a *lei* sociológica no sentido das leis da física, química). "Historiadores" à Rivers = investigam a geologia e a "história" geológica, ignorando as leis da física e da química. A física e a química da história e da etnografia = psicologia social. A mecânica e química sociológicas = a alma individual em relação a criações coletivas. — Pela manhã caminhei até o *sopi* e pensei na língua como um produto da psicologia coletiva. Como um "sistema de idéias sociais". A linguagem é uma criação objetiva, e como tal corresponde à instituição na equação: imaginação social = instituição + idéias individuais. Por outro lado, a linguagem é um instrumento, um veículo para as idéias individuais, e como tal deve ser considerada em primeiro lugar quando estudo o outro componente da equação. A seguir trabalhei nos termos relacionados com a pesca (principalmente [com Morovato, Yosala Gawa, Kariwabu e Toyodala]. Revisei o esboço que havia escrito espontaneamente. Resultados satisfatórios. Dormi após o almoço. Também antes do almoço — de modo geral, não me senti muito forte, mas melhor do que na sexta. Na sexta, tive reações do tipo Stevenson. No sábado, depois de tomar 10g de quinino, 3 g de calomelano e sais de Epsom, me senti extremamente bem, mas exausto. Às 4, decidi ir até Kiribwa; contratei Morovato e [Weirove]; breve recenseamento em Oloolam; partimos às 5, *remei bastante*. Mick muito melhor; conversamos sobre sua enfermidade, e tomamos sopa tostada de [*kwabu*]. Pôr-do-sol em uma gama de escarlates e ocres. Voltamos ao luar. Debatemos a geografia da lagoa com Morovato. Remei vigorosamente. Empanturrei-me de bananas e arroz. Estou muito letárgico, me enfio debaixo do mosquiteiro. Pensamentos "*subversivos*" — resolvi controlá-los. Mas [já fui] longe demais. Dormi muito mal. Coração fraco, mãos dormentes.

Domingo, 23.12. Dia reservado para escrever cartas de Natal. Pela manhã, diarréia. A seguir, voltei direto para a tenda. Li Stevenson um pouco. Sob o mosquiteiro escrevi as cartas mais fáceis e mais triviais — Dim Dim, Bruno etc. — Por volta das 12 assisti à confecção de *Saipwana* na aldeia. Depois voltei, dormi, escrevi mais cartas. Muito cansado, deitei-me e cochilei, acordei ainda cansado porém mais forte. Caranguejo com pepinos. Em seguida uma curta soneca. Os *niggers* estavam barulhentos — todos à toa porque era domingo. Escrevi para P. & H., comecei uma carta para E. R. M., planejei uma carta para N. S. — por volta das 6, estava na lagoa. Tarde maravilhosamente translúcida. Crianças navegam num bote, cantando. Estou repleto de anseios e penso em Melbourne (?). Algumas preocupações com E. R. M. — quando percebo o que a ameaça fico banhado em suor frio. Penso no quanto ela tem sofrido, aguardando notícias de C. E. M. — Em certos momentos, eu a perco de vista. Sensualmente, ela não conseguiu me subjugar. Remei até Kaytuvi, retornei ao luar; perdido em

*Marcos de pedra associados à lenda de Inuvayla'u, contada em *A vida sexual dos selvagens*.
**Grifado no original.

quimeras, nuvens, água. Aversão geral pelos *niggers*, pela monotonia — sinto-me um prisioneiro. [Perspectiva de] caminhada amanhã até Billy e visita a Gusaweta não é muito agradável. À noite, *kayaku* e termos lingüísticos — todos em torno, cantando (canção obscena de Okaykoda). Adormeci rapidamente mais ou menos às 10.

Segunda, 24. Levantei-me às 7, caminhei em torno da aldeia. *Kumaidona tomuota bilousi wapoulo*. [todos foram pescar]. Isso me incomodou um pouco. *Kilesi Imkuba ivita vatusi Saipwana*. Resolvi tirar fotos. Andei às cegas com a câmara, por volta das 10 — estraguei alguma coisa, estraguei um rolo de filme. Fúria e mortificação. Luto contra o destino. Afinal de contas, ele provavelmente se cumprirá. Fotografei mulheres. Voltei num estado de irritação. Entretanto, escrevi para E. R. M. Fico na esperança de receber uma carta dela. Gradativamente ela voltou para mim. Comecei a "senti-la" novamente. Almoço (ainda irritado, dei ordens a Ginger com a voz embargada). A seguir, escrevi mais um pouco, um esforço e tanto, mas senti que havia muitas coisas que eu devia dizer a ela. Às 4:30 Wilkes e Izod apareceram no horizonte. Eu decididamente fiquei aborrecido, eles me amolaram. Aliás, estragaram minha caminhada vespertina. Mostrei-lhes o *kwila* de Inuvayla'u's em Kwabulo. O terrível é que me sinto incapaz de me libertar completamente da atmosfera gerada pelos *corpos estranhos*: sua presença diminui o valor científico e o prazer pessoal da minha caminhada. Vi e senti a monotonia extrema das aldeias de Kiriwina; eu as vi através de seus olhos (é bom ter essa capacidade), mas esqueci de olhá-las com os meus. — A conversa: críticas ao governo, principalmente a Murray. A viagem poética através dos manguezais estragada pela tagarelice. Wilkes gosta de contar casos. Um egoísta obtuso sob um verniz de refinamento. Izod é bem agradável. Priest não chegou ainda; provavelmente está bebendo com os Auerbach. — Conversa com Billy sobre fotografias, uma garrafa de uísque. — Mick falou sobre seus *compatriotas*. Fui para a cama às 10. Pensamentos intensos, profundamente emocionais (sensualidade do tipo mais refinado) sobre E. R. M. Sensação de que eu gostaria de fazer dela minha esposa e a idéia de ter prazer sensual com outras mulheres tem *quelque chose de funeste*. Pensei em nossos momentos juntos, e em como nunca obtive a genuína

recompensa que o fato mesmo de possuí-la deve me dar. Senti falta dela — quis tê-la junto de mim outra vez. Visões dela com o cabelo solto. Será que o desejo intenso sempre leva a extremos? Talvez só sob o mosquiteiro. — Acordei tarde da noite, cheio de pensamentos lascivos *sobre todas as pessoas imagináveis*, a mulher do meu senhorio! Isso tem de acabar! Que eu não esteja absolutamente certo de não poder seduzir a esposa do meu melhor amigo, que, depois de um forte acesso de desejo por E. R. M, isso pudesse acontecer — *c'est um peu trop!* Isso tem de parar de uma vez por todas. — Ontem me senti bem durante o dia. Esqueci-me completamente de que era véspera de Natal. Mas neste momento, nesta mesma manhã, em que eu não podia dormir, mamãe estava pensando em mim e sentindo saudades. Meu Deus, meu Deus, como é terrível viver em um contínuo conflito ético. Minha incapacidade de pensar seriamente em mamãe, em Staś, na Polônia — sobre seus sofrimentos lá e no ordálio polonês — é repugnante!

Terça, 25. Rastejei para sair de sob o meu mosquiteiro antes do alvorecer. Billy, banho, conversa sobre Ted: Ted havia procurado Gilmour* e lhe disse "estou com gonorréia". "O que é gonorréia?" "Pústulas sangrentas". Gilmour lhe deu alguns remédios. — Ted gastou em bebida as 80 libras que Murphy havia emprestado a George e mentiu para George, dizendo que lhe pagaria. Ted está com pústulas no pênis. Bill perguntou onde — "na droga do meu peru". — Depois do desjejum sentei-me sob uma árvore e escrevi uma carta para E. R. M. Ogisa teimou em caçar as moscas. Eu me senti imensamente mais próximo dela; foi mais fácil escrever a carta. Sentimentos inteiramente diferentes. A seguir, passei para um local mais próximo da casa e continuei escrevendo. Almoço com Mick. Os bobos voltaram com Bill. Às 3 voltei à minha carta. Às 5 eu me vesti e fui para Olivilevi via Tukwa'ukwa. Senti-me muito bem, mas suei profusamente. Jantar. Passeio de canoa com Ginger e Gomera'u. Este último me deu informações valiosas sobre *bwaga'u* e Ta'ukuripokapoka.** — Aversão violenta a escutá-lo; eu sim-

*Rev. M. K. Gilmour, então na missão metodista vizinha de Oiabia. Em *Argonautas* Malinowski diz que estava "perfeitamente familiarizado com os procedimentos do *kula*".
**Um ser mitológico e um especialista do mal. Diz-se que as bruxas se encontram com ele à noite para danças e orgias.

plesmente rejeitava intimamente todas as coisas mirabolantes que ele tinha a me dizer. A principal dificuldade etnográfica é superar isso. Bebi clarete. Conversei com Billy Priest, que vociferou contra seu patrão. Recolhi-me para sob o meu mosquiteiro e voltei novamente meus pensamentos para E. R. M.

26.12. Pela manhã uma luta louca e desordenada com as cartas. Dificuldades em escrever para N. S. Cartas oficiais com relação à prorrogação da licença. Depois do almoço, conversa com Wilkes, que se revela amante das mulheres de cor e diz que algumas regiões da Nigéria são "muito ruins". Sua admiração por Conrad me mortificou. Depois que eles foram embora, olhei imagens da guerra durante uma hora, depois comecei a tratar das minhas coisas. Desempacotei *gêneros alimentícios* e separei tudo com a ajuda de Ginger. Isso me possibilitará entender o que e como devo comer etc. A seguir, num bote, pelo regato, com o espírito de E. R. M. Estava muito vigoroso, e me sentia em boa forma (havia relaxado — meu trabalho etnográfico *é** árduo). À noite conversei sobre pérolas com Bill. Ele me contou sobre os negócios entre Stone e [Graham], e sobre Verrebely, que se ofendeu porque George Auerbach havia tomado conhecimento de que V. *havia aumentado seu preço original em 100 libras.*

27.12. Levantei-me bastante tarde. Planejava revisar meus papéis e começar a trabalhar. Mas fazer as malas me tomou um longo tempo. Depois do almoço, tornei a vistoriar minhas coisas. Por volta das 4 fui com Bill à Estação da Missão. Ali, Taylor — jovem, simpático, agradável — e Brudo, muito amável e educado. Volta com Bill. Deprimido pelo que havia visto em Losuya: vida e pessoas decadentes. [...] Estremeço ao pensar como a vida parece aos olhos deles. Campbell, Symons [...] Ll.1. — piadas estúpidas e desagradáveis sobre minha *nacionalidade austríaca.* — Odioso, e o efeito é deprimente. Esses camaradas têm essas *oportunidades* fabulosas — o mar, os navios, a *selva*, poder sobre os nativos — e não fazem nada! Ceia com Bill. Carta

*Grifado no original.

bajuladora para Symons. Às 8:30 fui para Oburaku. A princípio me senti *indisposto*, e se não me tivesse convencido de que uma caminhada me faria bem, meu estado de nervos provavelmente resultaria em total exaustão. Entre Olivilevi e Vilaylima me senti cheio de energia; depois um tanto cansado, mas não demasiado. Uma lagoa rasa; um sujeito engraçado de Osaysaya me transportou, a terra nua e escura com raízes de manguezal parecendo fazer parte da vegetação. Peixes saltando em toda a volta. Pensamentos, sentimento e humores: nenhum interesse em etnologia. Pela manhã, depois de preparar a bagagem e me pôr a perambular em torno de Gusaweta, um anseio constante por E. R. M. (na noite anterior, um ataque violento de paixão quando olhei suas fotos). Forte sensação de estar em contato com sua personalidade; ela é minha esposa *de facto,* e devo pensar nela como minha esposa. Quanto à etnologia: vejo a vida dos nativos como totalmente destituída de interesse ou importância, algo tão distante de mim como a vida de um cão. Durante a caminhada, fiz questão de refletir sobre o motivo pelo qual me encontro aqui. Sobre a necessidade de colher muitos documentos. Tenho uma idéia geral sobre a vida deles e alguma familiaridade com sua língua, e se puder ao menos "documentar" isso de alguma forma, terei um material valioso. Devo organizar o material lingüístico e coletar documentos, encontrar melhores formas de estudar a vida das mulheres, *gugu'a*, e do sistema de "representações sociais". Forte impulso espiritual. Examinando meus livros, escolhi Rivers, livros alemães, poemas; à parte do meu trabalho, devo levar uma vida intelectual e viver em reclusão, tendo E. R. M. por companhia. Visualizo a felicidade de possuí-la tão intensamente que sou tomado por um medo policrático de que algo tão perfeito venha de fato a se tornar realidade. — Contudo, sabendo que ela me ama, está pensando em mim, que tudo que sinto por ela é correspondido, fico feliz.

28.12. Quando voltei à minha tenda, às 12:30, encontrei Ogisa, Tomakapu e os garotos dormindo. Ginger fez minha cama, bebi 2 *bwaybways* e, cansado, me recolhi. Dormi durante muito tempo, até 10:30. Levantei. Grande desejo por E. R. M. — Li as cartas dela. Desor-

ganização no meu trabalho. Nenhum desejo de coisa alguma. Resolvi revisar o recenseamento e dedicar-me à lingüística, dedicar ½ hora diária a estudar a língua. Todos os preparativos completados por volta das 12:30. Classifiquei as anotações sobre o *censo* da aldeia (resultados muito ruins). Almoço às 2. Li Swinburne (inquietação). Depois, outra vez, r[ecenseamento] da a[ldeia]. (Senti-me fraco, exausto, meu cérebro não funcionou adequadamente.) A seguir, desorganização; li Swinburne, *Villette*. Escrevi cartas para E. R. M. (grandes saudades). (Zangado com Ginger.) Forte sensação da importância de meu relacionamento com E. R. M. Saí no bote. Pensei pouco, mas tentei robustecer meus pensamentos para o trabalho. Retorno. Depois do jantar, Gomera'u e Ginger. — Avaliação daquele dia: indubitavelmente eu estava cansado da minha caminhada no dia anterior. Preguiça, indolência. Sem força quando saí de barco. Efeito de parar de fumar e de pequenas doses de álcool? — Disposição *weltschmerz*, porém com um enfoque distinto de E. R. M. Exceto pelo baixo rendimento, nada de que me recriminar.

29.12. Dormi até as 9. Olhos cansados (campo de visão semelhante a uma tela). Levantei-me de imediato. Dia frio, cinzento, céu e mar de um azul saxônico aguado. Pinguei colírio nos olhos. Tendência a pensar em E. R. M., desejo de escrever para ela e de reler suas cartas. Gomera'u estava esperando — ponho mãos à obra com ele. Longa sessão matinal; Toyodala* relatou um *lili'u*. Continuei durante a tarde; às 5 fui a Kiribi com Gomera'u. Remei a maior parte do tempo. Billy, Mick, o "Kayona" deve partir amanhã. Escrevi cartas para E. R. M., Smith, Sra. Gofton e Aumüller. — Estava cansado (olhos e nervos), e me recolhi. Durante o dia inteiro um pensamento constante voltado para E. R. M., compartilhando meus planos com ela, pensando nela com ternura, profunda amizade e paixão.

30.12. Levantei-me às 6, ao raiar do dia (havia tomado calomelano na noite anterior) e terminei a carta para E. R. M. (li as cartas dela com um sentimento totalmente diferente, mais intenso do que antes); às 9 dispensei Ginger (o perneta [Medo'u] apavora Samarai).

*Toyodala, um informante importante de Oburaku (ver *A vida sexual dos selvagens*).

Revisei o *lili'u* que havia anotado no dia anterior (dia chuvoso). Depois do almoço fui para o *poulo,* tirei fotos; depois ao longo do riacho até Kaytuvi — manguezais, impressão feliz e alegre. (Contraste: manguezais na maré baixa realmente um lamaçal monstruoso; na maré alta, estão sorrindo para a vida.) À noite, vi Yosala Gawa; conversei sobre *kula*, sobre Kudayuri* (um velho, mas recitou um *lili'u*). — A história me fez ficar muito sonolento. Voltei, chateado com a estupidez de Ogisa. Sob o mosquiteiro, pensei em E. R. M. com afeição e apaixonadamente.

31.12.17. Último dia deste ano — um ano que pode se mostrar imensamente importante na minha vida se E. R. M. se tornar minha esposa. Pela manhã, sob o mosquiteiro, pensei com grande intensidade em E. R. M. — Às 8:30 todos saíram para o *poulo*. Caminhei em torno da aldeia, reunindo os informantes. Um grupo muito ruim (Narubutau, Niyova, [Taburabi, Bobau]), os dois últimos mencionados anciões eram os melhorezinhos. — Desespero e impaciência. Mas me controlei e insisti em prosseguir. Após o almoço — por volta da 1, todos voltaram. Yosala Gawa e Toyodala; copiei o *megwa* e comecei a traduzir. Às 5, cansado; estudei um pouco de lingüística; assaltado por um violento desejo de estar junto a E. R. M. Último dia de 1917. Mar ligeiramente encapelado; luz e sombra misteriosa, inquietante, flutuante se alternam continuamente, vindo e indo. O céu claro acima da cabeça, no horizonte o brilho dourado do ocaso entre flocos de nuvens; entre o mar e o céu, o cinturão negro de manguezais. A princípio, pensei em Baldwin e preparei uma retaliação (vou apresentar os dados coletados e acusá-lo de não ter cumprido sua promessa). Depois pensei em E. R. M. "O que ela está fazendo? — E se... ela não estiver lá?" Sensação horrível. Pensei nela e em C. E. M. Pensei na guerra. Também tive alguns pensamentos construtivos sobre gramática. Voltei. Navavile me deu *megwa* (muito

*Kudayuri, uma aldeia da ilha de Kitava. O mito da Canoa Voadora de Kudayuri é relatado em *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

bom). Escrevi uma carta para E. R. M. Tudo que tenho sentido e planejado dizer se esvanece quando olho para a folha de papel em branco. A lagoa calma como um espelho, banhada pela luz do nascer da lua; palmeiras inclinando-se sobre a água. Eu estava me sentindo muito bem fisicamente, se bem que os trópicos não me incomodam em absoluto; sinto mais falta de E. R. M. do que da civilização.

1.1.18. Acordei às 7. O ar estava puro, ligeiramente colorido, de um tom cálido e róseo [...] Manguezais nitidamente delineados, com tufos macios de vegetação verde e manchas de sombras. Fui despertado pelos gritos dos nativos partindo [...] para Oiabia [missão metodista perto de Losuya]. Levantei-me, pensando no Ano-Novo — senti um aperto no coração —, 17, símbolo de um período, símbolo de como os números se impõem implacavelmente sobre a vida mesma. Pensei em E. R. M. Escrevi o diário. Tive alguns pensamentos essenciais sobre manter um diário e acrescentar profundidade a minha vida... Idéias acerca do valor histórico do diário. Concentrei-me, me senti bem. Trabalhei sobre lingüística, com bons resultados. A seguir os *balomas*. Cansado — a partir de quinze para uma — tirei uma soneca durante ½ hora. Depois supervisionei o cozimento de costeletas na grelha (*extremamente duras*), depois *kayaku*, conversei sobre os *balomas*. Às 5, vadiagem: me barbeei, reuni minhas coisas e remei até a casa de Bill. As estrelas cintilavam (depois de um crepúsculo resplandescente) —, remei com vigor, pensando em lingüística. Também nas estrelas, e falei com as estrelas sobre E. R. M. — Billy, chá. Contou-me sobre Oiabia; Brudo com esposa e filhos, ilhéus de quinta-feira que dançaram depois. Ele me contou que Geo. Auerbach quer comprar o ponto comercial de Harrison em Vakuta. Falou em "tornar-se grileiro nos campos de ouro" e em "reunir gente para explorar estanho". Em seguida lhe fiz perguntas sobre material etnográfico — sobre menstruação, concepção, nascimento. Ficamos ali sentados conversando durante algum tempo, e fui para a cama às 12. Mick tossia horrivelmente; depois uma criança guinchou. — Péssima noite.

2.1.18. Senti-me bem, apesar disso. Saí às 7 de sob o *tainamo*. Típico *Stimmung* da casa de Bill. Fui para o *casebre*. Tomei o chá numa mesa sobre a qual os filhos de Bill haviam aprontado uma bagunça incrível. Depois comecei a tirar fotografias. Rapazes de Omarakana. Bill e eu fomos a Teyava. Voltamos; almoço; a seguir, tornamos a voltar. Gastamos 6 rolos de filme. Embora estivesse quente, eu estava bastante cheio de energia, e ao retornar eu teria me ocupado em estudar a língua se tivesse tido tempo. Trabalhei nas minhas fotografias. Depois do jantar, recolhi minhas coisas (injeção de estreptococos); comi demais, mas remei o tempo todo e voltei em 1 hora e 45 min. Chá com uma gota de conhaque, conversa com alguns selvagens — às 11 fui para a cama, pensando em E. R. M.

Introspecção: percebo mais uma vez como minhas reações sensoriais são materialistas: meu desejo pela garrafa de *gengibirra* é extremamente tentador; a ânsia contida com a qual busco uma garrafa de conhaque e aguardo as garrafas virem de Samarai; e finalmente sucumbo à tentação de tornar a fumar. Não há nada de efetivamente ruim em tudo isso. Um gozo sensual do mundo é meramente uma forma inferior de apreciação artística. O importante é ter absoluta consciência disso e não deixar que interfira nas coisas essenciais. (Lembre-se de como foi indulgente consigo mesmo quando se hospedou com os Khuner.) Por outro lado, sou perfeitamente capaz de uma vida quase ascética. O principal é que isso não deve ter importância.

3.1.18. Manhã — o mesmo *Stimmung* sobre a lagoa. Céu azul com tons róseos tépidos, pequenas nuvens cor de violeta. A lagoa lisa, perturbada apenas pelos reflexos em mutação das nuvens. Como sempre, sob o mosquiteiro, tento me recobrar e me preparar para o trabalho. Estou tentando "aprofundar" o meu diário, tenho trabalhado nele quase todo dia, mas até agora meu diário ainda não se aprofundou muito! — Às 7 saí de sob o mosquiteiro. Diário, desjejum, revisão dos meus papéis. T. L. [Tomwaya Lakwabula] próximo da minha tenda. Às 10 comecei a trabalhar (*balomas*, reencarnação, concepção). Por volta das 12:30, muito cansado, tirei um cochilo. À 1:30 me levantei e supervisionei *buluwa*, que estava muito saborosa. Às 3

voltei a trabalhar, mas estava cansado e modorrento. Às 4, Reuma, preliminares do *kula*, e teste (*échantillons* [amostras de]), *mwasila*. Às 5, muito cansado (no fim da minha consciência, com o combustível intelectual inteiramente esgotado). Deitei-me; "Tiresias" de Swinburne. Escrevi para E. R. M. — Às 6 saí no *bote*. Despi-me até minha cinta; fragmento de associações: pensei em me casar com E. R. M. B. Sp. também está bastante indiferente a ela — será que vai romper relações com ela? A sra. Sp. — que atitude tomará? Pensei com indignação em sua atitude antiaustríaca-polaca — fiz um longo discurso denunciando a ignomínia de uma postura dessas. *Eu me altero até o ponto da indignação*. Depois lembro a mim mesmo que ela só pensa na *opinião pública*. "*Wahn, alles Wahn*" [tudo é ilusão]. Pensei em R. Wagner — seria ele um anglófobo violento hoje em dia? Uma canção dançante polonesa me vem à cabeça: visão de Juliet e Olga no Estúdio E. Malvern. Forte saudade do que eu costumava ser. Pensei em Ivanova. Aí as estrelas apareceram. Distingui diversas constelações. Rapidamente, me perguntei: até que ponto estou vivendo na escuridão iluminada pelas estrelas — como o Tiresias de Swinburne? E. R. M. está sempre comigo. Pensei durante muito tempo na viagem de bote que estava planejando fazer. Resolvi carregar a câmara para poder tirar fotografias, e disse a mim mesmo quais iria tirar. (E aí esqueci-me de carregar a câmara!) À noite, de 8 às 9, bebi chá. A seguir, conversei sobre várias coisas. Das 10:30 até as 11 escrevi para E. R. M. Depois pensei nela sob o mosquiteiro. Será que algum dia vou voltar a Cairns e acompanhar o desfile? Será que tornarei a ver E. R. M.? *A morte, visitante de vista turva, estou pronto a enfrentar*. — No bote, um forte desejo de ter uma família, de me casar com E. R. M, de me estabelecer.

4.1.18. Levantei-me como sempre e saí às 7 de sob o *tainamo*. Novamente águas tranqüilas, nuvens — cúmulos violeta-escuros no firmamento e nuvens fofas e brancas no horizonte. Fortes rajadas [*rualimina*], chuva — o mar de um verde vítreo, um pouco sujo. Depois o brilho verde e monótono dos manguezais através da chuva rarefeita, o sol sai, tempo bom, e poucas nuvenzinhas brancas no céu e sobre a

água — mas de volta à etnografia! — Comecei a trabalhar às 9, mas muito breve me cansei. Trabalhei com informantes de má qualidade e "*revisei*" meus dados com a ajuda de dois indivíduos. Boba'u não é um mau informante, afinal de contas. — Às 11 parei, exausto, escrevi para E. R. M. (chuva incômoda, coloquei de lado os papéis); saí de barco, porém sem energia, "sem *ímpeto*". — Retornei, comi taioba. Por volta das 3 retomei o trabalho. [Tibayila] é um péssimo informante. A seguir tornei a escrever para E. R. M.... Pensei em Józek Koscielski e como eu o descreveria; filho de um membro do *Herrenhaus* e amigo do Kaiser; O neto de Bloch — lembro-me de minha conversa com ele em Berlim (conheci esses dois, Morszlyn, Koscielski, por meio Jan Wlodek). Depois pensei na srta. [Weissenhof], e se eu a impressionaria agora. Imaginei encontros com vários homens e mulheres poloneses. Se eu me casasse com E. R. M., seria afastado da comunidade. Isso me desanima mais do que qualquer outra coisa quando penso em desposar E. R. M. — E quanto a ela? Depois tornei a olhar o mar e o céu e meus pensamentos voltaram para E. R. M. Tristeza ao pensar que talvez eu nunca mais a veja. — Retornei; ceia; li *T*[ess], no qual estou começando a encontrar algo. O tema da falsa [apropriação] sexual é muito forte, mas o *tratamento*? Conversa curta com nativos, sem grandes resultados. Sob o *tainamo*, pensei em E. R. M. Gosto dela profunda e intensamente. Meus pensamentos não se desviam para qualquer impasse lascivo. Ao partir apliquei um pouco de vaselina nas mãos; essa associação trivial despertou em mim um desejo sensual, profundo, sentimental. — Pensei na minha volta; no fervor de nossos olhares. O valor inconteste do corpo dela.

5.1.18. Dia úmido, chuvoso, tempestuoso. De manhã, céu e lagoa *bien électrique*. Às 10 comecei a trabalhar. Tokabaylisa terminou seu *lili'u*. Diminuí o ritmo mais ou menos às 10; comi uma noz de areca e depois saí de barco por volta de 12:45 (senti a necessidade de exercício). Após o almoço voltei a trabalhar com Yosala Gawa, e 2 horas de tradução do seu *megwa "faça para mim"*. Às 4:30 fui até o olho-d'água e durante 4 minutos remei vigorosamente. Às 6 voltei, depois remei até Boymapo'u, e regressei. Depois do jantar, Navavile conversou sobre

[*Kum'*]; tomei nota de tradições, enquanto ele as relatava. Escrevi algumas linhas para E. R. M. Sob o mosquiteiro adormeci rapidamente.

A corrente mais profunda da vida. De manhã trabalhei mas também trabalhei no diário etc., sem qualquer necessidade de estímulo especial. *Costumeiramente*, faço isso de forma espontânea até certo ponto. O trabalho em si não vai bem. Talvez eu não seja um homem nota dez do ponto de vista físico. (Fiquei um tanto deprimido na quinta-feira.) A coisa mais importante seria eliminar *elementos de preocupação do meu trabalho*. Ter uma sensação *de domínio absoluto sobre as coisas*. Ao anotar as informações tenho (1) a sensação pedante de que devo atingir uma certa meta (*3 páginas, 2 horas, preencher um espaço em branco no capítulo X ou Y*), (2) um desejo grande demais de deixar de fazê-lo sempre que possível.

Ao final do dia de trabalho desejos ocultos, bem como visões, começam a vir à tona: ontem eu vi a extremidade oeste da rua Albert, onde o amplo bulevar a atravessa na direção da Lonsdale. *Em seguida* sinto desejo por E. R. M. Durante minha caminhada até o *sopi* senti necessidade de fugir dos *niggers*, mas não consigo lembrar sobre o que estava pensando. No barco: impressões de Joan Weigall e desejo intenso de ver mulheres elegantes e bem-vestidas. E. R. M. eclipsou-se momentaneamente. Em certas ocasiões sinto uma vontade violenta de ir para o Sul outra vez. Como eu me sentiria se, por algum motivo, E. R. M. não estivesse me aguardando ali? Simplesmente não suporto nem pensar nisso. — Associações variadas: meu futuro com E. R. M. — na [...] na Polônia? Penso em Molly e em como eu deveria lhe escrever uma carta de Ano-Novo! Sem dúvida ela ainda falaria comigo. Uma das minhas características é que penso mais nas pessoas que manifestam hostilidade para comigo do que nas amigas. Todos aqueles que tenho de convencer, violentar, subjulgar (Joan, Lady Sp., Baldie, Molly) em vez dos Khuner, Mim, os Peck, os Stirling. — Nesta manhã (6.1.18) ocorreu-me que o objetivo de manter um diário e tentar controlar minha vida e pensamentos a cada momento deve ser consolidar a vida, integrar o pensamento, evitar fragmentar os temas. — Também confere uma oportunidade de reflexão, como minhas observações sobre pessoas que não gostam de mim.

Volta de Boymapo'u, maravilhosa fosforescência fazendo os peixes se iluminarem. Contemplei Vênus, pensando em E. R. M. e no meu trabalho, e planejando atacar os documentos etc.

6.1.18. Domingo. Levantei-me às 8. *Bapopu*. Às 10 comecei a trabalhar — muitas pessoas em torno porque era domingo. Principalmente Navavile. Concentrei-me em *bwaga'u* e coisas semelhantes. À 1 saí com o barco. Aborrecido ao descobrir que um dos remos estava rachado. Trabalhei um pouco com lingüística. A seguir uma chuva monstruosa desabou. Dois indivíduos na minha tenda. Quando as laterais estão abaixadas, fica tão escuro lá dentro que ler ou escrever fica fora de cogitação. Passei minha mesa para o outro lado da tenda e mandei chamar [Mwanusa]; ele me deu *megwa*. (Ah! sim, no caminho espiei para dentro da cabana onde a esposa [de Weirove], quase uma criança, estava chorando porque ele a havia espancado. Pensei em E. R. M., associação: casamento e harmonia espiritual.) Dia sombrio e chuvoso. Lembrei-me de dias como esse em St. Vigeans, e subitamente senti vontade de ver N. S. — Gradativamente meus nervos pioraram; mulheres começaram a lamentar-se (*walam*) em casas vizinhas. Fui à casa de Navavile, ele havia saído. Busquei Niyova, que não se saiu um bom informante sobre [*bugwaywo*]. Verifiquei os termos de relacionamento. A seguir (desanimado pelo remo rachado, não saí de barco), fui para o *sopi*. Ginástica enérgica. Estava pensativo; pensei no diário e na integração da vida durante todo o dia; até que tentei dominar um ataque de depressão que me assaltou entre 4-5. Às 5 saí; tentei controlar e observar meus pensamentos. De modo geral, estou calmo, e preocupado com a necessidade de exercícios físicos. Planejo limpar um terreno onde possa fazer minha ginástica. Fiz exercícios suecos *à plusieurs reprises*: Há um trecho do caminho com um *odila* um tanto mais baixo — ali a vista é mais ampla e mais agradável. Corri e me exercitei nesse lugar. A seguir fui ao lago, onde me sentei para descansar. Uma folha de palmeira alfineta meu *unu'unu*. Pensei em como o cabelo dela sempre atrapalhava. Desejo intenso e profundo. Pensei em N. S. E compus uma *carta final* [em pensamento]. Dessa vez não posso mais adiar. É difícil — detesto ter de magoá-la, mas devo escrever de uma vez por todas. Também pensei em Paul e Hedy. — Ontem e hoje

tive dificuldades ao tirar fotos; desânimo característico, uma das principais dificuldades no meu trabalho. À noite, voltei, sentei-me e me sequei no calor do fogo — perspectivas completamente modificadas após a intensa ginástica, os desconfortos de acampar agora me parecem muito divertidos. Fritei inhame. Escrevi cartas para C. G. S. [Seligman], P. & H. Depois um *kayaku* curto em [Sugwaywo]; jovens pintadas de preto, cabeças raspadas, uma delas uma *nakubukwabuya* com um rosto animalesco e brutalmente sensual. Estremeci ao pensar em copular com ela. Pensei em E. R. M. — Enquanto caminhava pensei que se E. R. M. me deixasse por causa de algum sujeito simpático de alma modesta, seria a única coisa que poderia me fazer voltar ao amor simples à N. S. Só que isso não vai acontecer.

7.1.18. Levantei-me às 5:45. Andei em torno da aldeia. Tudo normal. Quase todos na *bagula*. Alguns *nakaka'us* e *tobwabwa'us* pintando-se de negro. Alguns comendo *kaulo* frio. Fui para o *babopopu* e depois dei uma caminhada curta. Tentei me preparar para a reunião a aprontar-me para tirar fotos. Também pensei no diário. Esta manhã, logo depois de me levantar, pensei em E. R. M., depois perambulei através da aldeia — associações? Ah! claro, no caminho para o *babopopu* observei que estava andando com os dedões dos pés voltados para fora — como E. R. M. quando tinha frieiras. Depois, das 8 às 12, examinei o questionário com Morovato e Kariwabu. Fortes *acessos* de saudades de E. R. M. enquanto repassava as perguntas e planos que havíamos examinado juntos, com os quais ela havia me ajudado. — Às 12:30 exercícios suecos, breves porém eficazes. (De manhã os garotos levaram o *bote* de Mick). Durante todo o dia fiquei perguntando se alguém havia visto o barco de Gilmour — mas não. Além disso, de manhã, houve um incidente com uma cobra que estava nadando perto da aldeia — *tauva'u*. À tarde trabalhei sozinho com lingüística. — perfeitamente bem. Às 5 fui com Ginger pelo *raybwag* até [...] Senti-me forte e caminhei de maneira desenvolta, o esforço físico não me perturbou. Em certos momentos, corri. Sentei-me à beira-mar. Banhei-me na água tépida, que é rasa e com um fundo pedregoso. Voltamos com uma

lanterna. Eu estava comendo inhame quando alguém me trouxe o malote do correio. Tensão nervosa em vez de sensação de felicidade. Selecionei as cartas; primeiro a da mamãe, depois as menos importantes — Lila, Mim, Paul, os Mayo — a seguir, E. R. M. Um trecho sobre Charles me causou fortíssima impressão, me deprimiu e até me alienou. Momento de saudades de N. S. Li a carta dela por último, no fundo temendo as *passagens* mais profundas que eu antes procurava — Fiquei acordado até tarde, quase até meia-noite. Dormi mal (por causa do banho de mar ou *agitação* devida às cartas?). Em breve eu estava inteiramente abalado — *hors des gonds* [desequilibrado]. Tenho de escrever algumas coisas muito importantes para E. R. M. Também dar um fim não muito cruel porém definitivo no *caso* com N. S. — N. S. está pesando na minha consciência — tenho pena dela, mas não sinto sua falta. — As cartas de E. R. M. são consideravelmente mais subjetivas. Sou transportado — inteiramente, em transe, embriagado —, os *niggers* deixam de existir. Não sinto vontade de beber nem de comer.

8.1.18. Levantei-me às 7. Escrevi algumas cartas menos importantes (para P. & H., e os Mayo), e a seguir comecei uma carta para E. R. M. (não sinto desejo de escrever o diário). Escrevi de cerca das 10 até as 5; com pequenos intervalos para o almoço etc., durante os quais reli as cartas dela e pensei nela. Em certos momentos, fortes emoções. Em outros momentos, quando escrevia sobre as sufragistas e sobre os Gilbraith e tocava em assuntos controvertidos, eu sentia uma certa *irritação*. No final, estava exausto e sentia necessidade de dar uma caminhada estimulante. De modo geral, nem quando lia sua carta nem quando escrevia para ela meus sentimentos se intensificavam. — Não posso dizer que *o verdadeiro ser dela, manifestado por meio de suas cartas*, esteja tão próximo de mim quanto o *Duplo* dela. *Sempre há um processo de adaptação — o resultado é o Duplo*. — E, mesmo assim, as cartas dela, as historietas dela, a espirituosidade dela ao ler os jornais me absorvem de maneira quase exclusiva. Um louco desejo (turbulento, ao qual não renuncio) por ela, um desejo que não senti pelo *Duplo*. Só que fico desequilibrado, e a isso sempre reajo negativamente. — À noite, expe-

dição até Dubwaga. Fui de Kwabulo até Dubwaga pensando nela, em Charles, sobre coisas definitivas: é mais fácil amar aqueles que não mais vivem do que os vivos. Escrevi um pouco mais para ela e fui para a cama.

9.1.18. Pela manhã, diário etc. A seguir, o conto. A princípio, desagrado, depois, gradativamente, melhor, às vezes chegou a me comover; no todo, muito bom — só que estou envolvido demais pessoalmente para me livrar de certa desconfiança quanto ao meu entusiasmo. Às 11, Navavile — um desejo violento e doloroso por ela. Sentimento de imperfeição. *Sentimento obcecante*. Após o almoço, li os jornais até 3:30; a seguir traduzi o *megwa* de Navavile. Depois fui com Ginger até a lagoa.

"O crepúsculo vermelho estava acabando de se dissipar sob um cinturão de nuvens negras, o longo trecho de manguezal se refletindo na água também mergulhado em uma rígida escuridão contra o céu e a água. A luz vermelha pesada e maculada parecia vazar através do trecho luminoso a oeste. Flutuava e tremia com o movimento vagaroso das ondas, e, encaixada na moldura negra das nuvens e da costa, parecia sufocada e sufocante como o ar tépido, que passava rolando em lufadas pegajosas e indolentes. Eu o sentia escalar minha pele nua em vez de bater contra ela." — A seguir ginástica sueca. O conto. O problema do heroísmo. Forte sentimento de desânimo. Charles e eu. Em certos momentos, fico triste porque não posso me submeter a um teste. Recordei-me de meu sentimento supersticioso de que se E. R. M. se apaixonasse por mim, eu teria *mala sombra* na N[ova] G[uiné].— Por um momento pensei que não existe lugar para mim no coração dela à sombra da fama dele. Desejei que ele voltasse e que eu nunca a tivesse conhecido. Depois pensei em mim mesmo. Um forte sentimento fatalista de que *"nolentem fata trahunt, volentem ducunt"* [o destino arrasta o relutante e guia o resoluto]. Um poema provocante me ocorre. Penso no misticismo de E. R. M., na crença dela de que o destino a enviou e a dominou para dar felicidade a Charles. *"Misticismo, não fatalismo."* Por um momento, olhei o Destino nos olhos. Sei que, se tivesse de ter ido à guerra, teria ido tranqüilamente e sem muito alvoroço interior. Agora: colocar minha vida cotidiana naquela moldura heróica; ser implacável com relação aos apetites e fraquezas; não ceder a depressões e digressões tais como a incapacidade de

tirar fotos. Dispersar a falta de jeito, o desejo sensual, o sentimentalismo. Meu amor por E. R. M. pode ser, deve ser baseado no sentimento de que ela crê no meu heroísmo, de que, se eu tivesse sido convocado para defender a pátria, não teria fugido ao dever. E eu também preciso confiar em mim mesmo, ou não vou chegar a lugar algum. Lutar, ir em frente, estar pronto a qualquer momento, sem depressões, nem premonições! — felicidade filosófica: "Seja lá o que for que aconteça — não vai me afetar", sensação de que o caminho mais curto leva ao inferno, para onde não posso levar nem tristezas nem alegrias, e que cada momento da vida é repleto do que será e do que já foi.

10.1.18. Noite muito ruim. Nervos, coração. (Fumei demais?) Pensei em E. R. M. e senti um arrependimento distinto, definitivo (não foi a primeira vez?) por não me colocar à prova. Compus (mentalmente) uma carta para N. S. — Levantei-me, escrevi o diário, recolhi minhas coisas, de forma a estar pronto para partir às 10. Pronto por volta das 11, quando um forte *yavata* soprou; furioso, porém devo esperar chuva e vento. Li e corrigi carta para E. R. M. Por volta das 12, tempo bom, calmo. Comi *momyapu* e entrei em um pequeno *waga* para Kwabulo, e dali caminhei até Gusaweta, via Vilaylima. Lá Billy comprou uma grande pérola. Em seguida, conversamos. Lemos boletins; ligeiramente relaxado. Billy me deu alguns dados etnográficos. Depois do jantar fui para Losuya — durante todo aquele tempo fortes sentimentos por E. R. M. — Em Losuya, uma conversa amigável com Camp[bell] e em Oiabia com Gilmour. Este último muito gentil, debatemos coisas e conversamos. Fiquei nervoso, sem necessidade nenhuma. Depois, uma sensação agradável de que estou sozinho de novo, de que posso voltar para E. R. M. em pensamento. Porém, uma certa fadiga e instinto contra a "monomania telessentimental". Tentei pensar de forma mais normal. Perdi o caminho e andei até Kapwapu; tempestade no horizonte distante. Voltei, dormi mal. Durante todo aquele tempo: problema em manter a pureza interior em relação a ela, claramente percebendo que isso pode ser feito. Percebo que a pureza das ações depende da pureza dos pen-

samentos, e resolvo policiar até os meus mais profundos instintos. Por outro lado, meu amor profundo, imensamente terno e apaixonado por ela, se cristaliza em um forte sentimento do valor de sua pessoa, e sinto que realmente desejo unicamente a ela. Posso reprimir impulsos ocasionais violentos de galinhagem me apercebendo de que isso não vai me levar a lugar algum, de que, mesmo que eu possuísse mulheres sob essas condições, estaria meramente me chafurdando na lama. O mais importante é cultivar uma forte aversão contra chafurdar na lama (onanismo, galinhagem etc.) E buscar tudo aquilo que contribua para favorecer essa aversão. Um aforismo de Nietzsche me vem à mente: *Ihr höchstes Glück ist bei einem Weibe zu liegen* [sua maior alegria é se deitar com uma mulher]. Meu sentimento por E. R. M. é algo absolutamente diferente: *mein Leib und Seele mit der ihrigen zu verschmelzen* [fundir meu corpo e alma com os dela]. — Por outro lado, tento combater as efusões sentimentais e ânsias niilistas etc. Volto mentalmente àquele momento de profunda concentração quando ansiava por levar uma vida heróica, quando olhei "o destino nos olhos": uma vida atravessando o deserto rumo à felicidade, atravessando a felicidade até a tristeza e o desespero. Eu a amo profundamente; sinto que ela é a única mulher feita para ser minha esposa. Será que o destino vai tornar a nos pregar uma peça? Aconteça o que acontecer — *nolentem fata trahunt, volentem ducunt!*

11.1.18. Depois de uma noite muito ruim, levantei-me com torcicolo. Examinei alguns boletins, prestando atenção para ver se encontrava algum que falasse de E. R. M. ou do seu clã — também despachos políticos. Pensando nela continuamente. O plebiscito foi um fracasso; sinto por nosso Charles. A seguir li cartas de N. S. e eu escrevi para ela. Tarefa difícil; apesar dos ruídos e interrupções, eu me mantive sob controle, e fiquei feliz em sentir que eu estava agora forte o suficiente para "não ficar nervoso". Intervalo para o almoço. Mas após escrever (fui um pouco menos drástico do que havia pretendido ser) me senti extremamente aliviado. Contudo, a sensação

de que havia sido injusto com ela e de que agora ia magoá-la é horrível. Mas isso tinha de acontecer. Sinto que fiz algo que tinha de ser feito. Primeiro passo. E talvez tenha feito isso de maneira a magoar N. S. o mínimo possível.

Depois do almoço, voltei a minha carta para E. R. M. Li minha carta para ela; depois a dela, e escrevi de novo, com muita ternura e paixão. Senti-me debilitado ao pensar que poderia nunca mais vê-la outra vez. À noite: Billy me contou *histórias*, depois revelamos fotos — *Histórias: Suspeita-se que o rei reprodutor teve um bebê na sua mamba. Billy mora com uma mulher (tatuagem no antebraço dela: Billy). C.K. entra na loja, fala com ela num bom inglês sobre volta a Deus etc., & a convida para vir morar na Casa da Missão. Billy escuta e traduz: "Ele fala você ir morar com ele Missão" "Você diz a ele: vá se ferrar." C.K. dá meia-volta e se manda... O comendador X. Y. Walsh sempre bêbado. Ernie Oates e Billy. Billy combina com uma mulher para ir a Bogi. Todos eles descem após um mês para a praia, estuário do Yodda. Ali a polícia acampa de um lado, J. St. Russel dá ordem para a polícia não deter a mulher. Consta que a prenderam, apesar disso. Uma expedição de busca. Walsh (o rimão de Lady Northcote), bêbado, cai ao chão. Pegaram duas meninas e um cabo. Julgamento: R. com as pernas levantadas em razão da gonorréia. W. embriagado de cair. Ernie traduz o tempo interrogativo como imperativo. Menina confirma que foi comprada para Billy (B. diz que ela teria preferido mil vezes o guarda). O cabo açoitado por Walsh, meninas trancafiadas na loja, mas por volta de 11 da noite estão com Ernie e Billy. — Problemas com mulheres no Yodda. Logo acima de 50 milhas. Monckton* vem a Kokoda. Os mineiros dizem "Dane-se". Billy Little (o alcoviteiro de G.) repete isso para Monckton. M. entra, marchando, "esquerda, direita", "direita, esquerda", os mineiros zombam dele. B. H. escreve então uma carta para um sujeito que vem e encontra M. no meio do caminho e o trata com educação. Depois disso M. não criou mais caso com relação a isso.*

*Charles A.W. Monckton, nativo da Nova Zelândia que veio para a Nova Guiné em 1895 e se tornou magistrado residente de Samarai em 1897 e de Kokoda em 1903. Ele liderou a patrulha Waria-Lakekamu, uma importante expedição exploratória.

Sábado, 12.1.18. Manhã, pedi ao Billy e à sua sra. para me ajudarem no meu trabalho. A sra. não me disse nada de interessante. Depois revisei as anotações sobre gramática. À tarde, cansado, chuva e mormaço. Li Locke* e tornei a trabalhar com gramática, sem grandes resultados. À noitinha fui fazer um pouco de exercício. Voltei, escrevi carta a E. R. M. Durante todos esses dias, um amor mais intenso, imensamente profundo e desejo por E. R. M. Resolução de ser puro. Não posso ter pensamentos lascivos nem sentimentais sobre qualquer outra mulher. "Mulher" = E. R. M. Folheando Foote, sinto uma aversão por toda espécie de luxúria, e a equação acima se aplica ao meu caso.

Domingo, 13.1.18 Acordei às 5 —... Pensei, sentindo-me feliz, na existência de E. R. M. Como música. Depois despertei tarde, enfraquecido. Li contos de Locke e pensei em E. R. M. — Esperando por Gilmour. Por volta das 4, quando terminei os contos, comecei a fazer as malas. Gilmour veio; conversa. A seguir, ele se foi. Conversei com ele sobre gramática e planejei uma possível colaboração. Conversamos sobre Bromilow.** Eu lhe dei minha última carta para E. R. M. Antes disso eu havia feito meu testamento com Bill. — Depois do jantar me aprontei. Amedrontado no barco que balançava violentamente. Estrelas. Pensei em gramática. — E. R. M. todo o tempo — sob o *tainamo*, um acesso de desejo físico por E. R. M. transforma-se gradativamente em lascívia indiscriminada... A não ser pela tarde de sábado, durante os últimos dias tivemos um tempo maravilhoso, ventos de leste e céus calmos e claros, um pouco quente, apesar de tudo.

14.1.18. Esta manhã me deitei sob o *tainamo*, mimando-me um pouco; mas naquele momento eu já não vinha dormindo razoavelmente

*William J. Locke, romancista britânico popular na época.

**Rev. W. E. Bromilow, o primeiro missionário de Dobu; suas observações sobre alguns dos costumes nativos, nos registros da Associação Australiana para o Avanço da Ciência, constituíram aparentemente o único relato escrito sobre os dobuanos na época em que Malinowski escreveu *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

há muito tempo. — Nunca consigo dormir adequadamente em Gusaweta. Preciso voltar ao trabalho. Estou a todo vapor em lingüística. Mergulhe fundo, ataque enquanto o ferro está quente! Uma vez mais um dia claro e bonito. Trabalhei sobre a terminologia dos jardins; Navavile veio e ajudou. Muito cansado às 12:45, tirei uma soneca. Depois do almoço trabalhei com terminologia, *waga*, e a seguir anotei os pontos principais do *waga*, com a ajuda de informantes. Trabalho sob *alta tensão*. Cabeça muito cansada. Às 5, Ginger, eu e Toysenegila fomos a {*Lum'*}. Estou com os nervos tão esgotados que nem mesmo ansiei muito por ela. Algumas perguntas que fiz a Toysenegila já me cansaram. Caminhava como um autômato. Estrada desimpedida até o mar. Banho: estou me acostumando ao contato com a água, embora ainda me dê nos nervos. A seguir, no caminho de volta, me sinto deprimido a respeito de E. R. M. Sobre o mar verde vítreo, as sombras da noite que se reúnem a leste no céu, com nuvens róseas no alto. Olhei para o sul, na direção da passagem em Giribwa. Com uma espécie de falta de entusiasmo e expressão pela paisagem, *evoco* a imagem {dela} — e, de alguma forma, não reajo a ela. Exatamente a mesma ânsia pela ânsia que tive em Melbourne, quando me "desapaixonei". Ela subitamente desapareceu do horizonte. Perdeu todo o significado. Um vácuo absoluto, o mundo inteiro está sob o meu nariz, concreto, mas nada detém para mim. Isso é conseqüência da exaustão. Fiz alguns exercícios. À noite, Tylor (eu teria me recolhido às 9, se não tivesse sido por aquele *patife*). Depois que ele saiu, um súbito desejo por E. R. M. Sob o *tainamo*, um monstruoso desejo físico.

15.1.18. Céu claro e transparente. Sentimento forte e profundo por E. R. M. "Minha esposa" *de facto* e *de sentimento*. Creio que depois de nos casarmos seremos capazes de contar a Molly sobre nosso relacionamento atual. Penso em N. S. — apenas em como devo *dar a notícia* a ela. Sinto uma enorme atração por ela e me interesso muito por sua saúde, mas não penso nela como mulher. De manhã trabalhei no dicionário, *canoas* — o mesmo assunto de ontem com outros informantes — aprendi detalhes extremamente interessantes sobre construção de *kalipoulo*. O trabalho não vai excepcionalmente bem, mas continuo sem pressão e

deixo o tempo se incumbir do resto. Sinto o efeito do sal nos ossos e músculos. Às 11, ginástica. Depois uma soneca antes do almoço. Não estou fumando, e me sinto muito melhor. Depois do almoço o mesmo assunto. Depois das 5, fui para o *raybwag* com Ginger. Recolhi informações de Niyota. Cansado. Fiquei na água tempo demais; voltei exausto, com o coração aos pulos; mas caminhei devagar e descansei freqüentemente, esperando o ritmo do coração voltar ao normal. (A esperança se mostra justificada hoje, 16/1). Pensei em E. R. M., imaginando como seria estar aqui com ela. Sinto cada vez mais claramente que essa seria a *"felicidade perfeita"*. (Imagino-me perguntando a Seligman como ele era com a esposa nos trópicos.) — De volta, escutei a conversa deles, comi, escrevi algumas linhas para E. R. M., e fui dormir...

16.1.18. Levantei-me às 7:15. Saí para fazer ginástica; céu com cúmulos, entre eles trechos azuis. Sombras profundas sob as palmeiras e outras árvores, estranhas formas e cores. Entrei numa touceira de coqueiros. Ali meditei sobre o significado de um diário: mudanças no curso da vida, *reajustamento de valores* — o conteúdo da ética — com base na introdução da harmonia. O controle de meus apetites sensuais, a eliminação da lascívia, concentrar-me em E. R. M. me deixa feliz; uma satisfação muito maior que proporciona o simplesmente deixar correr. Um hedonismo utilitarista, se não esquecermos os outros instintos (instintos sociais), é o único sistema racional: a felicidade do indivíduo em harmonia com a felicidade da coletividade (o fato de que isso deve ser o *Grundton* [nota primordial] do instinto, pode ser deduzido *a priori*, do fato *"homo animal socialis"*. Penso no valor do diário (*com referência direta* a E. R. M.): alcançar as correntes mais profundas em vez de meras ondulações; conversa consigo mesmo, e vislumbre do conteúdo da vida. — Obviamente, algo tem de ser sacrificado — a gente não consegue as coisas por nada, mas o que está em questão é uma escolha. — Planejo uma carta para E. R. M. sobre estas idéias; necessidade de uma autêntica solidão. — Voltei cheio de pensamentos elevados: a vida precisa se desenvolver num ritmo vagaroso, para poder se aprofundar. Ou o reflexo de efêmeros brilhos faiscantes na superfície mutável e ondulada, ou o

imenso sorriso do fundo — depende do ponto de vista. Devemos nos obrigar a contemplar o vazio da superfície sem ilusão. Estou sentindo que o trabalho sistemático embora monótono, com um objetivo, deve ser suficiente para mim. Sinto uma satisfação semelhante ao nirvana com relação à existência ("nada está acontecendo"), olhando as folhas úmidas e o interior sombreado da selva australiana. — Axioma: o desejo ardente e contínuo pela mudança resulta de nossa incapacidade de sentir a plenitude da felicidade; se capturamos nosso momento de felicidade, não deveríamos precisar mudar.

De volta à minha tenda; o banho de mar me fez doer os ossos; incapacidade de concentração; paralisia mental. Lutei contra ela, mas sem grande resultado. Às 11:30 parei e saí para fazer exercício. Voltei, escrevi para E. R. M. — A seguir, almoço; li *Tess*. A intensidade de meus pensamentos em E. R. M. não diminuiu desde o Natal. — A seguir, chegou Yasala Gawa; conversamos sobre *bwaga'u*. Às 5, cansado; ½ hora de lingüística. Estava ficando escuro, fui para Lubwayla, fiz exercícios de ginástica na chuva. Controlei os meus nervos, relembrando impulsos heróicos. A lua e estrelas entre nuvenzinhas; pensei em como era necessário adaptar-me mentalmente à ginástica: a ginástica como forma essencial de isolamento e concentração mental. Aconteça o que acontecer, nunca devo deixar de fazer ginástica 3 vezes ao dia. Ao voltar me senti bem e tomei parte na conversa com os *niggers*, também me senti mentalmente equilibrado, mas meu desejo por E. R. M. não diminuiu (fiz observações sobre *kadumilaguwa valu*). Escrevi-lhe algumas linhas e fui para a cama. Pensei nela com paixão.

17.1.18. Despertei às 7:30. Depois de escrever meu diário fui para o *sopi* para fazer ginástica, sob as palmeiras, perto dos manguezais. Corrida, depois exercícios bastante intensivos. Além disso, planejei o dia e *robusteci meus pensamentos*. A ginástica removeu a lassidão, mas introduziu certa *tensão nervosa*, uma irritabilidade nervosa, insônia, que já não tenho há muito tempo. Trabalhei durante 2 horas pela manhã; Campbell chegou; isso me irritou e me deprimiu — como uma revista na alfândega da fronteira; um pouco temeroso de que ele talvez me causasse algum dissabor; depois, novamente, *aborrecimento*, desperdício de tempo, e não

gosto dele pessoalmente. Conversa durante a qual fui expansivo. Depois uma carta curta para E. R. M. Ginástica; tentei me concentrar, tomar a atitude correta com relação ao búlgaro:* "ele não existe, no que me diz respeito". A ginástica me acalmou os nervos, restaurou meu equilíbrio e me colocou numa excelente disposição de espírito. — Com a ginástica e um estilo de vida regular, eu deveria manter-me saudável e levar adiante meus planos científicos. O único perigo é sobrecarregar meu coração. Logo: levar o trabalho intelectual, solucionar as dificuldades e esforços diários, na flauta, "não os levar a sério". Eliminar totalmente os rancores pessoais, os *entusiasmos* etc. Cultivar o senso de humor (não o inglês, mas o meu, B. M. + E. R. M.).

A seguir, almoço com um rapaz e conversa — sobre o quê? — à tarde: deitei-me durante um quarto de hora, e comecei a trabalhar — o ofício de *bwaga'u*. Parei por volta das cinco, já farto. Excitado, impossível me concentrar. Comi abacaxi, bebi chá, escrevi para E. R. M., dei um passeio; ginástica intensiva. A ginástica deveria ser um momento de concentração e isolamento; algo que me dá uma oportunidade de fugir dos *niggers* e da minha própria agitação. Ceia com um camarada que me contou anedotas estúpidas, absolutamente desinteressantes, sobre a etnologia de Kiriwina. Escutei, dormitei e concordei com a cabeça: que sujeito grosso. Carta curta para E. R. M. Pensei nela intensamente outra vez: a única mulher para mim, a encarnação de tudo que uma mulher pode me ofertar. Alguém cantou durante a noite, isso me perturbou, não consegui pegar no sono. Dormi mal.

18.1.18. Levantei-me tarde, 7:30. Ginástica na clareira perto dos manguezais. Força, intensidade, irritabilidade, em vez de [sentimento]. Pensei em E. R. M.: companheira de viagem em vez de apenas a estrela *que guia meus destinos*. Mas ela está sempre comigo. Há momentos em que penso que meu desejo por ela se enfraquece, mas aí sou subitamente dominado por ele. Pensei em N. S., sobre Adelaide, a cidade e o campo sempre serão o *Paraíso Perdido* para mim: o velho

*Isso pode ser uma alusão ao soldado búlgaro convencionalmente heróico, retratado na peça de Shaw *Arms and the man* (As armas e o homem).

Stirling, muito fiel, a mãe, e aquilo tudo [o acampamento]. Depois voltei; irritado com a impudência de Navavile e dos rapazes Wawela (haviam comido nozes de areca demais). Resolvi passar o dia revisando minhas anotações e fazendo uma relação de problemas. Isso a princípio caminhou devagar, a seguir problemas específicos surgiram. — Depois do almoço, [*Tapi Bobau*]. Vento forte; fechei a tenda, e começamos a recitar *silami*, quando Billy chegou. Fiquei um tanto enteadiado e irritado com essa interrupção, mas o recebi com *bonne mine à mauvais jeu*, e conversamos (gosto dele como pessoa), seguindo depois para Kiribi. Mick e B. furiosos com N. Camp[bell], que estragou quatro caixas de benzina, ao irem para [a ilha de] Yaga, onde ele tem "plantações", e a seguir arrastaram *canoas* Kavataria atrás dele. Billy também me contou uma anedota, como N. C. estava mostrando [*beku*], que o pai e o avô da sua mulher possuíam; ele passou a língua *ao longo dele* e chorou como um bêbado. Não me senti cem por cento em Kiribi e não fui ao *kayaka* com Moliasi. No caminho de volta o *waga* fez-se ao mar. Linda lua, sentei-me na frente da canoa, Toyodala vareava, Ginger tirava a água. À noite, mudei as ataduras do pênis de Towakayse. Depois li cartas de E. R. M. enviadas de Crandon. Compreendo as emoções dela a respeito de C. E. M.: ela vê o passado trágico à luz dos seus sentimentos por mim. *Como de uma praia segura*. As cartas dela para mim não ficam velhas. Olhei retratos dela. Gostaria de enviá-los para mamãe.

19.1.18. Primeiro dia realmente infernal. À noite, tempestade com trovões e chuvarada furiosa, a ponto de fazer o chão tremer. Além disso, vendaval. Levantei-me e levei um tempo enorme para tornar a adormecer. Naturalmente, pensei em E. R. M. Levantei-me às 8:30, escrevi o diário sob pressão, pois soube que um sujeito tinha morrido em Kwabulo. Fui para lá num bote, com Tomwaya Lakwabulo e [Wayesi], e falei com eles sobre M[orte] & F[unerais], mas sem resultados positivos. Em Kwabulo: enormes poças, pessoas acabando de voltar do funeral. Fui para a casa: explosão de gemidos. Fui até o túmulo e falei sobre o corte das árvores e os estragos nas casas após a morte de um homem. — Sentei-me sobre o *baku*, e comprei *momyapu* e *wayuo*.

Comecei a me sentir debilitado, bastante ruim, depois da volta. Almoço à 1; a seguir li *Tess d'U*. Pensei em E. R. M., embora ache que *T. d'U* parece mais com N. S. do que com E. R. M. — Passagens marcadas que eu gostaria de enviar para Elsie. O romance me absorveu [e eu me deixei levar]. Sentei-me à beira-mar. Em certos momentos, um desejo insuportável por E. R. M. — ou seria da civilização? — Caminhei em torno da aldeia, mas, sentindo-me febril, retornei. Não estava com disposição para escrever cartas; tentei ler *T. d'U*. Mas meus olhos ficaram cansados. — Senti que, se ela estivesse aqui, seria um consolo. Imaginei o que estava fazendo um ano antes. — À noite um vento tão forte que temi que derrubasse a tenda. Tomei calomelano + [plantas medic. locais] + quinino + aspirina, à noite. Por volta das 2 da manhã [tive de sair]. — Ao retornar combati os pensamentos lascivos. E. R. M. é minha esposa *de facto*. Na noite anterior, pensei que se nos encontrássemos agora *trocaríamos votos* e colocaríamos nosso relacionamento *sobre uma base sólida*. É como se tivéssemos contratado um *casamento clandestino*. — Durante todo o tempo, o desejo indefinido e vago e a necessidade de entrar em comunhão com ela.

20.1.18. Dia péssimo. Levantei-me às 8:30. Comecei a trabalhar muito tarde. Anotei canções de Weirove. Depois li *Tess d'U*. Ginger veio me dizer que a esposa de Toyodala estava doente. Fui lá; cena interessante e divertida. Pensei em termos pessoais sobre mim e E. R. M. — qual dos dois morreria antes do outro? "Quando se contrai novos laços, assume-se novas cargas." Mas eu não trocaria todos os cuidados nascidos do amor pela severidade estéril do egoísmo. — A seguir, comi um almoço frugal (taioba). (Antes disso eu havia fotografado um grupo que trazia [vayewo].) — Tornei a ler *Tess d'U*., terminei-o. Ele me causou uma forte, porém desagradável impressão: o desenlace dramático e desesperador não se justifica. Depois circundei a pé a aldeia; os nativos comiam *towamoto* na ocasião do [*vayewo*], primeiro os homens, depois as mulheres. Depois, sentei-me perto da casa de Naruya; conversei sobre *mulukwausi* e *kayga'u*. A seguir bebi chá (não comi), e também levei *ula'ula* para o *baloma*, escutei seu *megwa*. Recolhi-me às 10.

21.1.18. Terceiro dia de tempo ruim. Fiquei na cama até as 9. Sonhos estranhos. Eu estava inspecionando o teatro de guerra. Estabelecimentos alemães administrados por ingleses. Alguma espécie de máscara monstruosa, gorda, suína, um alemão [...] ou coisa do gênero. — Sonhei com E. R. M. — Eu estava comprometido com uma mulher que estava me traindo e de quem eu tinha ciúmes. Recordei-me que esta-va noivo de E. R. M. — De manhã, irritabilidade característica: os *niggers* me deram nos nervos. — Tinha havido violentas tempestades nas duas noites anteriores. A noite passada foi calma, e eu dormi melhor. Hoje, céu encoberto, chuva que vem e vai. Nenhum vento, calor pegajoso. — Comecei a trabalhar cerca das 11, principalmente escrevendo o registro dos acontecimentos do dia anterior. À tarde, debati esse registro com os rapazes. Eu já havia começado a me sentir melhor por volta do meio-dia, e à tarde trabalhei bastante bem. Ao meio-dia comecei uma carta para M. H. W., mas não a terminei. Depois do trabalho deitei-me na cama para descansar. Estava chovendo. A obscuridade prateada de uma noite enluarada. Fui à [...] Missionária. Entre as palmeiras lufadas e vapor turbilhonando como num caldeirão e o ar exatamente como um banho turco. Dei uma caminhada curta, pensando em E. R. M. Disposição meio sonhadora. Através da monstruosidade turbilhonante deste banho turco, tênues lembranças de estados de espírito mórbido em Omarakana. A seguir senti um certo alívio: comecei a ver tudo isso — através de tudo isso — de um ponto de vista externo: *Ende gut, alles gut* [Tudo que acaba bem, está bem]. Mas se esse devesse ser o fim — sensação de que estou sufocando, que as garras da morte estão me estrangulando vivo. — Depois de um pouco de ginástica leve me senti incomparavelmente melhor e mais livre nesta caldeira. Depois do jantar, e *circundando a aldeia* (reprovei-os por não me devolverem *ula'ula do baloma*), comecei a escrever uma carta para E. R. M., mas parei por causa dos olhos; depois me sentei um pouco à beira-mar, satisfeito com a estagnação e a solidão, quando soube que Ineykoya [a esposa de Toyodala] havia piorado — ela estava gemendo alto. Fui ver o que era: ela havia sofrido nova hemorragia, gemia horrivelmente, e aparentemente estava agonizando. Pensei no horrível tormento de uma hemorragia e em N. S. e subitamente senti

que eu a estava abandonando. Também senti que queria estar com ela a todo custo, mitigar seus sofrimentos. Forte reação. Também pensei em E. R. M. e, em meu desequilíbrio nervoso, disse a mim mesmo: *"a sombra da morte está entre nós e vai nos separar"*. Minha traição com relação a N. S. Opôs-se a mim em toda sua violência. — Sobre a cabana dentro da qual minha lâmpada brilhava, altas palmeiras, espessas nuvens brancas, através das quais se filtrava o luar. Kabwaku canta melodiosa e claramente. — A morte — tudo isso é como uma maré vazante, correndo para o nada, a extinção. Através de tudo isso, os cruéis *costumes* dos *niggers* — que novamente a estavam lavando, preparando-a para a morte. — Durante a primeira metade do dia fiquei deprimido e quase não acreditei na possibilidade da morte. Depois me animei e criei esperanças. Planejei cartas para o Dr. Stowell e para Spencer. A seguir pensei sobre minha teoria da religião com relação a meu livro polonês.

22.1.18. Terça-feira. Noite muito ruim. Acordei e me senti sufocado sob o mosquiteiro (havia me entupido de peixe). Levantei-me tarde; não fiz exercícios. Sentia-me incomparavelmente melhor. Comecei a trabalhar. Resolvi tratar do *kayga'u*, acerca do qual eu havia tido um debate interessante com Tokabawivila e Molilakwa; trabalhei com o último naquele dia (das 9 às 12:30) (Ginger e Ogisa saíram com Medo'u para apanhar lenha). Sentei-me em companhia de Molilakwa e duas meninas (sua filha e Kavala, 7 anos). Sentimentos puramente paternais, enodoados depois, e direcionei meus pensamentos para E. R. M. para afastar a lascívia. Depois do almoço (peixe com inhame), escrevi para E. R. M., descansei. A seguir tirei fotos, e tornei a conversar com Molilakwa. Cansado. Sentei-me à beira do mar calmo, descansando, *não** ansiando. A seguir, ao luar, ginástica. Cantarolando canções, um impulso para compor — captar uma idéia musical e expressá-la com minha própria melodia. Se eu tivesse um instrumento — mesmo que fosse um piano —, talvez fosse capaz de compor, mal, sem originalidade, como meus poemas? Pensei em E. R. M. — E que eu gostaria

*Grifado no original.

de "cantar" para ela o que ela me disse em Belgrave Gully. Em seguida, ginástica; eu estava nervoso e me senti *"sobressaltado"*. Mas controlei isso, e fiz bem os exercícios. Pensei em fotografia. Voltei calmo, "rijo" — pedi um *waga* de Narubuta'u. Depois o jantar; quis registrar minhas observações etnográficas. Discussão desnecessária com Karigudu. Princípio: nunca perder as estribeiras. Se um sujeito se exceder, mandá-lo embora calmamente, e não entrar mais em contato com ele. Além disso, teria sido melhor nunca dar nada para Kaukweda, e não incentivar *kayaku* na minha tenda. — Mais tarde, porém, percebi nitidamente a estupidez do meu comportamento e a vaidade que havia em ficar zangado, insistindo em "pontos de honra". Tentei me controlar tão rápido quanto possível, e me saí bem dentro de pouco tempo. Fui a um *kayaku* numa casa em Vitabu. A seguir observei uma delegação diante da casa no *obukubaku*, para o qual Ineykoya havia sido levado. Voltei, tomei chá e me recolhi. Pensei em Ineykoya e N. S. Foi o remorso mais forte que já senti (depois do que tive quando Ineykoya sofreu a hemorragia). E se a saúde dela realmente tivesse se deteriorado? (Stella, Madge, que não vão abandonar Craig). Em certos momentos realmente penso que tenho de voltar para ela. Por outro lado, uma forte atração física por N. S., mais forte do que nunca antes. Penso no físico dela (*será vulgar de minha parte?*) — imaginando o corpo dela vividamente, com todos os detalhes.

23.1.18. Quarta-feira. Levantei-me bastante tarde; saí para fazer ginástica. Pretendia me concentrar e pensar no meu trabalho, mas de alguma forma não consegui nada. Ainda me sinto um pouco infeliz com relação a N. S. e E. R. M. está em declínio. Mas, apesar de tudo, há uma tendência de não deixar um capricho momentâneo estragar as coisas realmente essenciais. Se *humores inexplicáveis induzissem uma louca imprudência, meu ritmo no episódio Tristão-Isolda* teria sido consideravelmente mais lento, e eu teria sido mais feliz. Meus sentimentos por E. R. M. são profundos e baseados em um compromisso definitivo. Eu devia considerar os altos e baixos pelo que são, embora não haja motivo para ignorá-los de todo. A riqueza da vida que isso implica pode ser {concebida como} *pensamento experimental.*

Por exemplo, na fisiologia do sexo — pensamentos experimentais, mas no momento em que eles se introduzem no organismo e se tornam "fisiológicos", serem rejeitados. E. R. M. é minha esposa. Quanto a N. S., nada fiz de errado, pois durante o período crítico (março a maio de 1916) eu não tive outros sentimentos nem pensamento. — Após o almoço, barbeei-me e estava para começar a trabalhar com Kiyova quando me trouxeram a correspondência. — Turbulência emocional. Terminei de me barbear. Carta curta de C. G. S. — Ernest P. K. — Mim. Depois uma longa carta e diário de E. R. M. Li a carta devagar, e dessa vez a E. R. M. verdadeira é melhor que seu *Duplo*. Mas o diário, por algum motivo, me constrangeu. Meu retrato nele não é simpático, conforme o vejo. Não gosto desse sujeito, e creio que ela não me ama. Além do mais, um sentimento de que aquele período, conforme ela o descreveu, está se desbotando, se tornando cinzento. — Também as desculpas de {Diering} e Jim, do qual gosto muito, me irritaram um pouco. Deu-me a sensação de que talvez nunca tenha ocorrido. De fato, a crise veio cedo demais e estávamos despreparados. Agi de forma muito brutal. O erro da liberdade em demasia. — Fui até a praia e me sentei lá. N. S. me causa terríveis sentimentos de culpa. Saí numa canoa. Sentimento doloroso de que tudo isso está estragado, que esse erro fundamental projeta uma sombra sobre minha vida, sobre minha relação com E. R. M. Eu não deveria ter iniciado nada com ela antes de romper definitivamente com N. S. À tardinha, uma insatisfação e inquietação características, associadas ao dia do correio — esta ânsia descontrolada por impressões fortes e complicadas, procurando pontos de contato com os ausentes. Essa súbita urgência de presença, necessidade de uma dose condensada da personalidade de um amigo. — Reli aquelas cartas de N. S. que são especialmente belas e afetuosas, e simplesmente uivei de desespero. Depois caminhei pela aldeia e dei uma olhada em Ineykoya. "Deserção em face do inimigo." Talvez pela primeira vez desde que saí da Austrália, um sentimento nítido de que, se a saúde ou a vida de N. S. dependessem disso, eu teria de sacrificar E. R. M. — eu mesmo — e voltar para N. S. Mais claramente do que nunca, sinto que amo a ambas. — Só que a doença de N. S. — que até

agora tem sido — é agora o vínculo mais forte. Esteticamente, eu nunca deveria retornar à Austrália. A morte, a maré baixa da realidade, não parece tão terrível quanto há alguns dias. — Fiquei acordado até tarde, li cartas outra vez. Fui para a cama muito deprimido e adormeci rapidamente, *para esquecer meu tormento*. Sonhei com C. R.

Quinta-feira, 24.1. Manhã, ginástica com sentimentos muito confusos, Molilakwa e *lili'u tokabitam*. Depois do almoço tirei fotos de homens assando peixes e entalhando uma proa de canoa na aldeia. Depois trabalhei um pouco e viajei para Gusaweta. A viagem. Li o início do diário de E. R. M.; ele me aborreceu. Olhei com prazer os manguezais e a lagoa; eu "estava só" e não sentia desejo de voltar. Durante os últimos dias, até chegar o *correio, a vida e a sociedade nativas* haviam se tornado aparentemente quase suficientes para mim. Na casa de Billy, um pouco de ginástica, *revelação* de fotos, mortificação com os resultados ruins. Para a cama às 12 (senti-me debilitado).

Creio, ou melhor, estou num torvelinho mental, com relação às cartas. Não desejo escrever para E. R. M. sobre isso. Não seria justo. Na pior das hipóteses, caso a saúde de N. S. o exigisse, E. R. M. aceitaria *o inevitável*.

Compreensão de um aspecto da história: *um ser dotado de memória deve ser compreendido por meio de sua história. Física (Geschlossene systeme* [sistemas *fechados*]). *Biologia (hereditariedade). Psicologia individual. Sociologia. — Deveremos aceitar uma alma coletiva para tratar a história de maneira realmente séria?*

25.1.18. Sexta-feira. Gusaweta. Não consigo escrever o diário. Dispersão, retomo a leitura dos romances. Revelação de filmes, e reflexão sobre inúmeras coisas. Desejo radical apenas por E. R. M. — O torvelinho intelectual e emocional se ameniza. Exaustão, dor de cabeça. Impulso de voltar para Oburaku. Voltei; saí remando. Ecos de Elsie, Mim, Paul, Hedy, Bronio [Broniowski]. Aproximando-me de E. R. M. em meus pensamentos, mas ainda estou "sozinho"... Fui ver Toyadala. Ele está claramente mais esperançoso. Sentei-me e co-

chilei. Li algumas passagens do diário de E. R. M. Jim e [Diering] tornaram a me apoquentar. Eu me senti posto para fora. Meu papel na vida dela é muito tênue. Fui para a cama; houve momentos em que me irritava tanto que não conseguia nem pensar. Reação básica: "Quero ficar só." Mas sei *au fond* que isso é tudo passageiro. Também um sentimento jubiloso persiste durante todo esse transe — agora ela está apaixonada por mim.

Durante a noite Ineykoya morreu. Levantei-me às 3:30 e fui para lá. Impressão profunda. Perdi o controle. Todo o meu desespero, por causa dos mortos na guerra, recai sobre esta miserável cabana melanésia. Pensei em E. R. M., Jim e Charles. Em seguida, voltei a me meter sob o mosquiteiro e não consegui dormir, pensando muito em E. R. M. Meus receios *à propos* são sentimentos dostoievskianos. Dúvidas quanto a ela ser ainda a "mulher completa" para mim — resolvo guardá-las comigo.

Sábado, 26.1.18. Levantei-me às 8:30 com dor de cabeça. Fui ver Toyodala. Mesmas dificuldades que durante a noite devidas a relacionamento pessoal. Fui com lenço e fingi que estava chorando. Depois lhe dei um bastão de tabaco. Mulheres dançando o *(o)bukubaku.*

	Seg	*Ter*	*Qua*	*Qui*	*Sex*	*Sábado*
Domingo 27/1;	*28;*	*29;*	*30;*	*31;*	*1;*	*2.*

Escrito em Gusaweta, 5.2.18.

Depois do almoço, e repouso rápido, trabalhei com um dos rapazes que relataram que Kivi compra *waywo*. Fotografias. Palmeiras cortadas. Massagem. Depois do jantar, o *yamali*. Muito cansado, sentei-me e cochilei. Dormi como uma pedra.

27.1. Domingo. Acordei doente. O crânio doendo. Sentimento de algo "errado". Diagnóstico: tuberculose (Ineykoya); hematúria; seio maxilar; dentes. Subjetivamente estou muito indiferente, não creio na possibilidade de perigo, mas se morrer, seria uma maneira excelente de resolver o impasse. Um pouco ressentido com E. R. M. — À tarde li seu diário. Posei diante dos *niggers*.

28.1. Segunda-feira. Sinto-me pior. À tarde, prostração. Tremedeira. Tomei quinino e aspirina. Começo a acreditar na hipótese de que estou para morrer. Estou indiferente. Febre, falta de vitalidade; condições físicas debilitadas. Nenhum desejo de viver, não me arrependo de perda alguma. Sinto que esta é uma boa hora para morrer. Sozinho, tranqüilo, um ar de encerramento. À noite, Elaitia veio.

29.1.18. Terça. O quinino fez efeito: dor de cabeça, fraqueza. Não me sinto muito melhor. Prostração à tarde. Escrevi para Billy. Apliquei um clister — isso me aliviou imediatamente. A seguir calomelano e purga geral. Sais efervescentes, que se revelam minha salvação. Incapaz até de ler o diário de E. R. M. ultimamente.

30.1. Quarta. Um pouco melhor. À tarde, Marian. Recebi leite do Billy.

31.1. Quinta. Muito melhor. Creio que vou me recuperar. Vazio interior, depressão. E. R. M.: um certo ressentimento, injustificado. Complicação com N. S. me causa grande pesar. — Estou perdendo a afeição por Ginger, que rouba tabaco. Carta de Bill, pacote de Kiribi. Incerteza quanto à possibilidade de o "Kayona" trazer o *correio*.

1.2.18. Sexta-feira. Muito melhor, mas ainda incapaz de ler. À tarde, Billy. *Correio*. Cara, Cathie. — E. R. M., fortes emoções: carta apaixonada; a seguir, irritação; as calúnias de Baldwin. Aborrecido com a carta, principalmente com a espionagem nojenta dele. — Dei um passeio; tudo parecia deserto, morto. Sentimentos heterogêneos, como rajadas de vento vindo de todas as direções de uma vez, que não combinam, mas me arrojam para trás e para diante, de uma disposição de espírito para outra; sentimento meio sonhador de falta de importância da existência.

2.2.18. Sábado. Cartas para N. S. e E. R. M. Muito devagar e muito difícil. O dia se passou de modo vagaroso, indolente e vazio. O chão foi arrancado de sob os meus pés.

3.2.18. Domingo. Li Conrad a manhã inteira. Às 4 fui a Gusaweta. Desespero com a monotonia da existência; para trás e para diante entre Oburaku e Gusaweta. Apesar disso, a maresia salgada e úmida, o exercício de remar, e as maravilhosas cores pastel da paisagem me encheram de alegria, ou então me causam acessos de pra-

zer. Planejei novas excursões e expedições. Resolvi ir a Amphlett* no "Kayona", caso ele aguarde cerca de 10 dias. Em Gusaweta conversamos. Barbeei-me e fui para a cama às 9.

4.2. Segunda-feira. O filme de Toyodala. Li *Glory of Clementina Wing* (Glória de Clementina Wing) (muito fraco). Subconscientemente, E. R. M. volta à superfície. Senti uma necessidade espiritual dela. À noite, revelamos chapas. Recolhi-me às 9:30. Acordei durante a noite: pensei em E. R. M. profunda e apaixonadamente.

5.2. Terça-feira. Li de manhã. Depois caminhei na direção de Kapwapu. Primeira tentativa de me concentrar. A seguir escrevi no diário. Depois do almoço li as cartas de E. R. M e escrevi para ela. Também à noite. Durante toda essa fase vivi literalmente dia após dia. Impulso de ler romances de baixa qualidade. Durante todo o período, um desejo forte e não manifestado por E. R. M. Agora realmente posso dizer que ela é a única mulher para mim.

6.2. Quarta-feira. Pela manhã li *Agente Secreto*. Terminei com uma sensação de repulsa; ruim, desnecessário, arrastado. A seguir, andei arrastando os pés para lá e para cá dentro do meu quarto como um urso engaiolado. Tornei a ler *O mestiço*. Principal crítica: a história não é dramática. "Trama". Gostaria que ela fornecesse uma trama. Não escrevo para ela, embora pense nela e no problema de contar nosso segredo para Molly. Ornu'a. Às 4 começo a preparar a bagagem. Saí às 6, sem saber para quê — nem meu trabalho nem Oburaku me atraem. Começo a remar — *bump*. Empurrei o barco através da lama e das pedras; perspectiva de passar a noite na lagoa; felicidade sob forma de

*Nas semanas seguintes, Malinowski testemunhou vários eventos que faziam parte de um *uvalaku* (*kula* competitivo em larga escala) entre Sinaketa e Dobu. No outono anterior os nativos de Sinaketa haviam feito seus *uvalakus* para Dobu, e agora os dobuanos deviam fazer os seus. Suas canoas partiriam no final de março para um *kula* nos Amphlett, depois do qual os anfletanos se uniriam a eles para a expedição a Vakuta e, finalmente, a Sinaketa, onde deviam chegar no início de abril. Em preparação para o evento, os vakutanos navegaram até Kitava para um *kula* e voltaram com um suprimento de braceletes. To'uluwa de Kiriwina também organizou uma expedição a Kitava para pegar os braceletes, e os sinaketanos, por sua vez, fizeram um *kula* interno na ilha para Omarakana, para obtê-los em troca. Assim, os anfitriões de Vakuta e Sinaketa receberam um bom suprimento de presentes adequados quando seus visitantes chegaram de Dobu. Estas transações são descritas em detalhes no livro *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

uma cama. Apesar de tudo mostro alguma coragem nesta ocasião, sem mim Ginger teria desistido. Chegada às 9. Direto para a cama.

7.2. Quinta-feira. Sinto-me incomparavelmente melhor em Oburaku. Perdi imediatamente todo o desejo de ler.

Escrito na segunda-feira, 11.2.18.

Quinta, 7.2. Um pouco de ginástica de manhã — mas não estava disposto. A seguir, trabalho. À tarde, muito irritável — às 4 tive de parar, às 6 fui para a cama. Imediatamente tomei uma quantidade grande de calomelano. No dia seguinte (ou talvez na mesma noite), tremores, depois febre — 40,5°C — apavorado — "*mijo escuro*". Temeroso da *hematúria*. Sentado na praia naquele dia pensei sobre E. R. M. — e me senti debilitado, senti uma dor aguda ao pensar que poderia nunca mais tornar a vê-la.

Sexta-feira, 8.2. *Ut supra* — o dia inteiro, me senti depauperado. A temperatura baixou com a ajuda da aspirina, depois do quinino. Dor de cabeça. O dia inteiro acamado; sem dores. A febre diminui minha *vitalidade*. A morte (final, creio eu, bastante provável — hematúria) não me atemorizou.

Sábado, 9.2. Senti-me melhor pela manhã. À tarde li *Villette* [romance de Charlotte Brontë], achei fascinante. Fui à praia; frio; continuei lendo. Tremor; aqueci-me ao pé do fogo com Elaitia. Voltei, não consegui comer muito. Febre outra vez, a temperatura subiu vagarosamente até os 40 graus. Ginger ficou com cólicas e se recusou a trabalhar. Compressas no peito (hipótese de haver atingido os pulmões, *por causa dos súbitos saltos de temperatura.*) — Hipótese de septicemia: havia comido sopa rançosa com [...], arroz bichado e mofado. Noite insone, uma dor de cabeça lancinante. Tomei purgante de sais, clister. Um pouco melhor; pela manhã, quinino.

10.2. Domingo. Quinino pela manhã; não comi nem bebi nada. Senti-me melhor. O quinino não me deprimiu muito. Li *Villette*. Pensei em E. R. M., porém sem muito entusiasmo. Outra noite quase insone, ou, mais precisamente, acordei à 1 e não voltei a dormir senão às 6. Soube que o pequeno Charlie havia morrido; abatimento.

Carta a Billy. Pensei em *Sir* B. Sp. e nas diversas formas pelas quais devo agir. Também pensei no meu comportamento com relação a N. S. e E. R. M. e não consegui classificá-lo como *correto*. Com relação a E. R. M., minha conduta foi mais afrontosa, mas, como pretendo permanecer ao lado dela, sinto menos culpa.

11.2. Melhor. Comi uma torrada no almoço. Li *Villette*; tem para mim o mesmo *encanto de tranqüila fascinação que orgulho e preconceito*. Tato feminino, intuição, domínio do íntimo das coisas e ânsia pela vida. Pensei muito em E. R. M., em momentos sem entusiasmo, ocasionalmente com assomos de paixão. Chocante *humor de convalescença*, como nuvens *navegando ao sabor de ventos conflitantes*. Ausência de terra firme onde pisar. De manhã um vento noroste fresco, tempo bom, maresia maravilhosa; senti a vida sorrir outra vez; senti *os grilhões da enfermidade* e fiquei incerto se aquela promessa se cumpriria. Levantei-me, caminhei um pouco pela aldeia. Estava horrivelmente faminto: visões de *vol-au-vents de volaille*, restaurante de costeletas franceses no Soho etc., me atraem mais do que os mais elevados gozos espirituais. Momentos de um desejo tremendo de sair desse buraco fétido.

Escrito no dia 13.2.18 (quarta-feira).

Sentindo-me melhor a cada dia, embora esteja fraco; suor à noite, necessidade de quinino, e o abscesso do pé me impede de estar certo de que vou me restabelecer, e minha fraqueza física e intelectual embotou minhas faculdades. Não tenho uma "fibra" vital forte. Até ontem eu estive lendo *Villette* o dia inteiro. Comer também desempenha um papel primordial no meu atual ponto de vista. Na manhã de terça-feira, os rapazes saíram para um *poulo*. Chuva torrencial, portanto, naturalmente, me levantei debilitado; tudo em minha cama estava empapado de suor, noite quase insone, preocupação. Comprei um bocado de peixes, ao meio-dia os cozinhei. Tomei avidamente a sopa de peixe. À noitinha, caminhada curta e um pouco de remo. Carta de Billy: George está doente, vai para Samarai. Altruisticamente pesaroso; egoisticamente irritado. Terminei a carta para E. R. M. (minha cabeça está muito cansada, tive muito trabalho para escrever). Os *meninos* foram para Kiribi, eu me sentei e conversei com Niyova e outros rapazes. — Dormi bastante bem, mas suei profusamente. — Esta manhã, tempo chuvoso, úmido. Tornei a perder o sono durante algumas horas. Levantei-me apesar do frio e da depressão que sentia, comecei a trabalhar com Navavile. Mas não fui capaz de escrever: minha cabeça não funcionava adequadamente. Li *Villette* durante algum tempo. À tarde tornei a trabalhar, e remei.

Estado emocional melancólico. Penso em E. R. M. relativamente pouco, mas isso ainda significa freqüentemente. No momento em que comecei a trabalhar, a agitação e a *nostalgia* desapareceram. Minha temperatura foi de 39,5 na noite de sábado, 38,3 no domingo, 37,3 na segunda e, na terça, de apenas 37,0 esta manhã e às 5 da tarde. Íngua inchada e dolorosa me incomoda um pouco. Planejo mudar-me para a praia de Kaybola dentro de uma semana, mais ou menos.

14.2.18. Na noite de ontem escutei as histórias de Molilakwa. Senti-me sonolento às 9:30 e me deitei. Acordei às 11:30; compressas quentes na íngua, clister. A seguir, pensamentos lascivos a respeito do sistema de Rasputin; e imaginei como debatê-lo com A. M. B. Estado psicológico péssimo... Dormi mal, suei de novo. Levantei-me às 8:30; não me sentia bem, não conseguia pensar nem sentimentalmente nem sinteticamente, mas sentia que podia começar a trabalhar, e que esta era a minha única esperança para me libertar deste cárcere psicológico. Escrevi sobre *bwaga'u*. A seguir, Molilakwa Kuigau. Fiz um *esboço*, depois, após o almoço, o copiei. Sistema excelente! À tarde, trabalhei das 3 às 5, primeiro copiando, depois com Navavile e Niyova tornei a trabalhar com *mukwausi*. Às 5:30 fui a Kiribi — emocionalmente obtuso, apenas a silhueta do Koya, escura contra as nuvens cinzentas e acima das águas cor de chumbo, me alegrou: a estrada para o sul. Satisfação com o trabalho do dia. Remei um pouco. Em Kiribi, Ilumedoi, Mick. Fiquei irritado ao escutar que Billy levaria duas semanas ou mais para voltar — ele fechou a loja e a casa. Voltei — deitei-me num banco nos fundos; melancolia sonolenta.

Hoje muitos pensamentos sobre N. S. Tive um sonho: estamos morando em Little Square. Mamãe. Eu volto. N. S. está lá. Mamãe surpresa e zangada porque não me casei com N. S. "Ela tem apenas

duas semanas de vida." Eu também estava muito triste. Esta tristeza se filtra do sonho para a vigília. Remorso: tristeza. O efeito do *Villette* em mim é que sinto *o quanto sou perverso*.

15.2.18. Sexta. Pela manhã dei uma caminhada, muito cansado e rabugento. Precisei de quinino (?). Tomei 5g. Os camaradas trouxeram peixe. Não consegui encontrar informantes decentes. Comecei a escrever sobre os *bwaga'u* e a fazer um esboço de "*Doença e morte*". Senti-me debilitado. Tornei a caminhar. A seguir os camaradas com os quais estou compilando um dicionário voltaram. Depois do almoço, me deitei, mas não dormi. Terminei o *Villette*. O final foi mais fraco do que o início e o meio. Ponto positivo: a forma dela de lutar contra o destino e a sua fome de felicidade. Depois do almoço fui ver Toyodala e trabalhei no tema de *Waribu*. Ao voltar, li Swinburne, saí com o barco. Remei vigorosamente; me senti melhor. Durante todo aquele dia, fiquei apático; pensei em N. S. como um paraíso perdido. Não pensei muito em E. R. M., embora esteja convencido de que, se ela fosse o paraíso perdido, eu ficaria muito infeliz. Depois do jantar fui ver o *nakaka'u*, onde fiz novas observações sobre o *Waribu*. A seguir Mokaylepa contou um longo *kukwanebu*, no meio do qual eu me senti horrivelmente sonolento. Recolhi-me. Acordei porque havia tomado o purgante, não consegui pegar no sono depois. Pensei em E. R. M com paixão. Sonho: estou na Alemanha, dois oficiais de cavalaria aleijados; conheci-os em algum hotel. Caminho com eles em alguma cidade alemã. Confraternizo-me com eles. Expresso minha simpatia pela Alemanha e pela cultura alemã, e lhes digo que eu fui *Kriegsgefangener* [prisioneiro de guerra] na Inglaterra.

16.2.18. Sábado. De modo geral, estou muito mais forte, durmo melhor, embora ainda esteja suando à noite (porém menos do que antes). Também consigo remar durante mais de um hora. Estou com disposição para trabalhar, o trabalho me absorve e ao acordar faço planos, também durante as caminhadas e no barco. Estou bastante apático e oprimido por uma profunda melancolia. Sentir què E. R. M. está esperando por mim, que eu poderia dar a ela meu trabalho — que ela o

compartilharia comigo — me ajuda e me dá tudo que o amor pode dar — este anseio por felicidade — puro como ouro, puro como cristal, jaz diante de mim como um tesouro sob um feitiço maléfico; consigo vê-lo, mas ele não me alegra os olhos. — Isso vai passar, e a verdade e os valores profundos permanecerão. — De manhã acordei tarde, depois das 9. Escrevi o diário e remexi nos meus papéis (anotei as conversas e observações). A seguir caminhei até as 11:30. Morovato e Kariwabu: ataquei o problema do *sagali* e do *luto*. Depois do almoço, mesmo assunto com os mesmos informantes. Às 5 fui ver Toyodala e obtive alguns dados adicionais. Remei durante uma hora; profunda melancolia, pensamentos tenebrosos que não consigo recordar. — Nostalgia pela civilização não me atormenta estes últimos dias. À noite um lauto jantar, a seguir Navavile, e uma olhada em Tomwaya Lakwabulo.* Recolhi-me às 11; acordei antes do raiar do dia (suando), pensei em E. R. M. Sonhei com ela: ela e Mim e eu sentados juntos; ela está escrevendo uma carta; sentimentos de ternura. — Além disso, à noite, sob o mosquiteiro, pensamentos feios, friamente lascivos sobre L. P. Disse a mim mesmo: "Não me arrependo dos meus pecados do passado, gostaria de ter cometido mais!"

17.2. Domingo. Levantei-me às 7:30 depois de uma noite curta porém ótima. Ainda suo à noite — alguma espécie de processo indubitavelmente está ocorrendo no meu organismo. Logo após me levantar fui até o *sopi*; ainda disposto a trabalhar, fiz planos e esquematizei alguns problemas. Durante o dia pensei algumas vezes em E. R. M., mas foi mais intelectual do que espontâneo. Mesmo assim, uma percepção clara do que ela significa para mim nitidamente provocou uma súbita melhora emocional. À noite pensei no que aconteceria se C. E. M. voltasse — e imediatamente a desejei e senti o quanto ela significava para mim. Essa minha característica revoltante — de que qualquer coisa que eu possua com certeza perde toda a atração para mim — é um dos meus azares mais fundamentais. No barco, depois de um

*O vidente estava, presumivelmente, em um de seus longos transes, descritos em *A vida sexual dos selvagens*.

longo momento de melancolia profunda e monótona, pensei na possibilidade de uma cadeira em [Wolobrook] (!) e planejei conferências, recepções etc., com E. R. M. como minha esposa. — À noite, depois de voltar do barco, uma fadiga monótona porém satisfeita; deitei-me e deixei meus pensamentos vagarem preguiçosamente.

Eventos: depois da minha caminhada, do desjejum etc., comecei a escrever. Navavile preparou *daymas*. Eu o observei; a seguir ele fez um *megwa* sobre os *daymas*. A seguir visitei um jardim com Morovato. Depois do almoço (3:30!) anotei *sagali* e *Waribu*. A seguir saí no barco; poemas de Swinburne. Pensamentos como os acima descritos. Noite; comi, descansei, me arrastei para um *bwayma* onde falei com Bo'usari.* Namyobe'i** e Tomwaya Lakwabulo. A seguir, Yasala Gawa. Escutei T. L. diante de uma porta. Voltei.

18.2. Segunda. Depois de uma excelente noite (suei, porém não com muita intensidade), levantei-me fisicamente enfraquecido e mentalmente embotado. A aldeia preparava-se para o *ula'ula*. Eu estava *disposto a trabalhar.* — Dei um passeio, depois inspecionei [*soba*]. Desjejum. Fui até a casa de Towakayse. Ele preparou um pequeno *sagali* (*vila vila*), e eu pacientemente observei a lida preguiçosa e vagarosa deles. Voltei. Com Kariwabu anotei diversos pontos principais do *ula'ula*. Por volta das 12, exaustão completa. Deitei-me na minha cama como se estivesse morto, depois me senti melhor, me levantei e li *Kipps* [romance de H. G. Wells]. A seguir escrevi, revisei meus papéis; às 4:30 tornei a ficar exausto. Estava chovendo, não pude ir à lagoa. Sentei-me ou me deitei, outra vez me sentindo deprimido, um refluxo total da força física e mental. A seguir, caminhada curta. Pensamentos triviais. Contei meses antes do momento da liberação. Nervosismo estranho: recuava como um cavalo a cada sombra, a cada ruído na selva. Voltei em pensamentos e emoções para Annie; pensei que, se voltasse através do

*Bo'usari, uma jovem nativa atraente de Oburaku que havia se separado de dois maridos e estava procurando um terceiro.

**Namyobe'i era um espírito feminino que residia em Tuma (o mundo pós-morte de Trobriand) com quem Tomwaya Lakwabulo havia se casado em uma de suas visitas a esse local (durante um de seus transes).

s[ul] da A[ustrália], talvez pudesse morar com ela. *Não** — emocional; estou casado *de facto*, e não tenho direito sequer de pensar nisso. Depois de voltar, comi grandes quantidades de taioba, li *Kipps*. Às 9 estava tão exausto que me retirei para debaixo do mosquiteiro.

19.2. Dormi e fiquei na cama até as 8:30. Não tomei quinino ontem e não suei à noite. Mas esta manhã me senti horrivelmente fraco física e intelectualmente. Mal podia me arrastar. Não tinha energia para o trabalho, nem para coisa alguma. Pensei afetuosamente em E. R. M., mas no mesmo tom anêmico que sobre outras coisas. — Naquele dia, como nos dois antecedentes, céu nublado; garoa e pancadas súbitas de chuva. Fui trabalhar tarde, depois de ler *Kipps*. Comecei a entrevistar Morovato às 11. Lembrei-me do meu abscesso e troquei as ataduras, depois me barbeei — eram 12:35 a essa altura, mas descansei e senti vontade de trabalhar. Fui até o "mato" na chuva; depois Niyova, com quem trabalhei em "miuçalhas" — problemas e perguntas. Às 4:30 saí no bote — remei com vigor excessivo. Tentei me recompor, sair de minha letargia e melancolia. Li Swinburne; pensei em E. R. M. e na necessidade de trabalhar intensivamente para conservar meu *auto-respeito*. Disse a mim mesmo que, embora meu trabalho não fosse divertido nem glamouroso, não era inteiramente destituído de sentido. Voltei; descanso; ceia — completamente exausto. Contudo, fui ver a *nakaka'u* e lhe dei [...] e trabalhei um pouco com *Sipwana* e *lisala dabu*. Na volta para casa passei na casa de Molilakwa, onde quase adormeci.

20.2. Acordei cedo. Pensamentos sensuais sobre E. R. M.; depois um desvio para L. P., que consegui controlar. Dia claro, ensolarado, leve brisa de noroeste. Fiquei na cama até 8:30. Levantei-me outra vez me sentindo como se tivesse passado por um espremedor. Vou ter de comer menos ou mais cedo à noite. Manhã: Morovato veio; fiz *sagali* com ele, terminei; mas muitos pontos ainda estão em aberto. Às 12:45, muito cansado; deitei-me na minha cama, depois li *Kipps* — um pouco longo demais — durante e após o almoço (*experiência* com ostras *em*

*Grifado no original.

conserva). A seguir recolhi meus papéis e fui ver *Ribu Nakaka'u* e *Tobuaka'u*, onde fiz algumas descobertas com relação aos *termos de parentesco e amizade adotada*, ou antes, *veyola*. A seguir, voltei; chuva e tempestade tornaram difícil a viagem de barco. Li *Kipps*. A seguir percorri [...] *karikeda* até Kiribi. Tornei a pensar em Baldwin Spencer e Seligman, planejei cartas e preparei *posições*. Depois recordei que esse tema é tabu. Voltei e jantei; passei pela casa de Tomwaya Lakwabulo, que voltou para Tuma, até o *bwayma* de Reuma e conversei lá. Irritado pela conversa de Muayoulo sobre o pagamento insuficiente. Noite — tomei chá forte demais —, não consegui dormir. Pensei em E. R. M. e meu anti-B. Sentimentos: desejo de sacudir a poeira anglo-saxônica de minhas sandálias. Certa admiração pela cultura alemã. À tardinha — ou teria sido à noite — pensei novamente em E. R. M. com ternura e paixão; outra vez me desviei e me corrigi.

> *"Pois quanto mais tiveres conhecido das outras*
> *Menos te conformarás com uma."*

Estes versos me irritam. — Durante a noite, sonho obsceno sobre umas *atendentes de bar* monstruosamente ordinárias e desagradavelmente sensuais — duas delas — que apalpei *dos pés à cabeça*.

21.2. Acordei cedo e não consegui retomar o sono. Vento forte de noroeste. Resolvi *não** ir para Gusaweta, e escrever algumas cartas antes de ir. Senti-me bastante bem [...] Depois do desjejum fui procurar informantes. Molilakwa, que eu queria entrevistar com respeito ao *kabitam*, havia ido dar uma volta. Contratei Mokaylepa e Mosibuadaribu. Primeiro olhei meus papéis e copiei anotações esparsas. Depois, *poulo* com Muayoulo, e os dois mencionados acima. Não foi mal, mas M. tornou a me irritar. A seguir uma breve sessão de remo no *bote* com vento forte. Após o almoço, me senti mal, comecei a escrever cartas, porém parei diversas vezes para descansar — seria possível que a *comida enlatada* houvesse tornado a me afetar? Fiquei irritado com os

*Grifado no original.

niggers e nostálgico. Escrevi cartas para Seligman, Mim, P. & H., E. R. M., e, como sempre, a carta para ela despertou meus sentimentos adormecidos. Escrevi até as 6, depois o *bote*. Ocaso cor de sangue, vento, ondas. Senti-me fraco, não consegui remar até muito longe. Um pequeno trecho na direção de Kiribi. Reflexões sobre questões teóricas, não sentimentais — mas quais foram elas? Ah, claro — eu estava contando a Strong, na presença de E. R. M., que a Inglaterra era a personificação da auto-afirmação, do status quo, o mundo inteiro *na palma das mãos deles*. Falta de entusiasmo, de idealismo, de propósito. Os alemães têm um propósito, possivelmente revoltante e perverso, mas há *élan*, há um sentido de missão. Os conservadores [pregando] aos "democratas"; os democratas [se aliando] ao prussianismo — é tudo uma tremenda confusão de idéias. O episódio com Baldwin etc. me faz decididamente um anglo-saxo- — não "*fobo*", talvez, mas elimina minha "*filia*". — Quando voltei deitei-me na cama, exausto; a seguir, o jantar, depois escrevi para E. R. M. Por volta das 9 estava tão cansado que engatinhei para debaixo do mosquiteiro; dormi muito bem. Sonhei com o sr. Wallace, que adora *música moderna*; no sonho recordei alguns temas de R. Strauss. — Pela manhã eu [...]. Meu pensamento retrocedeu a Tośka; a seguir pensamentos fatais sobre Mecklen[burgh] Square; afastei-os por causa de E. R. M. Preciso "exprimir" as outras coisas.

22.2. Dia frio, encoberto. O vento noroeste está mais fraco, mas ainda sopra. Resolvi ir para Gusaweta. No barco — mar, vento, mudança — o horizonte um pouco mais limpo — sinto que devo encontrar outro lugar para morar. Vento furioso; remo com Ginger. Gusaweta deserta, triste; nenhuma correspondência. Mick me assustou dizendo que o "Marsina" vai deixar de navegar. Escrevi cartas, li *Zeppelin Nights* (Noites no Zepelim) [romance de Violet Hunt e Ford Madox Ford]. Chuva, vento. Recolhi-me às 8, mas não consegui dormir. Noite ruim.

23.2. Sábado. Gusaweta. Escrevi cartas, li o romance. Parti às 4. Ted. "30%". Senti-me tão deprimido que nem mesmo a companhia daqueles rapazes me foi agradável. Soube que o "Marsina" não vai dei-

xar de navegar e que teremos um navio mensal [...] Misima. Voltei para Gusaweta com Ted. Meia garrafa de clarete. Ted tornou a desenvolver suas teorias antropológicas. Às 12, para a cama. Dormi mal.

24.2. Domingo. Acordei tarde. Varanda alagada pelas chuvas. Dia frio, nublado como o dia anterior. Li — terminei as *Noites no Zepelim*. Forte acesso de sentimentos pró-britânicos e remorsos de não estar na guerra. Além disso, pensamentos sobre E. R. M. Escrevi mais uma carta para ela. — Nova idéia: possivelmente me irritei ao tomar conhecimento de que ela me amava porque eu não me sentia digno dela. Se me vestisse de cáqui e fosse para a guerra, *ce serait une autre chose*. Mas o amor dela por mim simplesmente a desvalorizava. Aí perdi a cabeça e todo o senso de valor e comecei a tratar a coisa toda como uma *aventura amorosa* qualquer. — Durante todo aquele dia eu me senti debilitado. — Voltei para Oburaku às 4. Não tive forças para me concentrar no sentimento de solidão. Comecei a ler *All for a Scrap of Paper* (Tudo por um pedaço de papel) [cujo subtítulo era: *Um romance da guerra atual*, de J. Hocking] — e terminei-o por volta das 10. Um romance bastante ruim, mas o tom patriótico me comoveu; pensei em E. R. M.; vaga sensação de que minha falta de heroísmo foi a causa de sua desvalorização. Eu a amava em relação a C. E. M. e acreditava na sua eterna fidelidade. Se eu me sentisse digno dele...

25.2. Segunda-feira. Dormi até 8:30, me senti debilitado. Comecei a trabalhar por volta das 11, quando me avisaram que Billy estava em Gusaweta e eu recebi uma carta dele. Fui até lá com Morovato. Billy: a doença, Samarai — ele não estava deprimido demais. Li diversos exemplares da revista *Life*. Voltei. Vento furioso; tive de ficar o tempo todo fora do *waga*. À tarde, de 3:30 às 6, apesar da exaustão, *censo da aldeia*. Depois fui até a praia e me sentei ali, cansado. À tardinha, depois do jantar, vento. As palmeiras balançavam, as folhas como braços balançando-se loucamente, ou madeixas de cabelos apaixonadamente arremessadas. Os *niggers* estavam sentados diante das

cabanas; Iluwaka'i cantou o *megwa*; parte da aldeia estava emigrando para [Borwanai]. Kadilakula sentou-se corajosamente e realizou o *megwa*. Sentei-me ao lado dele. Conversamos sobre o *megwa* e depois sobre o vento e a chuva. A seguir, sobre *vilamalia* — e sobre caça. — Passei iodo na íngua, e fui para a cama. — Aguardando impaciente o correio de amanhã. Cartas de E. R. M. *contrabalançadas pelo remorso ligado a N. S.*

26.2. Vento fresco e frio vindo de noroeste; me senti melhor do que no dia anterior, embora tenha me empanzinado de *kaimagi*. Palmeira e [*Kum'*] cortadas de manhã cedo. Inspecionei-as e quis comer *palmito*. Ginger só apareceu às 10. Trabalhei na palmeira, reuni informantes, e ataquei os *problemas ligados ao kabitam*. Ginger chegou. Estava ansioso, mas trabalhei até a 1. Depois, almocei e abri as cartas. Primeiro as [menos pessoais]. Uma carta amigável de C. G. S., da srta. Hadley; cartas muito agradáveis dos Khuner. E. R. M. outra vez sobre a questão de B. Spencer. Fiquei desapontado. Continuei lendo. — Fui ao *odila*. Resolvi escrever uma carta final para N. S., e para *Sir* Edward,* na Inglaterra. Depois li as cartas de E. R. M. até o fim; embora não confie na promessa feita por B. Sp., acabo me sentindo calmo e feliz. Estou novamente *em contato com* E. R. M. e isso me deixa feliz. Não há a menor dúvida: estamos noivos, e vou me casar com ela o mais rápido possível. Leio as cartas dela até as 5, depois saio na *canoa*. Pensei nela e me senti feliz, e a ânsia e o desejo de me afastar dela passam — aparentemente me sinto mais saudável. Voltei, com os olhos doendo, porém me sentindo relaxado. Depois do jantar esqueci-me das minhas preocupações preparando coco [salada], depois fui para o mar e conversei com Navavile. A seguir, fui à aldeia, Molilakwa, Yasala Gawa. Voltei às 12. Compus uma carta final para N. S.

*Possivelmente uma referência a *Sir* Edward Burnett Tylor (1832-1917), um dos fundadores da antropologia britânica. Caso seja isso, Malinowski ainda não havia recebido notícia de sua morte.

27.2. Tom geral: contentamento calmo e sorridente — pensei muito em B. Sp. e em formas de defesa, em C. G. S. (Seligman), R. M.* e E.C. S.** — Estou feliz por minha relação com E. R. M. estar assumindo contornos mais nítidos, e me sinto muito mais unido a ela. Também tenho uma sensação de certeza de que não se poderia imaginar esposa mais ideal. Mas não penso muito nela, nem penso nela com muita intensidade. Penso muito em N. S. — fico compondo cartas para ela, a fim de esclarecer a situação de uma vez por todas. Possivelmente a interferência de B. Sp. contribui para isso, me obriga a tomar uma decisão, dar passos decisivos, e até certo ponto me gratifica. — Levantei-me ainda sonolento e sem me sentir muito bem. Diário; li cartas e parte de um romance. Depois as mulheres, censo. A seguir, o *megwa* de Kadilakula. Depois do almoço, descanso, depois outra vez Kadilakula e tradução. Minha cabeça está estourando de cansaço — deixei algumas expressões por terminar no final. Fui de *canoa* até Kiribi, remando vigorosamente. Visão melancólica de Mick sentado ali, definhando, a contemplar a lagoa cinzenta; nuvens rodopiantes [escondem] o sudoeste — a janela dele para o mundo. Casa vazia. Agachado com a toalha na mão na varanda desmazelada. Excelente cenário para um romance. Mas e o enredo? Eu teria de introduzir Brudo trabalhando com afinco para se tornar um milionário; transformar Billy, George e Edward Auerbach? M[ick] G[eorge] antes do advento do governo. Luta contra os negros, se torna o dirigente absoluto. Um despotismo benevolente. A seguir vem o "governo" — Moreton, à De Moleyns — usurpador embriagado, bonachão, irresponsável. Ameaça Mick com a *pena capital*. Escritura fraudulenta e imprecisa; bebedeira; aí entra Edw. A. — A seguir o enredo. Brudo tenta eliminar Mick. — Primeiro descreve um *declínio* na fortuna de Mick, depois sua *elevação* súbita. A seguir, ele é destronado. Fúria; ele é arrastado para trás das grades; morre.

*Robert Mond, cientista e filantropo que concedia, por meio da Universidade de Londres, a Bolsa de Estudos para Viagens Robert Mond, utilizada por Malinowski em suas pesquisas de campo — 250 libras por ano, durante cinco anos.

**Professor E. C. Stirling, de Adelaide, profissional intimamente ligado ao trabalho de Malinowski e editor de seu estudo sobre Mailu.

Voltei. Remei outra vez. Não pensei muito, pois durante todo aquele tempo fiquei mentalmente exausto. A lua nasce. Retorno. Ceia (outra vez palmito). Kayaku diante da casa de Molilakwa — apenas mulheres. Depois vi Towakayse. Conversamos sobre Gumasila e Domdom [ambas ilhas nos Amphlett]. Voltei muito sonolento e adormeci rapidamente.

28.2. Quinta. De manhã — acordado por gritos de nativos bem cedo, de forma que não dormi o suficiente. Apesar disso, me senti bem, e dei minha caminhada matinal sem me cansar. Escrevi o diário com entusiasmo. Depois do desjejum li algumas das cartas de E. R. M. — eu a amo muito e sinto uma felicidade tranqüila e alegre. Minha boa saúde também contribui para isso. Mas neste exato momento *não* estou apaixonado. Entretanto não sinto nem um pouco da tristeza metafísica, renúncia, pessimismo que sinto normalmente. Nos momentos livres componho cartas para *Sir* Edw., *Sir* James, C. G. S. e Atlee Hunt (à tardinha, na *canoa*). Mas tudo isso sem rancor e sem pessimismo. Penso mais nessas coisas do que em E. R. M. pessoalmente, mas isso não estraga meu gosto pelo trabalho etnológico nem meu sentimento por E. R. M., nem meu otimismo. Saúde, saúde!

Trabalhei bem todo o dia até ficar totalmente cansado. Realizei tarefas desagradáveis — um mapa do mar e da terra. Hoje deveria terminar (ou seja, 1º de março), bem como fazer tanto quanto possa a respeito da genealogia. Passei a manhã com Morovato, Bobau e Muayoulo. Também falei sobre hábitos dos peixes. Depois do almoço escrevi e fiz desenhos, auxiliado por Niyova. Terrivelmente cansado. Comi abacaxi. — Às 5:30 saí para providenciar palmito. Às 6, canoa, mar vermelho escuro. Voltei às 7 e [cortei] palmito, às 8 taioba e bate-boca sobre quem queimou a panela (chaleira). A seguir os camaradas contaram *kukwanebu* muito indecentes. Didawina,* Sugeluma, [Kailavasi]. — Fui dormir às 11...

*Possivelmente Digawina, heroína de uma história contada no livro *A vida sexual dos selvagens*.

Primeiro de março de 1918. Os rapazes me acordaram às 8, e eu também precisava acordar cedo por outros motivos. Agora durmo sem cobertor nem outros agasalhos, e me sinto melhor assim. Depois de uma caminhada, durante a qual redigi mentalmente cartas decisivas para N. S. e E. S., trabalhei com Mosibuadaribu, que explicou [...], mas me senti debilitado, e suas informações sobre L. T. foram insatisfatórias. Depois de uma tentativa frustrada de tirar uma soneca e do almoço, Yasala Gawa e Morovato; muito cansado, mal podia falar. Às 5, parei e me deitei. Não havia como escrever para E. R. M., nem ler nada dela — (depois do almoço li a carta de E. R. M. e um trecho de *Cadoresse*). *Na canoa pensei* em E. R. M., nossos planos de casamento. A idéia de nos casarmos logo me faz feliz. — Voltei, comi muito, me empanturrei. Inspecionei uma toca, térmitas. Fui para a cama às 10. O *kukwanebu* de Iluwaka'i. (A noite inteira me irritei com o fato de que não podia visitar Bo'uriosi sem começar uma discussão.) — À tarde, resolvi ir até Sinaketa. — Tendência a trabalhar até a exaustão e incapacidade de dormir; trabalho sob alta pressão. Amor tranqüilo por E. R. M., li as cartas dela como se fossem as Escrituras.

2 de março. Excursão à Sinaketa. Pela manhã, chuva e vento. Mas estou decidido a ir, de qualquer maneira. Alegria por estar no mar outra vez. Ondas verdes vítreas em torno de Sinaketa. Fiz um esboço do *waga*, não pensei em nada exceto o momento presente. Naturalmente, pensei em E. R. M. — como seria maravilhoso se ela estivesse aqui. — Duas horas. George A[uerbach] parecia um tanto menos cordial a princípio. Escrevi para E. R. M. — isso melhorou consideravelmente o humor dele. Depois do almoço, um violento vendaval, chuva; preocupo-me com a tenda, imagino-a arrasada, meus papéis espalhados, meus originais destruídos. — Terminei a carta para E. R. M., escrevi para C. G. S. e P. & H. Às 4:30 fui ver os Brudo. Raffael — jovem, com um rosto nervoso, inteligente, agradável. Amigável, sincero e franco. Falou sobre política e sobre a guerra. Seus pontos de vista são semelhantes aos meus. Convidou-me calorosamente para visitá-los, até pernoitar. Tenho a impressão de que ele é o único homem cuja companhia me *faria entrar em contato com a civilização*. Acho-o extremamente

simpático como pessoa, bem como seus pontos de vista e modo de agir. — Voltei para a casa de George; as aldeias de Sinaketa sobre o mar verde; os frios contornos violeta das cabanas *contra as transparências cor de laranja do céu a oeste*. A luz quase flutuando, suspensa no ar. George me mostrou suas pérolas. A seguir falamos sobre Raffael... Antes disso, havíamos falado sobre política e eu havia criticado Hughes e havia expressado opiniões antialemãs moderadas. — À tardinha, depois do jantar (abundante — carne de porco, batatas, creme), perguntei a George se ele não tem algo contra Ted, de forma que eu possa servir de [intermediário]. Protestos muito educados e amistosos. Às 9:30, o *waga* ficou pronto, às 10, partida. Pensei em E. R. M. (andava pensando nela deste que saí da casa de Brudo). Cochilei. Discuti com Ginger em Oburaku. Isso estragou minha noite e acabou com o meu bom humor, e reconheci que estava errado.

3 de março. Domingo. Chuva e vento à noite e pela manhã. Levantei-me tarde (8:30), tempo cinzento, frio. Escrevi o diário; tensão entre mim e os meninos. Eu estava nervoso, tenso; além disso uma dor de estômago forte, devida à gula — não consegui comer nada. De 11 à 1, um pouco de trabalho com Muayoulo e [Wayei] e [*vagila, kuna, dodewo*]. Por volta de 1, estava cansado, senti que não havia trabalhado com afinco suficiente. À 1, carta para E. R. M. — Sem dúvida eu estava cansado. Depois — ou melhor, durante — o almoço fui ver a sra. Cambol [...] e *sagali* na casa de Morovato (caranguejo e peixe, sem legumes nem verduras). A seguir, sentei-me e observei [...] *saipwana*. Vento furioso, colocamos capachos como proteção. Piadas sobre ir para Tuma e se casar com eles (os espíritos) todos. Pensei em E. R. M. e quis lhe contar tudo isso. A seguir, as indecências dos *kukwanebu* de Nanabo. Partimos por volta das 4. Tempo escuro, chuvoso, rajadas de vento. Meus olhos doíam, não adiantava tentar escrever nem ler na tenda. Fui à casa de Tomakapu e falei — fisicamente me sentia arrebentado, e estava sonolento. Em seguida retornei à tenda, e fui para a cama às 8:30. O *kukwanebu* de Ginger me irritou. Dormi muitíssimo bem (pó de Dover), pensei em E. R. M. fisicamente, e uma vez mais senti que ela era minha única

mulher e minha esposa. — Quero escrever para ela, dizendo que precisamos nos casar logo.

4 de março. Segunda. Despertado pelos gritos deles às 6:30. Ginger tornou a me irritar (*Tropenkoller*? [delírio tropical]). Levantei-me — resolvi me livrar daquela cabeça de vento. Andei até o *sopi*. Estou mais forte fisicamente — pensei no trab. etnogr. Também pensei com orgulho no meu trabalho: melhor do que o de Sp. & G. [Spencer e Gillen*], melhor que o de todos os outros. Devia escrever para Frazer e Seligman? Recobrei meu domínio: o que importa é o que estou fazendo aqui neste momento. Desjejum: combate às térmitas; Mwagwaya e Medo'u; conversa; diário. O tempo todo pensei em E. R. M.; estou apaixonado por ela.

Trabalhei com M. e M. até as 11 — não, até as 12. Depois fui até a aldeia, conseguir informantes, mas não tive sorte. Por volta de 1 hora, fui dar uma caminhada para relaxar. Pensei em E. R. M., também sobre *Lettres persanes (Cartas Persas). Planejo "História das utopias" e críticas cínicas à la Swift*. Pensei em desenvolver esta idéia numa carta para E. R. M. Tentei tirar um cochilo, em vão; *leitura irregular de Cadoresse*. Depois [Mobaymoni] veio, e trabalhei com ele e Niyova, vagarosa e preguiçosamente, em questões diversas. Às 5:30, caminhada pela aldeia. De 6:15 a 7:30, saída na canoa. Sem apetite. Irritado pelo roubo do livro de Billy. Também foi roubado o *Dr. Pascal*, de Zola, pois não vi esse livro ontem. Li Stead** como soporífero. Recolhi-me tarde, às 10:30; furioso com todos esses canalhas.

5 de março. Aniversário de partida de Port Moresby para Sydney há dois anos. Às 6 da manhã a *canoa* não estava lá. Irritado e mortificado — 14 libras. Morovato encontrou [...]. A seguir fui dar uma caminhada e fiz uma carta para Frazer. (Ontem fiz cartas para Hunt.) Temendo obsessão no tocante às causações de B. Sp. — controlei-me e pensei sobre o método etnográfico: à parte a questão da "dimensão social", imagens religiosas e fé, há o problema da "definição real" das regras de costume. Há

*F. J. Gillen, co-autor, com Spencer, de diversos estudos fundamentais até essa época.
**William Thomas Stead, famoso jornalista e escritor, fundador de *Review of Reviews* (1890).

uma regra, dada num certo sentido; uma *regra fixa e estabelecida* — todos os informantes concordam que é assim, e não assado; essa regra deve ser verificada. Além do mais, a forma mitológica de descrever certos fenômenos, por exemplo, um *furacão, naufrágio* etc.: tendência a "esquematizar" os fatos. E, depois, dois tipos de compreensão: observação e causalidade mágica. *Luya* cai: *mulukwausi* sentou-se em cima. Um homem está pescando e *pilapala* o atinge: vingança de *tauva'u*, pois o [*mini*] de Wawela o matou. *Silami* abrange as doenças. Feridas também. *Kariyala* — *lado a lado* com a explicação natural das coisas. Hoje preciso terminar o censo; copio tudo [...], também reviso minhas anotações e verifico se falta completar alguma coisa. — Pela manhã li um pouco da revista de Stead e o *Papuan Times*, e um romance. Comecei a trabalhar às 11. Não me lembro do resto do dia! Como sempre, saí no barco; recordei-me do aniversário da viagem de Port Moresby até Sydney. À noitinha escrevi carta a E. R. M. — Sinto por ela um forte amor apaixonado. Devo pensar nela como minha esposa.

6 de março. *Sagali* em Kaytuvi. No meu caminho para lá tomei nota mentalmente de detalhes íntimos e pitorescos. Pensei em E. R. M. e submeti material a ela. Em Kaytuvi trabalhei honestamente durante 3 horas, com câmara e caderno, e aprendi um bocado de coisas, montes de detalhes concretos. Novo ponto teórico: (1) Definição de uma dada cerimônia, espontaneamente formulada pelos negros. (2) Chegaram a essa definição depois de terem sido "bombardeados" com *perguntas orientadas*. (3) Definição à qual se chegou por meio da interpretação de dados concretos. — Voltei à tenda cansado, porém não arrasado ou exausto. Li *Cadoresse* durante uma hora; das 4:30 às 6 falei sobre o *sagali* com Morovato e Kadilakula. Fadiga: esqueço termos, falo devagar; três segundos mais tarde já esqueci o que tinha em mente. Depois na *canoa*, no que pensei? Afinal de contas, não em cartas para potentados e N. S., pois eu me recordava deles e me irritei com isso. Voltei cansado demais para registrar [a história de] Digawina. Conversei com os companheiros sobre assuntos gerais. Morovato e Iluwaka'i. Li *Cadoresse* durante algum tempo. Depois fui dormir. À noite, despertado por cães a uivar. Tomei pó de Dover. Vento matinal.

Pensei em E. R. M. e senti a falta dela. Senti uma paixão forte porém pura por ela...

7 de março. Quinta-feira. Levantei-me tarde; chuva; umidade. Depois do desjejum li *Cadoresse*. Pensei em E. R. M. Momentos de desejo violento: *se eu pudesse ao menos rever seu corpo esbelto e luminoso*. Em certos momentos, desencorajado pelo meu forte ódio pela Inglaterra e pelos ingleses. Comecei a trabalhar sozinho às 11:30 e trabalhei bem até a 1, registrando minhas impressões sobre o *sagali*. Depois do almoço me senti pior. Trabalhei um pouco com Muayoulo e Iluwaka'i (registrei *kukwanebu*). Li algumas edições do Boletim. Às 5 percorri a aldeia como de costume; às 6 fui a Kiribi, onde me senti cansado. Marianna me deu *gulukwa*. No caminho de volta, raspei os pés no *waga*, apliquei cerato de Goulard; dei um meio cochilo na cadeira. Li as cartas de E. R. M. e um pouco de *Cadoresse*. Cama às 11. Dormi muito bem.

8 de março. Levantei-me às 8. Tempo bom, a superfície ondulada da água verde, transparente. Senti-me bem, um certo contentamento com as redondezas e o trabalho. *Dei uma volta na aldeia. Saipwana* da Marianna. A seguir fui até o *sopi*. Pensei em publicar minhas fotografias em forma de álbum com notas explicativas. Tomei desjejum tarde. Resolvi tirar algumas fotos decentes. Carreguei ambas as câmaras e descobri a provável causa do embaçamento na *câmara de ¼ de chapa*. Tirei uma foto do *saipwana*; depois, de uma pequena embarcação a vela. Não era lá um fotógrafo muito *"brilhante"*, e trabalhava com indolência. Depois do almoço, entrevistei Marianna: o "Kayona" vai partir na semana que vem. Comecei a *apressar meus negócios* em Oburaku. Traduzi uma canção de Tuma. Em seguida, escureceu; no barco tracei um plano para recolher as coisas:

Deixar: (1) papéis, originais manuscritos e cartas. Levar apenas o arquivo geral.
(2) bolsa [Bulunakao]

Levar: 200 folhas de papel e outras coisas necessárias para o trabalho.

Câmaras. 12 rolos e 3 dúzias de chapas, além de equipamento para revelação de filmes.
Comida para 6 semanas.
Farmácia: aspirinas de reserva e o que tenho aqui!

Fazer: dar instruções a Billy e meu testamento.
Cartas (1) C. G. S. (2) R. Mond. (3) J. Frazer. (4) A. Hunt. (5) N. S. e E. S.

Ao retornar (no barco eu havia contemplado as estrelas e pensado que isso tinha de ser feito antes de elas todas desaparecerem) trabalhei sobre as estrelas, principalmente com Morovato, mas também com Mobaymoni e Wayei. Fui para a cama às 11:30. Dormi bem após tomar 5g de aspirina.

9 de março. Sábado. Depois da caminhada matinal, desjejum etc., redigi carta a E. R. M. — ou melhor, percebi que tinha muito a lhe dizer. Mas comecei a trabalhar: Morovato me evitou e Karigudu nada fez na ausência do primeiro. Furioso, fui até a aldeia (a turma toda veio de Kaytuvi jogar críquete). [*Ibodem*:] *saipwana*. A seguir, Morovato apareceu, ajudou, terminei o *saipwana* e a tradução. Após o almoço, li *The Village that Voted the Earth Flat* (A aldeia que decidiu que a Terra era plana) e entendi o que E. R. M. pensava acerca dele. O censo com uma mulher cega e Mwagwaya. M. é excelente informante. Trabalhei até o ponto de exaustão. Parti às 6. Redigi uma carta para Hunt, mas fiquei cansado; terrivelmente melancólico, e a perspectiva da viagem a Gumasila não me consola. Fórmula concreta da vida: *"Casar-se com ela, conceber filhos, escrever livros, morrer"* — que é isso em comparação a ambições cósmicas? Possuir o mar e as estrelas e o universo — ou no mínimo encerrá-los em nosso pensamento? Exprimir a atração, a força que me impele a lançar meu espírito realidade adentro. Algo maior do que a curiosidade e mais essencial do que o pensamento. — Senti a necessidade de exprimir isso num poema, e enviá-lo a Elsie. — Voltei. Depois do jantar, recenseamento outra vez, até as 10. Cama às 10:30.

10 de março. Domingo. Senti que era meu dever ir a Wawela. Livrei-me da preguiça natural e me decidi a ir. Caminhada curta, durante a qual planejei me mudar para Gusaweta. Desde ontem estou irritado com o comportamento de Billy: suas cartas são lacônicas e ele não me convida para vir a Gusaweta ou a bordo do "Kayona". Às 9:30 fui a Wawela via *raybwag*. A princípio, muito cansado; suando, o sol a pino. Perguntei os nomes das árvores; Morovato, como sempre com *niggers* em tais ocasiões, respondeu de forma relutante. — Vista do mar maravilhosa, apesar da fadiga. Em Wawela dei ordens de não remover [...] e tirei fotos com a Graflex. Em seguida, chuva. Conversa com Kwalakayu (um colega decente, muito prestativo). Observei a confecção de uma *waga*. Almoço na praia: [*tanimewa*] assado com inhame cozido e coco; a seguir, tomei coragem e comi *towamoto* (muito saboroso). Clima de *piquenique* na areia à beira do mar aberto. Pensei o tempo todo em E. R. M. — aqui neste lugar, e com uma existência muito mais livre do que em Oburaku. Senti-me sonolento e cochilei. Retorno a Kiribi. Enorme e profunda selva. A seguir vista do mar depois de Boymopo'u. Algo parecido com um clima mediterrâneo no mar. Mick sozinho, parecia melhor. Folheei um exemplar ilustrado de *Mailu*. Despedi-me dele e embarquei na sua *waga* para Oburaku. Morovato estava *amuado* e relativamente desagradável. Comecei a escrever uma carta para E. R. M. — o pôr-do-sol. *Canoa*. Creio que preciso primeiro terminar os *pontos de negociação*: N. S., E. S., Atlee Hunt etc. Depois do jantar (os *niggers* vieram e foram amistosos — tabu) fiz um esboço da carta para N. S. — muito difícil! Recolhi-me (irritado).

11 de março. Segunda. Fiz as malas — às 12 já havia terminado. Não guardo impressões sentimentais deste período — alegro-me porque os *niggers* de Oburaku ficaram para trás, e porque nunca mais tornarei a me hospedar nesta aldeia. Procurar por uma *waga* na aldeia me irritou. Morovato me ajudou lealmente até o fim. Velejei num intenso calor; remei bastante; incerteza sobre a atitude de Billy. Em Gusaweta, Billy, *absolutamente bem*. Revelamos fotografias. Muitas cartas para mim, as quais li sem grande ansiedade, pois não estou muito interessado no que está se passando e me preocupo com

tudo o que tenho a fazer. As cartas de E. R. M. não me causam grande impressão. Cartas de C. G. S. e da sra. S., muito afetuosas. Penso bastante em escrever para N. S. e sou incapaz de ler as cartas dela.

12 de março. Terça. Fazer as malas. Estou cheio de energia e sistemático. Continuo a fazer as malas após o almoço. Cansado à tarde. Terminei tudo à luz do lampião. Às 9 sentei-me com Bill e conversei um pouco. Não cuidei do testamento, nem das cartas. Bill revelou três rolos, todos bons. Só a foto de nós dois ficou ruim. Não lembro quais foram meus principais pensamentos e sentimentos durante esses dois dias. Não estou terrivelmente feliz por estar partindo (*não*;* estou feliz por ter quebrado a horrível monotonia da vida de Oburaku, por ter de passar apenas mais cinco meses em Kiriwina e por estar indo habitar no fabuloso mundo das ilhotas).

13 de março. Quarta. 6 da manhã. Fim da arrumação das malas. Um tanto preocupado com "30%", ele pode estar em dificuldades. Fui a pé até Losuya. Comprei 4 pentes em Bwoytalu. "30%" foi camarada: me emprestou Boletins. A pequena cabina do "Kayona"; meus pertences. "Hoje à noite estarei em Gumasila." ** Deslocamonos para trás e para diante entre Losuya e Oiabia. Manguezais a oeste de Kavataria. Atravessamos a passagem. Mar encapelado. — Fiquei deitado na cabina, ligeiramente enjoado. Boymapo'u, Boyowa em meio a uma ligeira névoa; reentrância na costa no ponto onde fica Oburaku. Bebi café, cochilei — os pensamentos vaguearam. "Liberdade e domínio do espaço". Pois sim! Acordei — Koyatabu, Domdom e Gumasila. Tons pastel de rosa e verde. Caiu a noite. Passamos próximo a uma ilhota de coral, o mar batendo contra ela. Muito escuro — Gumasila é uma mancha negra. Procurando local para lançar âncora. O chapéu de alguém cai ao mar. Travessia. Despertado por gritos. Borrasca. Uma vela rasgada. Percebo que a situação é grave. Apavoro-me — tremo de medo! A superstição aflora: 13;

*Grifado no original.
**Gumasila, uma das ilhas Amphlett, era um dos destinos da expedição do *kula*, vinda de Dobu.

premonições sobre as Amphlett. Penso em E. R. M. — ela está dormindo calmamente, e eu nunca mais tornarei a vê-la. Falta de sinceridade e pessimismo característicos com base na superstição: estou com medo de ser otimista porque acredito que isso dá *azar*.

14 de março. Quinta. Acordei por volta das 11 entre Sanaroa e Garea. Alquebrado e desanimado pelo enjôo de mar, tendo perdido a esperança de chegar a Nabwageta. Vento sul. Cruzamos perto de Sanaroa. Fortes correntes atravessam este local, ventos, mares agitados, ruídos característicos. O barco contorna o banco de areia e entra numa calma *enseada*. Sento-me, cansado, sem fome, só sedento. ["Emerjo"] de minhas impressões. Monauya se encontra em um estado de espírito totalmente pessimista. (Sério, feições serenas. Lembra-me Ahuia.) Dormi até as 5. Viagem até Giligili. [Storch.] Conto-lhe minha história dos últimos dias, ele me conta a dele. Mostra-me o navio. Conta-me uma segunda vez como ficou paralisado, e me relata seus sintomas. Louro; rosto do Francês Agonizante — bigode de pontas caídas, cor de estopa; magro, sem barriga. Simples, sem afetação ou fingimento (à Geo. Auerb., Brudo etc.), simpático. Expressamos opiniões políticas. A seguir, gramofone. Bebo chá e como XX [...] com geléia de groselha preta. Voltei. Cr. S. + U.M. [Cruzeiro do Sul e Ursa Maior]. E. R. M. Hemisfério Sul incomparavelmente mais bonito que o norte.

Sexta, 15. Levantei-me cedo. Escrevi para E. R. M. Desembarquei. Os companheiros amarram a *waga*. Depois, após o almoço, vamos a uma grande aldeia e a um morro. Plantas insetívoras e orquídeas. Linda vista. Um cinturão achatado de manguezais se dissolve num labirinto de ilhotas e reentrâncias. Koyatabu invisível. Vento frio. Retorno. À noite, conversa com Monauya. — Pensamentos sujos (procuro combatê-los pensando em E. R. M., mas em vão)...

Sábado 16. Pela manhã, expedição: quero ir até Sanaroa. Mas imediatamente após descer na aldeia, sinto-me muito fraco. Preparação do sagu. Retorno. Li as cartas de E. R. M. e os jornais de 4 a 19 de fevereiro. Depois, com Ogisa na canoa. Vista maravilhosa. Koyatabu

visível. Matterhorn e Wetterhorn acima dos manguezais. Final de tarde novamente com Monauya. Em seguida, cama, muito cansado e sonolento...

Domingo, 17. Acordei. Resolvi realizar uma reforma moral: não é difícil ser honesto num estado de graça. Só quando não temos forças e os pensamentos sujos nos atacam — só então a fibra moral é posta à prova. — Depois do desjejum, subi o regato de barco com Ogisa. Linha de altos troncos brancos acima de um verde intenso. Depois, a selva; *capim* [*lalang*] à direita, sagu. Observei um pântano de sagu e abrigo temporário. Retorno. Escrevi para E. R. M. Li. Almocei, depois tornei a ler até anoitecer — é verdade, eu li [Rev. C. W.] Abel e [Pöch], mas, mesmo assim! — À noite, *canoa*. Ao norte (acima de Sanaroa), sul (acima do [Monte] Bwebweso), e ao leste, cúmulos brancos rodopiantes sobrepuseram-se em diversas camadas, tendo ao fundo estratos negros. Remamos para a extremidade oeste de Sanaroa. Temi que um vento forte de noroeste pudesse me afastar da praia. A corrente também. Podia escutar o ruído das marés espumantes. Acima de Bwebweso trovões e relâmpagos constantes. Senti o pânico me invadir. Tentei "reforçar meu ânimo", mas sem pleno êxito. Sentei-me durante longo tempo observando as nuvens escuras e as centelhas coruscando entre elas. Pensei um pouco no trabalho — mas como? Depois de ter voltado conversei com Monauya sobre *kula*. Recolhi-me às 9. Dormi bem.

Segunda-feira, 18. Despertei às 6. Deitei-me pensando em E. R. M. Um dia antes, na *canoa*, havia pensado nela e na necessidade da pureza intelectual. Esta manhã estremeci ao pensar em traí-la. Também pensei em Kiriwina e no meu trabalho. Preciso me apressar, para ter certeza de terminar! Ontem me senti debilitado — atribuo isso à atmosfera terrivelmente abafada. Hoje, sentimento de tensão e pressão nos globos oculares; terrível indolência e o mesmo cheiro desagradável de *uma partícula do lado externo da boca* que costumava ter antes da oper. de Andrew. Poderia ser do fígado? Vomitei em Gumasila; gosto de sangue [...]. Além disso estou com a garganta e o nariz um tanto congestionados. — Por volta de 7 horas desmonta-

mos a tenda e a guardamos no navio, zarpando a seguir. Ainda me sinto debilitado, e isso me impediu de apreciar essa excursão. Sanaroa se fez descortinar vagarosamente sob forma de uma planície ampla e extensa — uma fita verde — à direita, e um cinturão de morros baixos porém intrincados (logo, {amplos}). Koyatabu envolta em nuvens. Os morros verdes [da ilha] de Fergusson se aproximaram; contornos de cada uma das árvores. O vento havia amainado quase por completo. Desci até a cabina e li [*The*] *Englishman* [periódico literário inglês], o qual terminei. Não associo isso a E. R. M.; despertou sentimentos anglofóbicos em mim. Pensei sobre isso e sobre as complicações que poderia ter gerado nos meus sentimentos por E. R. M. Passamos por 2 *lanchas*. Vento forte. Não me senti muito bem. Deitei-me na coberta da minha cabina e olhei a paisagem. Baía de Garea, e, a sudeste, Koyatabu apareceu. A linha chata da praia ao fundo leva diretamente a Begasi e Deidei. Um pequeno vulcão [extinto] delineado numa ampla cadeia montanhosa. Observei-o — árvores altas cobertas de flores brancas —, a inacessibilidade física dos trópicos. A água verde-escura, as pedras cor de bronze, a espuma branca, as árvores verdes — tudo isso é encantador, mas silencioso e ameaçador, em vez de eloqüente e convidativo. — Uma voz invisível vinda de uma *lancha* me convida. Eu me barbeei, li um trecho de *Maud Diver*. Chuvarada monstruosa. Conversei. Donovan mexeu comigo: "respeitar mais nas trincheiras alemãs". Voltei e parti para a aldeia numa *canoa*. Mudamos de ancoradouro porque estávamos quase num recife. A noite caiu; trovão; nuvens pretas. — Fui até a "aldeia". Uma única e miserável cabana; alguns indivíduos e mulheres semelhantes a pigmeus. Nada tinham para vender. Ficaram o tempo todo se coçando e quase todos tinham [*sepuma*]. A casinha sobre pilastras era muito primitiva; o chão e as paredes eram feitos de ramos e tronco de sagüeiro; o objeto mais vistoso era uma panela das Amphlett. — Outra aldeia: um par de cabanas, os homens bastante altos. Rostos largos. Os rostos femininos eram agradáveis, não tinham a eterna expressão de piranha das mulheres de Kiriwina. Alguns dos habitantes haviam partido numa *expedição para confecção do sagu*. Anteriormente, moravam nos morros (por medo dos dobuanos?). Matamos uma cobra. Voltei, dormi bem.

Terça, 19 de março. Dia da santa de que mamãe detém o nome. Pensei em mamãe desde manhã e resolvi escrever uma carta. Também pensei que desembarcar nas Amphlett naquele dia traria sorte. De manhã, Monauya e eu fomos à aldeia. Dia claro. Árvores à beira da água entre rochas cor de bronze. Algumas palmeiras à beira da água, uma vez mais aquela inacessibilidade. Caminhei algumas centenas de metros. Árvores escuras e gigantescas. Fiquei impressionado pelo número e pelo tamanho dos jardins. Ao lado das casas sobre pilastras [algumas com] telhados tocando o chão, abertos de um lado, muito primitivas, sem dúvida. Os habitantes não fugiram nem foram insolentes. Vento forte. Domdom está mais perto do que pensei — em duas horas estaremos lá! Sentei-me, e dessa vez apreciei uma vista magnífica no sopé do Koyatabu. Uma larga cadeia de ilhas; à esquerda, montanha em meio à bruma, contornos abruptos precipitando-se na água; o mar cortado embaixo pelo horizonte e no alto pela camada (*terraço*) de nuvens lembra-me as ilhas Canárias. (Oh, mamãe, mamãe, será que tornaremos um dia a viajar pela *carretera* [rodovia] de Tacoronte a Icod de los Vinos?) — Na manhã daquele dia, momento de intensa reflexão: necessidade de trabalho intelectual e continuidade. Fiz planos relativos às Amphlett — lingüísticos, tecnológicos etc. — Meus pensamentos se embaralharam e se confundiram em virtude das impressões da paisagem; o vento havia amainado, e era como se estivéssemos amarrados, a algumas centenas de metros, talvez a um quilômetro, de uma ilhota coberta de *lalang* e selva, mas desabitada. Senti-me perfeitamente bem, e lutei contra o vazio interior. A vista era magnífica: a pirâmide de Domdom com a cúpula no alto entre extensões laterais na base; Gumasila com a dupla corcova. As três cúpulas de Nabwageta, mais adiante, sobre os morros cobertos de bosques de Kwatouto e Yabwaya — tudo isso com as praias de Fergusson ao fundo. — O silêncio do mar e ausência de vento me deixaram extenuado. (Não consegui escrever o diário, muito menos cartas para M. e E. R. M.) — Peguei *Cartas Persas*, quando o vento começou a soprar [*Boremana*] e continuamos velejando rumo a Gumasila. Duas *masawas* desapareceram por trás de uma ilhota. — Atingimos Gumasila com mar espumoso, encapelado.

Nenhuma possibilidade de desembarcarmos. Contornamos a ilha: uma baía calma, uma aldeia pequena porém atraente. Aparentemente abandonada. Desembarcamos em cerca de uma hora, colocamos as coisas na praia entre *wagas* e [porcos]. Cães *andavam em torno*, farejando. Meu amigo Kipela apareceu e ofereceu seus serviços. Conversei com ele: uma certa capacidade de mentir e imprevisibilidade neste sujeito, mas ele fala um *pidgin* muito bom. Dormi em frente a um casebre, meus pertences foram colocados dentro das cabanas. Quase não há espaço para a tenda.

Quarta-feira, 20 de março. Depois de sair da minha gaiola (*tainamo* espremido entre a *padiola* e o teto baixo da casa), rodeei a aldeia a pé, procurando um lugar para armar a tenda. conheci um velho senhor e o arrastei para a tenda que estava sendo armada. Até as duas horas dividi meu tempo entre falar com ele e supervisionar a armação da tenda (com freqüentes irritações). Depois, cacau e *biscoitos* (eu não havia tomado café da manhã); o pequeno dicionário com outro companheiro (não lembro o nome dele). A seguir, mesmo com uma chuva incessante, saímos na canoa. Senti que viver neste mundo valia todo o trabalho que dava: uma íngreme muralha de montanhas com rachaduras perpendiculares onde crescia uma vegetação luxuriante, pequenas cascatas, o ruído da água. Dez minutos depois, uma pancada violenta, o barulho de torrentes montanhosas e logo ao lado da tenda as águas espumosas e escuras se misturam às profundezas verdes da baía. — Saímos na *canoa*; ao sul as costas de nossa baía se estendem nos baixios ao pé dos morros cobertas de *capim lalang*; para o norte, os montes se elevam até formarem um pico montanhoso; há duas rochas gigantescas que atravessam a praia arenosa. Depois, bem acima, o penhasco alcantilado com rachaduras; novamente a baía semicircular e os jardins da pequena aldeia acima dela. Navegamos entre afloramentos de rochas ao largo (vento e chuva furiosos). A aldeia está deserta. Vista pitoresca de um cinturão de morros em forma de pirâmide; Domdom *encoberta por uma chuva cinzenta*. Os terraços de pedra maciços cintilam sob a umidade. Em certos momentos me vem uma sensação voluptuosa ("identidade misturada

de circunstâncias") — o mar cinzento, o verde coberto de neblina da ilha em frente, e os compridos terraços de pedra têm uma leve aparência de uma aldeia de pescadores nórdica. A [massa] escura da ilha assomando por trás [cria] um clima estranho, como eu jamais experimentei antes. As casinholas da aldeia me atraem, bem como me intrigam do ponto de vista etnológico. Também há a dificuldade de se fazer pesquisa sob essas condições. Os nativos são desagradáveis e respondem minhas perguntas com uma relutância óbvia. Se eu não contasse com meus recursos trazidos de Kiriwina, nunca conseguiria nada aqui! — Inspecionei as casas: uma de luto; elas me parecem muito antigas, "profundamente enraizadas", em contraste com as ilhas Trobriand, onde as casas e o *establishment* é novo. — Voltamos e eu comi taioba; muito cansado, fui para a cama às 9 e adormeci. Antes disso, sentei-me por algum tempo e admirei a *paisagem*. — [...].

Quinta, 21. Dormi durante muito tempo — "colocando o sono em dia" — senti que precisava disso. Sentia-me um pouco abatido; mas não mal. Chuva, frio (24,5°C), vento mudando continuamente. A vista da minha tenda, a apenas alguns passos do mar — tendo à esquerda a muralha verde da baía e uma rocha, e a proa de uma *waga* naufragada à direita — é fabulosa. — Escrevi o diário, negligenciado desde a partida de Sanaroa. Preciso criar um sistema de investigação nas Amphlett. Pela manhã escrevi durante muito tempo, comecei a etnogr. tarde demais. Trabalhei a princípio com Anaibutuna e Tovasana,* que não são maus, mas não são *informantes de primeira classe*. Depois do almoço, Kipela e um senhor de idade; fiquei irritado com este último e o enxotei. Por um momento tive medo de que isso pudesse estragar minha pesquisa, mas Kipela conseguiu resolver as dificuldades. Às 6, na *canoa* com Ginger até a península *lalang*. Fiquei feliz outra vez, ao me ver sobre as profundas águas verdes, e a ilha coberta de uma vegetação verde densa gradativamente se revela. O braço mais baixo da

*Tovasana era o líder principal das Amphlett; Malinowski ficou baseado na aldeia dele, Nu'agasi, em Gumasila, e o usou como informante (ver *Argonautas do Oeste do Pacífico*, especialmente o Capítulo XI).

baía corre em direção a algumas pequenas rochas vermelhas e pretas (*apenas um agrupamento de cálido vermelho sangüíneo no marrom-escuro*), envolto em plumas verdejantes. A mata luxuriante circunda as fendas, fica suspensa acima de rochas nuas, escala as paredes nuas, dá à paisagem um tom especificamente tropical. E aí emerge o topo arredondado da ilha, coberto de *lalang*. Aparentemente, a linha entre *lalang* e selva depende da natureza do solo, pois os morros baixos de Nabwageta são cobertos de selva, enquanto aqui a península baixa [é coberta de] *lalang*. — Sinto-me forte e saudável, e anseio por uma longa caminhada. Através de uma passagem estreita entre montanhas: *breccia*, com uma granulação bastante grossa, coesa, um aglomerado cor de sangue enferrujado, que determina a coloração geral das rochas. Tentamos em vão atravessar a pequena rocha e as árvores que vinham até a água; voltamos com a canoa para o promontório e acompanhamos a praia coberta de areia até os arbustos. Ali, cercados de *palmeiras tabu*. A seguir, vista da praia através de troncos de árvore caídos. Remei na volta. Um grande prazer em explorar, em entrar em contato com os trópicos. Pensei em E. R. M., em lhe contar tudo isso. Quando voltamos, Ginger me contou sobre *gora* em Sariba, e planejamos pesquisa etnográfica em Sariba no ano que vem — na verdade, 4 meses seriam suficientes! A seguir, uma curta conversa com Tobawona e Kipela; descoberta importante sobre a heterogeneidade dos *megwas* — momento agradável para um etnógrafo! Depois do jantar fiz um excelente trabalho sobre a linguagem. Tobawona é meu melhor informante. — Fui para a cama; pensei outra vez sobre o insulto de Donovan e tratei de dominar meus sentimentos — porém, o mais importante é a lição de que eu devia tomar mais cuidado com essa ralé.

Os principais temas da vida: um alívio regozijante em viver em paz, sem ser perseguido pelos patifes, relacionamento incomparavelmente mais fácil com os nativos. — Ginger vem se mostrando um tanto cordato; está menos *atrevido*, embora não trabalhe direito. Contentamento, plenitude de vida (ontem, porque me senti mais saudável), em conseqüência do novo ambiente, do novo trabalho, novo tipo de trabalho. Minha tenda, a alguns passos da água, sempre tem o som suave do espadanar da água, e o barulho das torrentes lá em cima na elevada muralha verde. — Emocionalmente: uma ligação calma com E. R. M.; pensamentos sobre mamãe; na noite passada uma recaída sensual/emocional por N. S. Desde Donovan, sentimentos antiingleses, mais precisamente sentimentos antinacionalistas. Intelectualmente: idéias comparativas (histórias melanésias) com relação à situação desses rapazes. Ontem compreendi o encanto do *survey* à Rivers, abrangendo amplas áreas como uma única totalidade. Mas essa projeção do espaço no tempo (entidade bidimensional, ou melhor, multidimensional) é muito perigosa.

Sexta, 22. Principais correntes da vida: trabalho etnográfico, que vai muito bem, *graças* a Tobawona. — Levantei-me às 9 ([...]!); chuva, portanto nada de se fazer a excursão planejada a Domdom. Pela manhã, escrevi o diário cuidadosamente, depois fui à aldeia; todos os *Sinesine* nas suas cabanas. Tobaw. veio. Trabalhei com a concepção de morte e da crença no *Tuma*; tudo correu muito bem. À tarde (aguaceiro violento abriu um riacho para o mar) outra vez Tobaw. *e Cia.* Esta espécie de trabalho — superficial, sem entrar em detalhes — é muito mais leve e mais divertido do que o trabalho em Kiriwina. Às 6 partimos para Gumawana.* Nuvem negra na parte setentrional do horizonte. No *bote* esbocei um plano da aldeia. Tob. Sem vontade de desembarcar. Os companheiros ficaram apáticos, sentados nas pedras, *isolados, amuados, hostis — autênticos ilhéus!* Aí eu desembarquei, caminhei entre as casas. Novamente enfeitiçado pela pitoresca aldeia. Uma sombra escura vagarosamente estrangulou a luz amarelada mesclada com o brilho prateado da lua por trás das nuvens. Domdom: uma grande *pirâmide inclinada*, 2 réplicas à esquerda, 1 à direita — *uma cadeia de uniformidade quase geométrica, e, contudo, admirável e rítmica.* Retornei bastante tarde; nuvens ameaçadoras se aproximam. Rochas em toda a volta. À esquerda, o paredão escuro, intrincado, profusamente coberto de mata de Gumasil; à direita, Omea (Domdom), *o [topo] envolto pela nuvem escura.* O Koyatabu visível, azul, cortado apenas no cume por uma linha de nuvenzinhas

*Gumawana era a grande aldeia de Gumasila, em torno de uma ponta de terra vinda de Nu'agasi.

brancas. Contornamos um rochedo. Vista distante de Nabwageta e nítidos contornos de ilhotas menores. Por trás do promontório, uma nuvem de chuva. Senti um curioso desejo de ser pego por uma chuva de verdade uma vez sem qualquer proteção. Comecei a vociferar uma melodia de Wagner. A nuvem, ou melhor, a chuva, se aproximou e nos cobriu como um lençol branco. Exatamente como uma *ducha fria*; vento. O bote se encheu de água. Meu relógio, medo de *tabekusi*. Voltamos; eu me enxuguei. — Trabalho no dicionário. Não consegui dormir durante muito tempo; pensamentos ofensivos a E. R. M., lutei contra eles — os mais perigosos dizem respeito a N. S. Mas, quando cheguei ao ponto de imaginar que teria de renunciar a E. R. M., percebi que isso seria impossível. Temendo ter contraído um resfriado, tomei *pó de D[over]*, quin[ino] e asp[irina]. Dormi bem.

Sábado 23. Equinócio. Acordei às 9, um pouco incerto quanto ao modo como me sentia. Sais de Epsom, chá. Trabalhei com Tobawona, que está se cansando de mim e que saiu no meio da entrevista para ir pescar; Kipela permaneceu, e até que não foi de todo mau. — Depois do almoço (li um conto ruim de Kipling) parti para Gumawana; um barco com Nab. [nativos de Nabwageta?] havia ido até lá e um *mwadare* deve acontecer. (Pela manhã, muitos barcos saíram para uma expedição pesqueira.) Kipela, Anaibutuma e eu. Como sempre, júbilo; planejei fotografias, observei o fundo do mar. Bem diante de Gumaw. percebi que "tinha esquecido as chaves" — fiquei consternado, mas me controlei. *Censo*. Uma felicidade contínua nos arredores: encantado diante do Koyatabu; esbocei um desenho de Domdom. Serviram-me sagu. — Fomos para Sarakeikeine. Contemplei o Gumawana — uma silhueta imensamente bela. Dois rochedos se elevam da vegetação, *como dois pilares truncados brotando de um monte de ruínas cobertas de mato*. O mar, lutando, avançando em fileiras sistemáticas de longas ondas suaves. Remei. Em certos momentos, eu não sabia para onde olhar — para a delicada silhueta do Gumasila ou as harmonias vigorosas de Domdom, ou a sinfonia de tons pastel das distantes montanhas da grande ilha. — Sarakeikeine. Vôos de pássaros contra as nuvens, salpicando-as como chumbo grosso. Assustamos bandos de *dawata* e pombos (*bunebune*). O penhasco — um conglomerado vermelho a sudeste e a noroeste escavado formando uma profunda abóbada — grutas; dos outros lados, escarpado. — Voltamos. Lembrei-me da noite com Gilmour, quando ancoramos aqui. *"Meras pedras"* [dissera] ele, e com perfis escuros e nítidos. Eu as havia imaginado como simples penhascos vulcânicos negros — e as aldeias haviam parecido coladas à encosta íngreme, perto da água. Isso em parte explica meu desejo de ver estas ilhas. — Pensei nisso em termos de uma carta para E. R. M. (No dia anterior, ao voltar com Tobaw., antes da chuva, quando a luz estava simplesmente mágica, para E. R. M. : *Isso se parece muito com uma sinfonia.)* Recordei-me de Szymberski e sua ilha. Estávamos perto de Domdom. — Voltamos. A grande ilha desapareceu na escuridão. Luz mesclada do crepúsculo e da lua nascendo entre as ilhas. Remei. Eco. Planejei outra vez trabalho etnogr. — Ceia, dicionário. Caminhei pelas cercanias, contemplando as estrelas. Marte brilhava vermelho através de uma fresta entre as nuvens. A lua no alto do céu.

Domingo, 24.3. Primeira manhã clara. O Koyatabu claramente visível. Consegui enxergar o cume coberto de *lalang*. O [vento] vindo do oeste elevava-se bem no alto e o atravessava deixando sombras. Uma encosta íngreme que se precipitava num paredão inclinado, cortada por sulcos profundos e estreitos (fitas estreitas e escuras) ao longo de uma única depressão profunda à esquerda: uma catarata. Ontem, quando o céu inteiro estava encoberto por espessos estratos escuros, o Koyatabu estava banhado pelo sol contra o céu claro no horizonte. Pela primeira vez entendi o efeito da fosforescência: igual ao efeito do luar: a luz mais concentrada *dentro de** uma pequena área do que *em torno** dela. (Pensei em como formular isso para E. R. M. Hoje me levantei às 8, dei um passeio, me encantei com a vista que se estende até o cume pontiagudo (réplica do Koyatabu) e as montanhas de Goodenough. Temia que todos resolvessem ir para o *poulo*, pois a água estava calma e não havia vento nem chuva. — Ainda feliz com o ambiente. Não

*Grifados no original.

quero mudança, nem novidades, não estou entediado. Os cheiros (ontem, musgo, algas marinhas e flores, o vento vinha da ilha; hoje, a fragrância de angélicas na praia), a corrente rumorejante, a selva, o paredão sombreado com sua cobertura suntuosa de árvores tropicais. — De manhã todos os companheiros saíram para o *poulo*. Kipela e o ancião — muito devagar. Mais ou menos à 1, homens Kaduwaga & Kuyawa — *kula*.* *Chegaram a Nab{wageta} ontem. Vieram {em} uma pequena canoa: 2 bu. de taioba, 1 inhame. Indiferença ao chegar; indiferença ao recebê-los, apresentados pelo ancião. Depois eles vêm & se sentam na canoa. Conversa: Discussão chistosa, mentiras sobre os soulava. A seguir, entregam-nos. Depois vão até a outra ponta &* [taloi] *os homens. (Eu como meu arroz e arenque & leio meu Kipling nos intervalos.) Sento-me com eles & escuto suas conversas, depois procuro obter algumas informações. — A seguir, bote (esboço do mapa), inspeção do jardim: muito trabalho de terraplanagem, drenagem & limpeza dos terrenos deles. Depois continuo ao luar. Luminosidade inesperada da lua, saindo de trás do morro. Acompanho a costa. Torno a formular uma descrição sobre "a distinção suave de Gumaw" & o ritmo áspero, porém tranqüilizante de Domdom. "Luzes e sombras nas formas suaves e cheias parecem ter intensidade & peso & pressionam-se umas contra as outras. As sombras flutuam em locais acima da superfície da mata densa, em alguns pontos afundam, em outros rasgam grandes cavidades." — Em seguida encontro um homem que dá um exemplo de monikiniki (em Boyowan) e fala s{obre} o kula de amanhã. Voltando as costas para a rocha (remo) ao longo da aldeia, de volta a nosso abrigo. À noite (das 10 às 11), Tobawona etc. Explicação sobre o kula, estrelas, alguns mitos. — Noite cheia de sonhos, Cracóvia. Pensamentos, ternos e apaixonados, sobre E. R. M.*

Segunda, 25.3. Naquele dia, homens de Gumasila e Nu'agasi partiram para fazer o *kula* em Boyowa. ** Seja em razão da *discrição* ou da superstição, eles sempre escondem suas partidas de mim (Mailu, Omarakana, aqui). — Levantei-me às 9, como sempre. Não percebi nada (no dia anterior, Kipela havia se lavado — seria para uma última visita a sua noiva ou parte do programa do *kula*?). Fui a Gumawana (agastado, porém não [desanimado]). As mulheres se esconderam, como sempre. Vi algumas de longe. Não houve muita confusão. Fui até os [*bwaymas*] e observei como embalavam as peças de cerâmica! Apenas utensílios, sagu e *nuya*. Não consegui convencê-los a saírem *bogana sago*. Tirei algumas fotos. Vi Bumawana de manhã pela primeira vez. Nem sinal de magia nem de despedidas. Os meninos vão, inclusive os de 2 e 3 anos. Os botes são impelidos para o promontório, onde as velas são desfraldadas (eu não vi isso). Voltei às 12:30 — os nu'agasi estavam acabando de sair — não consegui nem fotografá-los. Fadiga. Deitei-me — fechei a mente, e neste momento tive revelações: pureza espiritual. *"Procure observar com delicadeza a alma das outras pessoas, mas não se envolva com elas. Se foram puras, refletirão a Beleza eterna do mundo, e, portanto, por que fitar o reflexo, se pode ver a própria coisa face a face? Ou então estarão repletos da intrincada {trama} das intrigas mesquinhas e de coisas sobre as quais é melhor nada saber"*. Tive revelações (muito familiares) dos fios intermináveis e mesquinhos que vão de homem a homem, consistindo de ódio, intriga, intromissão. Depois do almoço, ainda cansado; li Kipling; descansei. Às 4, comecei a trabalhar com Mataora — jardins. Eles mentiram, esconderam dados, e me irritaram. Aqui estou sempre cercado de mentiras. — Às 6 descobri que os homens haviam retornado. Barcos e Anaibutuna. Noite maravilhosa. Barcos no promontório. No meu barco apreciei a vista do Bumasila deste lado, do Koyatabu e outras montanhas. A seguir, remei contornando o promontório, a lua oculta atrás de nuvens rendilhadas. Senti que estava no mar a 8° de latitude e 149° de longitude (ou coisa assim) de Greenwich. Sensação nítida de que, ao lado deste oceano real, diferente a cada dia, coberto de nuvens, chuva, vento, *como uma alma inconstante se reveste de humores* — que além dele há um Oceano Absoluto, que é mais ou menos corretamente localizado no mapa, mas que existe fora de todos os mapas e fora da realidade acessível à [observação]. — *Origem emocional das Idéias Platônicas*. — Voltei, sentei-me na praia. Noite enluarada. Areia branca, sobre ela silhuetas escuras se agacham, a distância a imensidão do mar e o con-

*Esta visita de uma expedição de duas ilhas a oeste de Boyowa é descrita em detalhes no *Argonautas*, páginas 269-72.

**As canoas das Amphlett acompanharam as de Dobu no *kula* em Sinaketa no início de abril.

torno dos montes. Ao longe, o mar e os perfis das montanhas. Combinação de humores: Baia di Napoli e Gumawana "de dentro". Penso em como descrever tudo isso para E. R. M. A lua, o mar, o humor. A lua induz um humor específico, claramente definido, eu cantarolo "[Laraisebrue], e então chegou Suzanna, linda, pálida e virtuosa." Expressão de sentimentos, ambiente social complementar, imaginário. Subitamente, tombo de volta no ambiente real com o qual também estou em contato. Em seguida, subitamente, eles deixam de existir em sua realidade interior, vejo-os como algo *incongruente, porém estético e* [selvagem], *exótico = irreal, intangível, flutuando na superfície da realidade, como uma gravura multicolorida sobre um muro maciço porém opaco.* Voltei, Anaibutuna correu com os meninos. Sensação deliciosa de agora comandar sozinho esta aldeia, eu e meus "meninos". — A lua acima do monte produz reflexos pálidos sobre as folhas reluzentes. Ceia; comi lentamente, preguiçosamente, por estar cansado. Pensamento? — Saí de barco após a refeição. Contemplei as estrelas: Cruzeiro do S[ul] — E. R. M. Sta´s. Atwood (*Pudim de Semolina*); Sirius, Canopus — as duas maiores estrelas um *"espetáculo fraco"!* Retornei, e a seguir me recolhi.

Quinta, 26. Planejei excursão a Domdom. Despertado por Tobawona com um peixe. Levantei-me, apressei-me para ir a Domdom. — A seguir, descobri que eles não tinham a menor intenção de ir. Tobawona estava de mau humor, mas foi cortês — um excelente informante. Trabalhamos até a hora do almoço. Depois, li desnecessariamente R & B, e terminei um conto de Kipling. Fadiga. À tarde, *poulo*, mas o trabalho andou muito devagar. Terminei às 6; remei no bote ao redor da ilha. Muito cansado. Observei e *analisei*: (1) Considero a discrição deles, a relutância deles em definir seus planos (Mailu, Boyowa, aqui). Percebo que estou fazendo isso e procuro atingir uma "isenção intelectual". (2) Penso — no momento de ver o Koya? — no valor de um dicionário desta língua, na *prisão* de Samarai, *Muvinabayo* em Samarai — *trabalho final de descrição da Papua — despedida de Sam*[arai] *& Papua — será que vou me arrepender? E assim toda espécie de "associações" em termos de interesse explícito, desejo, sentimento. "O pensamento tira seu ímpeto da vida, não a vida do pensamento." Ou, melhor, os pensamentos são as bóias que marcam a corrente & não são eles que direcionam a corrente, mas o contrário.* — *(Na manhã seguinte pensei naquilo de novo. O Vitalreihe* [série de vida] *de Avenarius* é ainda melhor do que o Erinnerung von Komplexen* [lembrança de padrões psicológicos] *de Cornelius.) Os princípios de associação por espaço, tempo, similaridade são apenas as categorias mais externas, que nenhuma pista nos oferecem.* — Contornamos o promontório e viramos para leste. Não há necessidade de bússola porque a lua nascente e o sol poente determinam [a direção...] Toda a atenção focalizada na ilha. Sensação de "outro lado". A praia vai de leste a oeste de promontório a promontório, com reentrâncias (baías). As encostas consideravelmente menos íngremes, prados de *lalang* cobrem os morros até o mar, especialmente na segunda baía. Aqui e ali uma selva densa em camadas. Duas penínsulas semelhantes a dois braços avançam mar adentro, cobertas de *lalang*. Pequenos aglomerados encantadores e engraçados de vegetação densa se aninham em fendas próximas à praia, ao pé dos montes cobertos de *lalang*. Sensação regozijante de reconhecimento. Esta ilha, embora não tenha sido "descoberta" por mim, é pela primeira vez experimentada de um ponto de vista artístico e dominada intelectualmente. A lua compete com a luz cinzenta do ocaso nebuloso, quando contornamos o segundo promontório e avistamos Domdom. Em seguida, grandes ondas, e meus pensamentos se atolam na indolência e na náusea. Percebo que o trecho entre Gumawana e a minha aldeia é de longe o mais belo. Noite; depois do jantar sento-me numa cadeira à beira-mar, cantarolando valsas. Um momento de temor: será que perdi o gosto pela boa música? Penso em E. R. M. e que preciso lhe declarar solenemente que a concebo como minha esposa. "A santidade sacramental do leito nupcial."

Quarta 27. Dia de descanso. Tobawona e Silevo foram a algum lugar, não se podia encontrar um único informante. Fadiga intelectual porque durante toda essa semana trabalhei arduamente. Preciso resolver se vou escolher Nabwageta ou Domdom. Neste buraco, não há nada para fazer! — Pela manhã, li *Maud Diver*. Fotografias, que foram um

*Richard Avenarius (1843-1896), filósofo alemão.

sucesso. O romance é horrível; detecto erros grosseiros o tempo todo. E, mesmo assim, continuo lendo. "Engenharia da trama; violação dos incidentes etc. etc." — Depois do almoço (episódio com fotos estragadas, que depois foram recuperadas), li outra vez. Constantemente planejando começar uma carta para E. R. M., mas sigo a lei do menor esforço. Por volta das 4, tirei fotos da aldeia, fui até a aldeia grande. Brudo resolveu ir. Ainda sentia indolência, intelectual e emocional. Apreciei a paisagem e descansei ("O descanso é uma das formas mais importantes de trabalho"). Conversa descontraída com Brudo. Percebo que ele fala sem me escutar (ele me informa sobre o que tenho a fazer aqui, e me conta histórias, mas não presta atenção às minhas histórias etc.); eu me calo e o escuto. Já fiquei tempo demais. Voltei ao luar. Domdom me atrai por sua forma mais do que Gumasila. Retornei; tomei chá; li *Maud Diver*, me recolhi tarde. (Não como à noite.)

Quinta 28. Levantei-me tarde; descansei deitado na cama. Ontem, sob o mosquiteiro, outra vez um feroz, quase religioso desejo por E. R. M. Pensei nela constantemente enquanto lia *Maud Diver*. Resolvi decidir a questão hoje: se os nab[wagetanos] forem para Boyowa, ir para lá [Nabwageta] imediatamente; se não, primeiro Domdom durante dois dias, depois Nab. *pour tout de bon*. Cuidar de tudo, planos, mapas, censo, tirar fotos de Tovasana e do ambiente. — Depois do desjejum me preparei e parti às 11. Na viagem uma luz ofuscante. Revisei o material de Amphlett mentalmente; depois, por associação, compus uma dissertação sobre o "Valor dos estudos etnográficos para a administração". Quero escrever essa dissertação ao retornar. — Pontos principais: *posse da terra; recrutamento; saúde e mudança das condições (tal como removê-los do alto dos morros); acima de tudo, o conhecimento dos costumes de um povo permite que [se] crie simpatia por eles, e que se lhes dê uma orientação de acordo com suas idéias. Este ponto de vista do Gov.: uma força louca e cega, agindo com uma intensidade incontrolável em direções imprevistas. Às vezes agindo como uma farsa, outras como uma tragédia — nunca podendo ser considerado como componente da vida tribal. Se o Gov. pudesse adotar esse ponto de vista, muito bem. Mas não pode. — Solicitação final: valor puramente científico; antigüidades mais destrutíveis do que um papiro e mais expostas do que*

uma coluna exposta, e mais valiosas para nosso real conhecimento de história do que todas as escavações do mundo. Depois remei um pouco; observamos o *poulo*. Disseram-me que eles iam com *bagi* para Boyowa; irritei-me; num instante odiei os *niggers* e me senti instantaneamente desanimado; pensei até em deixar de lado as Amphlett *de vez*, ou em me estabelecer em Kobayto. — Ao chegar, impressão inteiramente diferente: em vez de uma pequena aldeia no litoral, sem vida em razão do seu isolamento e do vazio do mar imenso — uma aldeia grande, pulsando com uma intensa vida, um centro importante, muitas árvores, uma longa fileira de casas, ao sol brilhante. Um grupo de nativos estava terminando a vela. Fui a Tobwaina. Eles provavelmente não partirão antes do fim da semana. Também tentei falar sobre assuntos etnográficos, porém sem grandes resultados. Comi *kamokuki* e biscoitos com coco. Depois sentei-me na outra extremidade e debati o *kula* e os utensílios com Tolokouba. Escolhi um lugar para a tenda, depois voltei para Tobwaina. Voltamos no barco; olhei pesaroso para a adorável Gumasila. Resolvi escrever para E. R. M., rascunhei uma carta. Assado de pombos e peixe. Planejei uma viagem a Nabwageta. Depois do jantar, comecei a carta. Li minha carta anterior a ela (que não era muito romântica). Depois fiquei tão sonolento que me recolhi — às 11.

Sexta, 29. Nesse dia me mudei de Nu'agasi para Nabwageta.* De manhã sob o mosquiteiro — ou à noite, talvez, ou à tardinha — pensei em N. S., pesaroso, imaginando o que ela seria capaz de me dar à guisa de amor, comparando-a a E. R. M. Mas então me dou conta outra vez de que E. R. M. é a única companheira da minha vida, e que ela pode me dar incomparavelmente mais do que qualquer outra pessoa mesmo no amor, porque nossos temperamentos são compatíveis. — A visão de sifilíticos ou leprosos em Nab. me causou uma impressão forte e desagradável. Achei que, se pegasse

*Os nativos das Amphlett tinham muito ciúme de outros homens com relação a suas mulheres, e os homens de Gumasila não queriam partir para Boyowa sabendo que Malinowski estava lá. Ele, portanto, prometeu mudar-se para a ilha próxima de Nabwageta depois que a expedição partisse.

uma doença daquelas, teria de renunciar a E. R. M. e me segregar em alguma ilha tropical. *Percebo* o mal que me faria perdê-la e sinto vontade de escrever para ela na mesma hora. — Depois do desjejum, os *meninos* prepararam a bagagem, eu escrevi. Pouco sentimentalismo *a respeito* de remoção. Minha carta não é sentimental; bastante prática, *registro dos fatos*. — Às 12, pronto para partir (certa apreensão de que um ou outro pudesse me abandonar na última hora); o vento está soprando, portanto, esperamos. Os *meninos* comem arroz, eu verifico os nomes das casas e outras construções para completar meu dicionário. — Depois comi, descansei — descoberta acidental de canibalismo em Kwatouto e Domdom. (Um *ancião* me perguntou: "Você come cachorros?" "É claro, alguns cachorros e gente." "Nós não comemos, mas em Domdom e Kwatouto, sim.") — Às 4:30 nos afastamos, remando; tememos que possam roubar alguma coisa. Crepúsculo maravilhoso, que mentalmente descrevo para E. R. M. Chegada a Nabwageta. O lugar parece vazio, estranho; fico um pouco irritado por pensar que dentro de poucos dias eles partirão para Boyowa. — Escrevi carta para E. R. M. Em meus pensamentos, preparei-me para trabalhar, mas com alguma resistência. Dormi perto de uma casa, mas não bem (chá). Pensei intensamente em E. R. M. e subitamente, *bem no meio dos sonhos dourados, aparece a cara do leproso.* — Em certos momentos anseio, até agora, por Melbourne, E. R. M., a civilização. — Hoje incidentalmente abri este diário e encontrei fotos do quarto de N. — e me vieram lágrimas aos olhos.

Sábado, 30 de março. Ontem um *pickaninny* me acordou, além de galinhas e meninas pequenas [grasnindo]: *"Taubada raibaku."* Esta *praia* sombreada por grandes árvores frondosas, com uma ampla vista para o mar, tem muitos *Stimmungen* em si. — Durante o resto do dia, trabalho etnográfico, mas não foi bem. Comecei *"kabitam"* — copiei alguns *lagims* e *tabuyos*, e comecei a perguntar nomes: eles não conheciam os nomes. Perguntei-lhes sobre *megwa* — eles não tinham *megwa*, não tinham *kabitam* pessoal, nem qualquer *megwa* empregada durante a confecção de *waga* ou dos jardins. Isso me irritou, fui embora e comecei a trabalhar com Tom e Topola; também não deu certo. Tive

vontade de parar e ler um romance. Almoço; li Kipling (muito ruim); depois recolhi informações esotéricas acerca do *poulo* e *waila* — sempre que tocava em magia ou assuntos íntimos, sentia que eles estavam mentindo; isso me irritou. Às 6 fui para o sul para dar uma curta caminhada. Muito cansado e deprimido. Nem mesmo tive saudades de Melbourne. Pensei em E. R. M. — será que eu ficaria feliz se ela estivesse aqui? Fiz alguns exercícios, fitei o céu com um sentimento especial pelo Cruzeiro do Sul. Ao voltar, li *Maud Diver* e ignorei os *niggers*.

Domingo, 31.3.18. Último dia do mês — colapso completo. De manhã não fiz nada. À tarde, chegou a *mina*-Dobu [a expedição vinda de Dobu].; tirei fotos do barco e conversei com os guardas de Sanaroa. Subjetivamente: estava em estado no qual precisava de narcóticos mas tenho aversão a eles. Como sempre, meu narcótico é um romance de mau gosto. De manhã (fui acordado pelo soar *do búzio*, um novo barco pedindo presentes) fui até *a praia*; depois do desjejum li *Maud Diver*. Terminei por volta das 12, e me sentia tão enfraquecido e sonolento (precisando de arsênico?) que me deitei e cochilei até 3 da tarde. Depois do almoço, barcos — a *praia* inteira se encheu de pessoas que, sentadas, conversavam, porém numa paz absoluta. Ao cair da noite parti — ainda com os mesmos sentimentos conflitantes com relação ao ponto meridional — vi Gumasila e Domdom de um lado e Koyatabu, Tabwaga e Kwatouto do outro, contra uma nuvem roxa. Impressão de beleza, pensei em E. R. M. e se seríamos capazes, juntos, de arrancar da beleza seu segredo. Anseio por ela (momentos de ânsia feriram minha tela de sonolenta cisma melancólica); senti que a queria como uma criança quer a mãe. Pensei em mamãe, gostaria de vê-las juntas. Também me lembro de N.*, que sempre foi muito gentil e leal para comigo. — No caminho de volta inspecionei os barcos Dobu perto da praia. Depois, durante e após o jantar, debati o *kula* com o guarda e fiz anotações.

*No original manuscrito, essa é a letrinha envolta por um círculo, o símbolo empregado na Parte I, que aparentemente designava uma mulher que ele havia conhecido na Polônia.

Segunda, 1.4.18. O "Kayona"chegou; *1º. de abril, "dia do azar" — 13º dia nas Amphlett?* — Escrevi carta para Billy, terminei e selei 2 cartas para E. R. M.; depois assisti à partida do restante dos barcos. Arrependi-me de não ter reunido *mala e cuia* e não ter ido para Kiriwina. (Hoje, 2/4, esse arrependimento volta — talvez eu tenha sido mesmo bobo, ficando aqui?) Depois deparei com um sujeito — Toyarima; ele quis ver meus dentes e se mostrou um excelente informante. Depois do almoço li Kipling (um pouco extenso demais). Em seguida, uma conversa de uma hora, bastante assistemática. Observei uma senhora idosa preparar uma refeição. O barco e o barulho e a água me desanimaram e *eu recuo (com ou sem dignidade?) — A seguir [tento] olhar os nativos sinteticamente e penso também no prazer que sentimos pelas coisas místicas e misteriosas* (à propos *de Kipling e também um pouco de meu medo): e reafirmo mais uma vez minha teoria da religião — ou parte dela —, e também a de psicologia social. — "o S. Integral de um dado fenômeno psicológico." — Depois de ter voltado, sinto que, se E. R. M. estivesse aqui, eu iria desenvolver a idéia para ela e me sentir estimulado, e aí comecei a escrever para ela. Depois, mais uma vez, procuro o idoso Yariba para conversarmos — terminando às 10. — Estou cansado demais para escrever para ela, mas penso em meus problemas. — Também sinto algumas 'tentações mentais detestáveis* (sedução da srta. Mc[...] —) mas resisto a elas, vencendo-as. — *Quando e como me encontrarei com Elsie? Na estação, na casa dos Khuner ou quando?* Não penso nisso, apenas aguardo, suporto e o tempo passa ao meu lado.

Terça, 2.4.18. Pela manhã tive alguns escrúpulos sobre não ter partido no "Kayona"; o "Itaka" chegou.* Eu me aprontei; arrependo-me de não ter tirado fotos e não ter trabalhado com cerâmica. Regozijo: vou estar novamente no *meio das coisas*, e montes de material. — Não perco muito tempo em rapapés com os companheiros brancos. Um pouco *enjoado* a princípio, e não reajo intensamente à paisagem, enquanto nos afastamos das Amphlett. — Todo o visual *romântico* do

*O barco não era esperado, mas o capitão, sabendo que Malinowski estava lá, parou para ver se ele estava pronto para partir. De outra forma, M. talvez tivesse perdido a chegada dos dobuanos a Sinaketa.

Koyatabu e das Amphlett desaparece. Sento-me nas *cordas*; desço para a cabina, leio Cassidy. Fortes sentimentos sobre a guerra, e outros muito pró-britânicos, especialmente diante das más notícias vindas da França. Penso em E. R. M. — será que ela me amará sob essas circunstâncias não-heróicas? Fiquei feliz ao pensar que vou receber cartas dela. A noite cai. Fito as estrelas depois de ser lançada a âncora.

Quarta, 3.4.18. Entre Muwa e Yaga, navegando rumo a Trobriand. Contemplo as águas verdes da lagoa, pontos pretos como que *nadando e cintilando (?) sobre as águas vítreas*. Em certos momentos, como uma esmeralda mesclada a uma ametista fosca, onde nuvens escuras lançam reflexos. Reunião com brancos na casa de George. Depois, um longo trecho até Gusaweta. Estou tomado por uma empolgação nervosa. Novamente a lagoa de Oburaku; penso em escrever uma carta para E. R. M.; sobre o que farei em Gusaweta. Chegada. Poucas cartas. Apenas uma de E. R. M. — Cartas e presentes de N. — como um punhal no meu coração. Não leio as cartas dela. — Dormi bem, mas na quinta me senti debilitado. Por que Gusaweta exerce esse efeito ruim em mim? Viagem a Kiribi na chuva. Fui a Sinaketa e li cartas; de M. H. W., que "me acorda" (componho mentalmente uma resposta); depois de E. R. M., objetiva, porém preciosa. (Isso está [mal] redigido!) Depois entrevista com George, que estava examinando pérolas, o sr. Campbell, Raffael (fiquei um pouco menos entusiasmado quanto a ele, mas ele é um bom sujeito). Olhei a casa de Billy. Voltei, ceia com George, depois visita a Raffael e debato sobre "a uniformidade das formas dos implementos de pedra". (Planejo um artigo: no museu de St. Germain, com comerciante de pérolas. *"Beku"*. Será que todos nós evoluímos a partir do mesmo ponto? Essas coisas foram *transmitidas?* Ou será que "condições idênticas geram necessidades idênticas"?) — Voltei para casa, escrevi uma carta a M. H. W. Noite ruim: os animais, cães, gatos etc.

4.4.Terça. (Junto com a entrada acima.)

5.4 Sexta. De manhã, escrevi algumas cartas e tomei o desjejum com George. Por volta das 12 fui ver Kunubanukwa. Depois do almoço fui à

aldeia, comi *paku*, conversei com os meninos, quando os dobus chegaram.* Corri para fora (e na pressa não peguei rolos *extras* de filme!) Impressões do *kula* (uma vez mais sentimento de alegria etnográfica). Sentado no barco de Tovasana apreciei as cerimônias do *kula*. Raffael olhava da praia. Sinaketa parece quase uma estância de veraneio, com todas essas pessoas *gumanuma*. — Fiquei absorto — como um de etnógrafo — em todos os acontecimentos. Ao mesmo tempo, na manhã de sexta e de sábado pensei nas cartas que tinha de escrever. Também em Raf., do qual gosto muito e que cria a atmosfera social, é um fator na minha "orientação". À tardinha fui vê-los, e fui recebido de forma hospitaleira; eles me pediram para voltar todo fim de tarde. Voltei muito cansado; não me sentia disposto a escrever nenhuma carta para N. S.

6.4. Sábado. De manhã, li e escrevi cartas para N. S., bastante otimistas, embora o otimismo nesse particular seja uma frágil ilusão. Geo. A. partiu debaixo do meu nariz. Enviamos uma canoa atrás do "Kayona" com Raffael. Depois fui tirar fotos, e fiquei ocioso entre eles. À noite conversei com um nativo de Domdom.

7.4. Domingo. *Meu aniversário.* Tornei a trabalhar com a câmara: ao crespúsculo estava simplesmente exausto. Noite com Raffael; debate, primeiro sobre física; teoria da origem do homem e do totemismo nas Trobriand. — É impressionante como o relacionamento com os brancos (simpáticos, como os Raffael) torna impossível para mim escrever o diário. Caio, confuso, no [estilo de vida] dali. Tudo fica na sombra; meus pensamentos não são mais característicos em si mesmos, e adquirem valor *qua* conversa com Raf. E, portanto, na manhã de domingo, vadiei, só parti para To'udawada** às 10; depois fotografei alguns barcos — e dessa maneira passei o tempo até as 12 (fiz desenhos de *lagim* e *tabuyo*, o que é muito cansativo). A seguir, o almoço. Por volta das 4, tirei fotos mais uma vez na praia e algumas de um barco. Inspecionei os barcos. À noitinha estava tão cansado

*Fato descrito em detalhes no *Argonautas*, Capítulo XVI.
**O mais importante chefe de Sinaketa.

que quase desmaiei. Sentei-me com George na varanda. Cheguei muito tarde na casa de Raffael.

8.4. De manhã, sem meu conhecimento, os barcos dos dobuanos partiram. Trabalhei em casa com alguns rapazes sobre a questão do *kula*. Depois, na hora do almoço, li Stead. Pensei em E. R. M. *em instantâneos*. (Gostaria de ter notícias dos problemas políticos na Austr. e Polônia; encontrei uma nota sobre o *pobre Tommy* nos jornais; olhando para Raf. e sua esposa, para as feias caricaturas do *Vie Parisienne* — ela é a única mulher para mim, com uma freqüência cada vez maior). Mais tarde, por volta das 4, trabalhei novamente; às 5 fui até a aldeia e vi Toula, que estava praticando o *kula*. Depois Raffael. Conversamos sobre os átomos, sobre eletricidade, a existência da alma, competição; com Auerbach folheei o *Vie Parisienne*; ele me contou uma anedota sobre Lourdes etc. À noite, na cama, pensei com muita intensidade em E. R. M.

Terça, 10.4. [*sic*]. Durante o dia inteiro sentimentos muito fortes por E. R. M. Ao anoitecer ansiei por ela. Pensei em como iria vê-la e apertá-la de encontro ao meu coração; na felicidade de estar com ela outra vez, *intimement*. Ontem fiquei imaginando se ela estaria mais feliz com seu amor absolutamente monógamo; não consigo imaginar [outras mulheres no meu passado]. Erradicar isso, como se erradica lembranças desagradáveis e humilhantes. Minha realidade cotidiana é permeada por E. R. M. Pensei no meu casamento, como Marnie o receberia, Leila, a família Peck (contínuas fantasias românticas). Os mesmos pensamentos quando fui para a cama, e despertando à noite. Identificação deste sentimento com sentimentos de uma criança pela mãe (*vide* teoria freudiana).

De manhã acordei tarde; planejei o que deveria levar comigo etc. Escrevi o diário, fiz as malas, levei tudo para a casa, mas me esqueci de inspecionar o *bote*! A chuva começou a cair. Toula mudou-se para minha varanda e está me importunando. Fui ver Raffael. Uma certa familiaridade, súbita, excessiva, com base na simpatia mútua mas conhecimento prévio insuficiente. Eles me convidaram para *déjeuner*. Saí à 1. Nervosismo por causa do desequilíbrio [...] Ao mesmo tem-

po quis pensar numa maneira de descrever o *kula* para E. R. M.; li um romance e apreciei a paisagem. Contínuos *vislumbres de Sensucht* [anseio] por Melbourne, P. & H., e E. R. M. Sensação de que estar na casa em Gusaweta não me dá tempo para uma saudade desesperada (os Raffael ajudam bastante). Comecei a revelar filmes, me senti cheio de energia e com vontade de trabalhar. — Conversas, durante as quais tentei não demonstrar muito entusiasmo por Raffael. 24 chapas no final da tarde. À noite, tempestade; duas chapas se quebraram; depois três foram inutilizadas pelos insetos. Isso me entristeceu.

Quarta, 11.4[*sic*]. Primeira metade do dia em Gusaweta; rotina normal: levantei-me tarde após uma noite maldormida, conversei com Bill sobre fotografia etc. Examinei filmes (depois do desjejum), limpei a câmara, terminei a revelação. Tomei banho e lavei a cabeça. À 1 estava pronto para partir; chuva; escrevi para E. R. M. Durante toda a manhã me senti vigoroso, bem disposto, apaixonado por E. R. M. — À tarde, em vez de ler um romance ou vadiar, li meu diário antigo. Reflexões: perguntei-me se minha vida atual atinge o máximo de intensidade que se pode obter diante da minha saúde e boas condições do sistema nervoso. *Não*:* interpretei a doutrina de que o melhor trabalho é feito nas *horas de lazer* como uma doutrina de se obedecer à lei do menor esforço, de se *pegar leve*. Dúvidas à S. I. W. [Stanislaw I. Witkiewicz] — será que vale a pena eliminar as fontes compensadoras de inspiração (que cada pensador e artista encontrará obedecendo à lei do menor esforço)? Mas é fato que, quando se elimina uma forma de inspiração, ganha-se outra, e que eliminar a lei do menor esforço é, antes de mais nada, eliminar o *puro* desperdício do tempo (leitura de romances, ficar durante *um tempo excessivo* sentado conversando com alguém etc.) Por exemplo, meu atual ritmo de vida: recolho-me tarde demais, levanto-me em horários irregulares. Pouquíssimo tempo dedicado a observação, contato com os nativos, tempo demais concentrado em coleta improdutiva de informação. Descanso com muita freqüência, e me permito ser vítima de "desmoralização" (por exemplo, em Nabwageta). Também refleti sobre os problemas de se manter um diário. Na imensa dificuldade de se formular a infindável variedade de coisas que ocorrem no fluir de uma vida. Manter um diário como uma questão de análise psicológica: isolar os elementos essenciais, classificá-los (de que ponto de vista?), e depois, ao descrevê-los, indicar mais ou menos claramente qual é sua importância real no momento específico, proporção; minha reação subjetiva etc. Por exemplo, na tarde de ontem: primeira versão: "Fui a Sinaketa na *waga* de Raf.". (Eu poderia dar centenas de exemplos dessas versões.) Segunda versão: (a) impressões externas; paisagem, cores, humor, síntese artística; (b) sentimentos dominantes com relação a mim mesmo, a minha amada, a amigos, a objetos; (c) formas de pensamento; pensamentos específicos [programas], associações soltas; obsessões; (d) estados dinâmicos do organismo; grau de concentração; grau de consciência superior; programas [resultantes]. — Concretamente: (a) depois da partida de Gusaweta (meu lugar era confortável, a *waga* era pesada e *estável*), nuvens cinzentas e escuras. Definição do clima gerado pelo *litoral* baixo e Losuya, Kavataria: "sensação de tarde de feriado e repouso" (*um alegre relaxamento e promessa de mudanças*); litoral baixo e longo, com reentrâncias que eram baías rasas; hoje *de um negro cor de carvão sob as distantes nuvens luminosas e um límpido céu azul-escuro com a aparência característica de vazio — como um efeito de céu escurecido em um velho capitão de navio mercante*. Em seguida a paisagem desaparece; leio o diário, navegando entre mangues. Aí aparece a lagoa verde de Oburaku. Ah! claro, o *manche* de Boymapo'u: a água *escura* com intensos reflexos violeta (o azul-escuro das nuvens mesclado com a água). A lagoa de Oburaku: *fosca, de um verde pálido, como um crisópraso exposto, tendo por cima de si o violeta intenso; acima, nuvens azul-escuras e mangues de um intenso verde dourado, e outras árvores*. (b) Sentimentos por E. R. M. estáveis, continuamente me refiro a ela, mas estou acima de tudo só. Estou inteiramente absorto em pensamentos criativos, tomado por uma onda de concentração. (c) Idéias claramente definidas: a natureza da psicologia e até que ponto a análise introspectiva está desacreditada porque modifica os estados? — Problemas históricos (?) — associações: lembranças

*Grifado no original.

de minha vida em Samarai; lembranças de Paul e Hedy subitamente me vêm saídas do nada. (d) Dinamicamente, estou num estado de concentração; resolvo não ler romances, ir para a cama e me levantar a horas regulares, escrever uma carta para N. S, escrever regularmente, todos os dias, para E. R. M.; chegar a uma fidelidade mental absoluta em relação a ela, bem como procurar atingir uma "força de vontade" no sentido que já defini este termo anteriormente.

Depois do cair da noite, saí de barco, naveguei por cerca de 45 minutos. Depois fiquei sentado, apreciando os peixes fosforescentes na água, tirei dois peixes do barco. Planejei viagem a Vakuta* e trabalho por lá. Chegada: Ted se foi. Ceia com Raf. Leitura de [Musset]. Meu comportamento foi muito mais objetivo do que antes: fiquei na *minha concha* e observei Raffael de maneira mais crítica, mas não sem simpatia. Fórmula: vejo claramente as diferenças entre nossos pontos de vista — as idéias dele que não aceito, o que é *ein überwundener Standpunkt* [um ponto de vista já ultrapassado] — mas contenho meu impulso de debatê-las.

Quinta, 12.4 [*sic*]. Durante o dia inteiro estive numa disposição de espírito favorável à concentração. Depois de escrever o diário, trabalhei com Layseta.** Depois do almoço, li trechos de poemas australianos *in Memorial dos soldados que tombaram*, e trabalhei com outro companheiro aqui na varanda. Ambas as vezes sobre *kula*. Às 5, fui falar com Kouta'uya;*** passei uma hora copiando a lista dos *karayta'u* dele. Depois, na casa dos Raffael; conversei com os nativos; *simpatias*. Princípios morais: eu nunca devo me permitir perceber o fato de que outras mulheres têm corpos, que elas copulam. Também resolvo evitar a lei do menor esforço na questão dos romances. Estou muito satisfeito por não ter caído outra vez no hábito de fumar. Agora devo cumprir o mesmo com respeito à leitura. Posso ler poemas e coisas sérias, mas devo evitar

*Os dobuanos estavam sendo esperados novamente em Vakuta — seu destino final antes de regressarem a seus lares.

**Layseta era um chefe de Sinaketa; possuía amplos conhecimentos de magia e havia morado nas Amphlett e em Dobu.

***Kouta'uya era o segundo chefe na hierarquia de Sinaketa e desempenhou um papel primordial na expedição do *kula* entre Sinaketa e Dobu, descrita em detalhes nos *Argonautas do Oeste do Pacífico*. Ele tinha 116 *karayta'u* [parceiros de *kula*].

a qualquer preço os romances de má qualidade. E *devo** ler obras etnográficas.

13.4. Planejamos o almoço juntos, fotografia e *croqué*. Esta manhã eu resolvo: antes das 10 escrevo algumas linhas para E. R. M. A seguir, faço duas horas de trabalho etnográfico preliminar. Descrevo o *kula* para E. R. M. e faço uma lista de problemas levantados pelo *kula*. — Das 10 às 12:45 revisei anotações sobre o *kula* e as copiei para E. R. M. Almoço na residência dos Raffael, tirando fotografias; examinei pérolas. Voltei às 3, tornei a me ocupar do *kula*, depois os meninos de Kitava chegaram. Fui novamente falar com Kouta'uya e trabalhei perfeitamente bem, apesar da indolência desses companheiros. Em seguida falei com dois rapazes de Kitava na praia. Fiquei imaginando se valeria a pena acompanhá-los a Vakuta. Resolvi que iria. — Noite nos Raffael. Debatemos os alemães — estarão eles *mais adiantados em matéria de ciência?* Conversamos sobre Giligili e Wright, Solomon e outras pessoas de Samarai. Momento de simpatia exacerbada, quando ele falou sobre "ver através" de uma pessoa. Ele me perguntou se eu fazia isso; eu disse, naturalmente, faço, exatamente como você. Depois misturei limonada e bebemos [...] Ah! claro, uma conversa muito pessoal sobre o casamento de Sam e a influência de Emma. — Voltei, escrevi para E. R. M. À noite fui despertado pela tempestade e por fortes trovões. Fiquei apavorado; por um momento pensei que nunca mais tornaria a ver E. R. M. outra vez e esse pensamento gerou o medo. Pensei em C. E. M. e como a morte devia ter sido terrível para ele. Minha preciosa, maravilhosa Elsie.

14.4. Sábado [*sic*]. Pela manhã, céu encoberto, chuva. Despertei tarde; sob o mosquiteiro, uma tendência a me deixar levar, como sempre, que eu dominei. Planejei detalhes da excursão a Kitava, e pensei em como documentar o *kula*. — Preparei-me. Anotei conversas; *correspondência* para Samarai; terminei a carta para E. R. M. Às 12:30 fui até a aldeia; conversa com Kwaywaya,** Toudawada & Co. Eles se re-

*Grifado no original.

**Chefe da ilha Kitava.

cusaram a me levar a Vakuta. Almoço na casa dos Raffael; ele me mostrou suas *bolhas* [pérolas tipo bolha]. Voltei; às 4:30 saí, fiz desenhos de barcos até 6:30. Depois fui para a casa dos Raffael. Conversamos sobre os nativos: o "peso específico" deles; as idéias deles sobre causas dos fenômenos naturais — ele não sabia nada sobre *kariyala*. À noite conversamos sobre suicídio através do *tuva*, *chagrin d'amour* etc. Ciúme entre nativos (uma mulher casada traída pelo marido pratica o *tuva* — este suicídio é por amor?). Depois lemos *Phèdre*.

Domingo, 15.4 [*sic*]. Despertado por gente de Vakuta; a *waga* está me aguardando. Baseando-me no princípio de que é melhor visitar o mesmo lugar duas vezes, resolvo passar uma semana em Vakuta. — Fiz as malas (rixa desagradável com Ginger por causa das térmitas; fiquei enraivecido e dei-lhe um ou dois socos na mandíbula, mas o tempo inteiro fiquei amedrontado, com medo de que isso degenerasse numa briga). Almoço com os Raffael. Ele me mostrou suas pérolas. Contei-lhe sobre meus planos de fazer um dicionário. Fui para o barco; mas me sentia mal. Conversei um pouco com o povo de Vakuta; mas estava chovendo. Depois, cansado da caminhada, li *Lettres persanes*, mas não encontrei nenhuma das idéias que buscava, apenas descrições lascivas de haréns... A noite caiu, atrás de Muwa. Chegada a Giribwa por volta das 9. Dormi em uma casa nova. Tornei a ler *Lettres persanes*...

Ladschaftlich [anotações sobre a paisagem]: Depois de sair de Sinaketa navegamos bem perto da costa. Em certos pontos, árvores altas em um trecho de praia; o resto, moitas irregulares, desgrenhadas, cortando o verde com seus ramos pequenos semelhantes a braços brancos em vários lugares — "uma mistura desorganizada" seria uma descrição melhor. A espaços, um trecho baixo de mangue e bosques acima. A distância, Kayleula submersa na água; lagoas na costa norte. No horizonte, Kuyuwaywo, Yaga. De longe, vemos [um desenho do litoral no original], como que suspensas entre o mar e o céu, Gumasila e Domdom. O cinzento céu nublado cai como uma cortina sobre as costas planas e as oblitera, transformando-as em desertos particularmente melancólicos. Entre Muwa e a costa um comprido, estreito

karikeda. As altas árvores de Muwa acima da faixa estreita de terra (formas imponderáveis, flutuando em vez de estarem apoiadas sobre qualquer espécie de base) fazem lembrar a atmosfera do Vistula; empurramos o navio para fora do banco de areia [na praia de] Susuwa — *nome genérico para uma série de baías e promontórios rasos*. Depois a noite vem; não consigo distinguir os detalhes, mas obviamente o *raybwag* está próximo. Água batendo contra rochas, a sombra fica *mais sólida e alta, em vez do coral coaxante dos sapos, o primeiro cricrilar dos grilos*. Ameaça cada vez mais ameaçadora de chuva, que afinal começa a cair. Maravilhosos pontos fosforescentes emergindo na superfície do mar. Giribwa e o encantador promontório de Vakuta. *O cinturão plano evidenciado por uma ilha ou continente, como o rosto de um homem, ocultando e simbolizando sua personalidade. A primeira impressão que nunca pode ser a real [para] desvendar o todo, contudo é provocadora e irritante.*

Segunda, 16.4 [na realidade, 15.4]. Pela manhã, aguaceiro. Efeito curioso: areia amarela (brilhante). Um grupo de barcos provenientes de Kitava, e, deste lado, bem ao lado deles, na areia, tapetes estendidos, corpos de pessoas numa barafunda, algumas dormindo, outras cozinhando. Tudo isso fulgura num profundo vermelho fosco contra o mar verde vivo com reflexos azuis sob o céu cinzento. Dei um passeio pelas aldeolas — 11 cabanas e um par de *bwaymas* espalhadas a esmo pela areia. [Fui] na direção do mar (meus olhos e cabeça doíam); vista de Kitava; duas correntes colidem contra o istmo e formam marolas espumantes. Chuva sobre Kitava. Olhei o agrupamento de árvores muito tropicalmente mescladas com os perfis das rochas na costa em frente. — Eles me falam sobre um *lili'u* do peixe Baibai. A seguir, vou para Vakuta; o fundo claro do mar. Eles me mostram pedras míticas. Dor de cabeça (enjôo de mar); deitei-me e cochilei. Águas rasas e barrentas, manguezais. Entramos no *waya* [regato produzido pela maré], flutuando por entre clareiras abertas inundadas no mangue. A *waga* passa entre as árvores. *Piscina da cabeceira*; *wagas* vindas de Kitava. A dor de cabeça é dominante. Caminhada; monto a tenda, durmo até as 6. Caminhada na direção de Kaulaka. Planejo meu trabalho por lá. Pensei em Melbourne, senti saudades de lá. Voltei: a aldeia à suave luz do luar; vozes das pessoas; a fumaça cerca

as casas como uma nuvem e obscurece os troncos das árvores. As copas das palmeiras parecem pender do céu. Sensação de estar voltando a um ambiente humano, uma aldeia pacífica. Pensei em E. R. M., em retornar a Melbourne. [...] F. T. G. O caráter misterioso da vida condensada; uma intensidade artificial e uma iluminação absurda. — Ao cair da noite, sentei-me com Kouligaga e Petai cercado por um círculo de observadores, e conversamos, a luz da lanterna iluminando a ampla frente ornamentada do *lisiga* onde K. e sua esposa estavam sentados, num nível mais alto. Um grupo de pessoas de *buneyana*. — À noite, chuva, insônia; pensei em N. [letra dentro de um círculo] e To´ska com um misto de sensualidade e pesar, por algo que jamais retornaria. Pensei na Polônia, na "mulher polonesa"; pela primeira vez uma tristeza profunda por E. R. M. não ser polonesa. Mas rejeitei a idéia de que talvez nosso compromisso não seja definitivo. Vou regressar à Polônia, e meus filhos serão poloneses.

Terça, 17.4 [sic]. Sensação geral: um forte nervosismo e agitação, e intensidade intelectual superficial, *combinados com incapacidade de concentração, irritabilidade excessiva e sensibilidade demasiada na epiderme mental, além de uma sensação de estar permanentemente exposto, numa posição incôm. aos olhos de uma via pública movimentada: incapacidade de obter privacidade interior*. Estou em pé de guerra com meus *meninos* (ou seja, com Ginger), e o povo de Vakuta me irrita por sua insolência e atrevimento, embora estejam colaborando totalmente com meu trabalho. Ainda fazendo planos de subjugar Ginger, e ainda me sinto irritado com ele. Penso constantemente em Elsie, e me sinto *determinado*. Olho os corpos esbeltos, ágeis, das garotinhas da aldeia e sinto desejo — não por elas, mas por ela.

Eventos: de manhã, observei as despedidas do povo de Kitava. Depois do desjejum, o lugar ficou muito barulhento; fui até a aldeia, conversei com Samson, Kouligaga e outros. Chuva. Depois do almoço (durante o qual também conversei) *kabitam*, fui aos barcos, copiei os modelos; a chuva amainou. Voltei, escrevi um pouco, depois fui a Kaulaka. Formulei problemas, principalmente aqueles do *kabitam*. — Kaulaka é uma aldeia poética num longo vale cercado de palmeiras,

uma espécie de bosque sagrado. — O prazer de novas impressões — consciência irrequieta, onde ondas de novas coisas, cada uma com sua individualidade bem definida, fluem de todos os lados, *quebram-se umas de encontro às outras, misturam-se e se esvaem*. Um prazer como aquele de escutar uma nova peça musical, ou experimentar um novo amor: a promessa de novas experiências. Sentei-me em *Lauriu*, bebi *água de coco*; eles me contaram sobre *Puwari*. — Voltei com Ogisa; nuvens ameaçadoras; caminhei rápido sem pensar em nada definido. Quatro ovos no jantar; depois tornei a ir à aldeia; conversei sobre *kula* com Petai. Noite insone; chuva ininterrupta, agitação nervosa, coceira no dedão (uma nova forma de obsessão psicopatológica)... Pensei muito em E. R. M.... como faremos nossa *grande entrée* no baile [Sob os Aríetes] (condecoração da Legião de Honra).

Quarta, 18.4 [*sic*]. Depois de uma noite ruim, despertados por gritaria sobre *kovelava*. Barcos partindo para pescar. Levantei-me cheio de preguiça. O mesmo estado de tensão nervosa. Eles me trouxeram uma enorme quantidade de [coisas não comestíveis] e dois *utakemas* decentes. Resolvi escolher um ou dois problemas importantes de Vakuta e desenvolvê-los até o final. Para começar, *kabitam*. A seguir, a mitologia local. Depois, examino toda a série de similaridades, diferenças entre Vakuta e Kiriwina. Levo adiante esta decisão e trabalho bem, escolhendo duas das mais importantes questões (matinais, tradições com Petai, à tarde L. T. [*lili'u tokabitam?*] com [...]). Alguns informantes de primeira categoria. Aguaceiro durante todo o dia, com interrupção de uma hora às 11. Durante o almoço (caranguejo) eu não li. Logo após o almoço, M'bwasisi* & Cia. Por volta das 6, ainda chove, mas sinto que devo sair; melodias de Beethoven passam-me pela mente (*a abertura da ópera "Fidélio"*), desejo por E. R. M. e reflexões sobre ela. O *tokabitam* me traz um pente, o que me deixa radiante. Na chuva e na lama caminhei até Kaulaka; associações com caminhadas semelhantes em Zakopane [na Polônia, perto de Cracóvia]. Ontem e anteontem, tempo horrivelmente abafado, como nos piores dias em Oburaku,

*M'bwasisi, o mago dos jardins de Vakuta.

tudo uma espessa sopa feita de neblina, névoa e fumaça. Agitação mental, que reprimo. Planejei novos modelos para os pentes. Pensei no meu trabalho etnográfico. Planejei uma carta final para N. S. Em Kaulaka, comprei pedras. No caminho de volta planejei um artigo, "*O novo humanismo*", no qual mostraria que (1) o pensamento humanista, em oposição ao pensamento morto e petrificado, é profundo e importante; (2) associar esse pensamento com os "clássicos" é um erro fatal; (3) eu analisaria a essência do humanismo e esboçaria um novo plano no qual o homem vivo, a língua viva e os fatos vivos e convincentes seriam o âmago da situação, e *o mofo, a pátina e a poeira* não seriam como *uma auréola sobre a cabeça de um santo, transformando uma coisa quebrada, pútrida e morta no ídolo de toda uma comunidade pensante, uma comunidade que monopoliza o pensamento. Um homem de gênio dá vida a estas coisas, mas por que não poderia ele se inspirar para isso na própria vida, por que não deveria ele considerar a vida como o primeiro tema a ser analisado e entendido, e depois, à luz dela, deslindar as outras coisas? — Para começar, a piada sobre os 2 assiriólogos. — Como corolário, se queremos banir esta coisa de nossas escolas, devemos bani-la primeiro de nosso pensamento amadurecido.* — Voltei à noite; sensação de intensa satisfação com esta vida: solidão, possibilidade de concentração, trabalho, idéias essenciais; uma existência autêntica. — Deitado na cama, refleti sobre isso. Ceia, depois escrevi para E. R. M. Almejo atingir um "ritmo", trabalho sem excesso de tensão nervosa. Noite insone outra vez... Sonho com St. Ig. W. e N. S. Sensação de ter errado, de tê-la decepcionado.

Quinta, 19.4 [*sic*]. Dia bonito; trechos ensolarados, um pouco de chuva. Levantei-me às 8, pretendendo escrever o diário e copiar anotações soltas, mas meus informantes vieram e colhi informações em vez de copiar as já feitas. Trabalhei bem, sem apressar as coisas. À 1, descansei, embora não estivesse cansado. Câmara carregada. Às 3 voltei a trabalhar. *Guma'ubwa libagwo.* — Às 5, fui a Kaulaka. Uma menina linda, com um corpo de formas perfeitas, caminhou à minha frente. Observei os músculos de suas costas, a silhueta, as pernas e a beleza do corpo tão oculta para nós, brancos, me fascinou. Provavelmente não terei a oportunidade de observar a movimentação dos músculos das costas nem de minha própria mulher durante tanto tempo quanto observei os movimentos dessa femeazinha. Em certos momentos tive pena de não ser um selvagem e não poder possuir aquela linda menina. Em Kaulaka, olhei em torno, procurando o que fotografar. Depois fui até a praia, admirando o corpo de um rapaz muito belo que caminhava à minha frente. Levando em conta um certo resíduo de homossexualidade na natureza humana, o culto da beleza do corpo humano corresponde à definição dada por Stendhal. — Vista de Kitava: rochas baixas, cobertas de uma vegetação luxuriante que se mistura às rochas e pende por sobre um estreito cinturão estreito de água, além do qual o mar apresenta um pronunciado abismo. A distância, Kitava, uma faixa escura contra o horizonte cinzento. A água rasa é de uma cor verde fosca, com pedras róseas. Vagarosamente as nuvens assumem cores, um reflexo violeta na superfície elimina o jogo das cores no fundo, tudo assume cores na superfície e se mescla em uma única harmonia vermelho fosco. Anteriormente eu havia observado a movimentação dos peixes por entre as pedras, e golfinhos além do recife perseguidos por algum peixe predador. Eles me mostraram o [local] próximo à praia onde pegam *milamala*. Conversamos sobre isso e voltamos. Na aldeia sentei-me por um momento no *pilapabile*, e acariciei uma garota bonita no *lauriu*. Em Kaulaka nos sentamos e tornamos a falar sobre a captura do *milamala* e na comemoração dos *yoba balomas*. Voltei ao luar, compondo mentalmente um artigo sobre o *kula*, e fazendo perguntas aos meus acompanhantes. — Na tenda (às 8:30 ovos e chá), mosquitos terríveis; fui à aldeia e lá fiquei durante algum tempo; voltei às 10:30; recolhi-me às 11.

Comentários gerais: trabalho excelente. Mas o comportamento mental com relação a E. R. M. foi péssimo. Aquela garota nojenta [...] — tudo foi muito bem, mas eu não a devia ter acariciado. Depois (manhã de 20/4) pensei em Lila Peck. Ao mesmo tempo pensei muito em N. S., com fortes sentimentos de culpa. Resolução: jamais tocar nenhuma prostituta Kiriwina. Ser mentalmente incapaz de possuir ninguém que não E. R. M. *Efetivamente,* apesar dos lapsos, não sucumbi às tentações e as dominei, cada uma delas, *em última instância*.

Sexta, 20.4 [*sic*]. Outro dia de trabalho intenso, sem cansaço nem *surchauffage* [superaquecimento], bem disposto e satisfeito. Pela manhã escrevi sozinho e apesar de tudo me senti um pouco mais abandonado do que quando os *niggers* estão aqui. — Levantei-me como de costume. Em ambos os lados do interior cinzento, paredes verdes — a leste arbustos de *odila* fresca, a oeste algumas palmeiras rosadas dividem a metade superior do quadro verticalmente: a estrada coberta de [...] e a distância uma selva de *odila* com cascatas de vegetação. Interior: varas apodrecidas cobertas com montes de detritos, e remendadas em alguns pontos; no meio, o tapete de Samson; minha cama entronizada, a mesa, um monte de pertences meus,... etc. — *Bem*, cumpri diversas tarefas sistematicamente; por volta das 12, os *niggers* me ajudaram a terminar *kaloma* e a traduzir os textos. Depois do almoço, Samson voltou: Yaboaina, *kaloma libagwo* — eu estava muito cansado e não conseguia raciocinar. Dei uma caminhada... ao longo da praia arenosa e pedregosa, depois voltei. A fogueira lançava uma luz bruxuleante sobre o fundo cor pastel feito de palmeiras, a noite caiu, Kitava desapareceu sobre o mar distante. Uma vez mais, assomo de alegria por esta existência livre e aberta, em meio a um cenário fabuloso (*sic*!), sob condições exóticas (como a Nova Guiné me parece pouco exótica agora!), um verdadeiro piquenique com base em trabalho real. Também tive a alegria genuína de realizar um trabalho criativo, de superar obstáculos, abrir novos horizontes; formas nebulosas adquirindo contornos nítidos, diante de mim vejo a estrada a seguir adiante, ascendente. Tive os mesmos assomos de alegria em Omarakana — na época eles haviam sido ainda mais justificados, pois este foi meu primeiro êxito, e as dificuldades foram maiores. Essa pode também ter sido a causa da minha alegria em Nu'agasi, quando subitamente *o véu se rasgou* e eu comecei a colher informações. — À beira-mar, idéias criativas sobre *"senso de humor, usos e costumes"*. Voltei cansado, deitei-me. Samson me ofereceu sua bengala. Fui com ele e ele me deu [...] informações. Também *sawapu*. Retornei tarde e dormi bem — ah! claro, no caminho de volta fui ao lago e e me deliciei ao ver as árvores, a água e os barcos ao luar. É uma pena que tenha de deixar tudo isso para sempre. Quis escrever para E. R. M. sobre tudo isso, e lembrar-lhe de que nos separamos há apenas meio ano.

Sábado, 21.4 [*sic*]. Primeiro dia do horário novo. Levantei-me uma hora mais cedo do que de costume, fiquei um pouco sonolento e deprimido, mas estou tão bem de saúde que trabalhei bem apesar disso, dei uma longa caminhada até Okina'i, e durante todo o dia pensei criativamente e intensamente. Do ponto de vista emocional, a maré está baixa, e à noite, sob o mosquiteiro, novas e desastrosas recaídas: Recordei-me de [Nayore] e G. D. etc. De manhã, me instalei no gramado em frente à casa e transcrevi conversas. Depois trabalhei com afinco no *libagwo* com meus dois melhores informantes (Tomeynava e Soapa). A seguir, sob o *bwayma*, almoço e um repouso de duas horas — nada li, e não lembro sobre o que pensei. A seguir fui até a aldeia, tornei a chamar Tom. e So. e trabalhei sobre [GND], pressão muito baixa; apavorado pelas complicações dos novos ritos e necessidade de mudar de perspectiva. Às 6 (do novo horário) fui a Okina'i. A estrada não apresentava muitas atrações, e em certos trechos se via uma faixa à esquerda, *odila* muito desenvolvida, um caminho ruim, pedregoso e lamacento. A estrada nova, o novo objetivo, contudo, me interessavam. Vista magnífica da lagoa: o sol estava se pondo; nuvenzinhas compactas a oeste. As montanhas ao sul invisíveis, cúmulos brancos a amontoar-se, provavelmente apoiados no cume da cadeia montanhosa. Um cinturão de mangues escuros na direção do *raybwag* — árvores isoladas claramente definidas —, *escuras e imóveis sobre a água em movimento, sobre a qual reflexos coloridos vão e vêm continuamente*. Praias de areia branca, logo além do fundo lodoso da lagoa. Caminhei pela praia até Okina'i, à frente dos *niggers*; queria estar só com meus pensamentos: intensidade inicial — pois sinto que ainda não tenho qualquer tema específico na cabeça — Okina'i e Osikweya sobre a areia — as águas calmas da lagoa através das casas cinzentas e palmeiras me trazem à lembrança Mailu e a Costa Meridional. Caminhei sozinho até além de Osikweya. Formulei planos para os cinco meses seguintes: Vakuta deve ser a *prioridade nº 1*. Revisar e formular as lacunas básicas: magia *Mwasila; waga megwa*; tauva'u em Vakuta etc., e depois desenvolver tudo isso sistematicamente. Eliminar os dias capuenses* em Sinaketa

*Cápua: cidade da Roma antiga famosa pela luxúria.

e Gusaweta. Preciso me apressar em todos os aspectos. Trabalhando no meu ritmo atual devo terminar (?) e pelo menos voltar carregado com uma bagagem tão pesada quanto um camelo. — No meu caminho de volta, ao luar, pensei na carta que havia planejado para o Instituto Carnegie, e meu pensamento se desviou para B. Sp. e C. G. S. — "Pensamentos criativos e pensamentos sujos" — evitar os últimos! Senti que meus pensamentos estavam perdendo a criatividade e os suspendi — durante o resto do dia fiquei só observando, e minhas associações foram insignificantes. Bebi chá diante da casa, os *meninos* e *niggers* ficaram na cozinha. Fui invadido por reminiscências de canções italianas. Pensei em E. R. M., P. & H., M. H. W. como platéia. "Marie", "Sole" etc. — A seguir, Pida examinou o barco que eu havia comprado, e fiz duas importantes descobertas: os modelos de barcos são objeto de *kayasa*; e *Kwaykwaya* (costume de roubar as casas de parentes específicos ou outros sob condições específicas). Caminhei até a aldeia; os cachorros me irritaram. — Sob o mosquiteiro, "ardi nas duas extremidades" — pensei em compor um tango com Olga Ivanova. A seguir, pensamentos desastrosos — a magia de E. R. M. foi silenciada por uma onda de corrupção. Adormeci muito tarde. Sonhos agradáveis e interessantes. — Em suma, a saúde está de parabéns, alegria de viver, existir nestas condições — esqueço-me, por completo, do ponto de vista fisiológico, de que minhas condições aqui são negativas. Estou completamente enfeitiçado pelos trópicos, bem como por esta vida e por meu trabalho. Por nada no mundo leria romances de má qualidade, e penso com dó nas pessoas que ficam o tempo inteiro tomando remédios! Saúde!!

Domingo, 22.4 [*sic*]. Levantei-me às 6, depois de seis horas de sono. Domingo: fui a Tap. — *apenas mais uma experiência etnográfica*. Uma brisa seca e fresca — *laurabada*. Pensei em E. R. M. — compus uma carta para ela. Depois escrevi — escrevi o dia inteiro, pela manhã em uma cabana por causa do sol, à tarde sob o *bwayma*. Às 6 fui a Kaulaka e à praia onde as *wagas* são projetadas. Estava mentalmente esgotado e agitado: estanquei deliberadamente meu fluxo de pensamentos, que estava faiscante, porém superficial. Conversei com os *niggers* sobre "as posições" durante o ato sexual. Uma *caverna* magnífica; areia entre duas rochas, coroadas por uma touceira de pandanos; ondas espumantes, lua enevoada. Voltei muito sonolento e cansado. Em casa, irritação em razão de *um suposto furto de* Kaluenia. — Este dia foi uma pausa no trabalho intensivo. A carta a E. R. M. é uma formulação bastante apagada, bruta, das minhas idéias — uma duplicata do diário, não uma expressão dos meus pensamentos ou sentimentos em relação à minha amada. — Tenho um *vislumbre*: uma intimidade física com outro ser humano resulta numa entrega tal de personalidade que um homem só se deve unir a uma mulher que realmente ame.

Segunda, 23.4 [*sic*]. Senti-me um tanto debilitado — incapacidade de me concentrar, um pouco febril. Levantei-me às 7, *não** me pus imediatamente a escrever o diário nem a trabalhar. Nenhum pensamento, nem plano espontâneo me vêm à mente. Leio jornais franceses durante algum tempo; depois me sento, examino meus papéis, e converso um pouco com os *niggers*. Às 12 deitei-me, cochilei. Depois da 1, almoço com Samson; em seguida, *kayaku* na casa dele; trabalhei sobre os jardins. À noite, saí de barco para a lagoa: sensação agradável de estar em uma área semicircular fechada; pensamentos fluindo. Uma certa satisfação passiva; nem mesmo meu desejo assume alguma forma específica. Voltei através de clareiras banhadas pelo luar, pensando em E. R. M., na presença dela; em certos momentos, dúvida sobre se ela enfeitiçaria tudo, como N. S. fazia. Então pensei em minhas partidas *à propos* de N. S. ("O lago") etc., e na pouca música que desfrutei na sua companhia, em agosto de 1914, e cheguei à convicção de que a única mulher que realmente amo é E. R. M. — À noite, tentações sensuais: vi um corpo de mulher em uma certa posição especial, de um certo aspecto, curvatura — e em minha percepção sensual, N. S. corresponde a meu anseio emocional mais do que E. R. M. — Dormi bem apesar de haver 5 mosquitos sob o mosquiteiro.

*Grifo no original.

Terça, 24.4. [*sic*]. Na noite passada e esta manhã procurei em vão por acompanhantes para o meu barco. Isso me deixa furioso e sinto ódio pela pele cor de bronze, combinado com depressão, um desejo de "sentar e chorar", e uma vontade violenta de *"dar o fora daqui"*. Por tudo isso, resolvo resistir e trabalhar hoje — *"negócios como sempre"*, apesar de tudo. — Pela manhã, depois de escrever o diário e uma carta, fui até a aldeia, *entrevistei* o guarda, depois fui a Okina'i, e encontrei Ginger *e Cia* [Hiai] ofereceu-se para levar-me a Sinaketa. Ainda tremo de raiva. Depois do almoço fui a Kaulaka tirar fotos. Depois, à praia; uma tarde clara com um enorme cúmulo lançando intensos reflexos sobre o mar, as touceiras de arbustos crescendo junto com a rocha acima dos pandanos. Não pensei nos *niggers* nem no trabalho, ainda estava deprimido com o acontecido. Pensei um pouco no *correio* do dia seguinte, o qual, como supunha, me aguardava em Sinaketa. Recolhi-me cedo.

Quarta, 25.4 [*sic*]. Novamente irritação. Tive de conseguir ajuda de M'bwasisi para procurar acompanhantes. Afinal, depois de muita confusão, peguei minhas coisas na *waga*, mas estava tão zangado que simplesmente não conseguia nem olhar para os *negros*. Li *Cartas Persas*, que não me deu muito combustível para reflexões, a não ser por algumas máximas filosóficas e sugestões sociológicas. Contemplei a paisagem: a água, escura a princípio; a costa, depois da praia de Okina'i e Osikweya: pedras pequenas, cobertas de vegetação sobre pequenas faixas de areia. Perto de Giribwa, a água é clara, sobre os recifes vivamente coloridos e arredondados pela areia (*afloramento vatu*). Além de Giribwa, o litoral não é tão rochoso e alto como eu havia imaginado; um *raybwag* achatado se ergue acima da praia, que em alguns pontos se apresenta até mesmo arenoso. A seguir, manguezais; Muwa sempre me lembra Saska Kempa.* Fadiga; dor de cabeça; *não me senti preparado para receber correspondência.* — Não havia cartas; passei a tarde na casa dos Raffael, que me convidaram para ficar com eles, uma vez que a casa de Bill estava ocupada. Visita a Auerbach. Noite nos Raffael; *de omnibus rebus*, mas nos recolhemos cedo.

*Região rural famosa próxima a Varsóvia.

26.4. Levantei-me às 6 — havia planejado trabalhar com gramática com Raffael. Ele me mostrou sua enorme *bolba* [pérola bolha], conversamos, fizemos planos. Depois, por cerca de duas horas, trabalhamos com gramática, *sob grande pressão*. Durante o almoço, debatemos Napoleão etc. etc. Depois tornamos a nos concentrar na gramática durante mais ou menos uma hora e meia. Às 6 eu já estava cansado de tanto falar. Corri para Kaulasi, deixando a escuridão chuvosa da noite cinzenta me envolver. Meus pensamentos galopavam. Mentalmente continuei falando, explicando, persuadindo — mas não sobre o trabalho, só sobre besteiras. Tentei *desviar o curso das associações*, mas em vão. O melhor é parar de pensar totalmente (tipos de associação: a situação entre George e Raffael. Lembro-me de toda a minha conversa com Raffael etc.). À noite, conversamos e lemos trechos de Chateaubriand, Victor Hugo etc. — Dormi mal.

Sexta, 27.4 [*sic*]. De manhã, chuva, umidade, tempo úmido. Mudei-me para a casa do George. Incapaz de trabalhar: situação incômoda, irritado pelos *meninos*, atormentado pelos mosquitos. Almoço às duas e meia. A seguir, debate sobre...? (Debates: pela manhã, sobre assassinato ritual, à noite, sobre maçonaria; com relação a esta última, fiquei bastante convencido.) À tarde, trabalhei muito mal até as 5; depois fui até a casa do George; a conversa com George também me causa esgotamento nervoso. Caminhei até Bwadela. De modo geral, esses dias, à parte o prazer que tive pelo novo contato com a língua e literatura francesas, passam em branco.

Sábado, 27.4 (erro nas datas — 8-10.4). Pela manhã, trabalhei sobre gramática, com Raffael e sozinho. À tarde (almoço tardio; depois, das 3 às 4, meninos de Oburaku compraram pérolas), às 4:30 vi George Auerbach, que recebeu uma carga de nozes de areca, depois fui a Bwadela num estado de agitação nervosa. Tirei algumas fotografias por lá e voltei muito cansado. Fiz anotações sobre a paisagem noturna na aldeia. À noite lemos um pouco, depois nos recolhemos cedo.

Domingo, 28.4. Trabalho pela manhã. À tarde, quase não fiz nada; conversei com Raffael, observei os cães e os nativos. Dei uma curta caminhada até a aldeia, onde falei com Motago'i* (*informante de primeira categoria*). Depois...

Segunda, 29.4. De manhã, escrevi uma carta para E. R. M. e trabalhei com Raffael. A sra. Mahoney apareceu para uma visita. Desperdicei o dia inteiro com ela. Fui ver Auerbach. Conversas: Headon matou o cachorro do Dr. Harse; o médico processou-o. Samarai apóia Headon. Dr. H. é um vigarista. A sra. Mahoney não quer barganhar; tem dívidas, deseja pôr um ponto final nas coisas, mas não pode. Ele está apaixonado pela srta. L. — problema: o que ela vai fazer do seu futuro? — Ela nos conta sobre suas intervenções em lutas entre nativos. Esta mulher de 63 anos, alta, forte, com feições anglo-saxônicas ultravigorosas, que emprega constantemente uma linguagem profana (*danado, maldito*) é bastante simpática. Voltei. R. macambúzio. Sam soube pelos meninos de Kavataria que R. os havia expulsado da varanda, e que eles tinham ido para a casa de George. Criou caso com R. por intermédio de uma carta. R. levou isso a sério e revela toda *sorte de coisas*: S. abre as cartas dele, não lhe dá *vaygu'a* suficiente, repreende-o constantemente — e além de tudo o mais, Emma. Tentei acalmá-lo filosoficamente — mas, naturalmente, é difícil ser filósofo quando a gente mesmo está agastado. Recolhemo-nos muito tarde, aguardando cartas.

Reflexões sumárias: desde quinta estou num estado de perturbação extrema. Preciso acabar com isso definitivamente. A causa é um contato muito violento e apaixonado com as pessoas, uma comunhão desnecessária de almas. Não resta dúvida de que a presença de um homem inteligente com passado parisiense é muito importante e encantadora para mim. Mas não devo fazer disso meu *principal assunto*. Podemos conversar à noite, mas devíamos guardar silêncio durante o dia. O mesmo com George: não devo ser brilhante,

*Motago'i, um dos melhores e mais importantes informantes de Malinowski, citado em *Jardins de coral* e em *Vida sexual*.

não devo lhe repreender o brilhantismo e a ambição dele. Se eu o deixar falar e me limitar a ouvi-lo, ambos nos daremos melhor um com o outro.

Observações de instintos e sensações dos cães: Raton está apaixonado por "Vilna", segue-a, fareja-a, ataca-a violentamente, masturba-se no ar; ela fica grunhindo e não cede um milímetro. E mesmo assim há uma cadela aqui da qual Raton nem mesmo toma conhecimento. Em outras palavras, os animais têm sensações eróticas individualizadas, o que [Shand] chama de "*sentimentos*".

Os problemas etnográficos não me preocupam, em absoluto. No fundo, estou vivendo fora de Kiriwina, embora odeie intensamente os *niggers*.

Confortos físicos: excelente — morar na varanda deles, alimentação perfeita, sinto-me bem, a não ser por um ligeiro nervosismo.

À noite, lemos obras em francês — a *Fedra* de Racine não me causa grande impressão; a prosa de Chateaubriand e a poesia de Victor Hugo me impressionam bem mais. Falo francês fluentemente; não tenho dificuldade de formular minhas idéias lingüísticas para Raffael.

Não penso muito em E. R. M., mas todos os meus impulsos eróticos se concentram nela. Também tenho momentos de forte anseio emocional por N. S.

Moral: devo evitar com o máximo empenho, seja qual for o pretexto, sair do estado de isolamento completo como aquele em que me encontro, pois isso apenas me fará ficar nervoso.

Terça, 30.4. De manhã trabalhei um pouco. Às 12, cartas: Ivy, depois li N. S. com carta inclusa de Robertson; depois Mim, Paul etc. Por último, E. R. M. — as cartas de N. S. são como punhaladas no meu coração; resolvo escrever para ela uma carta absolutamente irrevogável. As cartas de E. R. M. me absorvem inteiramente, mas como sempre fico ligeiramente irritado depois de lê-las. Essa irritação continuou até hoje (estou escrevendo este registro na manhã de 2.5). Os comentários dela sobre abandonar os Spencer, Lil. etc., por mim, me irritam um pouco; também me agasto pelo que ela diz sobre Charles. — À noite, caminhei num ritmo acelerado até Kumilabwaga, compondo uma carta

para N. S. À noite, conversa inofensiva com Johnson e Wills, depois escrevi cartas para C. G. S. e A. H. G.*

Quarta, 1.5. Pela manhã, terminei a carta para A. H. G., escrevi para mamãe: autorizações para agir em meu nome. Depois comecei a escrever para N. S. mas não terminei. Depois do almoço tentei escrever novamente para ela, mas não consegui terminar, não pude nem mesmo tomar uma decisão definitiva. Por volta das seis da tarde fui ver Auerbach; tentei evitar brigas e *surchauffage* na conversa com ele. Separamo-nos num clima amigável. Saí às 8:30. Conversa com R., que me contou seus planos. Depois li as cartas de E. R. M.; a personalidade dela sempre me enche de música. Também estou um pouco orgulhoso e um pouco enciumado, em razão dos interesses políticos dela.

Quinta, 2.5. Passei quase o dia inteiro escrevendo para N. S. e escrevi com grande dificuldade. Não consegui escrever espontaneamente. Formulei a coisa como um problema a ser resolvido. Em última análise, preciso dizer a ela que estou comprometido com E. R. M. Agora devo lhe contar que provavelmente vou ficar noivo num futuro próximo. — As cartas dela com expressões de um amor profundo e sincero; as cartas de Jeannie, e as de Mary, a ânsia delas por me ajudar a encontrar um cargo, aparentemente para me fazer progredir na minha carreira — tudo isso é muito desagradável, doloroso. Estou profundamente ligado a ela, e meu coração se parte quando penso que ela vai sofrer. Escrevo de uma forma *muito afetuosa*. Aliás, desejo até conservar a amizade e a confiança dela, se possível. — Terminei a carta às 4 horas. Depois, redigi algumas linhas para E. R. M. Às 5 coloquei as cartas no correio e fui dar uma caminhada num ótimo estado de espírito, decidido a trabalhar, e preparando *problemas sobre os jardins*. Na aldeia, alguns companheiros me falaram sobre jardins. Pretendia trabalhar à noite, mas conversei e li com Raffael em vez disso. Depois li cartas de E. R. M. até as 12.

*Provavelmente, Dr. A. H. Gardiner, arqueólogo, mencionado na Parte I.

Sexta. 3.5. Pela manhã, trabalhei com a língua, extremamente bem. O mesmo à tarde: terminar a gramática de maneira a abranger todo o material que já reuni. Vou ter de planejar o que fazer de agora em diante. Sinto um forte impulso de trabalhar. Devo analisar o material de Vakuta e Oburaku, revisar os problemas gerais, e mais particularmente os lingüísticos. Às 5 fui à aldeia, onde me ocupei um pouco, mas nada fiz de importante. Depois, uma conversa fútil com George. A seguir, tornei a falar com Raffael; recolhi-me por volta das 11.

Observações: O filho de R. está doente. A mãe está muito bonita assim, apreensiva e pesarosa. R. está cada vez mais simpático; ela também. Sinto-me muito à vontade aqui. Ao mesmo tempo, simplesmente sinto falta de Bill.

— Cartas de Gardiner e Robertson me animam. Estou planejando, ao retornar à Inglaterra, formar uma sociedade ou academia com todos que pensam como Gardiner e eu. Uma espécie de R.S. humanística [Royal Society], muito exclusiva e estritamente científica e internacional (*M.S.H. = Member Society of Humanists — Sociedade de Membros Humanistas*) (*Sociedade de Humanismo Moderno*).

Sábado, 4.5.18. Um dia durante o qual tornei a fazer um pouco de *trabalho de campo*. Pela manhã, fui aos jardins onde observei o *tapopu*; dia luminoso, nublado. Tirei uns *instantâneos*, conversei com Nabigido'u, colhi alguns bons [ditos] e trabalhei sozinho, fazendo observações sem anotá-las. — Anotei-as em parte depois que voltei. Após o almoço (das 3 às 5!) com Raffael, fizemos anotações lingüísticas, com um dos colaboradores missionários. Depois fomos falar com Johnson eWills, e à aldeia onde conversei com Motago'i — ele é um *informante de primeira classe*. Depois do jantar, sentei-me com os Raffael; conversamos, cantarolamos valsas modernas, lemos excertos de *Jocelyn* [de autoria do poeta romântico francês Alphonse de Lamartine]. Depois li cartas de E. R. M., e passagens que quase me haviam irritado *a princípio* agora me pareciam magníficas. À noite sob o mosquiteiro, e, pela manhã, pensei nela intensamente.

Domingo, 5.5.18. Levantei-me bem tarde; chuva à noite. Hoje preciso escrever tudo o que fiz ontem, e depois ter um bom dia de trabalho com Motago'i. De manhã trabalhei muito devagar. Os *meninos* me irritaram, a criança tornou a ficar doente, temperatura de 105,3F, fiquei realmente preocupado. Pela manhã comecei a ler *Lettres des femmes*. Uma delas muito imprópria, me deu nos nervos. Após o almoço fui à aldeia. Motago'i não estava lá. Voltei com Gigiuri. Trabalhamos perto da casa; mais tarde, com Motago'i. À noite, dei uma curta caminhada, escolhi um local para a tenda. Depois, na casa de George, gramofone, acariciei Jabulona e fiquei com sentimentos de culpa. Voltei para a casa de Raf., onde, depois do jantar, conversamos sobre Rostand. — Desejo muito forte por E. R. M., em quem fiquei pensando durante a conversa a respeito de Rostand... A total ausência de "personalidade moral" é desastrosa. Por exemplo, minha conduta na casa de George: as carícias feitas em Jab., a dança com ela etc. deveram-se principalmente a um desejo de impressionar os outros companheiros:.... Preciso ter um sistema de proibições formais específicas: proibir-me de fumar, de tocar uma mulher com segundas intenções eróticas, de trair E. R. M. em pensamentos, ou seja, recordar minhas relações anteriores com mulheres ou de pensar em relações futuras... Preservar a personalidade interior essencial acima de todas as dificuldades e vicissitudes: jamais devo sacrificar os princípios morais ou o trabalho essencial em favor de "me mostrar", do *Stimmung* de convivência etc. Minha principal ocupação agora deve ser: trabalho. *Ergo*: trabalho!

Segunda, 6.5.18. Chuva o dia inteiro. Pretendia visitar Billy, mas ele não me mandou a *waga*. De manhã escrevi as conversas do dia anterior, o que demorou, e fiz lentamente, sob pressão. Depois do almoço, das 4 às 6, conversa com Motago'i. À noite, caminhada a Kaulasi, depois lemos excertos de Alphonse Karr [jornalista e escritor francês, 1808-1890] e Lamartine. — Mantive as resoluções de ontem: trabalhei o dia inteiro, embora tenha perdido muito tempo conversando com R. (sobre o valor moral dos médicos e outros profissionais etc.). Ainda estou sujeito a irritações mesquinhas nas minhas relações com os *meninos*, a quem devo tratar como cachorros. Durante a caminhada à tarde

tentei me concentrar em obter "*corpo mental*", "força espiritual", ser completamente inacessível a influências externas perturbadoras, seja de escuridão, das multidões, ou do ambiente. Ser capaz de trabalhar na varanda com todo o tumulto em torno de mim. Trabalhar devagar, sem pressão nervosa, mas sem interrupções efetivas no fluxo do trabalho. Preciso tentar não perder nem um único minuto no meu trabalho atual. Agora que elaborei um sistema para conseguir os materiais lingüísticos e etnográficos, preciso selecionar dois ou três pontos — Wawela, Tubowada, Sinaketa — e me contentar em concentrar-me neles. *Movimentação demais* não dará bons resultados. *Plano*: não correr até Kaduwaga, mas voltar a Kiriwina. *Par excellence*, a Tubowada. No caminho, dois dias em Omarakana, dois dias em Liluta (tentar sair tanto quanto possível de Namwana Guya'u), dois dias em Kabwaku. Depois da volta de Kiriwina, em meados de junho, uma semana em Bwoytalu, depois Sinaketa, talvez alguns dias em Kitava ou Kadugawa.

Caminhada vespertina: controlando meu medo do escuro. Caminhei através de uma espécie de túnel formado pela folhagem iluminada contra um fundo escuro. A sensação de que havia silhuetas me observando, quase me tocando para um propósito específico. Descoberta de que sob certas circunstâncias é mais fácil sucumbir a "crenças emocionais" do que resistir a elas. É simplesmente a lei do menor esforço. *Percebo essas coisas como aparições reais e inócuas, em vez de como "realidades (físicas) que atuam sobre os meus nervos"*.

Terça, 7.5. De manhã escrevi um rascunho das conversas, e fui incomparavelmente melhor do que no dia anterior: terminei às 11 *em vez* de às 2. Depois, caminhada com Motago'i até o *tapopu*. Senti-me vigoroso, trabalhei otimamente bem, de forma eficiente apesar das dificuldades (câmara, o sol, anotações *en route* etc.). Momentos felizes de amor à natureza tropical, pena por ter de partir no final, mas desejando que E. R. M. estivesse aqui. — De volta à casa, fiz as malas rápida e vigorosamente, sem dor de cabeça etc. Parei na casa de George no caminho de volta. Estava de bom humor. No barco, fiz planos e os anotei. O sol se pôs, as margens desapareceram, e o mundo inteiro recuou e submergiu nas trevas. O barquinho sobre as ondas. Contemplei o pálido céu a oeste. Esta-

va traçando planos — estava me concentrando, mas não conseguia pensar sistematicamente. — Em Gusaweta conversei com Billy, selecionei meus papéis, me senti sonolento. Sob o mosquiteiro pensei em E. R. M. como a única possibilidade erótica. *Quase desmaio de desejo*. Eu a amo loucamente.

Quarta, 8.5. Dia maravilhoso e fresco, na varanda de Billy. Mar ondulado, escuro; céu azul-claro com nuvens brancas imponderáveis. O horizonte um tanto nebuloso. — Pela manhã escrevi e copiei material. Manhã bonita: vi meus cinco meses como um piquenique longo, adorável, agradável e divertido em Kiriwina, e desejei estar outra vez em Omarakana etc. — Enquanto trabalhava tentei deliberadamente atingir um ritmo pacífico, animado, ser capaz de trabalhar, dormir etc., apesar dos ruídos, dos obstáculos etc. Pensei em E. R. M., uma vez mais me concentrando em ser fiel a ela, na sua exclusividade. — O trabalho de cópia não foi bem, perdi um bocado de tempo examinando papéis e selecionando-os. Às 11:30 fui a Teyava com Billy e tirei fotografias ali, e contemplei o *wasi* (*nunca ir acompanhado*). Tirei fotos de mulheres pendurando *noku*. Senti-me um pouco irritado pela presença de Billy. — Depois do almoço copiei mais um pouco e preparei a campanha: *jogos e brincadeiras infantis*. Fui à aldeia com Teapot. Alguma dificuldade em encontrar um informante. Tentei dominar minha impaciência e minha raiva. Afinal, surgiram um ou dois bons informantes. Trabalhei com jogos, sentado sob uma árvore. Caminhada rápida até Kapwapu. Corri por dois ou três minutos (pontadas do lado do corpo). Voltei, comi, copiei anotações, depois revelei fotos com Billy; uma horrível dor de barriga. Recolhi-me — sob o mosquiteiro, desejo por E. R. M. Doente ou não, gostaria de tê-la sempre a meu lado.

Quinta, 9.5. Resolução. Copiar as coisas de ontem cedo pela manhã. Revisar o material de Vakuta e mandar buscar *meninos* de Vakuta: *milamala, kayasa*. Carregar a câmara e ir a Teyava. — Ódio característico pelo pequeno George, que é repugnante, sujo, teimoso e agarra tudo, e cujo pai não o castiga. Neste exato momento ele está todo inchado e odioso. Gostaria de analisar sua urina. — Trabalhei muito bem durante o dia inteiro. Pela manhã copiei anotações e carreguei a câmara; às 11 me senti muito mal, vadiei e me senti tentado a sentar-me e ler (me sentia realmente debilitado). Mas, apesar disso, fiz *kukwanebu* com ótimos resultados. Depois do almoço, terminei o *kukwanebu*, e às 3:30 fui a Teyava, tornando a me ocupar de jogos, obtendo resultados excelentes. (Eu devia fazer uma lista dos jogos enquanto trabalho e tentar assistir a todos, documentando-os com fotos.) Às 5 voltei, comi presunto e ovos com Billy. Depois do jantar, conversa com um companheiro de Vakuta sobre pequenos barcos e *waypulu*. — Depois escrevi *kukwanebu*. Pensei freqüentemente em E. R. M. — com a sensação de que o trabalho árduo faz com que eu me aproxime dela. Algumas vezes resisti com êxito a tentações enquanto pensava nela. Sob o mosquiteiro, pensei muito intensamente.

Sexta, 10.5. À noite, temporal (dormi bem); de manhã, aguaceiro contínuo. Céu cinzento, reflexos prateados na superfície do mar, que está *encapelado e de uma cor tendendo ao roxo*. Senti-me "enervado": senti fisgadas nos olhos, tive uma sensação de leveza e pressão sangüínea alta, uma sensação de vazio na região do coração. Idéias e emoções meio indefinidas. Quis fazer um pouco de ginástica sueca, ou dar uma longa caminhada. Resolução: se esta chuva continuar, você deverá fazer um pouco de ginástica. Deve terminar todos os trabalhos pendentes: dicionário, Vakuta, *jogos*. Chuva o dia inteiro. De manhã, copiei textos e os completei com a ajuda do *menino*. À tarde, tornei a escrever; não me senti cem por cento o dia inteiro. Apesar disso, trabalhei. Às 4 *saí*; caminhei até Kapwapu. Cansado, adoto como meu lema: "*uma das mais importantes formas de trabalho é o repouso*", e relaxei. À noite, planejei fotos com Billy. — Pensei continuamente em E. R. M. Ela está presente em todos os meus pensamentos, planos e sentimentos. Mas não sinto por ela um desejo violento. Pensei um pouco na minha conduta com relação ao *Sir* B. S., aliás pensei nisso um bocado de tempo. Também estou esperançoso e ambicioso com relacão a meu trabalho. Planejei cartas ao Prof. Goddard, Frazer e Macmillan.

Sábado, 11.5. Manhã luminosa. Levantei-me um pouco cansado, sentindo dores (reumatismo ou ginástica?). Hoje me dediquei à foto-

grafia. — De manhã, depois de mandar Ginger à casa de Raffael (esqueci-me de mandar *carga e lençol*), quebrei os dentes. Consternação, *seguida de uma calma filosófica*: afinal efetivamente vivi sem dentes durante dois meses — até mais, pois não pude usar os dentes até meados de outubro. Tomei o desjejum calmamente, conversei com Billy sobre escrever para o dentista. *Contudo*, fiquei um pouco tenso. Às 10 fui a Teyava, onde tirei fotos de uma casa, um grupo de meninas e o *wasi*, e estudei a construção de uma nova casa. Nesta ocasião fiz uma ou duas piadas grosseiras, e um *desgraçado de um nigger* fez um comentário desaprovador, em razão do qual eu os descompus e fiquei profundamente irritado. Consegui me controlar *imediatamente*, mas fiquei terrivelmente aborrecido com o fato de esse *nigger* haver ousado falar comigo de um jeito daqueles. Depois do almoço, das 2:30 em diante, trabalhei com *kukwanebu*, linguisticamente. Às 4 dei uma caminhada. Tentei relaxar, não tinha corrente de associações. Lembrar: a capacidade de repousar é um dos mais importantes elementos do trabalho! Sem ela, não há trabalho estável nem frutífero. Agora estou tão saudável e com tão boa disposição que não sinto desejo de romper a continuidade do trabalho lendo romances. Nem mesmo aguardo cartas e não quero que o tempo passe rápido demais; simplesmente vivo de e para meu trabalho. Não posso me repreender por perder tempo, por não trabalhar arduamente e visando a um objetivo. — Durante minhas caminhadas pensei no meu projeto dos *jogos*, como eu o descreveria a E. R. M., e tentei formular alguns *pontos de vista* gerais. O único descanso que posso me permitir é uma longa caminhada durante a qual possa me concentrar outra vez em formular pontos de vista gerais: *(1)Dogma, versão ortodoxa, teologia. (2) Frases reflexas, anot. etc. (3) A regra e a realidade,* ou seja, captar como os *niggers* formulam uma determinada regra, como a conceberíamos, e finalmente dar material concreto, com a ajuda do qual possa ser controlada etc. etc.

Narrativa outra vez: conheci mulheres na fonte, observei como elas retiravam a água. Uma delas muito atraente, me excitou sensualmente. Pensei como seria fácil estabelecer uma *ligação* com ela. Sinto

que exista essa incompatibilidade: atração física e aversão pessoal. Atração física com forte magnetismo físico. Na volta eu a segui e admirei a beleza do corpo humano. A poesia do entardecer e do crepúsculo permeavam tudo. Pensei como E. R. M. teria reagido maravilhosamente a tudo isso, e percebi o abismo entre mim e os seres humanos em torno de mim. Voltei para casa caminhando. No jantar, uma súbita *alegria*. Depois tornei a trabalhar, com Marian e Kaykoba. Recolhi-me às 10:30. Irritado com Ogisa, Marianna e os *niggers*, que ficaram conversando. Não me importo nem um pouco com o Governo, mas percebo como são fúteis e tolos tais pensamentos.

Domingo, 12.5.18. Uma nova chuvarada, um dia de ventania. No dia anterior eu não fiz exercício e não me senti muito bem: tensão nervosa *sem excessos*, impossível realmente me concentrar. Ao mesmo tempo, dor de cabeça, pressão atrás dos olhos como na vez, há dois anos, antes do colapso de Nayore. — Apesar disso, trabalhei o dia inteiro, mas de uma forma não intensiva demais, e sem satisfação interior. Momentos de ódio violento pelo pequeno George, alternando-se com momentos de uma afeição quase amistosa. Mas o pai dele não lhe dá um pingo de educação. De manhã, depois de escrever o diário, copiei textos, tracei planos lingüísticos etc. Depois desenvolvi o tema *tapopu*. Tudo isso bem devagar e sem concentração. À noite, depois do jantar, pensei em E. R. M. sentado sozinho do lado agradável e fresco da varanda; pensei nela com uma saudade serena e satisfeita. Em certos momentos, lembranças desagradáveis: meus dentes quebrados, *Sir* B. Sp. etc. — "Associação de idéias" — *que princípio fútil!*

Segunda, 13.5.18. Decididamente, sou supersticioso: como hoje é dia 13, não ouso planejar nada importante e no fundo estou convencido de que qualquer coisa que eu possa começar hoje *será amaldiçoada e vai gorar*. Despertei cedo, pensei em E. R. M. *Acabo reconhecendo*: o contato físico, a entrega desmesurada é válida apenas tendo como pano de fundo a verdadeira comunhão espiritual. E.

R. M. é a única mulher pela qual sinto isso. — Os pensamentos obscenos poluem e destroem toda possibilidade dessa verdadeira comunhão. — Embora Sócrates não possuísse a verdade completa ao dizer Γνωθι Σαυτόν [conhece-te a ti mesmo] & serás virtuoso, porém, eliminar a equação conhecimento = virtude & dizer, *video proboque meliora** etc. também é falso, ou no mínimo uma meia verdade. — Vadiei um pouco (me barbeei, lavei os cabelos, copiei textos), mas por volta das 11 fomos à aldeia. Tirei uma foto de uma casa; depois de jogos e redes. Voltamos à 1; o malote chegou. Li cartas de N. e [Lady St.] (apenas corri os olhos por elas, vi que não continham nada dramático). Depois Hedy, Paul, Mim, Anna. Paul, como sempre, me enche de um contentamento calmo — com o fato de ele existir. A carta de Mim, muito amigável e pessoal. A seguir, E. R. M. — como sempre algo me incomoda ou irrita nas cartas dela (dessa vez, um panegírico sobre a sra. Gilbraith). Só depois de ler duas ou três vezes é que eu recuperei meu equilíbrio — todas as sombras se esvaeceram e eu senti a música da individualidade dela. Fiquei muitíssimo desanimado pela ausência de cartas de 1/4 a 14/4. Depois de ler as cartas fui a Losuya; sentia-me forte e caminhava com vivacidade. Suei e provavelmente forcei meu coração. "30%" se portaram muitíssimo bem, mas foi um imbecil como sempre. Voltei a pé — dessa vez não abandonei nem um pouco minha reserva pessoal, e, no momento em que voltei as costas para ele, parei de pensar nele. Planejei cartas para E. R. M., para Mim e Paul. A noite caiu, caminhei rápido sem me cansar. À noite revelamos fotos, eu não me senti muito bem.

14.5. De manhã li as cartas de N. S. e uma vez mais senti pena dela, e desejei dedicar minha vida a ela, consolá-la e aliviar sua enfermidade. Mas este sentimento não é "verdadeiro", pois eu me conheço, e sei que sou incapaz de me dedicar etc., e que "o amor e uma cabana" não me bastam. Mesmo assim, sinto que sentimentos maravilhosos como os de N. sejam desperdiçados comigo, e por minha causa. Depois do desjejum perdi algum tempo examinando a câmara nova de Bill e folheando jornais, revistas etc., sobre a guerra. A seguir, escrevi cartas. Durante o dia inteiro me senti mal — secura e pressão nos globos oculares, falta de energia e iniciativa, sensação de esmagamento por coisas que preciso superar. Cada dificuldade, obstáculo, interrupção no trabalho me irrita. Não penso muito em E. R. M. *Resolvo* que não é possível que ela esteja doente e que nada de mau pode acontecer a ela. À tarde, escrevo-lhe uma carta, mas, por assim dizer, sem contato pessoal. Curiosamente, é mais difícil para mim estabelecer um contato pessoal com ela do que com qualquer outra pessoa. Talvez porque escrever para ela exija uma concentração maior e mais intensa do que escrever para qualquer outra pessoa. À noite, escrevi para Robertson, Hunt. Reli e selei a carta para Elsie. Recolhi-me às 10:30.

15.5. Hoje me sinto decididamente melhor do que ontem, embora durma mal, e me levante cedo. Vento frio, não muito forte, maravilhoso, de sudeste. *Stimmung*. Comecei a fazer planos e a trabalhar cedo, com confiança e prazer. E. R. M. ainda pouco nítida. Vou ter de escrever cartas para N. S., sra. Pat., Mim. Pela manhã comecei a fazer as malas e a *revisar* tudo, de forma a escrever para B. P. [Burns Phelp] à noite e a empacotar as coisas para Omarakana. Preparei a bagagem durante a manhã inteira, depois do almoço inspecionei tudo e fiquei vadiando. (Às 3 enviei Ginger a Omarakana.) Depois fui até a aldeia com Billy (ou fui sozinho?). À noite, carta para N. e cartas de negócios. Muito cansado.

16.5. Quinta. Acordei com dor de garganta e um horrível muco verde. Pela manhã, terminei as cartas, depois Billy foi a Kiribi; caminhei até a aldeia e tirei algumas fotos. Depois do almoço sentei-me e li. Às 3 Billy subitamente voltou. Revisei os papéis, depois ambos fomos até a aldeia. Tiramos fotos dos jogos. Depois fui a um jardim e conversei com gente de Teyava *sobre agricultura e magia dos jardins*. Voltei ao pôr-do-sol, sentindo-me *febril*. Quis tomar um pouco de remédio e escolhi Chlorodyne. Tive uma conversa agradável com Billy, fui para a cama.

**Video meliora, proboque; deteriora sequor* (vejo e aprovo as melhores coisas; sigo as piores) — Ovídio.

Marian se comportou de uma maneira revoltante. Fiquei constrangido pelo Billy. Pensei de maneira muito intensa em E. R. M.

21.5.18. Parei de escrever o diário. Piorei cada vez mais. Tive febre à tarde por dois dias (sexta e sábado); no domingo estava bem adoentado. Na segunda (ontem) me senti melhor, mas ainda estava fraco e com os *nervos em frangalhos*. Sofri horrivelmente por ter de morar em meio a este pandemônio de crianças *niggers*; particularmente meus *meninos* me irritaram, além de Marianna. Contudo, ontem eu pus de lado minha indolência, quase no mesmo momento em que me senti melhor. Mas hoje preciso tomar cuidado outra vez.

17. Sexta. Manhã, *okwala*; tarde, fotos. Febre baixa.

18. Sábado. *Tuma*. Senti-me debilitado pela manhã. Tarde na aldeia. Febre.

19. Domingo. Bastante doente. Li as cartas de E. R. M. Escrevi à tarde.

20. Segunda. Billy foi a Kiribi. Li primeiro um romance, depois fui trabalhar.

Saúde: tive uma gripe violenta na cabeça e dor de garganta. Não desceu para o peito, mas "insinuou-se na minha cabeça". O mesmo estado de indolência e fraqueza que em Nayore. Passei fome, lembrando-me da teoria de Elsie de que posso ter um ponto de infecção nos intestinos. Um sintoma muito desagradável, uma dor inteiramente nova nas costas, que passa meia hora depois de eu me levantar.

Problemas: interesses científicos minguam à medida que me sinto mais fraco. No domingo fui incapaz de me concentrar ou de trabalhar. Desejo incontido por E. R. M., cujas cartas leio, sentindo-me imensamente próximo a ela.

Emocionalmente: depressão melancólica, me deixando mergulhar na inatividade e na indolência. Nem por um momento temo uma doença incurável — em razão de otimismo, embora a dor lombar me preocupe. Seria o início da tabes?[6]

[6] *Tabes dorsalis*, ou ataxia locomotora, progressiva degeneração sifilítica da coluna posterior e raízes posteriores da coluna espinhal. (*N. da T.*)

Resoluções: a coisa mais importante é não se entregar a essa inércia, *"tomar cuidado". Sim, tomar cuidado, mas trabalhando. Trabalhar com leveza, sem esforço e heroísmo. O trabalho deveria ser para você algo natural e divertido. Você devia adorar ver seus papéis em torno de si, mergulhando profundamente no trabalho. Mais uma vez, não se deixe seduzir por atalhos, por um romance desgarrado largado por aí, ou, quando desejar jejuar, por um pouco de alimento que seja colocado à mostra sobre a mesa. O principal agora é retornar a sua total capacidade de trabalho. Para esse fim, você deve tentar de novo a cura pela fome e não deve desperdiçar nem um só minuto de seu tempo com romances etc.*

— Estou lendo Chateaubriand. Totalmente sem conteúdo. Falta-lhe o sentido científico, a aspiração à Verdade como o instinto de ver as coisas como são, em oposição àquilo que nossa fantasia gostaria de fazer delas.

Quinta, 23.5. Ontem tornei a me sentir muito fraco. Pela manhã, ao me levantar, uma dor lombar excruciante. Alguns minutos depois, ao me levantar (quase não consigo me manter deitado, tanto me cansa essa dor estúpida, e em geral passa meia hora depois de eu me levantar), quase desfaleci; senti-me tonto e tive de me sentar numa cadeira. Isso me assustou e me tirou o ânimo. Em vez de trabalhar ou escrever cartas, comecei outra vez a ler romances. Li srta. Grimshaw, *When the Red Gods Call* (Quando os deuses vermelhos chamam), e um romance de [William J.] Locke. Devo assinalar um certo progresso: depois de ler essas coisas, hoje, quando ainda estou muito fraco e cansado, os romances me atraem como "uma janela aberta para a vida". Ontem, além dos meus sentimentos de culpa generalizados, tive sentimentos específicos com relação a E. R. M.: estou perdendo tempo, enquanto é meu dever para com ela e para com "nossos filhos" trabalhar com o maior afinco possível e atingir uma "posição" em relação a mim mesmo — ser alguém que realmente conseguiu algo; deixar minha marca neste mundo. Quando me sinto tão debilitado de manhã, sinto um desespero mudo: se me tornar um aleijado inútil, vou cometer suicídio ou, no final das contas, não me casarei com ela. — Desejo escrever para ela o tempo todo. Enquanto leio o romance, evoco continuamente E. R. M. Eu a amo de

forma cada vez mais profunda, mais verdadeira, mais apaixonada. Todos os ciúmes bobos e sentimentos secundários (como arrependimento e sentimento de humilhação por causa de C. E. M., o aborrecimento por causa dos Gilbraith etc.) desaparecem.

Terça, 21. Trabalhei bastante bem durante o dia, mas às 5 comecei a ler *Poker's Thumb*, e terminei-o tarde da noite.

Quarta-feira, 22. Pela manhã, dor, desespero, dúvidas. Senti-me muito debilitado. De manhã, Beatrice Grimshaw. À tarde, *The Wonderful Year* (O ano maravilhoso), de Locke.

Sábado, 25.5. Ontem e anteontem, saúde muito melhor. Não li romances nem desperdicei tempo algum, a não ser pelos momentos em que precisava descansar. Não me sinto nem um pouco forte, e nem me atrevo a sair para dar uma caminhada. A dor na região lombar cessou, seja porque o tempo está mais quente, seja porque estou usando cinta de novo durante o dia. Anteontem e ontem eu trabalhei, mas sem grande energia ou interesse. A saudade de E. R. M. e de Melbourne ainda é imensamente forte. Fico o tempo todo relendo as cartas dela e pensando em minha volta. Também me recordo do meu quartinho em Grey St., da Biblioteca etc. Estou mesmo apegado a ela e a amo muitíssimo. Em certos momentos, assusto-me por causa da semelhança entre ela e Auntie e Maria C., lembrando-me do jeito que ela era nas piores épocas, julho, agosto e setembro. Ela não é "a realização de todas as potencialidades da mulher", mas preciso abrir mão desse tipo de coisa. Ontem à noite, tive pensamentos lascivos a respeito da sra. C., L. P. e G. D. Mas superei essa tendência e os pensamentos desapareceram por si mesmos. Esta manhã, depois de 10 gramas de quinino, que foi indispensável ontem, me senti um pouco mole, e, em vez de me concentrar e ler o diário etc., li o último Boletim. Porém veio a reação. Preciso trabalhar com afinco e de forma consistente. Além disso, devo me interessar pelo meu trabalho, e *"faire travailler mon sommeil"*. — Os nativos ainda me irritam, especialmente Ginger, que eu poderia espancar com vontade até a morte. Entendo todas as atrocidades coloniais alemãs e belgas. — Também fico espantado com as relações da sra. Bill com um belo *nigger* de Tukwa'ukwa (Mukwadeya).

Sabe Deus o que acontece durante o *supeponi!* — Estou aguardando o próximo correio com ânsia e impaciência. Afinal de contas, E. R. M. não me escreve há duas semanas. Ontem passei os olhos pelas cartas dela e notei que efetivamente elas não estão *à sa hauteur*. Ela devia manter um diário.

Quinta, 23. De manhã, escrevi para E. R. M. Por volta das 11:30 fui a Teyava trabalhar com jogos, sob uma árvore. À tarde (tornei a desperdiçar um pouco de tempo), fui a Tukwa'ukwa, tentando obter cópias de [*koukwa*] da sra. Togugua, mas sem resultados excepcionais. À noite copiei textos com a sra. Togugua.

Sexta, 24. Pela manhã terminei carta a E. R. M., que Norman Campbell vai levar a Samarai. Depois ajudei Billy. Por volta das 12 fui ao *sopiteyava* [...]; depois observei jogos e fiz anotações sobre eles. Almoço com Billy. À tarde, tirei fotos do interior da casa. Depois passeei até Tukwa'ukwa. À noite observei *jogos*.

Sexta, 24. Sinto-me muito melhor, e estou começando a trabalhar. Porém, depois de escrever o diário, pela manhã, me senti preguiçoso e desanimado. Trabalhei com Togugua, mas antes li Rivers como uma espécie de aquecimento. Dessa vez ele pareceu muito menos absurdo, e, com reservas que ele mesmo reconhece, o livro dele não parece mau. Sua leitura me estimulou, e eu simplesmente estou fervilhando de idéias teóricas. No meu caso, até onde posso ver, o problema principal será manter minha boca fechada. — Depois de trabalhar com Togugua me senti mal. Deitei-me e tirei uma soneca. Depois Davis veio. Tentei prepará-lo com relação aos nativos de Kiriwina, e ajudá-lo, dando-lhe o Seligman etc., e até prometendo emprestar-lhe [Rev. S. B.] Fellowes [o primeiro missionário nas ilhas Trobriand]. Embora com a barba por fazer e de pijama sujo, consegui manter a dignidade. Acompanhei-o alguns passos. Com Billy [conversei] sobre Mick, que resmunga sobre Norman: *"Aquele safado de Kaiawato! Você tem metade de uma garrafa de uísque, o s. do Kaiawato e cachorros e gatos."* N. consumia uma caixa de tabaco em três semanas, sem comprar pérolas. À noite fui a Tukwa'ukwa, onde os negros se recusaram a *mwasawa*. Depois a Teyava, onde Marianna e seu séquito também foram. Caminhei de braços dados com Nopula.

Para incentivá-los a brincar (não havia ninguém no *baku*), comecei a praticar *kasaysuya* eu mesmo. Eu precisava de exercício, além disso podia aprender mais participando pessoalmente. Muito mais divertido do que os pequenos jogos organizados há alguns dias em [Nyora]. Aqui, pelo menos, há movimento, ritmo e o luar; também a emulação, *a interpretação de papéis*, a perícia. Gosto de ver corpos humanos nus em movimento, e, em certos momentos, eles também me excitaram. Mas eu consegui resistir a todos os pensamentos dos quais pudesse me envergonhar ou tivesse medo de revelar a Elsie. Pensei nela, em como o corpo humano sempre me faz pensar nela... A moralidade consiste em uma luta contínua, em uma melhoria contínua da situação e num aumento de força...

Terça, 28.5. Ontem foi um dia perdido. Anteontem, metade do dia foi passado tirando fotos de *nasasuma* em Tukwa'ukwa.* Depois de repousar, trabalhei à tarde com Togugua, e obtive resultados muito bons, entre outras coisas uma versão de um *silami*. À noite, um tanto deprimido e indolente; revelamos fotos. Quase todas as fotos de Billy inúteis; deixei de submeter três delas à exposição. Davy James nos fez uma visita; ele não é muito interessante. — Ontem eu estava num daqueles humores desastrosos que tornam impossível para mim fazer qualquer trabalho, concentrar-se em alguma coisa. Pela manhã, não escrevi meu diário. Depois, *não*** organizei meus papéis. Depois do almoço li Rivers, o que foi *saudável*, mas não li com uma concentração genuína. Depois fiz *a ronda das aldeias*. Teyava estava vazia ao sol; todos os companheiros haviam ido para Tukwa'ukwa, de forma que fui para lá. Sentei-me durante algum tempo, para conversar Mosiryba, que como informante é péssimo. Voltei, e, depois do almoço, li romances a tarde inteira com sentimentos de culpa e desejo por E. R. M. o tempo todo. Li o *Poison Belt*, de Conan Doyle; o *Vicar of Wakefield:* é fácil ler dois ou três romances por dia! — À

*Fotos de cerimônias ligadas à primeira gravidez, incluídas na *Vida sexual dos selvagens*, pp. 217-31.
**Grifo no original.

noite, assisti enquanto Billy *imprimia* imagens, praticava ginástica sueca na parte mais fresca da varanda, e ia a Tukwa'ukwa. O tempo inteiro senti um desejo subconsciente por E. R. M., porém, apesar disso, acariciei escandalosamente Nopula... Controlei-me na volta ao luar, mas nunca mais devo entregar-me a tais práticas. — Resolvi hoje, amanhã e depois de amanhã, terminar meu trabalho sobre jogos, *kokuma* e *bwaga'u*; além disso, tirar algumas fotos. Depois, ir a Omarakana. — Diagnóstico do comportamento de ontem: histeria sexual, causada por falta de exercícios. Hoje tornei a ter (desnecessariamente) pensamentos impuros a respeito da sra. [...].

Quarta, 29.5. Ontem finalmente me livrei da minha letargia. Pela manhã trabalhei durante duas horas em Teyava; me senti muito mal e muito nervoso, mas não parei nem um momento, e trabalhei calmamente, sem tensão, ignorando os *niggers*. Ao retornar para Gusaweta, me senti tão debilitado que presumi que não conseguiria trabalhar à tarde. Apesar disso, a descoberta de *yagumorobwa* de Kudukway Kela me interessou tanto que conversei com eles das 3 às 5, depois fui a Kudukway. Senti-me doente, febril — curar ou matar (suspeitei de pneumonia). Enquanto caminhava não conseguia pensar em nada; só fiz imaginar apaticamente como seria minha volta a Melbourne. Não me senti forte o suficiente para caminhar cem passos. Mas em Kudukway Kela me senti melhor e voltei me sentindo forte. À noite me senti cansado porém bem — saí para contemplar as estrelas que brilhavam acima do matagal baixo, e pensei em E. R. M. Tinha idéias e planos ambiciosos para a propaganda jornalística em Londres (*Westminster Gazette* ou *Manchester Guardian, New Statesman*). Tentei controlar *as futilidades mentais, que acompanham todos os planos e idéias ambiciosos*. Acima de tudo devo eliminar de todos os meus planos para o futuro a ganância, a esperança de fazer fortuna. Minha virtude fundamental deve ser a imparcialidade, e, para tal fim, a pobreza, o desprezo pelo excesso e pelas coisas dispendiosas. Devo viajar de segunda classe tanto quanto possível, alimentar-me de pratos baratos, de forma discre-

ta, trajar-me com simplicidade. Não devo correr o risco de me vender por dinheiro.

Quinta, 30.5. Ontem trabalhei bem; me senti melhor, mas à noitinha os sintomas de indolência vieram outra vez. No caminho para Teyava, pratiquei um pouco de ginástica sueca, e me senti melhor depois. — Pela manhã, diário e carta para E. R. M. Organizei meus papéis. Às 10:30 comecei a trabalhar, mostrando *Kavilumuyo* para companheiros de Bwoytalu e Tukwa'ukwa. Estes últimos (principalmente o guarda e o *tokabitam*) ficaram até o final. À 1:30 bebi leite, li algumas páginas de Goldsmith, e fui a Teyava; lá *críquete*. Voltei e debati *koukuwa* com a sra. Kaykoba, na varanda de Billy. Depois, uma curta caminhada até o *poço* de Kapwapu. Senti-me forte e saudável — pensamentos reprimidos sobre Baldw. Sp. etc. Tentei ficar a sós com a natureza. Vi um navio — correio? O que me traria? Notícias de E. R. M.? Vi, como uma sombra, a possibilidade de algo ruim, um acidente, uma enfermidade. Sensação metafísica de *precariedade das coisas*. Se ela deixasse de existir, o que seria de mim? Será que eu ficaria irremediavelmente deprimido? Ela é a esposa ideal para mim, não resta a menor dúvida. Voltei me sentindo forte e saudável e não consegui ficar realmente deprimido. — À noite conversei com Bill — sobre romances etc. — *depois me reuni ao grupo na cozinha*. Os corpos nus delineados sob o percal, as pernas abertas, os seios etc. me excitaram. Estremeci catalepticamente [*sic*] algumas vezes, fixando firmemente o pensamento em E. R. M. Sempre tento reverter o problema: pensar nela e se os corpos masculinos despertam *instintos brutos* semelhantes nela. Isso é como um balde de água fria, *e eu estremeço fisicamente*. Depois me sentei com a sra. Togugua e escrevi a *megwa* de Saykeulo. Dei um passeio na estrada até Teyava e fiz ginástica. "Busquei a solidão": o vento estava soprando, as folhas das palmeiras estalavam, a lua cheia iluminava as árvores, sua luz resvalando sobre as folhas das palmeiras e formando sombras. Enquanto fazia ginástica, senti uma forte tensão nervosa; uma sensação de centenas de braços se estendendo na minha direção, provenientes das sombras misturadas — senti que algo estava para me tocar, pular em

cima de mim da escuridão. Tentei recuperar a certeza, a segurança, a força. Quis me sentir *só,* e inexpugnável*.

Sexta, 31.5. De manhã, me senti bem e vigoroso. Escrevi para E. R. M. e no meu diário. Revisei os papéis e me senti soterrado. Fui a Teyava com o povo de Kudukway Kela. Lá me aborreci com umas menininhas. Tentei enxotá-las, mas elas teimavam em ficar. Voltei para a estrada, para debaixo de uma árvore. Os *niggers* estavam me dando nos nervos, e eu não conseguia me concentrar. Voltei por volta da 1 hora. Às 2:30 fui para a *odila* com Togugua, e trabalhamos com *bugwaywo*, mas ele é um informante medíocre, e eu senti muita dificuldade. Senti moleza no corpo, quis deitar-me e dormir, e ao mesmo tempo uma inquietação nos músculos e nervos. Tentei me reanimar e fui a Losuya. — Sensação jubilosa de liberdade, vegetação tropical. Tentei formular para E. R. M. a importância de manter um diário como instrumento de auto-análise. Depois pensei no meu trabalho sobre psicologia social, que visa a uma abordagem basicamente nova da sociologia comparativa. Imediatamente ao retornar a Melbourne preciso me dedicar a isso — farei trabalho preliminar, e tentarei convocar E. R. M. para me auxiliar nessa tarefa. — No caminho de volta: a impressão extremamente desagradável em mim causada pelos missionários: artificialidade, culto da superficialidade e mediocridade. *Caráter: "sociedade secreta"*. Nas preces deles, eles mencionam o *Governador e o G. em Conselho e a legislação (= propósitos práticos)*; oram a Deus para que seu trabalho possa ser bem-sucedido, que seu exército seja vitorioso e bom — sempre "nós", "para nós" e utilitarismo. Isso me fez pensar sobre religião: este espírito do clã; "Deus" como uma instituição para auxílio mútuo, para erguer um muro entre si mesmo e perigos metafísicos e econômicos. A idéia básica de Durkheim** é verdadeira, mas sua formulação desprovida de crédito.

*Grifado no original.

**Na revisão feita por Malinowski em *Folk-Lore* (dez., 1918) da obra de Durkheim *Les Formes élémentaires de la vie religieuse* (As formas elementares da vida religiosa), ele mencionou o seguinte: "o deus do clã... pode, portanto, ser apenas o próprio clã..." O estudo se encontra no livro *Sexo, cultura e mito*.

Além do mais, seu ponto de vista é falso, pois ele começa pelo fundo, com os australianos. Existem sociedades e *comunidades não*-religiosas* (ilhas Canárias), bem como religiosas. Religião = grau de coesão no sentido do privilégio metafísico. O conceito de "um povo escolhido". Estudar do mecanismo sociopsicológico disso. — Meu trabalho em polonês versa sobre "pensamento e ação místicos". Religião como caso especial = misticismo e coesão. Acrescentar isso!

Sábado, 1.6.18. Ontem: pela manhã me senti muito mal; depois de escrever o diário, carta a E. R. M. etc., anotei *megwa* com a sra. Togugua; não correu muito bem. Depois do almoço, comecei a ler um romance ordinário; terminei às 5 (*Revolt* [*against*] *the Fates* — Revolta contra os destinos). À noite, sentimentos de culpa, nervosismo (me empanturrei de caranguejos), não fiz nada, me afligi. Quase incapaz de pensar em E. R. M. — em razão dos sentimentos de culpa e uma amarga autocensura. (Registrarei outra vez os eventos de cada dia em sua própria data, não com a data do dia seguinte).

1.6.18. Pela manhã me senti mal, remoendo os sentimentos de culpa do dia anterior. Resolvi dar uma longa caminhada à tarde e trabalhar em Kudukway Kela. De manhã havia terminado de revisar meus papéis e estava pronto para começar a trabalhar, quando Billy propôs uma caminhada até Olivilevi ou Tukwa'ukwa. Fomos. Billy tirou fotos, eu perambulei pela aldeia. Depois observamos *va'otu*. — Isso me deixou excitado, desequilibrado. Li Rivers; o trabalho teórico me atrai. Pensei, ansioso: quando serei eu capaz de meditar tranqüilamente em alguma biblioteca e revolver idéias filosóficas? Fui a Kudukway Kela e resolvi formular minhas idéias teóricas. Mesclei isso continuamente com as críticas de Rivers *ad hominem* de Seligman. Pensei em formular isso para E. R. M., e acabei pensando em escrever "*Introdução à sociologia comparativa*" (*Introdução ao estudo da sociologia comparativa*), que teria um tom diferente dos livros-textos comuns — muito mais livre, mais informal, *dando dicas e perfis*. Livre da "*neutralidade*" acadêmica e contendo muitas coisas *sub beneficio inventarii*. Escrito em um estilo forte, impressionante, divertido. Se eu precisar passar mais um ano em Melbourne com Paul e E. & Mim, vou escrever um rascunho deste livro e dar um seminário uma vez por semana sobre o assunto. Esta Introd. deve ser diferente do tratado completo, que também devo escrever, e no qual vou desenvolver a concepção básica (Tono Bungay*): "*Correspondências sociopsicológicas*" = *o estudo principal consiste em compreender como as idéias (sociais) & e instituições sociais reagem umas sobre as outras. O estudo do mental (que é sempre individual, diferencial) se torna objetivo, consolidado em uma instituição & isso volta a atuar sobre o indivíduo*. Seria ótimo escrever um artigo de cerca de 100 páginas e publicá-lo no *J.A.I.* ou em algum periódico científico americano. Em Kudukway Kela, um momento de constrangimento quando me sentei entre *niggers* e não soube por onde começar. Depois eu os levei para a sombra de uma árvore e conversamos — os resultados não foram ruins. No caminho de volta eu já estava cansado, e não consegui pensar intensamente. À noite trabalhei com Togugua, que dá um trabalho enorme. Li as cartas de E. R. M. Sob o mosquiteiro tive pensamentos lascivos desnecessários sobre E. E. etc.

Domingo, 2.6.18. Senti-me lépido e saudável. Pela manhã, um tumulto medonho e comoção na varanda. Dei uma caminhada curta tentando me concentrar. Definição das minhas péssimas condições psicológicas há alguns dias: ansiedade, espera por algo que estava por acontecer. Sensação de calma e certeza: continuo fazendo meu trabalho, sem esforços nem interrupções desnecessários; devo trabalhar com constância, sem adiamentos e sem *surchauffage*. — Revisei as anotações, copiei. Às 10:30, fui a Tukwa'ukwa; consegui que Kaykoba trabalhasse bastante comigo sobre o *bwaga'u*. Pretendia ir a Kudukway Kela à tarde, mas não fui, li Rivers. Às 4 comecei a trabalhar com *bwaga'u* e, apesar de grandes obstáculos (crianças e *niggers* berrando e fazendo arruaça na varanda), consegui fazer algum trabalho. À noite, aguaceiro. Sentei-me com Billy; comecei a revisar

*Grifado no original.

*Romance de H. G. Wells (1909).

e copiar o material sobre *bwaga'u*. Conversamos sobre maçonaria, e eu tentei convencê-lo de que esses tais mistérios maçônicos não existem, que Raffael é um maçom legítimo, e que ele me contou tudo que há para saber sobre maçonaria. Manifestei meu desprezo pela maçonaria britânica. Excedi-me ao tratar do assunto. Minha autoridade perde força por ser explícita demais. Deve-se debater as coisas de *homem para homem*, não *ex cathedra*. — Recolhi-me às 10. Senti-me perfeitamente bem o dia inteiro.

Segunda, 3.6. Pela manhã não me senti muito sonolento, *aliás*, dormi mal, pois não caminhei ontem. Levantei-me às 6:30, com vontade de me dedicar ao trabalho, mas teórico, não prático. Disse a mim mesmo: preciso observar e conversar, mas também manter os olhos abertos e não deixar passar nenhum detalhe, nenhum *aspecto*. Para esse fim, devo estudar continuamente meu material, bem como ler Rivers e observar os *niggers*, e conversar com eles. Esta manhã, chuva, umidade. Preciso *revisar* o fonógrafo e Viteku tem de cantar para mim. Preciso preparar a bagagem e ficar pronto para partir no momento em que o tempo melhorar. De manhã, uma chuvarada violenta; trabalhei com *bwaga'u* até as 12, de forma intensa e eficaz; quebrei a "noz" e me preparei para aprofundar-me mais ainda e completar a construção. — Às 12 quis ir até a aldeia, mas me senti fraco e cansado, resolvi descansar e dar uma caminhada. Contudo, a chuva estava forte demais; voltei e, *apesar de tudo*, fiz ginástica. Depois do almoço, *bwaga'u* outra vez até as 4. Em Tukwa'ukwa não consegui informantes, e fui a Teyava. Uma hora na varanda — não das piores. Depois do almoço, outra meia hora. Depois acionei o fonógrafo, embora não conseguisse arrancar nem uma nota dele — Viteku não quer cantar para mim. — Voltei, e em vez de trabalhar (eu estava com vontade), conversei com Billy — nossas memórias teóricas. Depois, de 9 às 11, tomei notas de *silami*. Recolhi-me. M., que é uma prostituta vulgar, fez um alarido tremendo. Pensei em como receberia Billy em Melbourne, na casa de Paul, de Ernest, na de meus afins — mais uma vez falta de entusiasmo pelos últimos.

Terça, 4.6. Dormi mal, bebi chá demais ontem e tomei dose dupla de iodo. Fui despertado por um imbecil que berrava furiosamente. Pensei em E. R. M. — no silêncio dela de 1.4 a 14.4 — será que algo poderia ter acontecido naquele período? Teria ela me traído? — *um piccolo momento di debolezza* — com Paul? Eu a rejeitaria? Não. Não teria direito de fazer isso. Não sinto que possa nem queira repudiá-la. Uma complicação terrível. Estranhamente, este pensamento aumenta o charme sensual dela. Um furioso assomo de paixão por ela. Durante dois dias eu havia pensado nela continuamente, e ela me atrai demais. Penso nela como minha esposa. *De facto* estou casado. — Decisão: fazer as malas e ir para Omarakana amanhã. Hoje é um dia frio e nublado, mas até agora não choveu. — Trabalhei bem o dia inteiro, sem lapsos. De manhã quis terminar *bwaga'u*. Não encontrei informantes em Teyava. Fui a uma horta com um grupo de crianças: excelentes informações. Anotei tudo ao chegar. Estava exausto. Depois do almoço comecei imediatamente a organizar os papéis e as coisas. Depois, das 4 às 5, revisei os manuscritos, também notas sobre Oburaku. Necessidade de exercício físico. Corri até Olivilevi. Idéias gerais sobre metodologia. Pretendia revisar meus papéis depois do jantar, mas Mukwadeya & Cia. me deram uma seqüência coerente de detalhes interessantes. Fiz algumas anotações. Depois me sentei para contemplar o horizonte a oeste. Passava uma brisa fresca. Pensei em... E. R. M., naturalmente, e em que mais? Procurei relaxar.

Quarta, 5.6. Senti-me debilitado ao me levantar. Tomei calomelano e sais, e evitei comer. Depois me senti melhor. Encontrei um romance de Meredith. Saí para dar uma voltinha, tentei me concentrar. Idéias sobre método. Analisei a natureza da minha ambição. Uma ambição nascida do meu amor ao trabalho, pela embriaguez pelo meu trabalho, minha crença na importância da ciência e da arte — olhos voltados para o trabalho não vêem o artista — uma ambição que provém de ver constantemente a si mesmo —, *o romance da própria vida*; olhos voltados para a própria forma. Li descrição de Sigismund Alvan, e isso imediatamente me deu coragem

para continuar trabalhando. Ambição externa. Quando penso no meu trabalho, ou nos trabalhos, ou na revolução que pretendo efetuar na antropologia social — essa é uma ambição verdadeiramente criativa.

Omarakana, 8.6.18. Naquele dia (5/6), trabalhei a manhã inteira, revisando minhas notas anteriores e fazendo planos para o futuro. À 1, Harrison apareceu; eu o choquei com minha *linguagem ordinária* e comentários insolentes sobre religião. Tentei aprender algo interessante com ele. Notícias da guerra — até elas atualizadas — e fofocas de Samarai, as únicas [...] Depois ele começou a falar de etnografia, e fez algumas observações; conversamos sobre o *kula*. Uma impressão bastante negativa. Ele não consegue captar minha terminologia, me contradiz e tem *pontos de vista* estúpidos e medíocres. — Conversar com ele me causa uma congestão cerebral. — Saí de *bote*; isso também não me relaxou. À noite, não consegui fazer absolutamente nada. No dia seguinte, em vez de jejuar, comi um *curry pesado*, depois fiz as malas. Terminei depois das 12, mas me sentia completamente arrebentado, tive de me deitar à tarde. Senti-me como que acometido por alguma doença súbita. Simplesmente uma forte enxaqueca causada por congestão cerebral. Uma vez mais, o princípio: "o descanso é uma forma extremamente importante de trabalho".

5.6. Manhã, trabalho. Meio-dia, Harrison. Tarde, *bote*, enxaqueca.

6.6. Preparação da bagagem. Enxaqueca. Li *Capt. Calamity*.

7.6. Moleza. Acabei de me preparar. Fui para Omarakana. Senti-me cem por cento.

8.6. De manhã, me senti nitidamente cansado e fraco.

— Manhã de sexta-feira [7.6], estava chovendo. Luta entre a moleza e o desejo de me libertar. Finalmente, consegui me pôr em movimento, embora me sentindo mal-humorado e apático. Parti à 1. Uma certa empolgação ao pensar que estaria outra vez em Kiriwina e Omarakana. Tracei planos: como me comportar em Omar. com relação ao tabaco. O que fazer, no que trabalhar etc. Idéias acerca de métodos de trabalho de campo. O principal princípio do meu trabalho no campo: evitar as simplificações artificiais. Para esse fim, colher tanto material concreto quanto possível; observar cada informante; trabalhar com crianças, *forasteiros e especialistas. Anotar esclarecimentos subsidiários e opiniões.*

Esta manhã despertei cedo (não dormi muito bem e tive dois horríveis pesadelos. No primeiro, do tipo freudiano, sentimento de pecado, mal, algo detestável, combinado com luxúria — repulsivo e amedrontador. De onde será que veio? E esse sentimento de maldade, que sobe à superfície. A seguir, me senti indolente e não sei por onde começar.

25.6.18.

8, 9.6 Sábado e domingo me senti fraco — não comi nada.

10,11.6. Segunda-feira (dia 10) escrevi cartas (domingo, malote de Gusaweta, li febricitante). Segunda, li *Patrician*. Na manhã de terça, me senti bem, me levantei. — [...] 2 cartas registradas.* Enviei Ginger — fui ver se ele não estava roubando *yaguma*. Entrei no mato e me desfiz em lágrimas. Saí por causa dos mosquitos. No caminho para Tilakaywa, parei em alguns trechos e chorei, aos soluços. (Há experiências às quais a memória não retorna.) Depois me sentei dentro da tenda e escrevi uma carta a E. R. M., na qual cristalizei meus sentimentos — frases que sobem à superfície das emoções qual espuma. — Caminhei até *raybwag* via Tilakaywa. Tokulubakiki** se juntou a mim.

12.6. Cartas para os Stirling, para N. Walk via Kabwaku, Okaykoda, Obowada.

13.6. Tornei a escrever cartas, e tornei a dispensar Ginger. Caminhei sozinho até Tubowada.

14.6. Li Dostoievski — uma vista de olhos, não consegui ler a sério, medo de trabalhar.

15.6. Li *Jane Eyre*. Comecei num dia e li o romance inteiro até 3 ou 4 da madrugada.

16.6. *Buritila'ulo* em Wakayse-Kabwaku — as primeiras coisas nas quais voltei a trabalhar.

*O dia 26.6 mostra claramente que estas cartas trouxeram a notícia da morte da mãe dele, numa época anterior do ano.

**Tokulubakiki, um importante informante; Malinowski se referia a ele como "meu melhor amigo" em *A vida sexual dos selvagens*.

17-24.6. Período de concentração no trabalho. Quase indiferente em relação ao pesar. Li romances (trechos de *Jane Eyre*). Trabalhei exaustivamente. Cheio de ambição e idéias. Pensei no "Novo Humanismo" — na minha cabeça, voltava continuamente a meu tempo de estudos na Cracóvia. Sobre a crítica da história. Sobre a natureza da sociologia. Pensei um pouco em E. R. M., mas os pensamentos sobre ela são dolorosos. Vivo para o meu trabalho atual e planos impessoais para o trabalho científico. — Ambições externas rastejam sobre mim como piolhos. *F. R. S.* [Fellow (Membro) da Royal Society] — C. S. I. [Membro da Ordem da Estrela da Índia] — *Sir.*[7] Pensei em como um dia vou estar no *Who's Who* etc. etc. É verdade, tentei desviar minha atenção disso; lutar contra essas idéias. Sei que o momento em que obtiver um título nada significará para mim. Que, no fundo, não acredito em distinções, as desprezo, que talvez até mesmo as recuse. Em certos momentos, saudades da Austrália, de Paul & Hedy, de E. R. M. Pensei em N. [letra dentro de um círculo].

24.6. Caminhei até Kaulagu com Ogisa. Acabrunhado pelo pesar, solucei. Depois uma profunda tristeza e fadiga. Senti-me tão forte e saudável agora — e tudo isso não tem importância alguma. Sei que, se eu perdesse a visão ou a saúde agora, facilmente cometeria suicídio.

25.6. De manhã trabalhei com calma, sem *surchauffage*, e tirei fotografias. Depois revisei minhas notas e as aumentei. A seguir fui caminhar via Kkabwaku, Okaykoda. Muito cansado. Solucei e fiquei muito triste. À noite tornei a trabalhar. Maravilhosa noite enluarada. Fui a Yourawotu; uma angústia e um pesar irrefreáveis inundaram tudo. Solucei. Ao luar etc., pensamentos lascivos.

26.6. Esta manhã, senti que deveria retomar o diário. Fui a Yourawotu. Pensei em ambições externas. Planos de ir à América. — Também discuti mentalmente com Baldwin Spencer. Reflexões angustiantes sobre mamãe — de nada adiantam. De manhã, trabalhei com afinco, mas idéias gerais me cansaram. Às 11:30 fui dar uma caminhada breve. Depois, [*biboduya*] *megwa* com Tokulubakiki. Depois do almoço, simplesmente exausto; tirei uma soneca, mandei Ginger a Gusaweta. A seguir *megwa bulubwalata*. Talvez eu esteja incapaz de raciocinar, mas consigo escrever. Caminho via Kabululo, Kudokabilia, [Kanimuanimuala]. Tempo fechado, a garoa vai e vem. — Eu estava tão cansado que quase adormeci enquanto andava. Durante todo o tempo, pesar — como se uma faca tivesse sido enterrada no meu coração —, desespero. Reflexões desencontradas sobre o meu trabalho. — Pensamentos metafísicos, um pessimismo irremediável. "*Warte nur, balde ruhest du auch*"* — consolo no pensamento da mortalidade. Mal, destruição — durante a manhã, vi uma borboleta com asas multicores, e a forma deplorável como morreu. A beleza externa do mundo — um brinquedo sem importância. Mamãe já não existe mais. Minha vida atingida pela dor — metade da minha felicidade foi destruída. — Durante todo o tempo senti pesar e uma tristeza desesperada, tal como sentia em criança quando me separaram de mamãe durante alguns dias. Resisti a ela com a ajuda de fórmulas superficiais. Fecho os olhos — mas as lágrimas fluem constantemente. Barbeei-me. Comi pouco, dormi muito bem.

27.6. Dia frio, céu encoberto. Trabalhei até o ponto de total exaustão, com técnica excelente, ou seja, sem esforços desnecessários. De manhã, Tokulubakiki e Tokaka'u de Tilakaywa. Depois só Tokaka'u. Depois do almoço, uma conversa rápida com Towese'i, depois fui observar a construção de uma grande *gugula*, e a Kwaybwaga, onde eles estão assando *bulukwa*. Depois, uma caminhada curta com Tokulubakiki. Senti-me debilitado e fiquei imaginando se deveria arriscar uma caminhada longa ou me deitar para dormir. — Fui a M'tava, e isso me fez um bem enorme. Quando retornei, escrevi *wosi*: para escrever e traduzir 8 dísticos *raybuta* levei 2 horas! Li *Papuan Times*, e fiquei im-

[7] Título anteposto aos prenomes de baronetes e cavaleiros. Malinowski ambicionava chegar a ser feito cavaleiro. (*N. da T.*)

* "Espere um pouco, logo descansarás também" — o último verso da canção de Goethe e Schubert mencionada na Parte I.

pressionado com o artigo de Murray. Sentimentos e pensamentos: a tristeza e o pesar tudo permeiam. No momento em que deixo de me controlar, meus pensamentos voltam à Polônia, ao passado. Sei que tenho um abismo negro, um vácuo, na alma, e, com toda a mediocridade emocional peculiar a mim, tento evitar o abismo. Mas minha tristeza é intensa e profunda. Não tenho pensamentos alegres. Uma sensação do mal da existência. — Penso constantemente no otimismo superficial das crenças religiosas: daria qualquer coisa para acreditar na imortalidade da alma. O terrível mistério que cerca a morte de alguém querido, próximo a nós. A última palavra não pronunciada — algo que deveria esclarecer é enterrado, o resto da vida se encontra meio oculto na escuridão. Ontem, durante minha caminhada, senti que a felicidade e a alegria de viver, em sua forma verdadeira e completa, fogem de mim sempre que tento aproximar-me delas. — Ontem, deliberadamente afastei as idéias e planos ambiciosos. — Durante minha caminhada pensei que algum dia gostaria de conhecer Anatole France, Wells — será que conseguirei?

28.6. Dia frio e nublado. Estou continuamente à beira da exaustão, mas desde que recomecei a tomar iodo não apresentei mais sintomas infecciosos de fadiga, *estado febril*, apatia, embotamento mental. Agora tenho freqüentemente a sensação de estar "no fundo da consciência" — a sensação da base física da vida mental, a dependência desta última em relação ao corpo, de forma que cada pensamento que flui sem esforço em algum meio psíquico foi laboriosamente formado dentro do organismo. Também busco uma economia interior. Uma vez mais passei o dia inteiro na tenda. De manhã, Namwana Guya'u, e terminei a tradução do *silami* dele; depois do almoço, Monakewo,* Yobukwa'u e Nabwosuwa; comemos doces, e terminei as listas de esposas de *guya'u*. — Durante o intervalo, tentei cochilar durante meia hora, mas sem resultado. — À noite, caminhada até Obweria. Tornei a me sentir acabrunhado pela tristeza

*Monakewo era um informante importante, considerado por Malinowski um amigo seu. Yobukwa'u era filho de To'uluwa.

e pelo desespero. Nenhum pensamento brilhante, cálido, ensolarado pode me ocorrer agora, durante minhas caminhadas solitárias. Penso em meu desejo de sair daqui — e volto a sentir vontade de ver mamãe, que jamais será saciada. — Fui dar uma caminhada; estava chuviscando, a noite caía, a estrada molhada reluzia ao crepúsculo.

29.6.18. De manhã, fui ao *ligabe* em Kwaybwaga e tirei fotos do *kalimomyo*. — À tarde trabalhei na tenda. À noite fui a Liluta, onde um homem havia morrido e eles faziam *yawali*. Senti-me muito cansado e tive medo de cair de cama por vários dias (à noite tomei quinino e aspirina e hoje, 1.7, me sinto bem). — Voltei apoiado em Monakewo e Yabugibogi.* À noite li um pouco (*Jane Eyre*); a lua — saí e solucei. Também sob o mosquiteiro.

30.6.18. Domingo. Manhã bonita; passeamos ao longo do *bukubaku* e contamos *taytu*. Depois do almoço, trabalhei um pouco com Tokulubakiki e Tokaka'u, depois fui a Kasana'i, onde eles estavam construindo um *bwayma*. Depois trabalhei com Paluwa,** Monakewo & Cia. À noite fui ao [*ibubaku*] e conversei com Monakewo sobre cópula. Depois me sentei e escrevi, e traduzi *Ragayewo*. — A seguir fui dar uma caminhada e tornei a chorar. À noite, sonhos tristes, lastimosos, como sentimentos infantis. Sonhei com Varsóvia, com nosso apartamento no internato, com o apartamento de alguém com banheiro (Zenia e Sta´s) em Varsóvia. Tudo permeado com mamãe. Acordei de minuto em minuto. Pela manhã estava afogado pela tristeza. Saí e chorei na estrada. — Súbitos vislumbres de compreensão, visões do passado. A vida transpassada pela flecha do pesar, sentimentos de culpa, coisas irrecuperáveis. — Pequenos detalhes recordados: as roupas de cama que mamãe me deu quando parti. Lembranças e associações contínuas. Em certos momentos, um pranto agudo, terno — eu choro (o fausto dos sentimentos fortes. Em outros momentos, sentimento genuíno de

*Yabugibogi, outro filho de To'uluwa, é mencionado em *A vida sexual* como "talvez o mais odioso esbanjador da comunidade inteira."

**Paluwa era pai de Monakewo; a filha dele, Isepuna, casou-se com um filho do chefe, e os problemas quanto ao seu dote são mencionados em *A vida sexual*.

luto, desespero, insensibilidade em razão da tristeza. — Muitas coisas que não posso encarar — voltar à Polônia, lembranças dos últimos dias, coisas desperdiçadas. Trabalho científico e planos para o futuro são as únicas coisas que me consolam — mas às vezes sou arrebatado pelo pesar, mesmo assim.

1.7.18. Metade deste ano execrável já passou! Noite passada, imaginei o que faria se perdesse o manuscrito inteiro. Será que E. R. M. não seria roubada de mim de qualquer maneira?

16.7. Durante duas semanas não escrevi o diário. Durante todo esse tempo minha saúde foi boa, minha capacidade para o trabalho, excelente, e trabalhei bastante. De manhã, depois de levantar, os *niggers* vinham para o *gimwali*. Trabalhei muito com Tokulabakiki — grande progresso na magia e na lingüística. Durante o trabalho eu normalmente fico calmo, ocasionalmente até me alegro. Às vezes — apenas à tarde —, acompanhando as palavras de *megwa*, emergem imagens do passado. — Itália, as ilhas Canárias, ou outros lugares que visitei com mamãe. Depois vou dar uma caminhada. Por algum tempo fiquei calmo e desligado, depois senti um reaparecimento imensamente forte da tristeza. Todos os dias eu dava uma caminhada sozinho e chorava. Minha vida inteira assumiu uma tonalidade cinzenta. Somente em alguns momentos eu desejo intensamente "viver" — estar com amigos, com Elsie, estar na Austrália, escrever, exercer atividades. Ocasionalmente tudo parece tão cinzento que não sinto qualquer desejo autêntico de mudar de ambiente. — O tempo está maravilhoso.

[Do "diário retrospectivo"]

18.7.18. ... *sobre a teoria da religião.* Minha posição ética com relação a mamãe, Sta´s, E. R. M. Dores de consciência provenientes de falta de sentimentos integrados e de autenticidade em relação aos indivíduos. Minha ética inteira se baseia no instinto fundamental da personalidade unificada. A partir disso vem a necessidade de ser o mesmo em diferentes situações (verdade em relação a si mesmo) e a necessidade, indispensabilidade, da sinceridade: todo o valor da amizade se baseia na possibilidade de se manifestar, de sermos nós mesmos com absoluta franqueza. Alternativa entre uma mentira e estragar um relacionamento. (Minha conduta para com mamãe, Staś e todos os meus amigos foi artificial.) — O amor não flui da ética, mas a ética do amor. Não há como deduzir a ética cristã da minha teoria. Mas essa ética jamais exprimiu a verdade real — ame o seu próximo — no grau realmente possível. O problema, no fundo, é o seguinte: por que você sempre deve se comportar como se Deus o estivesse vigiando?

18.7.18. O tempo está maravilhoso — o céu está nublado quase todo o tempo. Desde 1/7 não chove; está frio, visto agasalhos. — Cada mínimo detalhe me lembra mamãe — meus trajes e minha roupa de cama que ela marcou. Contei as datas a partir de 29 de janeiro. Lembranças: Cracóvia, internato e Varsóvia. Penso — porém [...] — em voltar à Polônia, encontrar titia, a sra. Boronska, a sra. Witkowska. Meu tempo de ginásio; lembro-me de Szarlowski e outros professores, mas Sz. mais vividamente que os outros. Planty [jardins públicos na Cracóvia], disposições matinais, volta para casa. Às vezes vejo mamãe ainda viva, com um chapéu cinzento macio e um vestido cinza, ou num vestido caseiro, ou de vestido preto, com um chapéu preto redondo. — Mais uma vez pensamentos assustadores: morte, um esqueleto, pensamentos naturalistas intercalados com dor no coração. Minha própria morte está se tornando algo infinitamente mais real para mim. — Forte sentimento — ir me encontrar com mamãe, juntar-me a ela no seu nada. Recordo das coisas que mamãe costumava dizer sobre a morte. Lembro-me das incontáveis ocasiões em que eu deliberadamente me separei da mamãe, para ficar só, independente — não ter a sensação de ser parte de um todo — remorsos violentos e sentimentos de culpa. — Nossos últimos momentos juntos em Londres — nossa última noite estragada por aquela prostituta! — Sinto que se eu estivesse casado com E. R. M. teria me comportado de forma muito diferente. — As últimas palavras de mamãe, o que ela teria me dito acerca de seus sentimentos, medos, esperanças. Eu nunca me abri com ela, nunca lhe contei *tudo*. Agora, se não fosse por essa guerra desgraçada, talvez eu tivesse lhe

dado mais em minhas cartas do que fui capaz de lhe dar pessoalmente. — Em certos momentos sinto que esta é apenas a morte de "algo" dentro de mim — minhas ambições e apetites exercem grande influência sobre mim e me atam à vida. Vou experimentar o júbilo e a felicidade (?) e o sucesso e satisfação no meu trabalho — mas tudo isso perdeu a importância. O mundo se desbotou. — Todos os sentimentos de ternura da minha infância retornam: sinto-me como quando me separei de mamãe por alguns dias, voltando de Zwierzyniec com papai. — Retorno mentalmente a Anna Br. — como tudo desapareceu de minha vida sem deixar vestígio — à traição de Staś e N. S. Realmente, eu não tenho uma personalidade genuína.

GLOSSÁRIO DE TERMOS NATIVOS

Mario Bick

Estes diários abrangem temporadas que Malinowski passou na região de Port Moresby, na região de Mailu e nas ilhas Trobriand, e estadas mais breves na ilha de Woodlark e nas Amphlett. Ele parece ter empregado quatro línguas no seu trabalho de campo: o Motu, nas regiões de Port Moresby e Mailu, o Mailu, o Kiriwino e o *pidgin*. Minha pesquisa sugere que termos nativos provenientes de algumas das outras ilhas, particularmente de Dobu, também aparecem nos diários.

Os diários foram escritos em polonês com uso freqüente do inglês, de palavras e expressões em alemão, francês, grego, espanhol e latim e, naturalmente, termos das línguas nativas. Uma das principais tarefas ao se preparar o Glossário foi selecionar os componentes dessa miscelânea lingüística, tarefa essa consideravelmente complicada pelo fato de que a caligrafia de Malinowski era difícil de ser decifrada. Freqüentemente, no caso de palavras legíveis apenas pela metade, não ficava claro a qual idioma pertenciam. Se for possível identificar mais dessas palavras, as definições serão incluídas em futuras impressões.

Como eu não conhecia as línguas nativas utilizadas, surgiu um segundo problema a partir da necessidade de separar os termos nativos referentes a lugares e indivíduos daqueles que aparecem nos vocabulários comuns. Por conseguinte, compilei três listas: topônimos (complicada pela inclusão de topônimos da Austrália e da Europa, nem sempre identificáveis de imediato como não-melanésios); nomes de pessoas (muitas das pessoas mencionadas nos diários eram européias, e Malinowski costumava se referir a elas por apelidos ou abreviaturas); e termos nativos.

Identifiquei os topônimos com a ajuda de diversos mapas contidos nas publicações abaixo:

Bronislaw Malinowski, *The Natives of Mailu, Transactions and Proceedings of the Royal Society of South Australia* (Os nativos de Mailu, trabalhos e ações da Royal Society do Sul da Austrália) 39:494-706,1915 (lâmina 26)

________, *Argonauts of the Western Pacific* (Argonautas do Oeste do Pacífico), Londres, George Routledge, 1922 (pp. xxxii, 30,50,82)

________, *The Sexual Life of Savages in North-Western Melanesia* (A vida sexual dos selvagens na Melanésia Ocidental), Nova York, Halcyon House, 1929 (p. xxix)

________, *Coral Gardens and Their Magic* (Os jardins de coral e sua magia) 2 vols., Londres, George Allen and Unwin, 1935 (figura 1).

National Mapping Office (Departamento Cartográfico Nacional), "Map of the Territory of Papua and New Guinea" (Mapa do território da Papua e da Nova Guiné), compilado e desenhado para o Departamento de Territórios pelo Departamento Cartográfico Nacional, Ministério do Interior, Canberra, Austrália, 1954.

H. A. Powell — "Competitive Leadership in Trobriand Political Organization (Liderança competitiva na organização política das ilhas Trobriand), *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 90:118-145, 1960 (p.124)

W. J. V. Saville — *In Unknown New Guinea* (Na Nova Guiné desconhecida), Londres, Seeley Service, 1926 (mapa final)

C. G. Seligman, *The Melanesians of British New Guinea* (Os melanésios da Nova Guiné Britânica), Cambridge, Cambridge University Press, 1910 (mapa final)

Muitos nomes de pessoas foram identificados em obras de referência padronizadas, nas próprias obras de Malinowski, nas obras de Saville e Seligman mencionadas acima e também nas seguintes:

Raymond Firth (org.) — *Man and Culture: An Evaluation of the Work of Bronislaw Malinowski* (Homem e cultura: Uma avaliação da obra de Bronislaw Malinowski), Londres, Routledge and Kegan Paul, 1957

Gavin Souter, *New Guinea: The Last Unknown* (Nova Guiné: A última fronteira desconhecida), Nova York, Taplinger, 1966

A inclusão de títulos de livros e revistas, bem como nomes de autores obscuros, aumentou a complexidade. Muitos foram identificados por meio de guias de referência padronizados. O fato de Malinowski gostar de trocadilhos (Firth, *op. cit.*, pp.10-11) acrescentou mais um risco à identificação de alguns termos, deixando diversas dessas identificações abertas a questionamentos. Por fim, os vários trechos entrecortados existentes nos diários tornaram difícil utilizar o contexto como ferramenta para identificação dos termos.

Há poucos bons dicionários e gramáticas das línguas nativas usadas nos diários e todos inacessíveis para mim (para obter uma relação recente de todas as fontes lingüísticas da região ver H. R. Klieneberger, *Bibliography of Oceanic Lingüistics* (Bibliografia da linguística oceânica), London Oriental Bibliographies, vol. I, Londres, Oxford University Press, 1957. Consegui, contudo, selecionar a partir do relatório de Malinowski sobre Mailu um glossário dos termos nativos liberalmente espalhados pelo texto. Este glossário serviu de base para a identificação de termos do Mailu, em conjunto com a obra de Saville anteriormente mencionada e com as seguintes:

Peter A. Lanyon-Orgill, *A Dictionary of the Mailu Language: Edited and Enlarged from the Researches of the Rev. W. J. V. Saville and the Comte d'Argigny* (Dicionário da língua Mailu: organizado e ampliado a partir das pesquisas do Rev. W. J. V. Saville e do Conde d'Argigny); Londres, Luzac, 1944

W. J. V. Saville, "A Grammar of the Mailu Language, Papua" (Gramática da Língua Mailu da Papua), *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 42:397-436

Termos em Motu foram identificados com o auxílio das obras abaixo:

B. Baldwin, *English to Motuan and Kiriwinan Vocabulary* (Vocabulário inglês-motuano e kiriwino), datilografado.

W. G. Lawes, *Grammar and Vocabulary of Language Spoken by the Motu Tribe* (New Guinea) (Gramática e vocabulário da língua falada pela tribo Motu da Nova Guiné), 2ª ed. rev., Sydney, Charles Potter, 1888

Quanto aos termos em Kiriwino, baseei-me antes de mais nada nos relatórios etnográficos de Malinowski (anteriormente citados em *Crime and Custom in Savage Society* [Crime e costume na sociedade selvagem], Londres, International Library of Psychology, Philosophy and Scientific Method, 1926), na obra de Powell anteriormente citada e no vocabulário inédito do sr. Baldwin, que recebi apenas perto do fim do meu trabalho, bem como outras obras sobre as ilhas Trobriand que contêm vocabulário kiriwino:

L. Austen, "Procreation among the Trobriand Islanders" (Procriação entre os ilhéus de Trobriand), *Oceania*, 5:102-113, 1934

________, The Seasonal Gardening Calendar of Kiriwina, Trobriand Islands (Calendário sazonal agrícola de Kiriwina, nas ilhas Trobriand), *Oceania*, 9:237-253

________, "Megalithic Structures in the Trobriand Islands" (Estruturas megalíticas nas ilhas Trobriand), *Oceania*, 10:30-53

________, "Native Handicrafts in the Trobriand Islands" (Artesanato nativo nas ilhas Trobriand), *Mankind*, 3:193-198

B. Baldwin, "Usituma! Song of Heaven" (Usituma! Canção celestial), *Oceania*, 15:201-238

________, "Kadaguwai: Songs of the Trobriand Sunset Isles" (Kadaguwai: Canções das ilhas do crepúsculo de Trobriand), *Oceania*, 20:263-285

Bronislaw Malinowski, "Classificatory Particles in the Language of Kiriwina" (Partículas classificatórias na língua de Kiriwina), *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, 1:33-78

________, "The Primitive Economics of the Trobriand Islanders" (A economia primitiva dos ilhéus de Trobriand), *The Economic Journal*, 31:1-16.

________, "Lunar and Seasonal Calendar in the Trobriands" (Calendário lunar e sazonal nas Trobriand), *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 57:203-215

________, *Magic, Science and Religion and Other Essays* (Magia, Ciência e religião e outros ensaios), Glencoe, The Free Press, 1948

O Dr. H. A. Powell nos proporcionou um auxílio inestimável na identificação de alguns dos termos kiriwinos que não fui capaz de traduzir, e na confirmação de algumas das minhas traduções (comunicações pessoais de Powell). O clássico de Seligman (anteriormente mencionado) e o de Fortune (Reo Franklin Fortune, *Sorcerers of Dobu* [Feiticeiros de Dobu], Nova York, E. P. Dutton, 1932) também forneceram informações sobre diversos termos usados originários de Dobu e outras ilhas de área.

Como foram utilizadas tantas fontes diferentes na preparação deste glossário, não surpreende que tenham ocorrido variações na grafia. Outro problema foi proveniente do fato de que, enquanto estava escrevendo os diários, o próprio Malinowski estava no processo de aprender as línguas de seus informantes nativos, os quais, naturalmente, só podiam lhe dar o som das palavras, que ele, então, transcrevia usando o alfabeto inglês. Ele descobriu que os nativos de toda a região praticamente não faziam distinção entre os sons de *r* e *l*, *s* e *t*; em vez disso,

costumavam usar um som intermediário — respectivamente, *y* ou *ts* (o *c* das línguas eslavas) — e, quando pressionados no sentido de pronunciar as palavras com mais clareza, diziam às vezes *r*, outras vezes *l*. O próprio Malinowski, escrevendo em polonês, costumava alternar o uso de *w* e *v*, bem como *i*, *j* e *y*. Sempre que as palavras podiam ser conferidas por meio das obras publicadas de Malinowski, optou-se pela sua decisão final quanto à grafia; no caso de palavras e conjeturas não identificadas, procurou-se grafá-las exatamente como aparecem no original manuscrito, na esperança de que os leitores familiarizados com essa área possam reconhecer muitas delas.

Além do relatório de Mailu, de autoria de Malinowski, outro relatório interessante sobre este povo se encontra em *In Unknown New Guinea* (Na Nova Guiné desconhecida), de Saville (citado anteriormente). As principais obras de Malinowski sobre as Trobriand são *Argonautas do Oeste do Pacífico*, *Crime e costume na sociedade selvagem*, *A vida sexual dos selvagens*, *Os jardins de coral e sua magia*, *Ciência e religião* (todas citadas anteriormente) e as seguintes:

Bronislaw Malinowski, *Myth in Primitive Psychology* (O mito na psicologia primitiva), Londres, Psyche Miniatures, gen. ser. nº 6, 1926

______, *Sex and Repression in Savage Society* (Sexo e repressão na sociedade selvagem), Londres, International Library of Psychology, Philosophy and Scientific Method, 1927. Publicado no Brasil pela Vozes, 1973

Outras publicações nesta área incluem as publicações de Baldwin e a de Austen citada anteriormente, com os seguintes acréscimos:

L. Austen, "'Botabalu': A Trobriand Chieftainess" ('Botabalu': uma chefia nas Trobriand), *Mankind*, 2:270-273

______, "Cultural Changes in Kiriwina" (Mudanças culturais em Kiriwina), *Oceania*, 16:15-60

A obra de Powell é o primeiro reestudo antropológico sobre as Trobriand desde Malinowski. Os relatórios dele sobre sua pesquisa podem

ser encontrados na obra anteriormente mencionada e em *An Analysis of Present-Day Social Structure in the Trobriand Islands* (Uma análise da estrutura social atual nas ilhas Trobriand), Tese de Doutorado, Universidade de Londres. A principal obra sobre Dobu é a de Reo Fortune, citada acima. Um resumo de pesquisas recentes sobre a área do Motu pode ser encontrado na obra de Murray Groves, "Western Motu Descent Groups" (Grupos de descendência Motu ocidentais), *Ethnology*, 2:15-30, 1963. O melhor estudo histórico da Nova Guiné durante o período da pesquisa de Malinowski pode ser encontrado no livro de Souter, já citado.

Por fim, podem-se encontrar avaliações da obra de Malinowski e a mais completa bibliografia de seus escritos no livro organizado por Firth. Outras avaliações se encontram nos textos abaixo:

George H. Fathauer, "Trobriand", *in* David M. Schneider e Kathleen Gough (org.), *Matrilineal Kinship* (Parentesco matrilinear), Berkeley, Univ. of Califórnia Press, 1961, pp. 234-269

Max Gluckman, "Malinowski — Fieldworker and Theorist" (Malinowski como pesquisador de campo e teórico), *in* Gluckman, *Order and Rebellion in Tribal Africa* (Ordem e rebelião na África tribal) Nova York, The Free Press of Glencoe, 1963, pp. 244-252

E.R. Leach, "Concerning Trobriand Clans and the Kinship Category 'Tabu'" (Sobre os clãs de Trobriand e a categoria de parentesco "tabu") *in* Jack Goody (org.), *The Developmental Cycle in Domestic Groups* (O ciclo de desenvolvimento de grupos domésticos), Cambridge Papers *in* Social Anthropology nº 1, Cambridge, Cambridge University Press, 1958

Marguerite S. Robinson, "Complementary Filiation and Marriage in the Trobriand Islands: A Re-examination of Malinowski's Material" (Filiação complementar e casamento nas ilhas Trobriand: um reexame do material de Malinowski"), *in* Meyer Fortes (org.), *Marriage in Tribal Societies* (Casamento nas sociedades tribais), Cambridge Papers *in* Social Anthropology nº 3, Cambridge, publicado para o Departamento de Arqueologia e Antropologia da University Press, 1962, pp. 121-155

Outras análises críticas e biográficas sobre Malinowski podem ser encontradas em:

H. R. Hays, *From Ape to Angel: An Informal History of Social Anthropology* (Do macaco ao anjo: uma história informal da antropologia social, Nova York, Capricorn Books, 1958, pp.313-328

Abram Kardiner e Edward Preble, *They Studied Man* (Eles estudaram o homem), Cleveland, World, 1961, pp. 160-186

Robert H. Lowie, *The History of Ethnological Theory* (História da teoria etnológica), Nova York, Rinehart, 1937, pp.230-242

J. P. Singh Uberoi, *Politics of The Kula Ring: An Analysis of the Findings of Bronislaw Malinowski* (Política do anel do *kula*, uma análise das descobertas de Bronislaw Malinowski), Manchester, Machester University Press, 1962

Ao explicar os problemas da preparação deste Glossário e as fontes empregadas, meu intuito é que o leitor seja tolerante o suficiente no momento de avaliar os resultados.

Gostaria de agradecer ao Rev. B. Baldwin, do Presbitério de Sta. Teresa, Moonah, Tasmânia, pela permissão que me concedeu de utilizar o vocabulário feito por ele. Gostaria particularmente de expressar minha gratidão pelo auxílio desinteressado do Dr. H. A. Powell, da Universidade de Newcastle. Sua pronta e extensa identificação de muitos termos kiriwinos, bem como sua gentileza em me fornecer o original do vocabulário do sr. Baldwin, muito contribuíram para o valor que este glossário possa vir a ter. Ao me prestar esse auxílio, ele não contou com a ajuda do diário original, e foi forçado a se basear exclusivamente em minha correspondência com ele. A responsabilidade por quaisquer erros no Glossário deve ser atribuída unicamente a mim; a confiabilidade que ele possa ter deve-se em grande parte à consultoria prestada por ele.

amuiuwa: espécie de canoa feita pelo povo da ilha Woodlark e usada em toda a área Massim; também denominada *vaga*.

aura (Mailu): um clã patrilocal e patrilinear; equivale ao segundo significado de *dubu*.

babalan: uma espécie de curandeiro nativo, ou xamã, freqüentemente também intermediário no contato com os espíritos.

badina (Motu): a raiz ou causa de algo.

bagi: colar pesado, feito de discos de conchas esmerilhadas.

bagula: jardim.

baku: amplo espaço aberto no centro das aldeias de Trobriand, cercado por um anel de cabanas para moradia e por um círculo interno de paióis para armazenagem de inhame; as casas dos chefes ficavam no *baku*, e parte dele era usado como pista para dança; uma outra parte se destinava antigamente aos sepultamentos.

baloma: o espírito ou alma de um homem que deixa o corpo após a morte.

bapopu: uma forma de verbo *popu*, defecar.

bara: dança executada na área Mailu, originária de Kerepunu, na baía de Hood, popular na Papua na época; designação genérica de um grupo de danças originárias de áreas a oeste de Mailu e lá introduzidas.

bara'u: feiticeiro do sexo masculino.

beku: lâminas de machado grandes e finas, usadas no intercâmbio do *kula*.

bobore: canoa de guerra Mailu com suporte de remo; cada uma pertencia a um determinado clã.
bogana sago: *sago* (sagu), amido comestível considerado gênero de primeira necessidade nas ilhas do Pacífico, extraído da polpa da palmeira chamada *boga*.
bora'a: porco.
boroma (Motu): porco.
bulubwalata: forma de magia maléfica e vingativa; às vezes utilizada para danificar o jardim dos vizinhos, às vezes para mandar os porcos para o matagal, ou afastar esposas ou namoradas.
bulukwa Miki: tipo europeu de porco conhecido como porco de Mick, trazido por Mick George, comerciante grego; são animais caros e valorizados — valem de 5 a 10 porcos nativos, na troca.
buritila'ulo: competição culinária entre duas aldeias.
bwaga'u: feiticeiro que pratica a forma predominante de magia negra; em geral há um ou dois em cada aldeia.
bwaybwaya: coco verde, no estágio em que a carne parece uma gelatina adocicada.
bwayma: armazém das Trobriand, às vezes com um abrigo ou plataforma. Ver *Os jardins de coral*, para obter uma descrição completa.
dodoya: enchente ou lago.
damorea: a dança feminina mais popular da área meridional Massim; apresentada nas cerimônias de *maduna* e freqüentemente dançada por puro divertimento.
dayma: vara para cavar, o principal implemento agrícola.
dogeta: médico.
dubu (Mailu): sede do clã; também é um termo genérico para designar clã e subclã.
eba: tapete feito de pandanos.
gagaia (Motu): relações sexuais.
gaigai (Motu): cobra.
gedugedo: possivelmente o mesmo que *geguda*, lavouras ainda não maduras para a colheita; ou *gedageda*, dor.
gimwali: escambo, contrastando com troca de presentes.

giyovila: esposas do chefe.
gora: tabu, termo genérico; também designa sinais de advertência em lugares ou objetos dizendo às pessoas o que é tabu.
guba (Motu): rajadas de vento; (Mailu): chuva.
gugu'a: implementos para o trabalho cotidiano e bens de uso doméstico.
gugula: monte; mostra de alimentos empilhados, formando um monte.
gumanuma: estrangeiros; em alguns contextos, homens brancos.
gunika (Motu): interior.
guya'u: chefe (termo genérico); alto escalão.
gwadi: crianças em geral, do sexo masculino ou feminino, até a maturidade.
haine (Motu): mulher, fêmea.
hiri: expedições comerciais entre os motu de Port Moresby e as tribos do golfo da Papua.
idubu (Motu): tribo ou família.
ilimo (Motu): árvore a partir da qual se confeccionam canoas.
ivita: pode ser *iviati*, quente.
iwalamsi: eles gritam ou chamam (forma verbal de *walam*).
kabitam: destreza, perícia, engenho.
kadumilagala valu: os pontos onde uma estrada atinge a aldeia.
kaiona: (não-nativo, provavelmente adaptado do motuano falado pelos guardas): até breve, adeus.
kala koulo kwaiwa'u: luto praticado pelos parentes dos consternados (por exemplo, pelo irmão de uma viúva; durante o período de luto, o irmão não pronuncia o nome nem do falecido nem da viúva).
kalimomyo: caramanchão de jardim feito de postes e parreiras de inhame onde a família se acomoda para limpar os inhames.
kalipoulo: grande canoa oceânica empregada em expedições de pesca nas Trobriand.
kaloma: pequenos discos circulares perfurados feitos de conchas espondilosas, que compõem os colares usados no *kula*; os *kaloma*

enfeitam quase todos os artigos valiosos ou de acabamento artístico no distrito do *kula*.

kara (Motu): conduta, costume, hábito; *kara dika*: mau costume.

karayta'u: parceiro de outra ilha, no *kula*.

karikeda: caminho cercado entre jardins.

kariyala: portento associado a cada forma de magia.

kasaysuya: brincadeira de roda, semelhante à ciranda-cirandinha, acompanhada por cantigas que vão se tornando irreverentes à medida que a brincadeira progride.

katoulo: indisposição devida a causas naturais ou reconhecida como o resultado de causas naturais pelos nativos, mas considerada uma base fértil para a aplicação da feitiçaria por parte de um xamã.

kaulo: alimentos vegetais, termo genérico.

kavikavila: provavelmente relâmpagos.

kayaku: reunião para debater negócios ou de cunho puramente social; conselho da aldeia antes de se dar início a novos jardins.

kayasa: divertimentos, inclusive danças competitivas obrigatórias e diversões das quais as mulheres participam, fora da época das danças; também empreitada contratual.

kayga'u: magia da neblina, usada para obter segurança no mar.

kaylasi: fornicação; ato sexual ilícito, como o adultério.

kaytaria: magia do socorro no mar.

kekeni (Motu): menina.

keroro (Motu): árvore.

kibi (Motu): trombeta feita com uma concha; búzio.

kivi: reunir.

koya: morro ou montanha.

kuku (Motu): tabaco.

kukwanebu: contos de fadas.

kula: o famoso ciclo de trocas entre comunidades melanésias descrito em Os *Argonautas do Oeste do Pacífico*.

kurukuru (Motu): capim longo usado em telhados; ver *lalang*

kwaykwaya: costume.

kwila: pênis.

lagilu: *lagiala*, imediatamente; ou *ligabu*: derramar, despejar.

lagim: as duas pranchas transversais decoradas que arrematam o interior da canoa nas duas extremidades.

lakatoi (Motu): navio; embarcação nativa composta de três ou mais canoas amarradas entre si.

lalang: capim longo, usado para fazer coberturas e para confeccionar papel, que costuma crescer após ser desbravada a mata virgem.

laurabada (Motu): estação do vento alísio de sudeste.

lava lava (termo de origem polinésia-fijiana): tanga.

ligabe: jardim durante a colheita.

lili'u: mitos reais ou importantes dos nativos kiriwinos.

lili'u Dokonikan: lenda de Dokonikan, o mais famoso bicho-papão do folclore kiriwino.

lili'u tokabitam: mito sobre um perito entalhador.

lisala dabu: um da série de rituais mortuários após a morte de uma mulher, no qual suas parentas do subclã distribuem saias e tecidos para saias a parentes do sexo feminino do subclã do viúvo, as quais o ajudam a celebrar os rituais fúnebres.

lisiga: cabana do chefe.

loa (Motu): caminhada, passeio.

lugumi (Motu): *oro'u*.

maduna (Mailu): festividade cerimonial anual, principal evento da vida social nativa.

maire (Motu): madrepérola em forma de meia lua.

masawa: grande canoa para navegação oceânica.

megwa: magia, termo genérico; fórmula mágica.

milamala: festival anual e volta dos espíritos, durante a temporada e o mês de maior prosperidade entre o ilhéus de Trobriand; também um termo que designa o verme *palolo*, que surge numa certa lua cheia, e serve para marcar a data do festival; a aparição do verme às vezes é associada à chegada dos espíritos.

mirigini (Motu): vento norte.

momyapu: mamão.

mona: pudim de taioba.

monikiniki: sistema de *mwasila* na Boyowa Meridional; grande parte dele também era usada na Kiriwina.

mulukwausi: mariposas.
mwasawa: divertir-se; aqui, dançar por lazer, contrastando com as danças obrigatórias de ocasiões sérias.
mwasila: mágica realizada ao se atingir o destino do *kula*, visando induzir generosidade nos parceiros anfitriões.
nakaka'u: viúva.
nakubukwabuya: menina adolescente.
nanama: carpideira.
nasasuma: gestante.
noku: planta considerada um alimento inferior pelos nativos, consumida apenas em épocas de penúria.
nuya ou *luya*: coco.
oba'ua: machadinhas feitas de conchas.
obukubaku: aparentemente, alguma parte do *baku*.
odila: matagal, contrastando com áreas cultivadas.
ogobada'amua: nome da *gauma* (grande rede) pertencente aos Mora'u, um subclã de Mailu.
okwala: ritual para promover o crescimento dos inhames pequenos.
oro (Mailu): morro, elevação.
oro'u (Mailu): grande canoa dupla com vela em forma de pata de caranguejo, considerada a melhor canoa para navegação em alto-mar da região.
paku: folhas impregnadas com substâncias medicinais.
pandanus: tipo de pinheiro de caule espiralado cujas folhas são muito utilizadas na área — por exemplo, para fazer pratos.
pilapala: trovão ou raio.
poulo: expedição de pesca.
pwata'i: grandes receptáculos em formato de prismas para exposição de alimentos, onde se colocam os menores *kuvi* (inhames grandes), arrematando-se com nozes de areca e cana-de-açúcar.
rami: saiote de capim usado pelas mulheres.
raua: dança, imitando um cachorro, executada na *maduna*; de importância secundária entre as danças integrantes da cerimônia.
raybwag: anel de coral que circunda a ilha; sobre ele há pequenos trechos de solo fértil recobertos de mata.

rei (Motu): capim.
sagali: distribuição cerimonial de alimentos.
samarupa: modelagem de colares de discos de conchas usados pelas mulheres.
sapi: limpeza de jardins, arrancando-se as ervas daninhas, ou por varredura.
saykeulo: vestimenta das gestantes, composta de dois mantos longos e duas saias, usadas durante a gravidez e logo após o parto.
sibari (Motu): amante (nos *Nativos de Mailu*; no exemplar do vocabulário Motu de Malinowski há uma nota na margem na caligrafia dele: "*sibari* — costume de sentar-se nos joelhos das moças").
sibi: faixa perineal; cinta que recobre as coxas e partes adjacentes do corpo.
silami: enfermidade e doença, termo genérico.
soba: pintura do rosto.
so'i: festividade cerimonial, em geral semelhante à *maduna*, promovido pelo povo de Bona Bona.
sopi: água; também provavelmente poço; *sopiteyava* pode ser o riacho ou poço de Teyava.
soulava: colar de discos de conchas espondilosas, um dos principais artigos trocados no *kula*.
supeponi: brincadeira semelhante ao esconde-esconde, praticada pelos nativos de Trobriand.
tabekusi: afundar, capotar.
tabuyo: prancha ornamental para a proa das embarcações.
tainamo (Motu): mosquiteiro.
tanawagana: chefe ou "patrão".
tapopu: jardins de taioba.
tapwaropo: preces ao estilo missionário.
taubada raibaku: *taubada* (Motuano policial) termo de interpelação empregado para homens brancos; *raibaku*, possivelmente um termo infantil significando estar deitado na cama; a expressão parece ser uma exortação para levantar-se.

tauva'u: seres antropomórficos maléficos que vêm das ilhas do sul e causam epidemias.
ta'uya: búzio soprado como trombeta para muitos fins cerimoniais.
taytu: inhames.
tobwabwa'u: carpidor de sexo masculino.
toea (Motu): braceletes brancos.
tokabitam: perícia em geral; ou a tradição de artesões peritos; ou entalhador perito.
tomakava: forasteiro; utilizado freqüentemente entre os ilhéus das Trobriand ao falar do relacionamento de um pai com sua família (ver *A vida sexual dos selvagens*).
tona gora: sinal de tabu afixado antes do banquete para assegurar um suprimento abundante de cocos.
tova'u: ver *tauva'u*.
towamoto: prato quente de vegetais com pimenta.
towosi: mágico do jardim.
tselo: dança de importância secundária executada na cerimônia da *maduna*.
Tuma: terra dos espíritos dos ilhéus de Trobriand, uma ilha a noroeste de Boyowa.
tuva: trepadeira cujas raízes fornecem veneno para peixes.
ula'ula: alimento oferecido como pagamento por magia.
unu'unu: pêlos do corpo, considerados feios pelos ilhéus de Trobriand, que os mantêm raspados; também designa pêlos nos tubérculos de inhame e na parte de trás das folhas.
ura (Motu): desejo, anelo.
uri: taioba.
usikela: variedade de banana.
vada: feiticeiro.
vaga: canoa das ilhas Woodlark (ver *amuiuwa*); também grafia alternativa de *waga*.
vai: casamento (termo genérico).
valam: grafia alternativa de *walam*.
va'otu: um "presente de indução", oferecido por um menino da aldeia a uma moça numa festa promovida por visitantes de outra aldeia; se a garota aceitar, significa que ela aceita o rapaz como seu amante naquela noite.

vatu: penedo fixo ao leito de rocha.
vatuni: grafia mais usada para a magia dos jardins de Omarakana.
vayewo: possivelmente uma espécie de alimento ou peixe.
vaygu'a: objetos de valor nativos importantes para demonstrar e manter *status*.
veyola: parentes.
vilamalia: magia ou ritual da abundância, para obter alimentos.
waga: nas Trobriands, todos os tipos de embarcações, designação genérica; também canoa grande composta.
walam, walamsi: grito ou chamado.
Waribu: campo com trinta glebas, pertencentes metade ao subclã Burayama e metade ao subclã Tabalu (subclã de To'uluwa).
wasi: troca de alimentos de origem vegetal por peixes entre as aldeias litorâneas e do interior.
waya: enseada, regato formado na descida da maré.
waypulu: festivais de penteados.
waywo: manga nativa.
wosi: canção, canto.
Yaboaina: possivelmente Yabowaine, ser sobrenatural de Dobu.
yaguma: abóboras.
yamataulobwala: significa incerto; *yamata* significa cuidar de, tomar conta; *tau* é a palavra ou prefixo que designa homem, macho; *bwala* é uma espécie de casa ou de estrutura qualquer.
yavata: ventos e clima de monção de noroeste.
yawali: vigília.
yoba balomas: afastamento dos espíritos ancestrais dos mortos no encerramento do festival *milamala*.
yoyova: feiticeiras.